DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA QUINTA

PARTE PRIMEIRA.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXIX.
Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE I. DA DECADA V.

LIVRO I.

no-

mo

LIVRO II.

CAP.

LIVRO III.

CAP.

elle

LIVRO IV.

CAP.

CAP.

por

LIVRO V.

DE-

DECADA QUINTA.
LIVRO I.
Da Historïa da India.

CAPITULO I.

Dos grandes odios, e guerras que houve entre os Reys de Calecut, e Cochim, e de como faleceo o Çamorim: e das revoltas que houve em Cochim sobre o que succedeo se querer ir coroar a Repelim: e de como Martim Affonso de Sousa acudio a isso.

NA primeira Decada de João de Barros se conta largamente como magoado o Çamorim de ElRey de Cochim se confederar com Pedralves Cabral, quando com elle fez aquelles contratos de pazes, obrigando-se a lhe dar carga de pimenta pera as náos do Reyno, dando-lhe logo em terra Feitoria, onde deixou por Feitor Gonçalo Gil Barbosa, e com elle Lourenço Moreno, e Bastião Alvares por Escrivães

com outros tres homens pera o ſerviço da Feitoria, e maneio da pimenta: deixando-lhes fazendas, e dinheiro pera comprarem toda a que houveſſe naquelle Reyno: o que ſabido pelo Çamorim, depois da Armada partida para o Reyno, dando-lhe os ciumes daquelle negocio, mandou dizer a ElRey de Cochim, que lhe mandaſſe entregar os Portuguezes que alli ficáram com toda ſua fazenda. ElRey de Cochim pela palavra, e fé que delles deo a Pedralves Cabral, zombou diſſo; do que tomado o Çamorim, foi com grande poder ſobre aquelle Rey, deſtruindo-o, e tomando-lhe o Reyno, matando-lhe o Principe Naramohim, que era herdeiro do Reyno, com outros dous ſobrinhos por traições de ſeus Nayres, que os deſampar áram peitados do Çamorim, ficando El-Rey de Cochim perdido, e desbaratado, recolhido com os Portuguezes na Ilha de Vaipim, que ſó lhe ficou, aſſim por ſer mais defenſavel, como por haver entre elles hum coſtume, que ha entre os Chriſtãos, que he haverem por religião ſerem os lugares ſagrados valhacouto dos que ſe acolhem a elles; e aſſim ficarem ſeguros dos males que lhes podem acontecer, colhendo-os fóra delles. Aſſim alli ficou eſte Rey até ſer reſtituido a ſeu Reyno pelos dous parentes Franciſco, e Affonſo de Alboquerque. Daqui ficáram eſ-

tes

tes dous Reys em tamanho odio, que nunca mais o perdêram, nem o perderaõ, travando-ſe entre elles tão aſperas, e crueis guerras, como nas Decadas de João de Barros ſe conta, em que ſuccedêram aquellas grandes façanhas, que fez Duarte Pacheco Pereira no paſſo de Cambalão.

Por eſtes odios ſe dividio todo Gentio do Malavar em dous bandos, lançando-ſe todos os Reys, e Senhores á parte a que mais obrigação tinham: tomando appellidos pera ſerem conhecidos, e differençados huns dos outros, chamando-ſe os da parte do Çamorim Paydaricuros, e os da d'ElRey de Cochim Logiricuros, como já em Italia vimos aquelles dous tão prejudiciaes bandos dos Guelfos, e Gibelinos. Os herdeiros deſtes dous Reys Gentios ficáram herdando com os Eſtados eſte odio entranhavel, continuando ſempre em guerras com bem de damno de ambos. Succedeo eſte anno em que andamos falecer o Çamorim, e herdar aquelle Reyno hum dos ſobrinhos filhos de humas de ſuas irmans, que ſe achou preſente á ſua morte; porque eſtes Reys (como já muitas vezes diſſemos) não os herdam os filhos pelos haverem por ſuſpeitoſos pela generalidade das mulheres; mas herdam os ſobrinhos filhos de ſuas irmans, porque eſtes (ſejam ſeus pais quaes forem) ſempre ficam ſen-

do do ſangue Real pela parte das mãis. E deſtes ainda não herda o mais velho, nem o filho das irmans mais velhas, ſenão aquelle, que for tão ditoſo, que ao tempo do falecimento do Çamorim ſe achar com elle. Sómente os Reys de Cananor ficam fóra deſta lei pelas razões que em outra parte diremos. Eſte coſtume não ſó ſe guarda entre os Gentios do Malavar, mas ainda antre os Mouros, a quem tambem não herdão ſenão os ſobrinhos.

E tornando ao fio da hiſtoria. Eſte ſobrinho do Çamorim, que ſuccedeo no Reyno, eſte inverno em que andamos, era obrigado ir-ſe coroar ſobre aquella pedra que eſtava em Repelim, de que João de Barros trata, que os Chins deixáram em Cochim; que, ſegundo algumas eſcrituras muito antigas dos Malavares, foram já Senhores de toda aquella fralda do Malavar, por onde fundáram Cidades, e povoações, de que ainda hoje ha alguma memoria, como em Calecut hum lugar chamado Chinacota, que quer dizer, fortaleza de Chins, e em outras muitas partes. Eſtes como acháram aquellas gentes barbaras ſem Rey, ordem, lei, nem policia alguma, ordenáram-lhes leis, fazendo em todo Malavar duas cabeças: huma com todo o poder ſobre o temporal, com eſte titulo de Çamorim, que quer dizer imperar ſo-

ſobre todos ; e outro com toda a jurdição eſpiritual , com titulo de Bramene mór , a quem aſſentáram ſua cadeira na Cidade de Cochim , deixando por Lei , que todos os Imperadores, que ſuccedeſſem no Malavar , foſſem tomar a enveſtidura do Imperio da mão do Bramene mór , que eſtava em Cochim. Aſſim como hoje uſam os Imperadores de Alemanha em a tomar da mão do Summo Pontifice , que preſide na Igreja de Deos. E pera iſto deixáram os Chins huma pedra em Cochim , ſobre quem aquelles Imperadores eram obrigados a ſe coroarem.

A razão deſta pedra não achámos eſcrito em algum Author , nem os Chins a ſabem ; mas quanto a nós , devia aquillo de ſer coſtume uſado entre os antigos Reys da China ; e aquella pedra devia de ſer alguma couſa antre elles de grande religião , porque a trouxeram comſigo. Em fim como quer que foſſe , eſta lei ſe foi guardando até o Çamorim Perimal , que recebeo a lei de Mafamede ; e querendo ir acabar em Religião na caſa de Meca , repartio ſeus Reynos como hoje eſtam , deixando ao que deo a Cidade de Calecut o dominio ſobre todos. E aſſim como ſeus herdeiros ſuccediam no Reyno , hiam coroar-ſe a Cochim ſem impedimento algum : até que o Çamorim , de que atrás fallámos , deſtruio , e tomou aquelle

Rey-

Reyno, e levou a pedra a Repelim, aonde este que agora succedeo se quiz ir coroar, confederando-se primeiro com o Principe de Repelim, que era Logiricuro do bando d'ElRey de Cochim; e porque não podia passar áquella Ilha sem seu consentimento, ajuntou pera isso todo o poder de seu Reyno. Disto foi logo avisado ElRey de Cochim; e vendo que aquellas lianças, e amizades do Çamorim com o Principe de Repelim podiam ser destruição sua, deo conta ao Doutor Pero Vaz do Amaral Capitão, e Veador da Fazenda de Cochim, pedindo-lhe ajuda pera defender os passos; pera o que lhe elle deo alguns navios de remo, que se foram pôr naquelles rios pera defenderem a passagem ao Çamorim. ElRey de Cochim tambem ajuntou todo o seu poder pera acudir áquelle negocio em pessoa, convocando os do seu bando, que eram os Reys da Pimenta, de Porcá, de Diamper, de Palurte, os Mangates Caimal, e o de casta da Lua, e outros Mangates, e Areis. O Doutor Pero Vaz do Amaral despedio logo recado mui apressado ao Governador Nuno da Cunha com cartas suas, e d'ElRey, em que lhe pediam acudisse áquelle negocio. Vendo o Governador quanto elle importava, despedio logo Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar com tres galés, e

trin-

trinta navios de remo com que eſtava preſ-
tes pera ir pera a coſta do Malavar. Os Ca-
pitães que o acompanháram foram os ſeguin-
tes : Antonio da Silva de Campomaior ,
Manoel de Souſa de Sepulveda , que hiam
nas galés , Martim Correa da Silva , Fran-
ciſco de Sá o dos ocolos , Franciſco de Mel-
lo Pereira , João de Souſa Rates , D. Dio-
go de Almeida Freire , a que chamavam o
Malavar , por ſer muito curſado naquella
coſta , (que era irmão de D. João de Sande ,
hum dos grandes ginetairos que naſcêram em
Portugal , e elle o não era menos que ſeu
irmão ,) e outros Fidalgos , e Cavalleiros ,
que foram neſta jornada , a que não achámos
os nomes. Dada eſta Armada á véla , foram
ſeu caminho , em que os deixaremos por
continuarmos com outras couſas , que neſte
tempo ſuccedêram.

CAPITULO II.

Que trata da viagem, que Diogo Botelho Pereira fez pera Portugal em huma fusta: e da Falla que Meſtre Theofilo Napolitano Eremita da Ordem de Santo Agoſtinho, fez ao Papa Paulo III, e ao Sagrado Collegio dos Cardeaes em louvor dos feitos, que ſe fizeram na India em tempo d'ElRey D. João o III, pelas novas que lhe mandou da Fortaleza, que o Governador Nuno da Cunha fez em Dio.

HAvia hum Fidalgo na India, que ſe chamava Diogo Botelho Pereira, filho baſtardo de Antonio Real, que fora Capitão de Cochim, ſendo Viſo-Rey da India D. Franciſco de Almeida, e de huma mulher que trouxera do Reyno, que ſe chamava Iria Pereira, que ficando rica, foi creando o filho em muita vaidade. E como elle era muito habil, e tinha grande inclinação á Mathematica, deo-ſe a ſabella, e á arte de navegar, e á Esfera, em que foi douto, e aproveitou muito nella, e fazia mui bem cartas de marear. Creſcendo na idade, foram tambem creſcendo nelle os eſpiritos, e penſamentos de maneira, que ſendo mancebo foi levado a Portugal; onde El-

Rey

Rey folgava de fallar com elle polo achar tão habil, e esperto, e tão curioso naquellas cousas, em que praticava com elle. Confiado elle nas partes que tinha, e nos favores que lhe ElRey fazia, quando lhe fallava, pedio-lhe hum dia, que lhe fizesse mercê da Capitanía da fortaleza de Chaul; ao que lhe ElRey respondeo sorrindo-se, *que os Pilotos não eram Capitães de fortalezas.* Enfadado Diogo Botelho Pereira da resposta que lhe ElRey deo, sahio-se pera fóra pera a antecamara, onde estava D. Antonio de Noronha filho segundo do Marquez de Villa Real, Escrivão da Puridade, que já o tinha sido de ElRey D. Manoel, que perguntando-lhe se o despachára ElRey bem, respondeo Diogo Botelho Pereira: *Senhor, o bom despacho eu o buscarei, onde mo darão a meu gosto.* Tanto que chegou á noticia d'ElRey a resposta que Diogo Botelho deo a D. Antonio de Noronha, mandou-o ElRey prender no Castello de Lisboa, e que o tivessem a bom recado, porque arreceou que se fosse pera Castella, e lá désse de si outro Magalhães. Alli esteve prezo até ir por Viso-Rey da India D. Vasco da Gama Conde Almirante, que o pedio a ElRey pera o levar comsigo por lho rogarem alguns Fidalgos seus amigos. Concedeo-lho ElRey com condição, que não tornasse Diogo Bo-

te-

telho Pereira a Portugal ſem ſeu expreſſo mandado.

Com eſte deſgoſto andou eſte Fidalgo ſempre na India, vendo ſe ſe lhe offerecia alguma occaſião honroſa de poder tornar a Portugal. Aconteceo neſte tempo dar Soltão Badur Rey de Cambaya licença ao Governador Nuno da Cunha pera fazer fortaleza em Dio, couſa que tanto ſe deſejava, e por tantas vias ſe pertendia pera mór ſegurança do Eſtado da India. Vendo Diogo Botelho Pereira tão boa occaſião pera poder ir a Portugal, como era levar novas a ElRey de huma couſa, que elle tanto deſejava, e por tal havia de feſtejar muito, e fazer grandes mercês a quem lhas déſſe, (como vemos que fez a hum Judeo, que o Governador Nuno da Cunha mandou por terra com cartas, em que lhe dava novas, que o haviam de alegrar muito por lhe dizer, que tinha fortaleza na Ilha de Dio,) determinou fazer eſte caminho n'uma embarcação tão pequena, e tão deſacoſtumada em Portugal, que cauſaſſe grandiſſimo eſpanto ao Mundo ver que ſe atrevêra hum homem a commetter huma viagem tão longa, e de tão grande perigo n'uma embarcação tão pequena, que por tal havia de cauſar grande admiração.

E aſſim ſem dar conta a peſſoa alguma de ſua determinação, gaſtou o inverno em

ne-

negociar a fusta de todas as cousas necessarias, fazendo-lhe huma cuberta de popa a prôa, e dous lemes, vélas, traquetes dobrados, fateixas, e amarras de sobrecellente, e quatro formosos tanques pera agua: em fim tudo fez quanto lhe pareceo necessario pera poder passar á jornada que determinava fazer.

E como entrou o verão, embarcou-se com alguns homens de sua obrigação, lançando fama, que havia de ir a Melinde, pera onde comprou algumas roupas, e contas, e foi-se a Baticalá, onde fez huma matalotagem muito á sua vontade com esta voz de ir a Melinde, a que acudíram alguns mercadores Gentios, que mettêram na fusta algumas fazendas, o que elle dissimulou por amor dos marinheiros, que realmente cuidavam que hiam pera Melinde. E na entrada de Outubro se fez á véla com os Levantes, e foi seguindo sua viagem até Melinde, onde se desembarcáram os mercadores que levava, e elle fez logo agua, lenha, e tomou algum refresco, tornando-se a sahir com dizer aos marinheiros, que hia a Quiloa. Tanto que se affastou da terra, ferrolhou todos os marinheiros com cadêas, que pera isso levava, animando-os, e promettendo-lhes muito dinheiro, sem todavia lhes dizer que hia para o Reyno, sómente lhes mettia

tia em cabeça que hia a Çofala, e por aquelles rios de sua costa a resgatar ouro; e assim foi passando por todos, tomando agua, e lenha, e fazendo mantimentos de carneiros, gallinhas, capados, arroz, milho, manteiga, que tudo achou bem barato.

De Çofala foi seguindo sua jornada de longo da costa até passar o Cabo das correntes; e de longo da costa, sem se nunca alargar, nem apartar della, foi tomando todos os rios até passar o Cabo de Boa Esperança neste Janeiro que vem de 1537. Dalli se foi engolfando com ventos bonanças, e foi demandar a Ilha de Santa Elena, onde varou a fusta pera a alimpar, e concertar como fez, dando alguns dias de folga aos marinheiros, de que já levava alguns menos, que lhe morrêram na terra fria, posto que elle levava vestidos feitos de panno pera todos elles já pera isso.

Partido daqui, atravessou aquelle grande golfo do mar, e tomou a derrota da Ilha de S. Thomé, onde se refez de agua, lenha, e mantimentos; e dalli foi tomar a barra de Lisboa em Maio, estando ElRey em Almeyrim; e entrou por aquelle grande, e formoso rio da Cidade de Lisboa dentro a remo, e embandeirado foi surgir na ponta da Goiva antes de Salvaterra por não poder a fusta passar mais assima. Causou esta novi-

da-

dade em toda a Cidade grande alvoroço, acudindo a ver a fusta tanta gente, que o Téjo era cheio de barcos. Diogo Botelho Pereira desembarcou em hum batél, e foi-se a Almeyrim, e entrou com ElRey, a quem deo conta de sua jornada, pedindo-lhe alviçaras, que já tinha huma formosa fortaleza feita na Ilha de Dio. Posto que estimou ElRey muito as boas novas que lhe levava da India, vendo que lhe não levava cartas do Governador, não lhe fez gazalhados, antes se carregou, e pezou muito; e embarcando-se em hum bargantim, foi ver a fusta em que entrou, e notou devagar, folgando de ver aquella feição de navio, mandando dar de vestir, e dinheiro aos marinheiros. E não deixou de ter a Diogo Botelho por homem de grande animo, e coração, e para se lhe entregar, e encarregar qualquer grande feito, que se offerecesse. E mandou que se varasse o navio em Sacavem, onde esteve muitos annos até que acabou, indo-o ver a maior parte da Europa por espanto. Dizem que depois delle chegou Isac do Cayro Judeo com as cartas do Governador Nuno da Cunha, que elle despedio de Dio pera ElRey, que elle festejou muito, e deo ao Judeo cento e quarenta mil reis de tença em sua vida, e outras mercês na mão. E Diogo Botelho Pereira esteve muitos annos sem

lhe

lhe responder, e depois lhe deo a Capitanía de S. Thomé em Portugal polo ter fóra do Reyno, e depois o despachou pera a India com a de Cananor, como em seu lugar diremos.

Tanto que ElRey teve as novas, mandou logo fazer grandes, e solemnes procissões, e devotos Officios em louvor de Deos Nosso Senhor pela mercê que lhe fizera. E despedio cartas ao Summo Pontifice de Roma, que era Paulo III, em que lhe fazia a saber de como ficava tendo na Ilha de Dio huma formosa fortaleza, com que esperava de enfrear, e quebrar a soberba do Turco, por ser aquella a chave de toda a India, e sobre que o Turco tinha mettido tanto cabedal, com o que ficava aquella fortaleza de Dio fazendo seguro o Estado da India; e esperava em Deos Nosso Senhor de trazer á obediencia da Igreja Romana todo aquelle Paganismo, mandando-lhe huma muito larga relação de todas as cousas succedidas, depois que intentou tomar aquella fortaleza de Dio, até que se lhe entregou.

Chegadas as cartas ao Summo Pontifice, vendo nellas tão boas, tão felices, e alegres novas pera toda a Christandade, mandou ordenar huma muito solemne procissão, em que se elle achou com todo o Sagrado Collegio dos Cardeaes, e disse Missa em Pontifical,

e

e no cabo della fez Meſtre Theofilo Eremita Napolitano da Ordem de Santo Agoſtinho, huma muito elegante falla em Latim, encommendando-lha o Summo Pontifice por ſer homem doutiſſimo. E porque nella ſe trata huma breve relação de todas as couſas, que temos contado neſte negocio de Dio, e muitos louvores d'ElRey D. João o III, e da Nação Portugueza, nos pareceo bem pôr-mo-la aqui toda *de verbo ad verbum*, aſſim pera authorizar com ella noſſa verdade, como por moſtrarmos que os louvores ditos por boca dos eſtranhos ficam menos ſuſpeitoſos; pera que veja o Mundo (como algumas vezes diſſemos) que nós meſmos ſomos os que menos caſo fazemos de noſſas couſas, que os eſtranhos.

Falla, que Meſtre Theofilo Napolitano Eremita fez ao Papa, e ao Collegio Sagrado dos Cardeaes.

» PAdre Santiſſimo, Cardeaes Principes
» da terra: Se em algum tempo julgaſtes
» deverem-ſe a alguns dos mortaes eſtas ſo-
» lemnes feſtas, ſantiſſimas ceremonias, e mui
» claros pregões, com muita verdade, e ra-
» zão ſe deve julgar deverem-ſe principal-
» mente ao muito vitorioſo Rey de Portu-
» gal D. João III, que com tão ſingulares
» no-

» novas, e profperas vitorias dos inimigos de
» Chrifto, e de noffa Santa Fé cada dia ac-
» crefcenta, e ennobrece a Republica Chri-
» ftã, e fempre nella põe, e enthefoura no-
» va gloria, como poucos dias ha que trou-
» xe, e fujeitou ao feu Senhorio a fortiffima
» Cidade de Dio, unica defensão contra o
» furor dos foberbos, e arrogantes Turcos,
» e ao mefmo Senhor da dita Cidade, que
» he o muito grande, e poderofo Rey de
» Cambaya; e defta maneira adquirio a fi fa-
» cil, e commodiffima entrada pera fugigar
» a Chrifto o muito grande Senhorio de to-
» da a India. Obras são eftas a que fe de-
» vem eftas grandes honras, pera que os Au-
» thores dellas pera maiores coufas cada dia
» mais fe animem. E pofto que por efte re-
» fpeito as não fazem, entendem daqui que
» quando as executáram foram fuas obras a-
» certadas. Mas primeiro que tudo confeffe-
» mos, recebermos eftes tão fingulares bene-
» ficios da poderofa, e liberaliffima mão do
» Senhor Deos; e tambem fe deve confef-
» far, que os recebemos pela felicidade, e
» fanta religião de Paulo III Prefidente da
» Republica Chriftã; porque nunca Deos tem
» tanta ira contra nós, nem eftá tão commo-
» vido contra noffos peccados, que fe ef-
» queça de fua bondade, e clemencia. Nem
» já mais eftá tão aparelhado pera vingança,
» quan-

» quando o offendemos, que não esteja mais
» prompto pera perdoar quando conhecer-
» mos nossa culpa.

» Isto confessam todos aquelles, que, pe-
» la inclinação que tem de peccar, medíram
» a facilidade do Senhor pera perdoar; e mui-
» to mais o devemos confessar os que vive-
» mos até este tempo, em que como que es-
» tivesse tão provocado á ira por nossa mal-
» dade, que parecia tirar sua mão de nós:
» E como por isso eramos avexados com tan-
» tos males, e postos no fundo com tantas
» perdas, que não havia já lugar pera onde
» se pudesse fugir, nem modo pera poder
» escapar; então movido esse mesmo Senhor
» pelos rogos, e lagrimas dos humildes, apla-
» cou sua ira, e soccorreo nossas miserias,
» pois deo por guia, e regedor da Republi-
» ca Christã ao Religiosissimo, e Santissimo
» Papa Paulo III, por cujos merecimentos
» nos quiz antes perdoar, que castigar por
» nossas culpas. Porque tanto que foi creado
» por nosso Pastor, logo nas cousas resplen-
» deceo nova figura, como que as da Fortu-
» na, e Natureza se mudassem, e todas co-
» meçáram succeder prosperamente. Antes
» disto o crudelissimo Rey dos Turcos mo-
» via atrocissimas guerras contra Christãos,
» fazia muitos estragos, combatia, e tomava
» muitas Cidades, e Reynos; e por derra-

» deiro o ſeu Barba Roxa ouſado Capitão,
» inimigo de Chriſto, com huma grande fro-
» ta ameaçando, rodeou noſſos confins, e
» occupou em Africa hum Reyno, e orde-
» nou ahi aſſento contra Italia, principalmen-
» te contra eſta noſſa Cidade de Roma, e
» ahi ſe fez forte, e accreſcentou ſeus exer-
» citos, e forças pera que com mais facili-
» dade nos commetteſſe. Mas tanto que co-
» meçou a governar a Igreja o Papa Paulo
» III, eſte inimigo inchado com tantas vito-
» rias tornou atrás, e alevantado com tan-
» tos triunfos, voltou as coſtas, e ſoberbo com
» tantos esbulhos, aprendeo a haver medo.
» Digo que começando a reinar Paulo III,
» os inimigos de Chriſto mui poderoſos fo-
» ram affugentados, e derramados, e ſuas
» Cidades, e munições tomadas, e ſuas for-
» ças abatidas: e das primeiras vitorias que
» delles ſe houveram, he ſem nenhuma dif-
» ferença aquella, que ſe ganhou na India por
» ElRey de Portugal D. João o III.

» Mas pera que huma tão inſigne vitoria
» ſe eſtime como ella merece ſer eſtimada de
» todos os Chriſtãos, peço que me ouçais,
» e que com todo voſſo animo atenteis, por-
» que hei de dizer couſas não ſó dignas de
» ſerem ouvidas, mas merecedoras que de
» neceſſidade ſe ſaibão: ainda que a gran-
» deza deſte negocio me pedia mais tempo
» do

» do que me he dado, e pela brevidade del-
» le recusára com razão este trabalho de di-
» zer, se me fora dado não obedecer a quem
» mo manda; e se me não parecêra ser mais
» feio a hum homem Religioso calar em hum
» triunfo, e prazer de Christãos tão com-
» mum, que fallar o que pudesse, ainda que
» fallar não soubesse.

» O grande Rey D. Manoel pai deste vi-
» ctorioso Rey D. João o III, fez muitas
» guerras; e ainda que deixo de fallar nos
» outros Reys de Portugal atrás, claros, e
» não de menos virtudes por fama, por quem
» toda a Lusitania foi tirada do poder dos
» Arabios, e ganhado o Reyno pera seus
» Successores, e os muitos Templos, e Ca-
» sas sagradas que edificáram, podem dar tes-
» temunho de seu catholico animo pera com
» Deos. Mas este grande Rey D. Manoel
» conquistou por armas a Ethiopia, Arabia,
» Persia, e a India citerior, e navegáram os
» seus aquelle grande espaço de mar Ocea-
» no, que nenhum dos mortaes antes delles
» ousáram navegar, passando de todo pelo
» mar Roxo. E nas ditas partes teve muitas
» guerras, e deo muitas batalhas, occupou
» muitas, e diversas regiões, sujeitando mui-
» tos Reynos, e Senhorios a seu poder. E
» o que foi muito maior do que he todo o
» louvor, levou o Nome, e Fé de Christo

» aos mais remotos fins da redondeza da ter-
» ra. E em tão claros feitos, e vitorias fica-
» va na India inteiro, e ſem ſer tentado dos
» Portuguezes o Reyno de Cambaya; prin-
» cipalmente aquella muito fortificada Cida-
» de, e fortaleza celebrada no dito Reyno,
» jardim de todo o Oriente, a que chamam
» Dio, que eſtá poſta na entrada do mar In-
» dico, e no eſtremo promontorio da encea-
» da Cantincolpus, Cidade muito convenien-
» te pera os Portuguezes della reſiſtirem ao
» poder, e furor dos Turcos, que com gran-
» de frota junta no mar da Arabia amea-
» çavam haverem de ir á dita Cidade polas
» fozes do mar Roxo, e tomarem por for-
» ça tudo o que os Chriſtãos tinham occu-
» pado; e que aſſim ſeriam ſenhores de to-
» do o Imperio do mar Indico.

» Era eſta Cidade, aſſim pela condição,
» e natureza do lugar, como por artificio
» humano, inexpugnavel; porque eſtava edi-
» ficada ſobre huma rocha, cercada de mu-
» ros, e de muitas torres, e valada toda
» em roda com hum apparato de máquinas
» de arame, que parecia ſer mais propria
» pera ſer guarda de mulheres, que pera ſe
» nella exercitarem homens. Eſta, poſto que
» muitas vezes os Portuguezes a commetteſ-
» ſem com todas ſuas forças, e nenhuma cou-
» ſa aproveitaſſe, com tudo ElRey D. Ma-

» no-

» noel, que todas as mais cousas acabára
» com facilidade, pera que não fosse visto
» com alguma quebra, desistio desta empre-
» za, onde fizera tantos gastos com perda de
» homens, e náos, e nenhuma cousa mais
» desejava, e menos esperava; porque em
» pouco estimava o nome, e senhorio que
» ganhava na India, pois não tomava este
» lugar. E como não visse modo pera pôr
» por obra seu desejo, e desconfiasse poder
» alcançalla por saber humano, determinou
» de a deixar, e dilatar esta empreza pera ou-
» tro tempo, que lhe succedesse melhor, e se
» offerecesse occasião de mais prospero, e fe-
» lice successo.

» O' Rey vitorioso, pera isto vos chama
» vossa boa fortuna, e esta vitoria se guar-
» da pera vossa dita, e grande felicidade!
» Ora armai-vos pera obra, que he de tanto
» trabalho. Que cousa haverá que vos pos-
» sa mover disso? Por ventura a difficulda-
» de do lugar? Como! a prudencia não ven-
» ce tudo? Não he ella mais poderosa que
» a fortaleza? Onde o leão não chega, tra-
» ga assim a pelle da raposa. Pola ventura o
» poder, e grande número dos inimigos põem
» esse medo? Parece que não, porque lemos
» serem muitos quasi sem número vencidos,
» e desbaratados de poucos; porque não he
» a multidão a que vence, senão o valor,

» e

» e a prudencia. Detem-vos pela ventura as
» grandes fortalezas, e grandeza dos traba-
» lhos, e exercitos de soccorro? Todas es-
» tas, e outras maiores difficuldades vence
» a industria, e saber da guerra. Haja von-
» tade de commetter a obra, que não falta-
» rá poder pera a acabar. Se considerais a
» difficuldade presente, ponde os olhos na
» gloria que se espera alcançar, e ser-vos-ha
» tudo facil; porque mais he o que se espe-
» ra de premio, do que he o que se repre-
» senta de trabalho; porque o perigo de pou-
» co tempo se restaura, e satisfaz com se al-
» cançar huma gloria perpétua, e fama que
» sempre dura. E além disso tanto mais do-
» ce, e gostosa soe ser a vitoria, quanto
» com mór risco, e perigo se alcançou.

» Cuidando comsigo ElRey D. João es-
» tas cousas, oução-me o modo que teve
» de alcançar a vitoria. Este valoroso Rey,
» verdadeiro imitador da gloria de seu pai,
» parecendo-lhe que não ficára tanto herdei-
» ro do Reyno, quanto da virtude; e co-
» mo tivesse pera si, que não bastava pera
» seu Estado defender sómente o que lhe fi-
» cou de seu pai, Rey tão victorioso, se el-
» le não fizesse outras cousas algumas dignas
» de immortal memoria, e merecedoras de
» seus Successores as imitarem. (Porque os
» Reys não se hão de entregar ao ocio, e
» de-

» deleitações, mas hão ſempre de traba-
» lhar por couſas, que dem aos que depois
» vierem teſtemunho de como vivêram, e fo-
» ram merecedores do Reyno, e de como
» fizeram feitos, que os outros pudeſſem eſ-
» crever, e imitar.) Manda a ſeus Capitães
» que tinha na India, que não ceſſem do ne-
» gocio da guerra, nem menos trabalhem,
» em quanto elle reinar, por fazerem cou-
» ſas novas, e ganharem novos Reynos, do
» que trabalháram em tempo de ſeu pai;
» mas antes com mais promptos animos, e
» esforçados corações inſiſtam na gloria da
» guerra; e que commetteſſem outra vez a
» Cidade de Dio, empreza que ſeu pai já
» deixára, e em que elle não desfaleceria em
» tão honrados começos, e que pera toma-
» rem aquella fortaleza não perdoaſſem a tra-
» balhos, nem a deſpezas; porque naquelle
» negocio conſiſtia toda a ſumma, e perfei-
» ção das vitorias; e com aquelle feito aca-
» bado ſe ficava approvando ſua fé, e con-
» ſtancia.

» Os ſeus Capitães por obedecerem mais
» á vontade, e mandamento do ſeu Rey,
» que por terem confiança de aproveitarem
» alguma couſa no que lhes mandava, co-
» meçáram logo a renovar a guerra; põem
» ſua frota defronte da Cidade, lançam gen-
» te fóra, e com diligencia attentam todos
» os

» os lugares donde ſe poſſa commetter: in-
» ſiſtem na obra, commettendo-a muitas ve-
» zes com grande impeto, e furor; ás ve-
» zes ſimulavam, e fingiam retrahir-ſe pera
» tomarem algumas guardas deſcuidadas, não
» deixando couſa que não tentaſſem, com-
» metteſſem, e experimentaſſem; e por der-
» radeiro eſcrevem a ElRey não terem eſ-
» perança de algum bom effeito, ſem o ſoc-
» corro Divino; e que ſe inſiſtiſſem em com-
» metterem a fortaleza, affirmavam que ſe-
» ría com grande damno dos ſeus, e perda
» da frota. Ouvindo iſto ElRey, toma me-
» lhor conſelho por não pôr os ſeus a tan-
» to perigo, e ordena levar-ſe aquelle nego-
» cio por outra via, fazendo guerra continua
» áquelle Rey, e ao Reyno, ſaqueando-
» lhe Cidades, deſtruindo-lhe os campos, e
» impedindo-lhe por mar, e por terra os
» mantimentos, até que cançado, e forçado
» da neceſſidade vieſſe a concerto, e offere-
» ceſſe fortaleza na Ilha de Dio, onde tan-
» to havia que ſe deſejava; e o caſo ſucce-
» deo conforme aos deſejos d'ElRey. Por-
» que Soltão Badur Rey de Cambaya, per-
» ſeguido com tantas perdas, e damnos do
» Reyno, que lhe não davam lugar pera po-
» der reſpirar, eſpantado do grande esfor-
» ço dos Portuguezes, pera que mereceſſe
» ſua graça, e amizade, entrega a Nuno da
» Cu-

» Cunha Governador da India em nome
» d'ElRey de Portugal a Cidade de Baçaim
» com todos os ſeus termos, e rendas.

» Eſtá eſta Cidade junto do mar, aſſen-
» tada pera a parte do Oriente, mui rica de
» campos, lugares, aldeias, e ilhas, que
» dão a ElRey cada anno de pensão cem
» mil cruzados. E pela grande fertilidade da
» terra he muito populoſa, e abundante de
» todas as couſas, principalmente de matos,
» que em muita abundancia dão madeira
» pera edificação de todas as náos, e Ar-
» madas. E não dahi a muito tempo, pe-
» ra que o Badur confirmaſſe a paz, e a-
» mizade com os Portuguezes, fez a ſaber
» a Nuno da Cunha, que determinava en-
» tregar-ſe a ſi, e a Cidade de Dio com
» alguns honeſtos partidos, e que pera iſ-
» ſo foſſe logo ver-ſe com elle, pera que fi-
» zeſſe huma fortaleza no lugar que qui-
» zeſſe. Alvoroçado Nuno da Cunha com no-
» vas de tanto goſto, e contentamento, par-
» tio pera a Cidade de Dio com ſua frota
» bem armada, que com muita diligencia
» ordenou edificar huma fortaleza na melhor
» parte da Cidade ſobre o porto, com ba-
» luartes, e muros ſobre o mar, e fez pa-
» cto com ElRey de Cambaya, que não
» conſentiſſe entrarem os Turcos pelos ter-
» mos de ſeus Reynos, nem os ajudaſſe com
» ſoc-

» ſoccorro , nem mantimentos : e aſſim fez
» outros concertos de muita honra aos Por-
» tuguezes , ſobre o que Nuno da Cunha eſ-
» creveo cartas a ſeu Rey , muito mais diſ-
» cretas , e copioſas , do que eu poderei em
» breve dizer com palavras.

» Mas eſtando as couſas neſte eſtado , ſuc-
» cedeo hum caſo muito opportuno pera boa
» felicidade , e dita d'ElRey de Portugal :
» eſte foi , que Hamau Paxá Rey de Carma-
» nia veio contra o Badur Rey de Cambaya
» (não ſei porque cauſa) com ſetenta mil fré-
» cheiros de cavallo , ſegundo os coſtumes
» dos Parthos , e com elles duzentos mil de
» pé : e ElRey de Cambaya bem pudéra
» encontrallo no caminho não com menos
» exercito que o ſeu , mas uſando de máos
» conſelheiros , pera que não paſſaſſem ſeus
» ſoldados o perigo a arbitrio da Fortuna ,
» que principalmente tem dominio nas guer-
» ras , retrahindo-ſe de pelejar , ſe recolheo
» a parte ſegura. Mas ElRey de Carmania
» lhe tomou todos os mantimentos por ſer
» mais esforçado com gente de cavallo. Ven-
» do Soltão Badur perecer a ſua gente á fo-
» me , pera que elle com os ſeus juntamen-
» te não foſſe cativo do inimigo , tomou con-
» ſelho ſobre a fugida , que tanto que ſe
» publicou , não ſe póde crer quão derriba-
» dos , e poſtos por terra ficáram os cora-
» ções ,

» ções, e animos dos ſoldados, e tanto en-
» fraquecêram cortados do medo, e temor,
» que como os inimigos os commettêram,
» faciliſſimamente ſe lhe rendiam, e entrega-
» vam cruzando as mãos ſem eſperarem gol-
» pe de eſpada. Pelo que ſahindo-ſe Badur
» ſecretamente do arraial com ſua familia,
» e riquezas, e com todo o movel de ſua
» Caſa Real, ſe foi acolher á Cidade de Dio,
» fortaleza muito ſegura, mais pera ſer viſ-
» ta de longe, que pera ſe combater de per-
» to, pera que nella os Portuguezes foſſem
» a ſua total defensão.

» Eſta fortaleza ſe entregou com todas as
» ſuas couſas a Nuno da Cunha Governador
» da India em nome d'ElRey de Portugal.
» Deſta maneira ſuccedeo, que os Portugue-
» zes não ſómente tiveſſem a Cidade de Dio
» por tanto tempo deſejada, mas ainda a de
» Baçaim Cidade inſigne, cheia de muitas ri-
» quezas, com o ſeu proprio Rey, e todo
» o Reyno, que era terror da India. Eſte vi-
» ctorioſiſſimo Rey D. João fez vãos os vo-
» tos de Alexandre, quando ſacrificou aos
» ſeus Deoſes no mar Indico; e depois de
» feitos ſeus ſacrificios, lhes rogou não per-
» mittiſſem a algum dos mortaes paſſar além
» daquelles termos, que elle paſſára; mas El-
» Rey D. João o III fez por mais largos
» termos muito certo caminho aos ſeus. Ale-

» xan-

» xandre Magno além do rio Gange cami-
» nhou por terra pera a India por caminhos
» ſabidos, e trilhados; mas ElRey D. João,
» que abrio caminhos aos mortaes por onde
» antes não era caminho, porque ſe não cha-
» mará Magno? Entrou pelo mar Oceano
» até chegar a regiões, e lugares mui deſco-
» nhecidos aos homens, onde nunca ſe che-
» gou por navegação, e entrou pelos fins da
» redondeza da terra. Alexandre tem-ſe por
» Magno, porque por onde paſſava, trazia,
» e ſujeitava a ſeu jugo Reys, e ſeus Rey-
» nos; pois porque por iſſo meſmo não ſe
» terá aſſim por Magno ElRey D. João o
» III, que todas as partes que conquiſtou,
» trouxe a ſeu poder, e ſenhorio?

» Dizem de Alexandre Magno, que além
» de outros feitos illuſtres com que grande-
» mente floreceo, foi edificar a Cidade de
» Dio nas partes da India, que com nenhu-
» mas forças ſe pudeſſe vencer pelejando, e
» que foſſe ſenhora da terra, e do mar: por-
» que não ſe terá por maior que elle ElRey
» D. João, que por ſua induſtria tomou, e
» ſenhoreou a meſma Cidade, ainda que foſ-
» ſe inexpugnavel, ficando ſenhor do mar,
» e da terra? Porque ſe affirma com razão,
» que Alexandre fundou eſta Cidade, e lhe
» chamou de ſeu nome Dio; porque elle dos
» aduladores, e liſongeiros ſe chamava *Di-*
» *vus*

» *vus* filho de Jupiter Amon: este vocabulo
» Grego *Divo*, em lingua Latina, quer di-
» zer *Divino*. E tambem edificou outra na
» Assyria do mesmo nome.

» ElRey Badur não recusou pelejar com
» Hamau por amoestação humana; mas o
» conselho Divino, que tudo dispõe sua-
» vemente, o deteve, pera que não experi-
» mentasse suas forças, nem ousasse commet-
» ter as dos inimigos; porque ElRey de Car-
» mania, ainda que potentissimo, não era
» tão poderoso, que puzesse em fugida a El-
» Rey de Cambaya: o poder de Deos o
» compellio, e o fez fugir, e não o impeto,
» e forças de Hamau; mas o poder da Di-
» vina vontade o constrangeo vir fugindo até
» á Cidade de Dio, pera que o submettesse
» ao arbitrio, e poder dos Christãos. E is-
» to se deve ter por muito certo argumento
» da Divina Providencia, sem o que devem
» todos ter pera si, que nenhuma cousa acon-
» tece, nenhuma se faz nas cousas humanas,
» que Deos o não proveja, determine, e
» declare.

» O' Rey invencivel, não vedes quanto
» Deos estima vossa religião, quanto favo-
» rece vossa virtude, quão presente está a
» vossos intentos, e desejos? mais tendes do
» que desejastes; mais alcançastes do que es-
» peraveis, e mais do que se póde crer. O'
» ver-

» verdadeiro Rey D. João o Magno , que
» pera ſi ganhou grande nome entre nações
» tão eſtranhas, eſtranhas moſtraſtes voſſas for-
» ças a póvos indomitos , ferociſſimos , e
» pertinazes deſeſtimadores da voſſa, e noſ-
» ſa Santiſſima Fé! Enxiriſtes a Religião Chri-
» ſtã nos lugares, e corações das gentes re-
» motiſſimas, e ferozes: ganhaſtes tão gran-
» de número de almas a Deos noſſo Senhor!
» Com verdade bemaventurado , que com
» a proſpera felicidade de Paulo III venceſ-
» tes a difficuldade da Natureza, e grandeza
» das forças humanas; e o que voſſos ante-
» paſſados não puderam, vós ſó o acabaſtes.
» Com que louvores vos louvarei, que tão
» longe eſtendeſtes , e tanto dilataſtes o Im-
» perio de Chriſto? Que graças, que louvo-
» res vos podemos dar por cerrardes o im-
» peto feroz dos Turcos , pera não pode-
» rem ter entrada nas terras dos Chriſtãos?
» Que inſignias, que eſtatuas vos levantare-
» mos por deſtruirdes tantos exercitos de
» Mouros, e vencerdes tantos, e tão pode-
» roſos Reys? Que triunfos vos ordenare-
» mos por tantas vitorias, quantas alcançaſ-
» tes dos inimigos de Chriſto? Que titulo
» vos daremos por ganhardes tantos Rey-
» nos?

» Publio Cornelio Scipião, porque ven-
» ceo em Africa Anibal, ſe chamou Africa-
» no;

» no; Leucer ſeu irmão por vencer em Aſia
» ElRey Antioco, Aſiatico; Publio Corne-
» lio Scipião Emiliano, porque deſtruio a Nu-
» mancia, Numantino; e outros muitos me-
» recêram nomes por gentes que vencêram;
» mas ElRey D. João, que com ſoccorros
» muito fortes, e gaſtos immenſos ſuſtenta
» nove Cidades fortiſſimas em Africa, e com
» fortaleza, e conſtancia as defende dos en-
» contros, e combates dos inimigos de ca-
» da dia, e ainda de cada hora; e ſegura
» não ſómente a Luſitania de que he Rey,
» e muitos Reynos fez ſeus, e ſempre com
» felicidade pelejou, tendo a Deos por ſua
» guia, não ſe chamará certo ElRey Dom
» João Africano, não Ethiopico, não Per-
» ſico, não Arabico, não Indico, mas do-
» mador de todas eſtas gentes, e ſenhorios;
» mas perſeguidor dos Mouros, e defenſor
» da Religião Chriſtã. Padre Beatiſſimo, com
» razão vos deveis de alegrar muito, que
» ſendo Governador da barca de Chriſto, eſ-
» te Rey tão vitorioſo haja paſſado tão ſem
» medo tantos mares, e trazido á verdadei-
» ra Fé as mais apartadas, e remotas partes
» da redondeza da terra; porque as voſſas
» orações, e as noſſas juntamente, ſendo vós
» o author, offerecidas diante de Deos, não
» foram em vão, nem o Senhor Deos de to-
» do deſeſtimou voſſas, nem noſſas lagrimas,

» e

» e suspiros. E posto que Reys Christianis-
» simos, e religiosissimos contendam entre
» si com odios, e perturbem a paz, e soce-
» go dos Christãos, e levantem muito gran-
» des ondas na vossa barca, não falece com
» tudo em outra parte Rey potentissimo, Rey
» poderosissimo, Rey religiosissimo, que não
» peleja contra Christãos, mas contra os ini-
» migos de Christo: não faz entradas por ter-
» ras de Catholicos, mas de Mouros: não
» toma Cidades daquelles, que estam conjun-
» tos com a Fé, mas dos infieis que são con-
» tra ella: não persegue aos Principes pios,
» mas aos impiissimos: não derrama sangue
» de fieis, mas de infieis. Esta só empreza to-
» mou á sua conta de destruir o poder dos
» Mouros, e tirar-lhes de todo o senhorio.
» Este só caminho ordenou pera acquirir lou-
» vor. debilitar-lhes as forças, porque ne-
» nhuma cousa lhe parece melhor, que mos-
» trar-se delles temido: nenhuma julga por
» mais honesta, que ser-lhes contrario: ne-
» nhuma por maior, que constituir-se por se-
» nhor delles. Prouvesse a Deos, que os ou-
» tros Principes Christãos fizessem isto, e os
» odios, que se tem huns contra os outros,
» convertessem contra os inimigos de Chri-
» sto. Senhor, se vos aprouvesse que estes tra-
» balhassem por este genero de gloria, e que
» as forças que contra si experimentam se
» em-

» empregassem todas nos Turcos, e que de
» taes feitos como estes se houvessem inveja
» huns aos outros.

» Padre Santissimo, se não trabalhais com
» vossa prudencia, saber, e authoridade de
» concordar as differenças dos Principes Chri-
» stãos, e cortar toda a occasião de guerra;
» (como na verdade fazeis;) se os não exhor-
» tais a que não sómente deixem as armas,
» que tomáram pera se destruir, mas ainda
» conformes nas vontades as tomem pera apa-
» garem os inimigos de Christo, e do seu
» Santissimo, e gloriosissimo Nome; e se os
» não amoestais, que não sómente tornem
» em graça, e firme amizade, mas que se
» unão pera destruição dos Turcos: se algum
» tempo não proverdes a nossas cousas, que
» assim estam affligidas, miseros de nós, com
» que trabalhos não seremos avexados? Que
» invenção de males, e desaventuras não ex-
» perimentaremos? Por isso, Santissimo Padre,
» não desistais de com continuas orações, e
» piedosos votos pedir a Deos, que ajunte,
» e una em amor os corações, e vontades
» destes Principes, e os incite, e inflamme pe-
» ra opprimirem o furor dos Turcos; e com
» esta tal obra nos restituam paz, e espiri-
» to, e elles fiquem mais gratos a Deos, e
» dos homens mais encommendados, e por
» taes merecimentos na Republica de Chri-

» ſto, não huma vez, mas muitas ſejam celebrados, como he agora o mui claro Rey de Portugal D. João III, com os meſmos ſacrificios, e ſolemnes ceremonias, e iguaes pregões de louvores. »

CAPITULO III.

Da alteração que Manoel de Souſa Capitão de Dio ſentio na gente da terra: e de como o Governador Nuno da Cunha acudio a iſſo, e deſpedio Martim Affonſo de Souſa pera a coſta do Malavar.

DEſpedido Martim Affonſo de Souſa pera Cochim, teve o Governador logo cartas de Manoel de Souſa Capitão de Dio, em que lhe pedia com muita inſtancia foſſe acudir ás couſas daquella fortaleza, porque havia grandes movimentos, e alterações nos naturaes; e que tinha por mui certo, que Soltão Badur deſcarregaria ſobre ella toda ſua potencia, como de feito elle ſe preparava pera iſſo; porque des que teve recado de ſerem os Magores ſahidos de ſeus Reynos, começou a resfolegar, e a tomar alento. E aſſim logo lhe começáram a acudir alguns Rayas Resbutos ſeus vaſſallos, que ſe fortificáram em ſerras, e paſſos difficultoſos, onde eſcapáram da furia dos Magores. E recreſcendo muita gente a ver o ſeu

Rey, tornou a fazer hum potente exercito, com que foi visitar seus Reynos, tornando-os a socegar, e quietar, no que gastou o inverno; e na entrada do verão tornou-se pera a Cidade de Amadabá.

Vendo-se este barbaro outra vez em sua potencia, cuidando nos successos passados, e de como por sua fraqueza estivera arriscado a perder hum tamanho Imperio; e que ella fora causa de elle conceder fortaleza em Dio aos Portuguezes, (cousa que mais sentia que todas,) de que andava tão triste, e malenconizado, que não admittia conselho de ninguem; porque via que suas náos, que daquella Ilha partiam pera Meca, não podiam já navegar com aquella liberdade que dantes, e que forçado haviam de tomar salvo conducto dos Governadores da India, do que se havia por muito affrontado; porque lhe ficavam tendo os Portuguezes com aquella fortaleza hum pé no pescoço, como em outro tempo a Cidade de Argos em Corintho em poder de Estrangeiros a toda a Grecia, que pelo muito que subjugavam aquelle Imperio, lhe chamavam grilhões de Grecia. Assim, na verdade, esta fortaleza de Dio o ficava sendo a todo o Reyno de Cambaya. Do que o Badur andava tão apaixonado, que não havia poderem-no consolar, com lhe affirmarem os Grandes, que todas

as vezes que quizessem izentaria a sua Ilha; o que podia fazer pola fraqueza daquella fortaleza, e da falta da agua, e lenha, e de todas as mais cousas de que se provía da Ilha; que como se lhe defendessem, sem golpe de espada lha tornariam os Portuguezes a entregar. Com isto se moderava elle alguma cousa em sua paixão, mas não pera deixarem de lha entender todos, tratando de pôr logo as mãos áquelle negocio.

E como todos entendiam a vontade de seu Rey, começáram os nossos em Dio a sentir alguma alteração na gente da Cidade, onde hiam comprar as cousas necessarias, porque lhes faziam os Mouros algumas sobrançarias, que muitos soffriam tão mal, que lançavam mão ás espadas pera logo se satisfazerem; e assim se altercavam algumas brigas, em que houve damno de parte a parte, o que Manoel de Sousa Capitão da fortaleza sentia muito, mas dissimulava por lhe ser assim necessario, porque não tinha outra agua senão a que lhe levavam da Ilha. De todas estas cousas avisou logo ao Governador, e lhe pedio que acudisse com muita pressa a ellas. Vendo Nuno da Cunha tantos mares alevantados pola proa, encommendou tudo a Deos; e pondo em conselho aquelle negocio, assentou-se ser necessario largar tudo, e acudir a Dio, que era o mais

im-

importante da India. Com eſta reſolução deſpedio logo Diogo de Meſquita em catur muito ligeiro pera ir a Cambaya viſitar Soltão Badur como de ſi , porque era muito ſeu amigo do tempo que lá eſteve cativo ; porque como ſabia muito bem a lingua Guzarata , e era Fidalgo de muito bom entendimento , podia notar tudo , e ſaber por ſuas intelligencias a determinação de Soltão Badur ; encommendando-lhe muito aquelle negocio , e que o foſſe eſperar a Madre Faval , pera que quando elle atraveſſaſſe a Dio , o achaſſe já alli pera o aviſar do que lá hia.

Partido Diogo de Meſquita , deſpachou o Governador as náos do Reyno , de que era Capitão mór Jorge Cabral , pera irem tomar a carga a Cochim , eſcrevendo a El-Rey o eſtado em que a India ficava. E deſembaraçando-ſe de todos os negocios , embarcou-ſe pera Dio no primeiro de Janeiro de 1531 com ſó quatro galeões , e doze navios de remo , e foi tomar Chaul , onde o deixaremos , porque he razão que continuemos com Martim Affonſo de Souſa , que deixámos deſpedido do Governador Nuno da Cunha pera ſe partir pera Cochim.

CA-

CAPITULO IV.

Que trata da viagem que Martim Affonſo de Souſa Capitão mór do mar fez quando o Governador Nuno da Cunha o mandou á coſta do Malavar : e de como deſtruio, e desbaratou os Principes Malavares na Ilha de Repelim, indo em ſua ajuda Jorge Cabral Capitão mór das náos do Reyno, com os Capitães das náos de ſua conſerva, que eſtavam em Cochim pera tomar a carga da pimenta.

COmo ventavam os Levantes, que eram proſperos pera a jornada que Martim Affonſo de Souſa havia de fazer pera a coſta do Malavar, em poucos dias a foi tomar, por onde foi dando, deſtruindo, e aſſolando todos os lugares maritimos do Reyno do Çamorim, que eſtava já com todos os Principes do ſeu bando na Ilha de Repelim; poſto que ſua peſſoa não tinha ainda paſſado a ella, por lho defenderem os noſſos navios, que já lá andavam nos paſſos; e os Principes da ſua liga, primeiro que elle chegaſſe, ſe tinham já mettido dentro com quarenta mil homens; e o Çamorim eſtava da outra banda com outra maior cópia. ElRey de Cochim, e o Doutor Pero Vaz do Amaral Veador da Fazenda, e Capi-

pitão de Cochim, eſtavam tambem com todo o poder nos paſſos, porque o Çamorim não paſſaſſe á Ilha, tendo com a ſua gente muitas eſcaramuças, em que os Portuguezes, que eram ſeiscentos, tinham ſempre o melhor quinhão, porque ſobre elles deſcarregava ElRey aquelle negocio. Depois que Martim Affonſo de Souſa deo aquelle grande, e ſoberbo caſtigo pela coſta do Malavar, deixando-a quaſi toda mettida a ferro, e fogo, foi paſſando a Cochim aonde chegou, e ſoube eſtar ElRey de Cochim com o Capitão ſobre os paſſos de Repelim, e ajuntando-ſe com Jorge Cabral Capitão mór das náos, e com os Capitães dellas, e da Armada, poz em conſelho o que faria naquelle negocio, e aſſentou-ſe que era neceſſario metter-ſe todo o reſto, e trabalhar-ſe por deitarem fóra aquelles Principes; porque ſe ſe diſſimulaſſe com elles, podia ſer deſtruição do Reyno de Cochim, e de toda a India, pera o que Jorge Cabral ſe offereceo com toda a gente de ſuas náos.

Aſſentado iſto, negociou-ſe o Capitão mór, e Jorge Cabral com todos os Capitães das ſuas náos nos ſeus batéis, em que mandou metter falcões, e berços, e a mór parte da gente das náos, e preſtes tudo, foram-ſe pelos rios dentro, e chegáram aos paſſos, em que ElRey de Cochim com o Capi-

pi-

pitão eſtavam, de quem foi muito feſtejado. E praticando ſobre aquelle negocio, ordenáram de paſſarem logo á Ilha de Repelim, e não conſumirem o tempo em ſaltos, e eſcaramuças. Martim Affonſo de Souſa fez alardo de todos os Portuguezes, e achou mil e duzentos, de que fez duas batalhas; e elle, que havia de levar a dianteira, huma de toda a ſoldadeſca; e o Doutor Pero Vaz do Amaral Capitão com toda a gente das náos; e a de Cochim a outra, que havia de acompanhar ElRey de Cochim, que tinha com os do ſeu bando perto de quinze mil homens, querendo Jorge Cabral com os ſeus Capitães achar-ſe na dianteira com Martim Affonſo de Souſa.

Negociados todos, hum dia de madrugada, ſaltáram em terra, onde acháram os Principes com groſſo poder, que acudíram a lhes defender a deſembarcação, travando-ſe entre todos huma muito aſpera, e cruel batalha, em que começou haver muito damno d'ambas as partes. Das particularidades deſta batalha não trataremos, porque não achámos já homens dos que nella ſe acháram, nem lembranças algumas; ſómente ſabemos, que eſtiveram os noſſos de todo perdidos, tanto, que lhes foi neceſſario a todos pelejarem polas vidas, que todos tiveram bem arriſcadas. E foi a couſa de feição, que come-

me-

meçou a haver desmando nos nossos em algumas partes. ElRey de Cochim, e o Doutor Pero Vaz do Amaral tambem estiveram em grande perigo; mas Martim Affonso de Sousa foi o que esteve de todo desbaratado, por carregar sobre elle todo o poder. Aqui fizeram elle, Jorge Cabral, Antonio da Silva, e outros Capitães, e Cavalleiros cousas muito notaveis, sustentando elles o pezo dos inimigos, que como desesperados remettiam com os nossos, mettendo-se por suas armas sem receio, nem temor da morte. E assim apertáram tanto com os nossos, que se vio Martim Affonso de Sousa perdido, e recolherem-se os seus como desbaratados.

E vendo-se naquelle transe, olhou pera Antonio da Silva, que estava mais perto delle, e perguntou-lhe o que fariam? Ao que lhe elle respondeo, que já não havia outro conselho mais, que se encommendar a Deos, e ao valor do braço.

E acudindo-lhe á memoria hum remedio mui apressado, (que foi a total salvação de todos,) mandou-o pôr por obra: Que foi mandar a hum daquelles Capitães, que se embarcasse em alguns navios, e fosse dar por outra parte da Ilha pera divertir os inimigos, o que elle logo fez, (e quem foi não achámos em lembrança, sómente sabemos que se embarcou,) e com alguns navios

vios cheios de moços , e muitos com muitas lanças , tocando trombetas , e tambores , foi demandar outro paſſo , fazendo tamanho eſtrondo com os gritos , voſarias , e bombardadas , que ſendo ouvidas dos inimigos , que andavam já como victorioſos , embaraçados com aquelle negocio, pararam , levando já Martim Affonſo de Souſa de arrancada. E elle , como bom Cavalleiro que era , e de grande acordo , entendeo aquelle termo que os inimigos fizeram , e ouvindo lá os eſtrondos dos navios , appellidando rijamente *Sant-Iago* , foi carregando ſobre elles acompanhado de Jorge Cabral , de Antonio da Silva , e dos mais Fidalgos , e Capitães : levando com aquelle impeto os inimigos de arrancada , os começou a pôr em desbarato.

Aſſim lemos que aconteceo a Minucio Rufo naquella grande batalha que teve com os Scordiſes , e Dacios ; mas eſte primeiro que déſſe a batalha , tinha mandado a ſeu irmão , que com os eſcravos , e outra gente inutil arrebentaſſe por outra parte , como que hia de refreſco , com o que desbaratou os inimigos. Mas Martim Affonſo de Souſa não tinha dado ordem a eſte negocio , antes alli ſe lhe offereceo de repente , e foi de tanto proveito , que logo os inimigos ſe puzeram em fugida. Viſta aquella ſupita mudança pelos

los nossos, tornáram a voltar bradando *Vitoria, vitoria.* ElRey de Cochim, e o Doutor Pero Vaz do Amaral Capitão de Cochim, que tambem estiveram em grande balanço, ouvindo a voz, arrebentáram sobre os inimigos, em quem foram matando cruelmente. O Principe de Repelim vendo-se perdido, e a destruição que os nossos hiam fazendo nos seus, tratou de salvar sua pessoa, e logo se passou á outra banda por outro passo, por onde se passáram a mór parte dos seus. Martim Affonso de Sousa foi seguindo os inimigos até os ensacar, e ficar senhor de toda a Ilha, que foi saqueada, e roubada; e alli a entregou a ElRey de Cochim, que a mandou fortificar muito bem pelos passos.

E porque já alli não havia que fazer, por ser o Çamorim recolhido, deo o Capitão mór ordem á guarda dos rios com navios, e manchuas, que para isso deixou ordenados. ElRey recolheo aquella pedra, em que os Çamorins se costumavam a coroar, que elle estimou sobre todos os thesouros da vida, e com isso se foram pera Cochim, deixando ElRey alguns Caimais seus na Ilha com gente de guarnição.

Jorge Cabral tratou logo da carga das náos, pera o que começou a correr a pimenta muito bem por ordem daquelles Princi-

cipes, e Caimais do bando d'ElRey de Cochim. E pelo ſerviço que niſto fizeram a ElRey de Portugal, lhes ordenou o Veador da Fazenda de Cochim, com parecer do Capitão mór, ſetenta mil reis de tença cada anno a cada hum, pagos na Feitoria de Cochim. Eſtas tenças ſe lhe pagáram ſempre mui bem até o meſmo Martim Affonſo de Souſa tornar por Governador da India, que lhas mandou tirar por poupar a fazenda d'ElRey; o que ſe logo começou a ſentir na falta que começou haver de pimenta pera as náos, ſobre o que ſe gaſtou depois infinito dinheiro em Armadas por aquelles rios, como em ſeu lugar mais largamente diremos.

Iſto foi ſempre muito ordinario, pouparem (como diz o adagio velho) os farelos, e derramarem a farinha; porque eſtas couſas, nem outras deſta ſorte, não empobrecem o Rey, antes o enriquecem mais. E ſempre foi muito antigo enganarem-ſe os Reys com lhes eſcreverem, que lhes accreſcentam a fazenda, encubrindo-lhes as perdas, e damnos, que por eſſa cauſa, e por outras lhes dam. E deixando eſta materia, primeiro que tratemos das couſas de Dio, nos pareceo bem darmos relação das de Ceilão, por não largarmos das mãos Martim Affonſo de Souſa; e já que eſtá victorioſo, ſigamos ſua

for-

fortuna até o cabo, e depois tornaremos ás cousas, que trataremos de por si polas não misturarmos.

CAPITULO V.

Da antiguidade da povoação da Ilha de Ceilão: do principio, e origem dos seus Reys: e de todos os que teve até Bonoega Bao Pandar, que neste anno de mil e quinhentos e trinta e sete reinava.

JA' que nos cabe aqui entrar com as guerras de Ceilão, (que des que descubrimos aquella Ilha foi sempre ao Estado da India outra Carthago a Roma; porque pouco, e pouco a foi consumindo em despezas, gente, e artilheria, tanto, que ella só tem gastado com suas guerras mais, que todas as outras conquistas deste Oriente,) será bem darmos razão do principio de sua povoação, e da origem dos seus Reys, cousa de que até agora ninguem escreveo senão nós, o que nos custou muito averiguar por suas proprias escrituras, que achámos em mãos de alguns Principes daquella Ilha, que vieram a esta Cidade de Goa.

Pelo que se ha de saber, que perto de quinhentos annos antes da vinda de Christo; reinando no Reyno de Ajota (a que hoje chamamos Tanaçarim) hum Rey Gentio, que

que então possuia o maior Imperio do Oriente, porque tinha debaixo do seu sceptro tudo o que jaz da ribeira do Gange até Cochin-China, e pelo Sertão até quasi quarenta gráos do Norte. Este Rey tinha hum filho chamado Vigia Raya herdeiro do Reyno, tão avesso, e de tão estragada natureza, que em todos os senhorios do pai lhe não escapava mulher casada, ou donzella que desejasse, que lhe não fosse logo trazida, affrontando-as, e deshonrando-as, matando, e espedaçando a todos os que lho queriam defender, usando outras deshumanidades brutaes; com o que escandalizou tanto a todos, que de já o não poderem soffrer se ajuntáram os póvos, e foram clamar ao pai, e a pedir-lhe justiça de tantas affrontas, e cruezas. E como elle estava escandalizado do filho por lhe não ver emenda, nem sentir inclinação pera o bem, tendo-o já muitas vezes amoestado, mandou em segredo negociar muitas embarcações, e metter-lhes dentro mantimentos, e cousas necessarias; e tendo tudo prestes, tomou o filho de sobresalto, e o embarcou com setecentos mancebos de sua idade, e de sua creação, que nas suas torpezas todos lhe foram sempre companheiros; porque era costume naquelle Reyno o dia que nascia o filho herdeiro, mandar ElRey por todos os Reynos

que

que tinha, eſcrever, e matricular todos os filhos machos, que no meſmo dia naſcêram, que traziam á Corte de ſete annos por diante pera ſerem creados em companhia do Principe; e o dia em que eſte naſceo, ſe achou huma grande ſomma delles, de que ſetecentos eram ainda vivos.

Depois de ElRey embarcar o filho, lhe diſſe, que ſe foſſe pelo Mundo buſcar terras que povoaſſe, e que não tornaſſe a ſeu Reyno, porque o havia de matar a elle, e a todos os mais. Partido eſte Principe, deo á véla, e foi á vontade dos ventos ſem ſaber por onde hia, e em poucos dias foi haver viſta de huma Ilha deſerta, que he eſta de Ceilão, que tomou pela banda de dentro em hum porto, que ſe chama Preaturé, que eſtá entre Triquillimalé, e a ponta de Jafanapatão; e deſembarcando em terra, ficáram muito ſatisfeitos da ſuavidade de ſeus cheiros, da brandura de ſeus ares, da freſquidão das ſuas ribeiras, e da formoſura de ſeus arvoredos; pelo que determináram de ſe deixar alli ficar, e começáram a fazer ſuas povoações. A primeira Cidade que fundáram, foi naquella parte da Mantota defronte a Manar. Aqui ſe ficáram ſuſtentando alguns tempos do muito peſcado do mar, e dos rios, e das muitas, e muito excellentes frutas dos matos, que todos eram de laran-

ranjas, limas, e limões, e de outras differentes ſortes mui ſuaves ao cheiro, e mui ſaboroſas ao goſto. E pela grande fertilidade que acháram de tudo, puzeram nome áquella Ilha Lancao, que he vocabulo que vem a reſponder ao Paraiſo Terreal. Eſte foi o primeiro nome que teve, e o ſeu verdadeiro, que ainda conſerva.

Havendo alguns mezes que eſtes eſtrangeiros alli eſtavam, foram ter áquella Ilha humas embarcações da outra coſta á peſcaria dos aljofres, (de que alli ha grande quantidade,) e vindo á falla com os que nellas hiam, ſouberam ſerem de hum Reyno, que ficava da outra banda da terra firme hum dia de caminho, em que reinava hum Senhor chamado Cholca Raya; e tomando a informação do ſeu Eſtado, e poder, tratou o Principe de ſe aparentar com elle. Pelo que deſpedio nas meſmas embarcações alguns Embaixadores, por quem lhe mandou pedir, que pois ficavam tão vizinhos, houveſſe por bem, que ſe communicaſſem, e ſe ajuntaſſem em parenteſco, dando-lhe huma filha em caſamento, e algumas outras de peſſoas nobres de ſeus Reynos pera mulheres daquelles homens, que trazia em ſua companhia. Eſtes Embaixadores chegáram á outra coſta, e foram levados a ElRey, que os recebeo bem; e ſabendo do Principe, e

cu-

cujo filho era, (por ser o pai muito conhecido por todo o Oriente,) houve-se por ditoso em se querer aparentar com elle, respondendo-lhe a proposito, e mandando-lhe fazer muitos cumprimentos. E depois de passarem visitas de parte a parte, lhe mandou huma filha pera elle, muito bem acompanhada de donas, e donzellas, e huma somma de outras filhas de homens nobres pera os da sua companhia, celebrando-se as vodas entre todos com grandes solemnidades: dalli por diante continuáram, e communicáram de huma parte á outra, passando-se muitas pessoas a viver áquella Ilha, principalmente os officiaes de toda a mecanica, e agricultores, com seus arados, sementes, gados, e todas as mais cousas necessarias pera a vida humana. Com isto se começou aquella Ilha a engrandecer, e a povoar pelo sertão de maneira, que fizeram grandes, e formosas Cidades, e povoações.

E porque aquellas gentes alli foram degradadas, lhes chamáram os da outra costa Gallás, que he o mesmo que desterradas. Vendo aquelle Principe como as cousas daquella Ilha cresciam tanto, se intitulou por Imperador da Ilha Lancao; posto que tambem os estranhos lhe chamáram Illenáre, que em lingua Malavar quer dizer *o Reyno da Ilha*, que he o segundo nome que

teve. E como estes desterrados fallavam a lingua Tanaçarim, que era sua propria, depois que se ajuntáram por casamentos com as mulheres da outra costa, que fallavam Malavar, (que he a mais usada que ha naquella costa do Canará,) misturando-se estas linguas ambas, vieram a formar a que hoje usam, posto que os mais fallam Malavar estreme. Viveo este Rey vinte e cinco annos, e por não ter filhos deixou o Reyno a hum seu irmão, que em sua vida mandou pedir ao pai; porque logo, tanto que assentou vivenda naquella terra, se communicáram, e commerciáram huns c'os outros.

Este irmão, que lhe succedeo, teve muitos filhos, em cujos descendentes andou aquelle Reyno novecentos annos sem sahir da linha. Passados elles, foi ter a poder de hum chamado Dambadine Pandar Pracura Mabago, ou Bao, de quem logo trataremos. Daqui por diante começou esta Ilha a ser famosa no Mundo pela muita, e muito fina canella que seus matos dão.

E como os Chins foram os primeiros, que navegáram pelo Oriente, tendo noticia da canella, acudíram muitos juncos áquella Ilha a carregar della, e dalli a leváram aos portos de Persia, e da Arabia, donde passou á Europa, como adiante melhor diremos. Assim ficou esta Ilha tão continuada

dos

dos juncos Chins, que todos os annos hiam a ella grande cópia delles, de que se deixáram ficar muitos Chins na terra, e se misturáram por casamentos com os naturaes; dantre quem nascêram huns mistiços, que se ficáram chamando Cim Gallás, ajuntando o nome dos naturaes, que eram Gallás, aos dos Chins, cujo proprio nome he Cim, e formáram aquelle, que hoje corruptamente chamamos Chingallás, que vieram por tempos a ser tão famosos, que deram o seu nome a todos os da Ilha.

E assim como procedem dos Chins, que sam os mais falsos Gentios do Oriente, e dos degradados, que foram lançados de suas proprias terras por máos, e crueis; assim sam todos os desta Ilha os mais fracos, falsos, e enganosos que ha em toda a India, porque nunca até hoje em Chingallá se achou fé, nem verdade. E como os Chins ficáram continuando o commercio desta Ilha, e sam máos (como dissemos) foi alli ter huma Armada sua, sendo Rey Dambadine Pandar, que assima nomeámos; e não se receando delles os da terra, o dia que se quizeram embarcar, cativáram o Rey, e saqueáramlhe a Cidade; e levando della muito grossos thesouros, se foram pera a China, e apresentáram o Rey cativo ao seu. Isto sentio elle muito pela traição, que seus vassallos fizeram

ram a hum Rey, que os agazalhava na ſua terra: e logo lhes mandou, que ſob pena de morte o tornaſſem a pôr em ſeu Reyno, pera o que mandou ordenar huma Armada em que o embarcou muito honradamente: e deixallo-hemos por ora até tornar a elle.

Tinha eſte Rey cativo huma filha viuva, que com dous filhos meninos que tinha, quiz ſua ventura que eſcapaſſe aos Chins o dia do ſacco, e com elles ſe foi recolhendo pera eſſe Sertão. Embarcados os Chins, como não ficou filho ao Rey, lançou mão do Reyno hum Gentio chamado Alagexere, a quem o meſmo Rey tinha dado o governo do Reyno. Eſte vendo-ſe naquelle eſtado, fazendo a cubiça de reinar ſeu officio, trabalhou muito por haver a Princeza com os Principes ás mãos pera os matar, e ficar ſeguro no Reyno. Eſta Senhora foi aviſada deſte negocio; e querendo ſegurar os filhos, paſſou-ſe com elles ás partes de Ceita-vaca em trajos mudados, e em tanto ſegredo, que ſe não fiou de peſſoa alguma: alli ſe deixou eſtar ſuſtentando os filhos pobremente. O traidor havendo os moços por mortos, coroou-ſe por Imperador de toda a Ilha; e havendo pouco mais de dous annos que governava, chegou a Armada da China, que trazia o ſeu Rey, e foi tomar o porto de Columbo. O tyranno o foi receber com moſtras mui enga-

ganoſas; e levando-o pera a Cidade aquella noite, o matou, ficando elle Rey, em que viveo dez annos. Deſte tyranno não ficáram filhos, e ficou o governo do Reyno a hum Chagatar, homem ſabio, e moralmente virtuoſo. Eſte a primeira couſa que fez, foi mandar buſcar os Principes, que andavam deſterrados, já ſem mãi; e ſendo trazidos diante delle, os recebeo como Senhores, jurando logo por Imperador o mais velho, que ſe chamava Maha Pracura Mabago, que já ſeria de dezeſeis annos, e o caſou com huma filha do Senhor de Candia ſeu vaſſallo, e parente: e ao outro irmão, que ſe chamava Madune Pracura Mabago, deo ElRey o Eſtado das quatro Corlas. Eſte Maha Pracura mudou ſua Corte pera a Cidade da Cota, que fundou de novo pela meſma maneira; e occaſião que os Reys do Decan tanto depois fundáram a Cidade de Xarbedar, como diſſemos no quarto Capitulo do livro decimo da quarta Decada, do tempo em que os Mouros conquiſtáram o Decan, e ordenou que todos os ſeus herdeiros ſe coroaſſem nella pela engrandecer. Eſte Rey não teve filho macho, mas teve huma filha, que foi caſada com Cholca Raya da geração dos antigos Reys, de que teve hum filho, que o avô jurou por herdeiro do Reyno. No tempo deſte foi ter á Cidade da Cota hum Pani-

nical da outra coſta da caſta daquelles Reys, homem de grande esforço, e conſelho, que ElRey agazalhou, e o caſou com huma mulher principal, de que houve dous filhos, e huma filha: eſtes moços ſe foram creando em companhia do Principe, com quem tambem andava hum primo com irmão deſtes moços, filho de huma irmã de ſua mãi. Eſtes tres moços vieram a creſcer, e a ter tanta poſſe no Reyno, que ſentio ElRey nelles huma alteração de animo, de quem receou que por ſua morte lhe mataſſem o neto. E diſſimulando com iſto, tratou de os dividir, como fez, mandando aos dous irmãos que lhe foſſem ſujeitar o Reyno de Jafanapatão, que lhe eſtava rebellado, dando ao mais velho, que ſe chamava Québa Permal, titulo de Rey daquelle Eſtado com obrigação de vaſſallagem. Eſte homem, que era muito grande Cavalleiro, e do mór corpo, e forças que havia naquelle ſeu tempo, em poucos dias ſe ſenhoreou daquelle Eſtado.

O Imperador Maha Pracura Mabago Pandar ſuccedendo no Eſtado, havendo anno e meio que eſte reinava, faleceo o tio ſenhor das Corlas. ElRey deo aquelle Eſtado ao irmão do Rey de Jafanapatão. Eſte Imperador Javirá caſou com huma Princeza das ſete Corlas, que era do ſangue Real já viuva, de quem houve hum filho, que naſceo

dou-

doudo, e huma filha, de que as suas Chronicas não fallam, porque devia de falecer menina. Este Rey viveo poucos annos; e huma sua irmã chamada Manica Pandar, tomando o sobrinho doudo nos braços, o fez jurar por Rey, e a ella por Tutora, e Governadora do Reyno, que era muito prudente, e varonil. Havendo dous annos que esta Senhora governava o Reyno, vendo que era necessario Rey varão, porque havia já algumas alterações, e o sobrinho era incapaz do Reyno, mandou com muita pressa chamar Quebá Permal Rey de Jafanapatão pera lhe dar o Reyno, por ser o mais valoroso de todos os Principes da Ilha. Isto foi ter ás orelhas do irmão Rey das Corlas, que acudio logo a este negocio, pertendendo o Reyno pera si; mas como o irmão chegou, posto que tiveram muitas differenças, ficou Quebá Permal Rey, e mudando o nome, se chamou dalli por diante Boenegabao Pandar, que quer dizer *Rey por força de braço.* Este casou com huma mulher Fidalga, que lhe ElRey de Candia deo por mulher, dizendo que era sua filha, não o sendo; mas nomeava-a por essa pela crear de menina. Desta houve hum filho chamado Caipura Pandar, que por morte do pai ficou herdando o Reyno. Este não foi coroado mais de quatro vezes, (porque costumavam

aquel-

aquelles Reys coroar-se cada anno huma vez no proprio dia, em que a primeira foram coroados; e por aqui se contam os annos do seu governo pelas vezes que foram coroados.) Assim este sendo já coroado quatro vezes, o matou o Rey das Corlas, e se levantou por força por Imperador, e mudou o nome, chamando-se Javira Pracura Mabagó Pandar. Este tinha já quatro filhos, e não foi coroado mais que tres vezes. Por sua morte succedeo no Imperio o filho mais velho chamado Drama Pracura Magabó, que casou com huma Senhora da casta dos antigos Reys, de quem houve tres filhos.

Neste tempo faleceo hum dos irmãos d'ElRey, a que ficáram quatro filhos, e duas filhas, e a mãi se casou com outro irmão do marido chamado Boenegabo Pandar, que era Senhor de Reigão. Este Rey, depois de ser coroado oito vezes, faleceo, deixando tres filhos meninos, de que o tio lançou mão, e em segredo os matou, ficando-lhe a elle só o direito do Reyno, coroando-se logo por Imperador, creando em sua casa os tres enteados que dissemos, que tambem eram seus sobrinhos filhos de seu irmão, que se chamavam Boenegabo Pandar, que era o mais velho, e o segundo Reigão Pandar, e o terceiro Madune Pandar.

Em tempo deste Rey Boenegabo Pandar foi

foi D. Lourenço de Almeida filho do Viſo-Rey D. Franciſco de Almeida nos annos do Senhor de 1505 ter áquella Ilha, e mandando a terra fazer agua, e lenha, lha quizeram defender; pelo que mandou atirar dos galeões algumas bombardadas, com o que os eſpantou de maneira, que ſe mettêram pelo ſertão por não ſerem aquelles naturaes coſtumados a ouvir aquelle novo eſtrondo pera elles, porque neſte tempo nem huma ſó eſpingarda havia em toda a Ilha; e depois que nós entrámos nella, com o contínuo uſo da guerra que lhe fizemos, ſe fizeram tão déſtros como hoje eſtam, e a fundirem a melhor, e mais formoſa artilheria do Mundo, e a fazerem as mais formoſas eſpingardas, e melhores que as noſſas, de que hoje ha na Ilha de vantagem de vinte mil. Eſta era a razão, por que Scipião era de parecer que ſe não fizeſſe ſempre guerra a huma meſma nação, porque ſe não fizeſſem déſtros, como o nós temos feito aos Chingallás, e Malavares, que pelo continuo uſo o eſtam hoje mais que todas as nações do Oriente, e aſſim nos tem dado mais trabalho ao Eſtado que todas.

E tornando á noſſa ordem, tanto que eſte Rey ſoube da Armada Portugueza que eſtava em ſeu porto, foi o ſeu medo tamanho, que mandou commetter pazes a Dom

Lou-

Lourenço , e a offerecer vaſſallagem , que ſe lhe acceitou com quatrocentos bares de canella , que ſam mil e duzentos quintaes de pareas cada anno. Foram eſtes tres Infantes ſobrinhos , e enteados deſte Rey creſcendo , e fazendo-ſe homens , começando-ſe o tio , e padraſto a pejar tanto com elles , que tratou de os matar , como já fizera a outros tres ſobrinhos primos com irmãos deſtes ; mas não faltou quem aviſaſſe os moços , pelo que fugíram á ira do tio pera o Reyno de Candia. Dalli com o favor daquelle Rey , e de outros Senhores , ſahíram com grandes exercitos , e deram na Cota , matando o tio , e tomando-lhe o Reyno. E como neſtes ainda a inveja , e cubiça não tinha lugar por ſer ainda aquelle negocio em freſco , repartíram entre ſi o Imperio , ficando ao mais velho , que ſe chamava Boenegabágo Pandar , o Reyno de Cota , que era a cabeça ; e ao do meio , que ſe chamava Reigão Pandar , lhe coube o Reyno de Reigão com aquella Cidade , onde primeiro foi cabeça do Imperio. Ao mais moço chamado Madune Pandar lhe ficou a Cidade de Ceitavaca com ſeus termos , jurando-ſe todos tres por Reys daquillo que lhes coube. O da Cota caſou com huma biſneta d'ElRey Javirá Pracura Magabo. Depois que ſuccedeo a repartição deſtes Reynos , foi ter a eſta Ilha o Governa-

dor

dor Lopo Soares nos annos do Senhor de 1517, e fez a fortaleza de Columbo, ficando aquelle Rey da Cota renovado á vassallagem, com obrigação de trezentos bares de canella, e doze anneis de robis, e safiras, e seis alifantes pera o serviço da ribeira de Cochim. Estas pareas se pagáram alguns annos até de todo se perderem, como em seu lugar mais largamente diremos.

CAPITULO VI.

De como o Madume Rey de Ceitavaca tratou de tomar o Reyno ao irmão mais velho com o favor do Çamorim, que pera isso lhe mandou huma grossa Armada: e de como Martim Affonso de Sousa teve aviso della, e a foi buscar, e a destruio de todo, e passou a Ceilão.

FIcáram estes tres irmãos em seus Estados alguns annos; mas o Madune mais moço assim como foi crescendo em idade, assim o foi fazendo em cubiça, desejando summamente de subir á Monarquia daquella Ilha, intentando modos, e ardís pera isso. E o melhor que lhe pareceo foi pertender matar o irmão mais velho, porque com o outro tinha pouco que fazer. Andando com estas imaginações, succedeo irem este Agosto passado huns sete paraos de Malavares a tem-

tempo que Nuno Freire de Andrade Alcaide mór, e Feitor daquelle porto eſtava na Cota com ElRey, tendo em ſua companhia ſete, ou oito Portuguezes, que ElRey tinha muito mimoſos, porque era muito amigo de todos. Os Mouros dos paráos como eram ſoberbos, mandáram pedir a ElRey, que logo lhes mandaſſe todos aquelles Portuguezes. Tomado ElRey diſto, diſſe que ſi; e dando conta do negocio a Nuno Freire de Andrade, lhe diſſe, que elle queria mandar alguns Capitães, a que elles chamam Modeliares, a dar nos Malavares, e caſtigallos por aquelle atrevimento. Nuno Freire lhe pedio de mercê aquella jornada, pelo que tambem lhe tocava a elle: elle lha deo, dando-lhe Sam lupur Arache com ſeiscentos homens. Nuno Freire com eſſes poucos Portuguezes que tinha partio no quarto d'alva, e foi amanhecer ſobre Columbo: tomando os Malavares em terra deſcuidados, e dando nelles, fez huma grande matança, e os que puderam eſcapar, huns ſe lançáram ao mar, e ſe recolhêram aos navios; outros ſe mettêram por eſſe ſertão, e foram parar em Ceitavaca. Os do mar ſe recolhêram a tres dos navios, e ſe foram, ficando os quatro em poder dos noſſos com todo o ſeu recheio. Deſte caſo ſe eſcandalizou tanto o Madune Rey de Ceitavaca contra o irmão,

que

que depois de recolher os Malavares, dando-lhes conta de como determinava de fazer guerra ao irmão Rey da Cota, lhe disseram elles, que mandasse pedir soccorro ao Çamorim, e que como elle lho mandasse, haveria pouco que fazer naquelle negocio, offerecendo-se-lhes elles pera lhe encaminharem seus Embaixadores. O Madune com isto os despedio logo com pessoas principaes, que pera isso escolheo, por quem mandou peças ricas ao Çamorim, e pera os seus Regedores, pedindo-lhe huma boa Armada, pera o que pagaria os gastos muito a seu gosto.

Estes Embaixadores recebeo o Çamorim bem; e persuadido dos Mouros, e vencido do interesse, mandou recolher os navios que andavam fóra, e armar outros com muita pressa, e perfez o número de quarenta e sinco, em que mandou embarcar dous mil homens, e fez Capitão desta Armada a Ali Abrahem Marcá, Mouro grande cossairo, e muito Cavalleiro. Esta Armada chegou a Columbo na entrada de Outubro passado; e como o Madune estava já prestes com grandes exercitos, ajuntando-se os Mouros com elle, abaláram contra a Cidade da Cota, pondo-lhe cerco á roda.

Descripção da Cidade da Cota.

ESta Cidade está situada em meio de huma formosa alagôa, e tem hum só passo estreito por onde se serve, que por ordem de Nuno Freire tinha fortificado com hum baluarte, e tranqueiras, em que se poz a artilheria, que tomáram dos paráos; e por derredor da Cidade ordenáram muitas embarcações pera defenderem os inimigos, se quizessem passar a ella, ou em outras, ou em jangadas. E a primeira cousa que ElRey fez, foi despedir recado mui apressado ao Governador, em que lhe dava conta do risco, e perigo em que ficava, pedindo-lhe o mandasse soccorrer, pois era vassallo d'ElRey de Portugal; e outro pera Martim Affonso de Sousa, que sabia estava em Cochim, em que lhe pedia, pois estava com a Armada á mão, o fosse livrar do poder daquelles inimigos. O Madune continuou o cerco, dando grandissimos assaltos, e commettendo os passos muitas vezes, que lhe foram valorosamente defendidos, sendo os poucos Portuguezes que havia os que se apresentáram a todos os perigos, onde fizeram espantosas cavallerias, sendo todos feridos muitas vezes, a que ElRey logo acudia, e mandava curar como sua propria pessoa, por ter nelles o principal remedio de sua defensão: e assim

se

ſe foi o cerco dilatando por eſpaço de tres mezes, em que houve caſos dignos de memoria.

O Enviado d'ElRey, que hia com o recado ao Governador, chegou a Cochim, onde achou o Capitão mór do mar Martim Affonſo de Souſa, a quem deo as cartas d'ElRey, e de Nuno Freire, preſentando-lhe o aperto em que ElRey ficava. Vendo o Capitão mór que era obrigação forçada ſoccorrer áquelle Rey, e mais eſtando com a mão folgada da grande vitoria de Repelim, negociou-ſe com muita preſſa, e deixando as galés na coſta do Malavar, com as fuſtas ſe fez na volta do Cabo de Çamorim já em Fevereiro. Dalli foi correndo a coſta até os baixos de Manar, (que tambem ſe chamam de Chilao,) e atraveſſou á outra banda; e tomando a coſta de Ceilão na mão, foi demandar Columbo. Os Malavares tanto que a noſſa Armada partio de Cochim, logo foram aviſados, e receando-ſe perderem os navios, deſpedíram-ſe do Madune, e embarcando-ſe nelles, atraveſſáram logo á outra coſta. O Madune alevantou tambem o cerco, e mandou reconciliar-ſe com o irmão, primeiro que a Armada chegaſſe. Quando Martim Affonſo de Souſa chegou a Columbo, havia quaſi dez dias que os Malavares eram partidos, e alli ſoube eſtarem já

os

os irmãos concertados, e amigos; e já que eſtava alli, quiz ver-ſe com ElRey, e partio pera a Cota, onde elle o recebeo mui bem; e Martim Affonſo o animou, e esforçou contra o irmão, dizendo-lhe, que a todo o tempo que lhe foſſe neceſſario, teria o ſoccorro dos Portuguezes mui certo. ElRey eſtimou muito ver aquelle amor, e diligencia com que os Portuguezes acudiam a ſuas couſas, tendo com o Capitão mór grandes palavras, e cumprimentos, dando-lhes peças, e brincos, aſſim a elle, como aos Capitães da ſua companhia. Martim Affonſo de Souſa vendo que não tinha alli mais que fazer, ſe deſpedio d'ElRey, e paſſou-ſe á outra coſta, e em breves dias chegou ao Malavar, onde teve por novas que não eram os paraos ainda recolhidos, pelo que os andou eſperando ao recolher, lançando-lhes ſuas eſpias.

Poucos dias depois de ſua chegada ſuccedeo andarem apartadas duas fuſtas de ſua companhia, de que eram Capitães Franciſco de Mello Pereira, e João de Souſa Rates, irmão de Thomé de Souſa Veador que foi d'ElRey D. João. Eſtes tanto avante como Monte Deli houveram viſta de hum parao de Malavares, e correndo-o, o alcançáram, e tomáram; e dos Mouros delle ſouberam que a Armada de Ali Abrahem Mar-

cá

cá eſtava em Mangalor, e com aquellas novas foram buſcar o Capitão mór, e lhas deram. Tanto que Martim Affonſo de Souſa o ſoube, ajuntou logo ſua Armada, e voltou em buſca do inimigo. Indo com ella hum pouco affaſtado da terra tanto avante como Coulete, houveram viſta da Armada do inimigo, que vinha á vela com o Noroeſte deſpregada, e tomando as armas, fazendo ſua Armada em dous batalhões, os foi demandar. Os inimigos tanto que conhecêram a noſſa Armada Portugueza, voltáram pera a terra com tenção de ſe ſalvarem nella; mas os noſſos navios ligeiros apertando o remo, os atalháram, e ferrando com alguns, os embaraçáram até chegar toda a Armada, que deſparou nos inimigos ſua munição, mettendo-lhes logo alguns no fundo, e deſapparelhando outros, baralhando-ſe todos os mais, travando-ſe huma formoſa batalha, que durou pouco, porque logo todos ſe desbaratáram, rendendo huns, e varando os outros em terra, perdendo-ſe mais de mil e duzentos Mouros, com muito pouca perda da noſſa parte, com que a vitoria ficou ſendo mais formoſa. O Çamorim ficou com a perda deſta Armada mui desbaratado, e quebrantado, e os Mouros de Calecut mui pobres, porque elles foram os armadores dos mais dos navios. Todo o mais reſto do ve-

rão andou Martim Affonſo de Souſa na coſta até ſer tempo de ſe recolher: e por aqui concluimos com as couſas deſte verão, que nos pareceo melhor contar as do Malavar juntas, por nos ficar todo o mais tempo pera as de Cambaya pelas não miſturarmos.

CAPITULO VII.

Das varias opiniões que houve entre os Geografos ſobre qual ſeja a Tapobrana de Ptolomeu: e das razões que damos pera ſer eſta Ilha de Ceilão: e dos nomes que ſua canella tem entre todas as Nações.

PRimeiro que entremos em outras materias, já que eſtamos com as mãos nas couſas de Ceilão, e moſtrámos o principio de ſua povoação, e origem de ſeus Reys, e nomes que os naturaes lhe deram, ſerá razão que digamos tambem os que teve entre os eſtrangeiros, e que moſtremos como he eſta a verdadeira Tapobrana de Ptolomeu, ſobre o que houve tanta confusão entre os Geografos, e as razões por que todos cuidáram ſer eſta a Ilha de Camatra. Plinio fallando da Taprobana diz, que he de ſeis mil eſtadios de comprido, e ſinco mil de largo, e que quaſi era tida por hum novo Mundo, e que em tempo do Imperador Claudio ſe deſcubríra, e que hum Rey daquella Ilha lhe

lhe mandára Embaixadores, e que as náos que a hiam demandar não se região, nem governavam por Estrella, porque não viam os Pólos.

Estrabão fallando da Tapobrana a faz do tamanho que a faz Plinio. Onesicrito Capitão de Alexandre Magno, que navegou esta costa da India, diz que a Tapobrana he de sinco mil estadios, sem dizer se he de largura, se de comprido, e que estava apartada dos póvos Prasis sobre o Ganges, navegação de vinte jornadas; e que entre a India, e ella havia outras muitas Ilhas, mas que esta mais que todas estava pera o Meio dia.

Arriano Author Grego, no Tratado que fez da navegação da India, diz, que quem partir da costa de Comora, e Poduca, iria ter a huma Ilha, que estava ao Ponente chamada Pallesimonda, e dos antigos Tapobrana, que todos tinham por hum novo Mundo, e em seu tempo fora muito conhecida, e que nella se creavam os maiores, e melhores Alifantes de todos os da India.

Erastothenes Author Grego diz, que a Ilha Tapobrana está no mar de Eoo entre o Oriente, e Occidente ao encontro da India por vinte jornadas de navegação da Persia. Ptolomeu nas suas taboas mette a Ilha Tapobrana na costa da India defronte ao Co-

mori Promontorio, que ſitua em treze gráos e meio do Norte. E Plinio lhe chama Colaicum Promontorium, e que antes delle ſe chamava Simonda; mas que no ſeu tempo ſe nomeava por Salica, e ſeus naturaes por Salim, e que tinha de comprido novecentas e trinta milhas, que ſam duzentas e dez leguas das noſſas; e que nella naſcia muito arroz, mel, gengivre, berillo, jacintho, e outras muitas ſortes de pedras, e metaes, que ſó ha na Ilha de Ceilão.

Vamos aos Geografos, que fazem ſer eſta Tapobrana a Ilha de Camatra. Micer Pogio Florentino Secretario do Papa, homem douto, que eſcreveo por mandado do Santo Pontifice a viagem, que Nicoláo de Conti Veneziano fez por terra por toda a India até o Cathayo, diz nella, que fora ter eſte Veneziano a Camatra antigamente Tapobrana.

Maximiliano Transſilvano, varão tambem douto, e Secretario de hum Imperador, em huma carta que eſcreveo ao Cardeal Sauleburgenſe, em que lhe dava conta das primeiras viagens, que os Portuguezes fizeram á India, diz, que foram ter ás praias de Calecut, e dalli a Camatra, que antigamente ſe chamava Tapobrana.

Benedeto Bordone no ſeu Inſulario diz, que a Ilha de Madagaſcar, (que he a de

S.

S. Lourenço,) eſtava ao Ponente de Ceilão mil e trezentas milhas, e ao Sul da Tapobrana mil e oitenta; e outros muitos Geografos, que tem o meſmo, que deixamos por eſcuſar prolixidades.

Só o noſſo grande João de Barros, homem doutiſſimo na Geografia, fallando nas ſuas Decadas na Ilha de Ceilão, diz, que he a Tapobrana de Ptolomeu, como mais largamente provava nas ſuas taboas da Geografia, que depois de ſua morte deſapparecêram, que foi perda muito notavel. E poſto que baſtava eſta ſua authoridade pera prova baſtante de ſer Ceilão Tapobrana, e mettella Ptolomeu do Gange pera dentro na coſta da India, (o que ſe não póde entender de Camatra, que eſtá do Gange tanto pera fóra,) todavia examinaremos os Geografos antigos que nomeamos, e moſtraremos como todos fallam de Ceilão, e não de Camatra.

Plinio diz, que a Tapobrana he de ſeis mil eſtadios de comprido, que ſam duzentas e dez leguas, e que no tempo do Imperador Claudio fora deſcuberta por hum Liberto de Anio Poclanio, que andando ao longo de Arabia em hum navio, fora arrebatado dos Ponentes, e em quinze dias paſſára além da Carmania, e chegára a Tapobrana, e que aquelle Rey o agazalhára mui bem, e elle lhe dera algumas moedas, que

le-

levava das que em Roma corriam, que tinham a imagem do Imperador esculpida; e que ElRey mandára com elle seus Embaixadores a visitar aquelle Imperador.

Por todas estas cousas havemos de provar ser esta a Ilha de Ceilão. Quanto á grandeza da Ilha he a mesma que Ptolomeu lhe dá, porque em suas taboas lança até passar a Equinoccial, dous gráos da banda do Sul; porque parece que em seu tempo teve a mesma grandura; e os naturaes affirmam, e tem por muito averiguado por suas escrituras, que ja esta Ilha fora tamanha, que pegára com as Ilhas de Maldiva, e que por tempos a gastára o mar por aquella parte, cubrindo-a da maneira que se hoje vê; e que as partes mais altas ficáram separadas em muitas Ilhas, como hoje estam lançadas todas em huma corda pelo rumo, a que os mareantes chamam Noroeste, Sueste, em que affirma haver mais de treze mil Ilhas. E já em tempo do mesmo Ptolomeu, que concorreo nos annos do Senhor cento e quarenta e tres, parece que o mar começava a fazer este estrago; porque diz, que derredor da Tapobrana havia mil trezentas setenta e oito Ilhas. E ser levado o Liberto de Anio dos ventos desde Arabia em quinze dias até Tapobrana, mui claramente se vê fallar de Ceilão, que está quinhentas leguas da costa

de

de Arabia, que he o mais que em quinze dias podiam navegar. E esta Ilha está na costa da India além da Carmania; e Camatra está fóra de toda a India, e além do Gange muitas leguas; e só pera ir de Ceilão a Camatra, ha mister outros quinze dias de ventos em pôpa. E sobre todas estas razões, achamos hoje em Ceilão sinaes de edificios Romanos, que parece que já tiveram communicação naquella Ilha. E ainda dizemos mais, que se acháram nella as mesmas moedas, que este Liberto levou, sendo Capitão de Manar em Ceilão João de Mello de Sampaio nos annos do Senhor de setenta e quatro, ou setenta e sinco, abrindo-se huns edificios, que estam da outra banda nas terras que chamam Matota, aonde ainda hoje apparecem muito grandes ruinas a partes de obra Romana de cantaria: e andando huns trabalhadores tirando pedra, deram em o fundo de hum pedaço de alicesse, e revolvendo-o, acháram huma cadêa de ferro de tão estranha feição, que não houve em toda a India official, que se atrevesse a fazer outra como ella. E assim acháram duas moedas de cobre, huma toda gastada, e outra de ouro baixo tambem gastada de huma banda, e da outra se enxergava ainda hum vulto de hum homem dos peitos pera sima, com hum pedaço de letreiro á roda gastado em algumas

par-

partes, mas ainda ſe enxergava claramente no começo eſta letra C, e as continentes gaſtadas, e voltava á roda o letreiro, em que ſe viam eſtoutrás letras R. M. N. ℞. Eſta cadêa, e medalhas foram levadas a João de Mello, que as eſtimou muito, e as levava pera o Reyno pera as dar a ElRey, e perdeo-ſe no mar o anno de noventa, que hia na náo S. Bernardo em companhia de Manoel de Souſa Coutinho, que acabára de ſer Governador da India na náo Bom Jeſus. E couſa he poſſivel que foſſem eſtas moedas das que alli levou o Liberto de Anio, e que nos ſeis mezes que eſteve naquella Ilha daria ordem áquelles edificios ao uſo Romano, e que lançaria nos fundamentos aquellas moedas, (couſa mui ordinaria em toda a Europa.) E conſiderando nós as letras da moeda, e tendo lido muitos letreiros antigos, nos parece que eſta letra C he a primeira do nome de Claudio; e que nas continentes, e que eſtavam já gaſtadas, havia de dizer *Imperator*, porque as outras R. M. N. ℞. claramente ſe vê dizer *Romanorum*.

Outra moeda ſe achou como eſta nas Indias de Caſtella, que deſcubrio Pedro Colon, (ſegundo refere Lucio Marineo Siculo no livro das couſas memoraveis de Heſpanha na vida dos Reys Catholicos,) andando-ſe abrindo outros aliceſſes como eſtes, que

que tinha a imagem de Cefar Augufto. Efta moeda houve D. João Rufo Arcebifpo de Cuenca, e a mandou ao Summo Pontifice, do que Lucio Marineo infirio que os Romanos navegáram já pera aquellas partes.

E tornando á noffa ordem, fe he verdade o que diz Heytor de Laguna, que em tempo do Papa Paulo fora achado hum páo de canella, (que eftava em Roma guardado como coufa precioſa,) o que por hum letreiro que tinha fe via que ficára do tempo do Imperador Arcadio, filho de Theodofio, que fuccedeo no Imperio os annos do Senhor de trezentos noventa e fete, que foi cento e vinte e feis annos depois de Claudio, que imperou nos de duzentos fetenta e hum, bem podia fer foffe levada de prefente por aquelles Embaixadores, que foram com o Liberto.

E deixando Plinio, vamos a Onifecrito. Diz efte, que a Tapobrana era de finco mil eftadios, e que eftava apartada Brafis fobre o Gange por navegação de vinte jornadas; e que entre a India, e elle havia muitas Ilhas, mas que eftava efta mais que todas pera o Meio dia. Quanto ao tamanho conforma com Ptolomeu a fer apartada do Gange por efpaço de vinte jornadas; e a haver antre ella, e a India muitas Ilhas, claramente moftra fallar de Ceilão, porque eftá do Gange

as

as meſmas jornadas, e eſtá ao Sul de toda a coſta da India, e as muitas Ilhas que diz, ſam as de Mamalc, e outras todas, de que Ptolomeu faz menção, e Camatra eſtá ao Levante da India muito affaſtada della.

Ariano Author Grego, em dizer que quem partir da coſta de Comara, e Poduca ao Ponente, iria tomar Tapobrana, bem claro ſe vê fallar de Ceilão; porque Comara, e Poduca mette Ptolomeu nas ſuas taboas em quatorze gráos e meio na contracoſta da India do Promontorio Comori pera dentro, que parece ſer S. Thomé, ou Nagapatão; porque quem partir daquella coſta pera ir buſcar Ceilão, ha de navegar ao Ponente, e pera Camatra ao Levante; e a Ilha de Ceilão ſabido he que cria os maiores, e melhores Alifantes de todos os da India, como o meſmo Ariano diz. E tanto he aſſim, que todos os outros lhe conhecem tanta ſuperioridade, que vendo qualquer delles hum de Ceilão, aſſim lhe vai fugindo como doudo, o que cada dia experimentamos neſta Cidade de Goa, nos que ElRey traz na ſua ribeira de differentes terras.

Eraſtothenes Author Grego diz, que a Tapobrana eſtá no mar de Eoo antre o Oriente, e Occidente, apartada por vinte jornadas de navegação da Perſia ao encontro

da

da India. Eſte ainda falla mais claro de Ceilão, que eſtá em oito gráos do Norte antre Levante, e Ponente; e por muito vento que huma náo leve, não fará mais, partindo da boca do Eſtreito Perſico, que chegar nos vinte dias a Ceilão, que ſam quinhentas leguas: e Camatra não eſtá no mar Eoo, ſenão debaixo da Equinoccial, e por aqui temos provado Ceilão ſer a Tapobrana.

Vamos agora aos Geografos modernos, que a fazem Camatra. Eſtes todos buſcando eſta Ilha Tapobrana debaixo da Equinoccial, onde Ptolomeu a põe, (porque em ſeu tempo, como diſſemos, lançava dous gráos da banda do Sul,) e diſcorrendo por toda a coſta da India até além do Gange, não achando outra ſenão Camatra, ſem outra conſideração a fizeram Tapobrana; como tambem ſem ella lançáram o rio Indo na enceada de Cambaya, que he erro, que adiante com o favor Divino moſtraremos donde naſceo. E aſſim conſiderando Benedeto Bordone aquelle lugar de Plinio, fallando da Tapobrana, onde diz *Septentrion non cernitur* na annotação que ſobre iſſo faz, reprehende Plinio por dizer, que nella ſe não via a Eſtrella do Pólo Arctico; porque diz, que os que vivem na Tapobrana pera a parte do Promontorio Colaicu, vem eſte Pólo alevantado por treze gráos, e que aſſim confor-

forme as alturas , em que os daquella Ilha vivem , aſſim veram ſua elevação ; mas que os que viviam debaixo da Equinoccial nem hum Pólo , nem outro podiam ver , no que ſe encontra , porque faz Camatra a Tapobrana ; e eſta Ilha de Camatra córta a Equinoccial pelo meio , e não lança de huma parte , e da outra pera os Pólos mais de ſinco gráos ; porque os que vivem na ponta de Daya , que he a mais Septentrional , nem vem aquella Eſtrella alevantada mais que por ſinco gráos ; e pela meſma maneira os que vivem na outra pera a banda do Arctico , eſcaſſamente a enxergam ; o que he ao contrario em Ceilão , porque os que vivem na ponta de Jafanapatão vem o Pólo Arctico levantado por oito gráos e meio ; e os que habitam a ponta de Gale (que he a mais Meridional) a vem alevantada por ſinco ; por onde claramente ſe vê ſer eſta a Tapobrana , que naquelle tempo ſe eſtendia até dous gráos do Sul ; e que o Colaicu Promontorio de Plinio , e o Comorim de Ptolomeu chegue ao Cabo Comorim , por ſem dúvida o havemos ; porque naquelle tempo , e muitos annos depois o Reyno de Coulão foi o maior de todo o Malavar , e ſe eſtendia até quaſi os baixos de Chilão ; e como aquelle Cabo Comorim ficava daquelle Reyno , e he hum dos famoſos do Mundo ;

foi

foi nomeado de Plinio por *Colaicum Promontorium*, como dizer, o Promontorio de Coulão, ou do Reyno de Coulão. E chamar-lhe Ptolomeu Cori Promontorio, póde bem ſer ſeja pelo lugar de Titi Cori, que eſtá adiante delle, que naquelle tempo ſería couſa grande, e continuada dos Eſtrangeiros, pelo que lhe daria Ptolomeu áquelle Cabo o ſeu nome. E por eſta razão, e por outras que deixamos, nos parece que tambem eſta Ilha de Ceilão he aquella de Jambolo, de que Diodoro Siculo faz menção no fim do ſegundo livro da breviação de ſua hiſtoria, que Baptiſta Ramnuſio, e outros fazem Camatra. E não nos tem dado pouco trabalho querermos ſaber eſte nome de Tapobrana donde teve principio, e origem, ſobre o que temos dado bem de voltas; porque em toda a Ilha de Ceilão não ha porto, Bahia, Cidade, Villa, Promontorio, fonte, nem rio, que tenha alguma ſemelhança com eſte nome, nem em ſuas Chronicas, nem nas dos Canarás, nem em lingua alguma da India tem ſignificação alguma, nem ſe conhece, por onde nos parece que he nome Grego impoſto por Ptolomeu, que quererá ſignificar alguma grandeza, ou propriedade daquella Ilha; porque tambem o nome de Ceilão foi impoſto daquelles baixos, em que os Chins ſe perdêram junto daquella Ilha,

que

que ficáram tão famosos de então pera cá, que já se não conhecia a Ilha por seu nome proprio, senão pelos dos baixos; porque como os Persas, e Arabios navegavam pera aquella Ilha, e hiam temorosos dos baixos, sempre os traziam na imaginação, dizendo que hiam pera Cinlaó, ou que vinham de Cinlaó, que quer dizer que hiam, ou vinham dos baixos dos Chins; e assim mudando-se por tempos as letras, se ficou chamando aquella Ilha Ceilão.

E porque cada vez que se nos offerecer, pertendemos mostrar a grande corrupção, que o tempo tem feito em todos os nomes proprios de Cidades, Reynos, rios, montes, simples, drogas, e mais cousas destas partes, queremos logo começar por aqui, já que estamos nesta Ilha, e dizermos todos os nomes de sua canella, assim os que lhe deram os Gregos, Latinos, Parseos, e Arabios, como os que tem entre todas as nações do Oriente, e mostraremos a corrupção que o tempo nelle fez, do que nasceo haver entre todos os Medicos grande confusão.

A canella nesta Ilha, onde nasce a melhor de todo o Oriente, se chama Corundo Potra, que quer dizer *Arvore de casca*. Os Malavares, aonde se cria a mais ruim, e mais grossa, lhe chamam Caroa Potu, que

he

he o meſmo que arvore de caſca; porque a caſca, a que os Chingallás chamam Corundo, dizem os Malavares Caróa; os Arabios lhe chamam Carfa. Eſte nome anda corrupto antre os noſſos Medicos, porque huns lhe chamam Quirfe, outros Quirfa. Os Parſeos a nomeam por Darcin, que quer dizer *Páo da China*; porque como os Chins foram os primeiros, que leváram ao Eſtreito da Perſia as drogas, roupas, e louçainhas do Oriente, e dalli por mãos dos Perſas paſſou tudo á Europa, com os nomes que lhes elles deram, por onde eſtas couſas eram conhecidas, e não pelos ſeus proprios, que em ſuas terras tinham. Sarapio interpreta eſte Darcin, e diz que quer dizer *Arvore da China*; porque cuidou havellas naquella Provincia, por ſe achar a canella em mãos dos Chins, como diſſemos. Da meſma maneira ſe enganou Ariano em dizer, que a Caſia, e Zinguir, que eram certas ſortes de canella, que naſciam em alguns lugares da Troglodita, e que dalli as levavam os mercadores á Grecia.

No meſmo erro cahio Plinio, que diz, que o Cinamomo naſcia na Ethiopia vizinha a Troglodita, e que aquella parte, por que corria a Equinoccial, era chamada dos Authores antigos *Cinamomi fera*, que quer dizer *Terra, que produz o Cinamomo*; o

que

que havia de naſcer de eſta canella lhe ir ter ás mãos por via do Mar Roxo pela dos mercadores Arabios, que viviam naquella parte da Troglodita, e não perguntando na Grecia onde naſcia eſta droga, havia que ſe dava na terra dos Arabios, que lha levavam; como tambem alguns Eſcritores antigos, porque viam ir a canella por via de Alepo, lhe chamáram Cinamomo Alipitino: e por eſta confusão não ſabemos hoje que ſortes de eſpeciarias, e cheiros ſam, duaca, mocroto, magla, e aſiplij, de que Ariano faz menção, que diz naſcerem em Arabia, e em Ethiopia; nem o nicato, gabalio, e tarro, que Plinio nomea por cheiros de Arabia, onde nunca ſoubemos mais, que incenſo, eſtoraque, e myrrha, que poſſivel he ſejam eſtas de Plinio; nem em todas as Ethiopias houve nunca outra droga ſenão gengivre, e eſte bem ruim, e ſó no Reyno de Damute.

E tornando aos nomes da canella, os Malayos lhe chamam Caio manis, que em ſua lingua quer dizer *Páo doce*, que hé o caiſman, ou caeſmanis dos Gregos; porque parece que tambem foi ter a elles com eſte nome Malayo, e lho corrompêram, chamando-lhe tambem os Gregos Caſia lignea, nome, que em nenhuma Nação deſtas do Oriente achámos, inquirindo nós bem por todos

os

os Medicos. E lançando nosso juizo, nos parece que ha de dizer Cais lignea, que he o mesmo que páo de cais; porque antigamente antes do Reyno de Ormuz se passar pera a Ilha Gerum, onde hoje está, era cabeça, e emporio de todo aquelle Estreito a Ilha de Cais, que está adiante de Ormuz pelo Estreito dentro. E como naquelle tempo continuavam os mercadores da Europa naquella Ilha, como hoje fazem na de Ormuz, levando a canella que os Chins lhe traziam, parece que em Grecia diziam, que a levavam da Ilha de Cais, e que por isso lhe chamariam Cais lignea. Isto tudo dizemos debaixo da correição dos Doutores da Medicina, por tocarmos em cousa de sua profissão; porque nossa tenção não foi mais que mostrar a corrupção, que o tempo fez nos nomes da canella.

CAPITULO VIII.

Do que passou Diogo de Mesquita na Corte de Cambaya: e de como Soltão Badur foi a Dio, e tratou de tomar aquella fortaleza por engano: e do espantoso caso que aqui aconteceo a Manoel de Sousa Capitão da fortaleza.

NO fim da quarta Decada, capitulo nono, livro decimo démos conta de como o Governador Nuno da Cunha se par-

tio pera Dio, por ser avisado que Soltão Badur andava com ruim animo contra aquella fortaleza, e como despedíra Diogo de Mesquita pera ir á Corte de Cambaya visitar aquelle Rey, pera dissimuladamente lançar o olho ás cousas, e ver se podia alcançar sua determinação. Agora continuaremos com elle, e com as cousas de Cambaya, que guardámos pera este tempo.

Partido Diogo de Mesquita, em breves dias foi em Cambaya, e chegou á Corte, onde ElRey o recebeo bem, por ser muito seu amigo. Elle o visitou da parte do Governador, dizendo-lhe como ficava em Baçaim fazendo alguns negocios pera dalli passar a Dio; e que a primeira cousa que fizera fora despedillo pera o ir visitar, e saber de sua saude, pela obrigação que tinha de o fazer assim a hum Rey tão grande amigo dos Portuguezes, e de quem elle era tamanho servidor. O Badur mostrou folgar muito de o ver, e da lembrança do Governador, tendo com elle palavras muito honradas. Diogo de Mesquita deixou-se ficar alguns dias na Corte; e como tinha muitos amigos, e sabia muito bem a lingua, em práticas que teve assim com ElRey, como com seus privados, entendeo seu máo coração, e o pejo que tinha com aquella fortaleza, que era tamanho, que o alcançou Diogo de Mesquita

ta claramente em palavras. E ainda ſe affirma, que Xacoez (que da jornada que fez por Embaixador a Goa duas vezes, ficou muito affeiçoado aos Portuguezes) lhe deſcubrio o odio com que ElRey andava, e que nenhuma couſa tratava em ſeu animo, ſenão de como poderia tornar a tomar aquella fortaleza.

Depois de ter alcançado tudo o que pertendia, querendo-ſe partir, o deteve ElRey, porque o quiz levar comſigo até Dio, pera onde logo partio afforrado, e entrou naquella Ilha, e ſe apoſentou nos ſeus Paços. Manoel de Souſa Capitão da Fortaleza, ſabendo que era chegado, o foi logo viſitar, porque poſto que eſtava já aviſado da inclinação com que hia, era-lhe neceſſario diſſimular pela neceſſidade em que eſtava. ElRey o recebeo bem, e depois de paſſarem as palavras de viſitação, ſe deſpedio delle, e ſe tornou pera a fortaleza. O Badur como eſperava cada dia polo Governador, querendo ver ſe podia primeiro que elle chegaſſe tomar a fortaleza, poz em parecer dos ſeus Capitães o modo que ſe niſſo teria; e todos aſſentáram, que viſſem ſe havia algum deſcuido na fortaleza, e que dando-lhe o tempo alguma occaſião, a não perdeſſem, e que trabalhaſſem pola entrar. Mas o Capitão Manoel de Souſa andava tão recatado, e com

tanta vigilancia, que em todo aquelle tempo não deixou ir Portuguez algum á Cidade, dando a entender, que o fazia por evitar desavenças antre elles, e os d'ElRey, mandando sómente os servidores, que carretavam a agua, e lenha, a que dava pressa por lhe não faltarem estas cousas, se succedesse alguma novidade.

Vendo o Badur o grande resguardo que havia na fortaleza, e que o tempo lhe não dava lugar pera esperar tanto, mandou chamar os Capitáes, e lhes disse, que estivessem prestes, porque ao outro dia havia de mandar chamar o Capitão Portuguez, e o havia de matar, e logo havia de commetter a fortaleza; e mandou fazer prestes as cousas necessarias pera isso. Manoel de Sousa estava bem descuidado de tamanha traição, de que elle se não podia livrar se Deos não acudíra. E sendo o quarto da madorra rendido, chegou huma pessoa muito encuberta, e da ponte chamou pelos da vigia, que logo acudíram, e lhes disse, que chamassem o Capitão á varanda de seus aposentos, porque era cousa que lhe importava muito. Assomando o Capitão a ella, lhe disse esta pessoa: » Não estejas, Capitão, descuidado, vi» gia-te muito bem, e sabe que pela manhã » serás chamado d'ElRey pera te matar: dis» simula, e faze-te mal disposto, porque te

» re-

» relava aſſim. E porque te não pareça que
» te digo iſto por te liſonjear, ou por que-
» rer de ti alguma couſa, não ſaberás quem
» ſou, porque me não moveo a iſto ſenão
» hum não ſei que, que te não ſei declarar.
» E pera certeza de ſer iſto que te digo ver-
» dade, em amanhecendo terás logo recado
» d'ElRey, e fica-te embora.» E voltando
as coſtas, ſe foi de longo da praia, ſem nin-
guem ſaber delle mais. Não deixou o Ca-
pitão de ſuſpeitar que eſte era Medinarrão
Capitão, e Governador da Cidade, porque
já o tinha aviſado da tenção, e odio do Ba-
dur, porque ſempre foi muito ſeu affeiçoa-
do, e corriam em muita amizade. Mas quan-
to a nós não foi ſenão Xacoez, que ſem-
pre foi muito amigo dos Portuguezes; e el-
le tambem foi o que aviſou o Governador,
que o Badur o queria matar, como logo di-
remos.

Manoel de Souſa paſſou toda aquella noi-
te em diſcurſos ſobre aquelle negocio, hu-
mas vezes lhe parecia que poderia ſer men-
tira, outras tambem que poderia ſer verda-
de, vendo-ſe na mór confusão, que ſe po-
dia imaginar, porque aquelle negocio não
conſiſtia nem em prudencias, nem em cau-
tellas de Capitão; porque ſe o Badur o man-
daſſe chamar, e não foiſſe, ſería declarar-ſe,
e dar-lhe a entender que fora aviſado, pe-
ra

ra o que eſtava deſapercebido ſem lenha, agua, nem mantimentos, de que ſe provía da Cidade, que ſe lhe logo havia de tolher, e não havia outro remedio mais que entregar-ſe, porque contra fome, e ſede não havia forças, nem armas que baſtaſſem. Por outra parte via, que ſe foſſe a ſeu chamado, o havia de matar. Sobre eſtas conſiderações ſe determinou em ir ſe o chamaſſem, porque antes queria arriſcar a vida, que a honra; porque depois delle morto, tomando-ſe, ou entregando-ſe a fortaleza, não ſería affronta ſua, ſenão do Alcaide mór, a quem havia de ficar entregue.

Com eſta reſolução eſperou á manhã, em que chegou o recado do Badur, que o mandava chamar, mandando-lhe dizer, que tinha algumas couſas que tratar com elle. Manoel de Souſa muito ſeguro, e ſem alteração alguma, vendo que o aviſo começava a ter moſtras da verdade, reſpondeo, que logo iria. E encommendado-ſe a Deos em ſeu coração, pedindo-lhe que o guiaſſe, e encaminhaſſe naquelle negocio, ſupitamente lhe veio huma nova conſideração (parece que inſpirado delle) e foi eſta: Que ſendo coſtumado cada vez que hia a ElRey, ſer por terra, e a cavallo, com ſeſſenta eſpingardeiros de ſua guarda, com pifaro, tambor, e outras inſignias de Capitão, agora determi-

minou de ir por mar com hum ſó pagem; porque na ſegurança com que ſe apreſentaſſe ao Badur, lhe déſſe a entender, que eſtava innocente de ſuas malicias, e que poderia ſer, que vendo ſua confiança, mudaria a vontade, ou lha moveria Deos, a quem deixou todo aquelle negocio. E entregando a fortaleza ao Alcaide mór, lhe diſſe, que por nenhum caſo ſe moveſſe a nada, poſto que ouviſſe dizer que o matáram; e que trabalhaſſe por defender a fortaleza até chegar o Governador, que não podia tardar muito. E embarcando-ſe muito ſeguro, e com moſtras de alegria, foi deſembarcar á porta d'ElRey, e ſubio por ſuas eſcadas aſſima ſó com hum pagem, e entrou na camara d'ElRey acompanhado já de muitos que o eſperavam, e fez ſuas cortezias com tanta confiança, que paſmou ElRey; e vendo a ſegurança com que hia a ſeu chamado, ſupitamente lhe tirou Deos do coração a tenção com que eſtava, e o agazalhou muito bem, com o roſto rizonho, dizendo-lhe, que o mandára chamar pera ſaber delle ſe o Governador ſería cedo naquella Ilha, porque já deſejava de o ver pera o agazalhar, e feſtejar. Manoel de Souſa lhe reſpondeo, que ficava em Baçaim fazendo alguns negocios, e que lhe parecia que não tardaria muitos dias. E praticando em outras couſas bem differentes

de

de ſuas tenções, o deſpedio gracioſamente. Manoel de Souſa ſe tornou pera a fortaleza, dando muitas graças a Deos por elle ſer o Author daquellas couſas, e o livrar das mãos daquelle barbaro.

Se Valerio Maximo, Tito Livio, e todos os mais Eſcritores louvam, e engrandecem aquelles Decios Romanos, que ſe lançáram em meio das hoſtes dos inimigos por ſalvarem ſua patria, que menos fama merece eſte valoroſo Capitão? ou que menos fez que elles? Porque ſe ſe lançáram em meio dos inimigos, eſte tambem ſe entregou a hum o mais cruel, e tyranno, que ſe ſabia no Mundo, ſalvando com iſſo a vida de muitos, e a fortaleza de ſeu Rey. E não faltou a eſte (e a outros muitos Portuguezes pera avantajarem em tudo aos Romanos) mais que outro Tito Livio, que lhe engrandecêra ſeus feitos; poſto que ſam elles taes, que nem por meu fraco eſtilo, nem pelos deſcuidos que ha neſta noſſa Nação de procurarem gloria, e fama por eſcritura, deixáram os famoſos de conſeguilla, porque bem ſe ſabe que nenhuma virtude merece tantos louvores, como a fortaleza.

CA-

CAPITULO IX.

De como o Governador Nuno da Cunha partio pera Dio, e no caminho encontrou com Diogo de Mesquita: e de como ElRey Soltão Badur foi visitar o Governador ao galeão, e de outras cousas.

ESteve o Governador Nuno da Cunha todo o mez de Janeiro em Baçaim esperando por Diogo de Mesquita pera delle saber a certeza do que o Badur determinava; e vendo que hia tardando, deo á véla pera Dio, levando comsigo Antonio da Silveira seu cunhado Capitão de Baçaim; e atravessando o Golfo, encontrou Diogo de Mesquita, que ElRey despedio da Cidade de Goga, de quem soube o máo animo com que ElRey Soltão Badur andava, e que já ficava na Ilha de Dio, e que sem dúvida trabalharia todo o possivel por tornar a haver aquella fortaleza ás mãos por todo o engano, e traição que pudesse. O Governador sentio muito aquillo pelo desapercebimento com que a fortaleza estava, principalmente de agua, por não ter ainda cisterna. E bem entendeo que Deos o levava lá para evitar algum damno. E apressando-se o mais que pode, foi haver vista da terra a Madrefaval sinco leguas de Dio, donde despedio hum

ca-

catur ligeiro a Manoel de Sousa, pera que se fosse ver com elle, e elle se deixou ir de longo da terra até anoitecer, que surgio huma legua de Dio. Aqui foi ter com elle Manoel de Sousa Capitão da fortaleza, e recolhidos na sua camara lhe deo conta de todas as cousas, que lhe tinham succedido com o Badur, assim como já as temos contado. Bem entendeo o Governador que se lhe offereciam trabalhos, e que lhe era necessario declarar-se com o Badur, porque todas as dissimulações, que naquelle negocio tivesse, lhe poderiam ser muito perigosas. E depois de passarem a mór parte da noite em práticas sobre esta materia, despedio o Governador ao Capitão Manoel de Sousa, que se tornou pera a fortaleza. Ao outro dia tanto que ventou a viração, deo a Armada á véla com vento prospero, e galerno, e foi-se de longo da terra pera demandar o porto. Andava neste tempo o Badur da outra banda da terra firme á caça das gazellas, e tanto que vio a Armada, foi-se chegando á praia, e de longo della foi vendo a formosura daquella frota, que foi a mais formosa que nunca víra, que era mais de quatrocentas vélas de toda sorte, isto he, sinco juncos grandes de Malaca carregados de mantimentos, oito náos do Reyno, quatorze galeões, duas galeaças, doze galés reaes, dezeseis

esseis galeotas, e as mais eram fustas, caturres, bargantins, que passavam de duzentas e vinte e tantas vélas. Hiam mais a fóra estas náos, zambucos, e cotias de taverneiros da gente da terra, que faziam huma muito grande povoação. E á vista della foi sempre até surgir na bahia de fóra, junto ao baluarte do mar, e por ser já tarde se recolheo ElRey a seus Paços.

Aquella noite chamou todos os seus Grandes a conselho, e com elles tratou o modo de como poderia matar o Governador, pera lhe ficar mais facil o poder tomar a fortaleza; e antre todos se assentou, que corresse com elle com grandes cumprimentos, e dissimulações, fingindo-se-lhe grande amigo, e que o mandasse convidar pera lhe dar hum banquete em terra, em huma quinta que tinha na Ilha ao longo de hum formoso tanque, e que alli o matariam a elle, e a todos os que com elle fossem. Com esta resolução se recolhêram. Ao outro dia tanto que amanheceo (que era vespera de entrudo) chegou a bordo do galeão do Governador hum navio com hum criado d'ElRey, que o mandava visitar com hum presente. (O Governador dizem, que aquella noite fora avisado da parte de Xacoez, que em nenhum caso fosse a terra, se ElRey o mandasse convidar.) Pelo que tanto que soube estar alli

re-

recado d'ElRey, lançou-se em cama fingindo-se doente. O criado do Badur foi levado ao Governador, que estava acompanhado de muitos Fidalgos, e Capitães, e elle lhe deo os parabens de sua vinda da parte d'ElRey, dizendo-lhe, que estava mui alvoroçado pera o ver pela grande obrigação que lhe tinha, que ao outro dia que era do entrudo, que sabia que os Portuguezes festejavam, o havia por convidado com todos os seus Capitães pera lhe dar hum banquete em huma quinta sua, e que entre tanto partia com elle da caça, que aquelle dia fizera da outra banda, (que logo foi trazida á tolda,) que era huma quantidade de gazellas mortas com suas pélles, mas todas com alguma parte menos, pé, perna, ou cabeça, e outra somma de gallinhas todas com as cabeças cortadas. O Governador muito seguro respondeo á visita, dando-lhe os agradecimentos daquella mercê; e que quanto a ser seu hospede ao outro dia, não podia ser, de que ficava muito pezaroso, porque estava em cama de humas febres, e posto em dieta, que tanto que melhorasse, lhe iria beijar as mãos, e acceitar aquellas mercês, e honras, e com isto despedio o criado.

O Governador alevantou-se da cama, e sahio á tolda a ver o presente das gazellas, e gallinhas, e considerando em todas as partes

tes

tes que lhes faltavam, bem entendeo o animo d'ElRey, porque todos os Mouros sam mui dados a parabolas, e figuras: assim elle desejava despedaçar os Portuguezes da maneira que as gazellas, e gallinhas hiam, e parece que as partes que lhes faltavam, as tinha mandado sacrificar ao diabo, pera que elle o favorecesse naquillo; ou tambem lhas tiraria pera fazer seus feitiços, porque era grande feiticeiro, e dado a agouros. João Rodrigues Fysico mór da India, que estava presente, notando aquellas partes cortadas, disse ao Governador, que tudo aquillo hia empeçonhentado; pelo que mandou logo metter tudo em hum navio, pera que se fosse lançar no mar largo com a vasante da maré. ElRey soube do seu criado como achára o Governador em cama, e que por causa de sua enfermidade deixára de acceitar o seu convite; e determinou pera maior dissimulação illo visitar ao galeão, pera com isso o obrigar a lho acceitar, quando pera elle o convidasse.

E a outro dia, que foi quarta feira de Cinza, mandou recado a Manoel de Sousa, que sobre a tarde se fosse pera elle pera o acompanhar, porque queria ir visitar o Governador. Manoel de Sousa o mandou logo avisar, o que o poz em confusão; porque por huma parte via que lhe era necessario

pren-

prender, ou matar ElRey, pois o elle pertendia fazer a elle; e por outra parte, que sería cousa muito fóra de toda a lealdade Portugueza matar homem, inda que inimigo, que com côr de amizade, e confiado nella hia seguramente metter-se em seu poder. E cuidando no que faria, assentou de o mandar prender tanto que sahisse do galeão, e mettello na fortaleza. E preparando-se pera o receber, mandou negociar o galeão, e armar muito ricamente cubrindo-se a tolda toda, camara, e varanda de pannos de ouro, e de alcatifas ricas, e deo recado a todos os Capitães, e Fidalgos da Armada, que áquelle tempo se fossem pera elle o mais custosamente vestidos que pudessem, e que toda a Armada se embandeirasse, e preparasse a artilheria pera salvar ElRey, mandando, e encommendando, que se lhe fizessem todas as mostras de alegria que pudessem.

O Badur tanto que Manoel de Sousa se foi pera elle, que sería a horas de vespera, logo se embarcou com elle no seu navio, que levou muito ricamente toldado, e alcatifado, levando comsigo treze Capitães dos seus principaes, de que não achámos os nomes, mais que a sinco: Langarcan, homem mancebo, de nação Guzarate, Senhor de grande Estado: Aminacem, tambem Guzarate, e homem de muito preço, e grande

Es-

Eſtado: Coge Çofar, Italiano arrenegado, a quem ElRey ſe moſtrava affeiçoado por amor de hum ſeu filho, moço de muitas partes, e lhe tinha dado a Villa de Surrate com todas ſuas rendas, e mando abſoluto: Caraſen, e Aſetcan genro de Coge Çofar, a que chamavam o Tygre do Mundo, por ſer hum Janizaro muito grande de corpo, homem muito esforçado, que foi o que não quiz ſahir ao deſafio a Manoel de Macedo, como na quarta Decada, Capitulo oitavo, Livro oitavo diſſemos. Hiam mais com ElRey dous pagens ſeus mimoſos, hum com hum arco, e coldre muito rico, outro com hum terçado de ouro, e com hum cofo; hia veſtido em trajos do monte, de panno de Portugal verde fino, porque faziam terrenhos frios, na cabeça touca de muitas voltas negra, e hum punhal de ouro mettido em hum rico camarabando, com que hia cingido. E como hia com ruim tenção, (que era matar o Governador, ſe viſſe tempo pera iſſo,) deixou negociados alguns navios com gente, e recado a ſeus Capitães pera que eſtiveſſem a ponto, e que vendo deſpedir huma frécha pera o ar, acudiſſem com muita preſſa, porque era ſinal de guerra.

Partido ElRey do cais, foi demandar a Armada, e ao entrar por antre ella, começáram a ſalvallo com toda a artilheria, e depois

pois com muitos inſtrumentos de charamelſlas, trombetas, folías, e outras muitas moſtras de alegria. Os navios de remo, que eram muitos, abríram-ſe pelo meio pera elle paſſar, fazendo-lhe todos ſuas fainas, e o foram acompanhando até o galeão. Hia ElRey praticando com Manoel de Souſa mui rizonho, e alegre, e chegando ao galeão, ſubio por elle aſſima mui deſembaraçadamente, indo ſempre pegado com elle Manoel de Souſa, e João de Sant-Iago, lingua, que já era mais Mouro que elle. Subido ElRey no galeão, foi pondo os olhos por todo elle, que eſtava cheio de todos aquelles Fidalgos, e Capitães, poſtos em fileiras pelos bordos, e entrando na tolda, achou outros ſetenta dos mais velhos, mui bem concertados, e ricamente veſtidos, e com armas ſecretas por baixo. Dalli foi levado á camara, onde entrou com hum pagem, e com tres dos ſeus Capitães, Langarcan, Aminacem, e o Tygre do Mundo. O Governador eſtava deitado em huma camilha muito rica, armado por baixo, e com huma eſpada por dentro de longo de ſi. Tinha comſigo Antonio da Silveira, Gonçalo Vaz Coutinho, Antonio de Sá o Rume, João Juzarte Tição, e Dom Manoel de Lima.

Tanto que ElRey entrou dentro, elle ſe ſuſpendeo na cama, fingindo-ſe muito fraco.

co. ElRey ſe aſſentou em huma rica cadeira de brocado, que para elle eſtava poſta ſobre ricas alcatifas; e depois de aſſentado, poz os olhos no Governador, e eſteve hum pequeno eſpaço, em que pola ventura paſſaria pela memoria o erro, que tinha feito em ſe metter em poder de homens, a que elle queria tamanho mal. Paſſado aquelle pequeno termo, lhe mandou perguntar por João de Sant-Iago como eſtava, dizendo-lhe, que lhe pezava muito de ſua enfermidade. O Governador lhe reſpondeo, que agora que via S. A. eſperava de ſarar cedo, que eſtava fraco, mas que já ſe hia achando melhor das febres. ElRey tinha os olhos na porta da varanda, que eſtava amparada com hum panno de ouro, porque ſuſpeitava, que eſtava dentro gente eſcondida; e dizem, que pelo Parſeo diſſera a João de Sant-Iago, que diſſimuladamente foſſe ver o que eſtava dentro. Mas hum pagem do Governador, (que eſtava na camara avanando-o, que neſta era de noventa e ſeis ainda vive, e ſe chama Vicente Paes) nos diſſe, que o meſmo Rey, como homem deſejoſo de ver tudo o do galeão, ſe alevantára, e entrára na varanda, e que não vendo gente ficára algum tanto deſalivado, mas não pouco arrependido do que tinha feito; e deſpedindo-ſe do Governador, ſe foi embarcar.

O Governador mandou metter na mão a Manoel de Sousa hum escrito, em que lhe mandava, que tanto que ElRey se sahisse do galeão o prendesse, e levasse á fortaleza. ElRey como hia apressado, lançou-se em hum dos seus navios, e foi-se logo affastando. Manoel de Sousa deteve-se com o escrito, e quando chegou a bordo já ElRey se affastava, pelo que se embarcou no seu navio, e com elle Diogo de Mesquita, Pedralves de Almeida, Antonio Correa, e alguns da obrigação destes homens, e foi seguindo ElRey. O Governador tanto que se elle sahio do galeão, logo se levantou, e disse áquelles Fidalgos, que estavam na tolda, que se embarcassem muito depressa, e fossem favorecer Manoel de Sousa em hum negocio a que hia; o que elles fizeram, lançando-se aos navios que pudéram alcançar.

Nesta visitação d'ElRey achamos alguma differença nos que escrevêram estas cousas, do que geralmente se conta antre os Mouros, e Gentios antigos de Dio, e ao que em suas cantigas cantão; porque todo este successo puzeram em verso, e o cantão o dia de hoje por todo o Reyno de Cambaya. Dizem alguns dos nossos, que ElRey entrára no galeão, e que o Governador o fora receber a bordo, no que se encontram com a dissimulação que teve de se fazer enfer-

fermo, por não ir ao banquete. E dizem mais, que o Badur, depois de entrar na camara do Governador com o deſatino que tinha feito naquella viſitação, e o Governador com o ter diante de ſi, vendo que lhe era neceſſario prendello, ou matallo, que com eſtas conſiderações ficáram ambos como mudos, com os olhos hum no outro mais de meia hora, ſem haver antre elles cópia de palavras; e que o Badur ſe levantára, e ſe fora ſem dizer couſa alguma. Tudo iſto he contra a obrigação de hum Rey tão poderoſo, e de hum Capitão tão valoroſo como Nuno da Cunha, que tanto trabalhavam por ſe fingirem hum ao outro, o que não podia ſer ſem haver palavras, como na verdade houve, da maneira que temos dito.

CAPITULO X.

Da deſaſtrada morte de Manoel de Souſa, Capitão de Dio: e de como os noſſos matáram ElRey, e da variedade que houve ſobre o modo de ſua morte: e da vida de João de Sant-Iago, e da cruel morte que aqui recebeo.

EMbarcado Manoel de Souſa no navio, como diſſemos, foi ſeguindo ElRey, que ſe hia hum pouco alongando, havendo que eſcapára de huma, e boa, em que ſe

mettêra ſem conſideração; mas não ſe houve ainda de todo por ſeguro até chegar a terra, pera onde mandou remar com muita preſſa, levando Manoel de Souſa a meſma por chegar a elle. João de Sant-Iago vendo a que levavam aquelles navios apôs El-Rey, lhe diſſe, que lhe não parecia aquillo bem. ElRey embaraçado com o negocio, tomou o arco, e deſpedio huma frécha pera o ar, (que era o ſinal que tinha dado a ſeus Capitães pera que lhe acudiſſem) mandando aos marinheiros, que remaſſem muito rijo, promettendo-lhes grandes mercês. Manoel de Souſa chegando perto do navio d'ElRey, chamou por João de Sant-Iago, dizendo-lhe, que diſſeſſe a ElRey que ſe detiveſſe; porque lhe queria dar hum recado do Governador, que importava muito. João de Sant-Iago bem entendeo que aquillo não era pera bem, e aſſim o diſſe a ElRey, que ſe levantou em pé, e mandou remar depreſſa. O navio de Manoel de Souſa como era muito ligeiro alcançou o d'ElRey, e lhe poz a prôa, com o que ſe embaraçáram os remos, ficando os navios abordados. Manoel de Souſa ſaltou logo dentro, e com elle os companheiros, e chegando a ElRey liou-ſe com elle pera o prender. Os ſeus, tanto que aquillo víram, remettêram com Manoel de Souſa pera o matarem, dando-lhe algumas

cu-

cutiladas, que lhe não fizeram damno por ir armado ſecretamente. ElRey, que era homem forçoſo, tambem ſe liou com Manoel de Souſa tão rijamente, que o teve ſuſpendido. Diogo de Meſquita, que eſtava mais perto delle, deo huma cutilada a ElRey por ſima da touca, que lhe cortou todas as voltas, e o ferio na cabeça, ficando a couſa baralhada antre todos ás cutiladas; os noſſos quatro (que não achámos mais, ao menos de nome) com os quatorze d'ElRey, fazendo todos maravilhas nas armas. ElRey, e o Capitão andavam liados, bracejando, e lutando, e de volta em volta ſe foram encoſtando ſobre a percha do navio, e por ſima della foram ambos ao mar. E como ElRey era leve, e hia deſarmado, deſapegouſe logo; mas Manoel de Souſa com o pezo das armas ſe foi ao fundo ſem nunca mais apparecer. E aqui acabou hum Fidalgo de grande valor, e esforço, e dos mais primoroſos penſamentos daquelles tempos. Era filho de Gonçalo de Souſa, o Lavrador de alcunha, era primo com-irmão do primeiro Conde da Caſtanheira, filhos de dous irmãos, convem a ſaber, Gonçalo de Souſa, e Dona Violante de Tavora. ElRey como ſe vio livre, não ſe quiz recolher á fuſta, porque houve por melhor partido nadar pera a terra, que foi demandar, trabalhando

tu-

tudo o que podia por chegar a ella ; mas quiz ſua ventura, que começaſſe a deſcabeçar a maré pera baixo , que o foi levando pera o mar, já tão cançado, que ſe houve por perdido. E porque áquelle tempo chegava perto delle hum navio, de que era Capitão Triſtão de Paiva , houve por menos mal entregar-ſe, que morrer affogado, e aſſim lhe capeou , e bradou , nomeando-ſe *Badur*, *Badur*. Triſtão de Paiva em ouvindo appellidar, acudio pera o ſalvar , dizendo-lhe, que não temeſſe, porque nenhum mal receberia. ElRey já muito cançado ferrou dos remos de prôa, onde eſtava hum homem de baixa ſorte, e alguns dizem, que alabardeiro do Governador , que vendo chegar aquelle Mouro , ſem ſaber quem era , embebeo huma chuça ferrugenta, e lhe deo duas chuçadas, de que o matou, ſem lhe poder valer Triſtão de Paiva, que hia ſaltando os bancos da fuſta pera o ſalvar.

Os noſſos, que ficáram na fuſta pelejando com os d'ElRey, recebêram todos muito grandes feridas, porque tinham muito aſperos , e duros inimigos , tendo já delles mortos ſete, ſendo-o já Pedralves de Abreu de muitas, e grandes feridas. Os navios que hiam em favor de Manoel de Souſa apertáram o remo pera chegarem; mas o pagem do Soltão Badur, que eſtava na prôa do ſeu

com

com o arco, deſpedio nelles tantas fréchas, que ferindo-lhes muitos marinheiros, os fez deter por algumas vezes, até que chegou hum navio, huns dizem que de Gonçalo Vaz Coutinho, outros que de hum catureiro, que ſe chamava o Pantafaſul, que lhe poz a prôa, e ſaltando dentro, acabou-ſe de averiguar aquelle negocio com morte de todos os Mouros. Caracen, Coge Çofar, e João de Sant-Iago ſómente, que ſe tinham lançados ao mar apôs ElRey, hiam buſcando ſua ventura. Os noſſos ficáram todos ataſſalhados, ſalvo Antonio Correa, que levou mais de vinte feridas, e algumas pelas pernas, de que depois viveo aleijado muitos annos. Caracen, Coce Çofar, e João de Sant-Iago indo nadando apôs ElRey, deo-lhes tambem a vaſante, que os foi levando pera fóra, ſómente Caracen ferrou a terra já tão cançado, que não podia comſigo. Coge Çofar foi dar com hum navio, em que hiam Antonio de Soto Maior, e Diogo de Reynoſo ſeu irmão; e indo já tal que não podia remar, o foi demandar, pedindo que o recolheſſem. Antonio de Soto-Maior, e ſeu irmão acudíram pera o ſalvar das mãos dos ſoldados, que fizeram muito pelo matar, e com grande trabalho o recolhêram com algumas cutiladas grandes pela cabeça, apiadando-ſe de ſua miſeria, e deſaventura; porque os animos

mos grandes, e valorosos até da de seus inimigos se compadecem. Na mesma conjunção chegáram alguns navios, que hiam em favor d'ElRey, e os tres delles succedeo chegarem aquella hora de Mangalor cheios de muita, e lustrosa gente; e como os nossos navios andavam já todos baralhados, ferrando nos dos inimigos, em breve espaço os axoráram a todos, custando esta trisca a vida de oito dos nossos, e muito sangue a mais de quarenta, ficando este negocio de todo concluido já Sol posto. Em todo aquelle tempo estiveram do galeão do Governador vendo a revolta, sem saber o que era passado, do que elle estava bem enfadado.

João de Sant-Iago, com quem ainda não temos continuado, foi-o a maré lançando pera fóra, sem poder ferrar terra, senão ao pé do baluarte, que está sobre o caes, que se chama hoje de S. Martinho; e como era já escuro, bradou aos de sima, que o mandassem tomar, nomeando-se (porque era mui conhecido de todos, e havido por muito máo homem.) Os da vigia tanto que o ouvíram, sabendo ser elle, ajuntarám-se todos, e lançáram sobre elle tantas pedras, páos, e outras cousas que ach«ram á mão, que o matáram, sem se elle poder affastar de fraco, e cansado; e assim onde cuidou que achasse o remedio da vida, achou, e padeceo o

mais

mais cruel genero de morte, que podia ser. A vida deste homem foi monstruosa, e muito pera notar nella a variedade, e inconstancia da fortuna. Era natural de Africa, em moço foi cativo dos Portuguezes em huma cavalgada: em Lisboa o fizeram Christão, e foi vendido a hum calafate, que lhe ensinou o seu officio, que aprendeo mui bem, em que o servio alguns annos, ajudando a sustentar o amo. Era de tão agudo, e subtil engenho, que pasmavam todos. Embarcou-se algumas vezes com seu senhor pera a India, que foi por calafate daquellas primeiras náos, que a ella passáram, ou naquelles primeiros annos; e falecendo em Goa o amo, o deixou forro, tendo elle já adquirido alguma substancia, e vendo-se livre ajuntou tudo o que pode, e passou-se ao Reyno do Canará a comprar pedraria pera tornar a vender ás náos, (porque naquelle tempo com pouco enriquecia hum homem depressa.) Alli se deixou andar, e em breves dias aprendeo a lingua Canará; e como era homem de engenho, soube-se entremetter de maneira, que pela grande prudencia que nelle entendeo ElRey (algumas vezes que com elle praticou) o recolheo a si, e o teve em seu serviço, em que o satisfez tanto, assim por sua habilidade, como pela veneração com que adorava seus idolos, quando hia com

elle

elle a ſeus pagodes, que o veio a governar todo abſolutamente, do que os Grandes do Reyno andavam mui affrontados. E fazendo a inveja ſeu officio, lá lhe ordíram couſas, que não ſó o fizeram deſcahir da graça, mas julgallo á morte, ſendo levado do maior, e mais alto lugar do Reyno pera o mais vil, infame, e baixo delle, que era a forca, donde foi livre pelos meſmos que o chegáram áquelle eſtado, que o pedíram de mercê a ElRey; e ordenou-o Deos aſſim, porque não tinha ainda alli ſeu termo limitado. Vendo-ſe eſte homem livre, e que eſcapára de huma morte tão infame, não parou alli mais, e voltou pera Goa mui apreſſado, donde ſe paſſou a Ormuz, e ſe poz no ſerviço daquelle Rey, e nelle o agradou tanto, que o fez dos principaes diante delle, dando-lhe rendas, dinheiro, e caſa. E como era homem mui cubiçoſo, e vio a poſſe que no Reyno tinha, aſſim tyrannizou os eſtrangeiros mercadores, que por amor delle deixavam já de vir áquella Cidade; o que ſabido por ElRey o quizera mandar matar, ſe o Capitão daquella fortaleza, que era Diogo de Mello, lho não pedíra por ſer Chriſtão, tendo elle todo o tempo que ſervio áquelle Rey dado moſtras de hum fino Mouro, viſitando as meſquitas, e fazendo todas as ceremonias Mahometicas.

Li-

Livre deste perigo, tornou-se pera Goa, aonde residio, até que o Governador Nuno da Cunha mandou o Secretario Simão Ferreira jurar as pazes com Soltão Badur, quando deo Baçaim, que o levou por lingua, por ser tão perito em todas as do Oriente, como se se creára em cada huma dellas. Neste negocio de Simão Ferreira, as vezes que tratou com o Badur, o achou tão experto, e de tanta viveza, que o pedio a Simão Ferreira que lho deixasse, como deixou, quando se tornou pera Goa, ficando tão mimoso, e valído d'ElRey, que lhe veio a dar perto de vinte mil cruzados de renda cada anno em aldeias; pelo que teve grande casa, e riqueza, sendo elle hum dos que governavam, o que lhe durou tão pouco como se vio, porque em menos de tres annos veio acabar de huma morte tão miseravel. Era homem muito pequeno de corpo, e com sinaes de mal de S. Lazaro, que o faziam nojento.

E tornando á nossa historia. Alguns Escritores contão esta morte d'ElRey, e de Manoel de Sousa por differente maneira; porque dizem que Manoel de Sousa indo apôs ElRey chegando á sua fusta, dera huma na outra tamanha pancada, que cahíra da percha ao mar, indo em sima della em pé, e que em cahindo lhe acudíra ElRey, e o re-

recolhêra na fusta, onde o Tygre do Mundo lhe dera huma estocada pelos peitos de que o matára, no que se encontram bem claro com o que passou; porque como João de Sant-Iago tinha avisado ElRey, que lhe parecia mal a pressa com que Manoel de Sousa hia apôs elle, parece que se não havia de deter pera o tomar, antes havia de folgar com aquelle estorvo pera lhe ficar mais tempo de se salvar. E quanto á morte de Manoel de Sousa ser de estocada, não houve tal, porque hia armado, e as espadas dos Mouros sam largas, e sem ponta, e não lhe podiam passar as armas; e se tal fora, seu corpo ficára na fusta, e alli se achára, mas elle desappareceo no mar, porque o pezo das armas quando cahio o levou logo ao fundo. E assim o contavam os Mouros daquelle tempo a quem o nós ouvimos.

CAPITULO XI.

De como foi trazido Coge Çofar ao Governador Nuno da Cunha: e da liberdade que lhe deo: e de como se levantou por Rey em Cambaya hum cunhado do Rey dos Magores: e da embaixada que mandou ao Governador.

CONcluido o negocio, ou de huma maneira, ou da outra, recolhêram-se os nossos ao galeão do Governador, que em ex-

extremo ſentio a morte de Manoel de Souſa, e tambem a d'ElRey, porque deſejava de o haver ás mãos vivo, porque montára muito ao Eſtado da India, e mandou com muita preſſa buſcar eſtes corpos, que ſe não acháram, e o de Manoel de Souſa não era de eſpantar, porque o pezo das armas o havia de levar ao fundo; mas Soltão Badur ſem ellas não appareceo mais, nem no mar, nem na terra, onde he natural irem ter os corpos mortos pelos o mar lançar de ſi. E como ElRey era grande feiticeiro, e Mágico (pelos muitos annos que antes de ſer Rey tinha andado pelo Mundo em trajos de Jogue fugido ao pai,) tem os Guzarates pera ſi ainda hoje, que não podia morrer, e que eſtá vivo, e que anda em figura de peixe naquelle rio, que ainda por tempos ha de tornar a reinar, qual outro Artur em Inglaterra em figura de corvo. Antonio de Soto-Maior, e Diogo de Reynoſo entregáram ao Governador Coge Çofar, que elle recebeo humanamente, mandando-o levar á fortaleza, e encarregallo ao Alcaide mór, pera que o curaſſe com grande reſguardo, e o meſmo a Pedralves de Almada, Diogo de Meſquita, e Antonio Correa.

Ao outro dia pela manhã foi o Governador aviſado, que a gente da Cidade amedrontada com a morte d'ElRey ſe paſſava

á

á outra banda; e querendo prover nisso, mandou levar Coge Çofar diante de si, e lhe disse, que cumpria a serviço d'ElRey de Portugal ir quietar aquella gente, porque determinava de favorecer a todos, e sustentallos em paz, e justiça, e que por aquelle serviço promettia de lhe fazer honras, e mercês, e de lhe dar liberdade. E que entre tanto mandasse levar á fortaleza seu filho, que se chamava Marran, aonde estaria honradamente em refens, até ver como elle naquelle negocio servia ElRey de Portugal, e que então lhes daria liberdade a ambos. Coge Çofar se lhe lançou aos pés, agradecendo-lhe a mercê que lhe fazia, promettendo-lhe de o servir muito bem naquelle negocio, e em todos; e logo mandou levar seu filho á fortaleza, que se entregou ao Alcaide mór, que lhe deo casas pera elle, e para alguns criados que levou. E elle se foi á Cidade, levando seguro geral, que lhe o Governador passou, pera todos os moradores della viverem na liberdade em que estavam, e que se lhes não faria aggravo algum, senão muitos favores. Isto he o que achamos por mais averiguado, que aquillo que alguns escrevem, que o Governador soltára Coge Çofar, tomando-lhe a menagem de se não sahir da Cidade sem sua licença; porque parece que se não havia o Governador de fiar tanto daquel-

le

le homem , que cuidaſſe que lhe havia de guardar palavra , porque bem ſabia a pouca fé de todos os Mouros ; mas tomou-lhe os refens que diſſemos, pera que com mais vigilancia , e cuidado trataſſe de ter mão na gente da Cidade , porque ſe não deſpovoaſſe de todo , e pera outras muitas couſas de que tinha neceſſidade pera a fortificação da fortaleza , e de huma ciſterna que determinou logo fazer , que pertendia de haver por ordem , e induſtria de Coge Çofar , que com o intereſſe da liberdade do filho ſe havia de diſvelar no ſerviço d'ElRey de Portugal.

Partido Coge Çofar pera a Cidade , como tinha muita poſſe , e antre todos os naturaes grande authoridade , e era naturalmente ſagaz , e prudente , tal ordem teve naquelle negocio , que não ſó quietou a todos os que achou ainda na Cidade , mas fez tornar a ella , os que já eram paſſados á outra banda , tornando a ficar a Cidade em ſua antiga proſperidade. O Governador deſembarcou aquelle dia á tarde , e ſe agazalhou na fortaleza , mandando Antonio da Silveira , Fernão de Souſa de Tavora , e o Secretario , com cada hum levar ſua companhia de ſoldados , pera ſe metterem nos Paſſos d'ElRey , como fizeram , ſem haver contradicção alguma , e puzeram em arrecadação tudo o que ſe achou de ouro , prata , pedra-

draria, arreios, cavallos, cousas de recamara do Badur, cuja quantidade não achamos em lembrança; mas devia de ser cousa pouca, porque ElRey tinha mandado todos os seus thesouros pera Meca; e antre elles foi o que tinha tomado a Madre Maluco, que mandou á serra, onde tinha suas mulheres, e as dos seus Capitães polos ter a elles mais seguros, e não se lançarem ao Magor, e mandou-os por seu sobrinho o Mirão, que por ser homem de valor faria aquelle negocio bem. O thesouro que Soltão Badur tomou a Madre Maluco, eram cento e vinte cofres, que cada hum tinha trezentos mil pagodes de ouro, e duzentos e quarenta cheios de moedas de prata, de que quasi não fazia caso. Hia mais hum cofre, que pezava quatro quintaes, que nenhuma outra cousa levava mais que perolas, e aljofar. Hia outro cofre, que levava mil adagas de ouro, e de pedraria; e affirmáram-nos por cousa muito certa ser este o somenos thesouro dos que tinham os antigos Reys de Cambaya, que os tinham tão soterrados, e encubertos, que só a pessoa do Rey, e o Regedor do Reyno sabiam delle.

Deste barbaro soube huma cousa, que mostra bem claro quão grandes eram os thesouros que tinha. Depois de se ver desbaratado do Magor, e estar em Dio fortale-

leza inexpugnavel, não ſe havendo nella por ſeguro por quão ſenhoreado, e apoderado eſtava o medo do ſeu coração, mandou hum recado ao Grão Turco, em que lhe pedia pera ſegurança de ſua peſſoa dous mil Rumes, que queria trazer a ſoldo em ſua companhia. E para que o Turco lhe concedeſſe o que lhe pedia com facilidade, hia o recado acompanhado de hum muito rico preſente, pedindo-lhe muitos perdões de lhe mandar aquella pouquidade, ſendo o preſente tal, que a valia delle pudéra fazer rico a qualquer Rey a que ſe dera; porque era huma cabaia de fio de ouro de martélo, lavrada toda de perolas de muito preço, e os botões que a abotoavam eram todos de diamantes engaſtados em ouro, muito juntos, e de grande valia, tamanhos como grandes tremoços. Mandava-lhe mais huma cinta de ouro, e pedraria muito rica, com hum terçado, e adaga do meſmo feitio, e riqueza, pera não deſdizer da obra da cabaia. Mandava-lhe mais huma coroa ſerrada, como coroa de Imperador, de ouro, e muito rica pedraria; e diziam alguns mercadores que a víram, que ſó ella valia mais de dous contos de ouro; e a cabaia era de muito mór preço, pela muita quantidade de perolas que levava, de muito preço, de que a ſomenos della valia quinhentos pardáos de

ouro ; e a mór parte do que ElRey trazia pera seu serviço se passou aquella noite pera a outra banda com suas mulheres. Nos armazens acháram huma grande cópia de artilheria, e armas de todas as sortes, polvora, pelouros, e muitos materiaes pera ella; e na ribeira muita madeira, e navios de toda a sorte, e tantos mantimentos, assim na Ilha, como na Villa do Rumes, que depois de se encherem os armazens da fortaleza, e se prover toda a Armada muito bastantemente, se vendeo huma grande cópia por se não haver mister.

Feitas estas cousas, entendeo o Governador no governo da Cidade, pondo nella os Officiaes á vontade do povo; e proveo os officios da Alfandega, Juiz, Feitor, e Thesoureiro a Antonio da Veiga, e na de Gogalá poz Francisco Pacheco com seus Escrivães, e Contadores, mandando que usassem nellas do costume antigo, não querendo innovar cousa alguma, por não escandalizar o povo; o que tudo fez com conselho, e parecer de Coge Çofar, que por se mostrar agradecido ás honras, e mercês do Governador, o servia em tudo mui promptamente, do que elle estava tão satisfeito, que lhe deo o governo da Cidade, porque Medinarrão já se tinha ido della, mostrando Çofar sua prudencia na quietação, e sose-

cego, com que viviam todos os moradores, correndo ſempre em grande amizade com Antonio de Soto-Maior, e Diogo de Reynoſo, que o livráram da morte, pelo que lhes ficou tão affeiçoado, que em quanto viveo os nomeou por filhos, provendo-os ſempre de dinheiro, e peças muito abaſtadamente. E chegou a tanto eſta obrigação, que commetteo a Antonio de Soto-Maior pera caſar com ſua filha, que viuvára do Tygre do Mundo, que depois caſou com hum Eſclavonez arrenegado, que tambem veio em companhia do meſmo Coge Çofar, chamado Zinguircan, por outro nome Caracen, que he o que ſe ſalvou da fuſta d'ElRey a nado. Eſte veio depois a ter tanta authoridade no Reyno de Cambaya, que lhe deo Soltão Mahamud o titulo de Caracen, que he como Condeſtabre do Reyno.

Era eſte homem muito grave, honrado, mui grande amigo de Portuguezes, a quem nós o anno de ſeſſenta e tres, que fomos á Cidade de Baroche, communicámos, eſtando elle alli por Capitão, e liamos Arioſto, Petrarcha, Dante, Petro Bembo, e outros Poetas Italianos, a que elle era muito affeiçoado, e goſtava muito de o nós entendermos. Eſte nos contou algumas vezes muito particularmente da jornada de Rax Soleimão, em que ſe elle achou; e deſta do Governa-

dor, e morte do Soltão Badur, eſtando nós ainda bem fóra de imaginar que a haviamos de eſcrever, porque então não tratavamos livros, ſenão a eſpingarda.

E tornando á noſſa ordem. Eſtava na quinta do Melique hum Principe chamado Mir Mahamede Zaman, cunhado d'ElRey dos Magores, irmão de ſua mulher, que, como diſſemos, ſempre andou eſperando alguma occaſião pera ver ſe podia metter pé em algum daquelles Reynos, tecendo antre aquelles dous barbaros os odios paſſados, cuidando que delles lhe reſultaſſe o que pertendia, que era ver, ſe desbaratado algum delles, lhe ficava a fortuna, abrindo caminho pera ſer Rey, o que então não houve effeito. E vendo agora que com a morte de Soltão Badur lhe offerecia o tempo tamanha occaſião pera ſer Rey daquelle Reyno, por não ficarem filhos ao Rey morto, ajuntando dous mil Magores, que comſigo trazia, metteo-ſe na Cidade de Novanager duas leguas de Dio, e começou-ſe a appellidar Rey do Guzarate. E vendo que pera ſeguramente ſe poder ſuſtentar naquelle Eſtado lhe era neceſſario favor do Governador da India, deſpedio logo hum dos principaes de ſua companhia, chamado Coge Aſizamo, por Embaixador ao Governador, com apontamentos das couſas, que havia de tratar com el-

elle. Este homem chegou á Villa dos Rumes com grande acompanhamento, onde o Governador o mandou buscar pelas fustas da Armada muito embandeiradas, e o recebeo em sala acompanhado de todos os Capitães. O Embaixador, depois de passadas as palavras formaes, propoz sua embaixada na fórma seguinte:

» Que ElRey Mahamede Zaman seu Se-
» nhor lhe fazia a saber, que ao tempo da
» morte de Soltão Badur se achára no Rey-
» no de Cambaya, e que por não haver her-
» deiro a que por direito aquelle Reyno vies-
» se, vendo que lhe cabia a elle melhor, que
» a nenhum outro Capitão delle, se appel-
» lidára por Rey, e que folgava de estar tão
» perto delle pera tratar sobre suas cousas,
» e fazer novos contratos de pazes, e ami-
» zades. Que lhe pedia, que pois não havia
» Principe, que herdasse aquelle Reyno, que
» lhe parecesse bem que o fosse elle, por fi-
» lho d'ElRey dos Coraçones, e do antigo
» sangue do Grão Tamorlão; e que lhe dés-
» se toda ajuda, e favor, que lhe fosse pe-
» ra isso necessario, porque tambem elle es-
» tava prestes pera conceder todos os parti-
» dos, que fossem justos, e honestos. » O Governador muito graciosamente lhe respondeo, que lhe parecia muito justo o que determinava, porque por todas as vias o Rey-

no

no lhe eſtava mui bem : que elle eſtava preſtes pera o favorecer em tudo como pedia. E que quanto aos apontamentos, e contratos das pazes, elle Embaixador com os Officiaes d'ElRey de Portugal os determinaſſem, entregando-o logo ao Secretario, Veador da Fazenda, e Ouvidor Geral, que o agazalháram em caſas na fortaleza, que pera iſſo ſe deſpejáram, onde ſe lhe deo todo o neceſſario em abaſtança.

CAPITULO XII.

Que contém os contratos, que o Governador Nuno da Cunha fez com Mir Mahemede Zaman: e de como o Secretario os foi ver jurar por elle: e de como por morte de Manoel de Souſa deixou a Antonio da Silveira por Capitão da fortaleza de Dio: e de hum homem, que trouxeram ao Governador, de trezentos trinta e ſinco annos: e de outras couſas.

AO outro dia ajuntando-ſe os Officiaes d'ElRey com o Embaixador pera aſſentarem os contratos das pazes, dando-ſe huns aos outros ſeus apontamentos, que ſe examináram de parte a parte, e por fim ſe vieram a concluir pela maneira ſeguinte:

» Que tanto que elle Mir Mahamede Za-
» man foſſe pacificamente Rey de Cambaya,
» da-

» daria a ElRey de Portugal pera todo sem-
» pre o porto, e Cidade de Mangalor, com
» todos os direitos, rendas, e jurdição, com
» dous coces e meio (que he huma legua, e
» hum quarto) de huma, e da outra banda,
» com todos os portos, e lugares do mar;
» com outros dous coces e meio pera o ser-
» tão, com todas as Aldeias, Villas, e Lu-
» gares, que naquella distancia houvesse, as-
» sim, e da maneira que Soltão Badur o pos-
» suia.

» Que outro si lhe daria a Cidade de Da-
» mão com todas as suas Tanadarias, e al-
» deias que tivesse até ás terras de Baçaim,
» assim como dantes eram do Estado de Cam-
» baya.

» Que todos os navios de guerra, e náos,
» que foram de Soltão Badur, com todas as
» fazendas, que nellas viessem de fóra to-
» mar os portos de Cambaya, sería obriga-
» do a mandar entregar em Dio.

» Que em nenhum de seus portos pode-
» ria elle Mir Mahemede Zaman mandar fa-
» zer, nem consentir fazerem-se navios de
» guerra; e que sómente poderiam fazer náos
» de carga pera mercadores.

» Que os cavallos que fossem ter a Dio,
» pagassem os direitos a ElRey de Portugal,
» assim como se pagavam em Goa.»

Estes sam os apontamentos, que o Em-
bai-

baixador concedeo. Os que lhe concedêram a elle, ſam os ſeguintes:

» Que as moedas todas, que correſſem nas » Cidades, que foram do Reyno de Cam- » baya, que foſſe da jurdição d'ElRey de » Portugal, e na Ilha de Dio, foſſem cunha- » das com os cunhos, e marca delle Mir Ma- » hamede Zaman.

» Que nas ſuas meſquitas, e alcorões de » todas as ditas Cidades, e lugares foſſe el- » le Mir Mahamede Zaman acclamado por » Rey do Guzarate, como o era Soltão Ba- » dur.

» Que os contratos, que eſtavam feitos an- » tre elle Governador, e Soltão Badur, ſo- » bre as náos, e cavallos irem áquella Ilha » de Dio, ficaſſem correndo, e nelles ſe não » innovaſſe couſa alguma: ſómente que as » armas, que vieſſem nas náos, lhas não to- » maſſem por virem pera aquelle Reyno.

» Que toda a gente de guerra de Soltão » Badur, que eſtiveſſe em qualquer porto de » Cambaya, que ſe quizeſſe ir pera elle Mir » Mahamede, o pudeſſe fazer livremente, » ſem ninguem lho impedir: » com outros apontamentos, que não ſam eſſenciaes.

Concluidos eſtes Capitulos, ſe paſſáram dous inſtrumentos em Parſeo, e Portuguez, hum pera darem ao Embaixador, e outro pera ficar no Eſtado. E logo o Governador,

pre-

presente o Embaixador, e Antonio da Silveira, Vasco Pires de Sampaio, Ruy Dias Pereira, Gaspar de Sousa, Garcia de Sá, e outros Fidalgos, e Capitães, jurou nos Santos Evangelhos de os cumprir, e guardar em nome d'ElRey de Portugal seu Senhor, muito inteiramente, e de lhe serem guardados por todos os Governadores da India. Deste juramento se fizeram outros dous autos em Parseo, e Portuguez pera se darem ao Embaixador, em que o Governador se assignou, com todos os que presentes estavam. Acabado isto, fez o Embaixador logo alli o mesmo juramento, que lhe foi dado no seu moçafo pelo lingua, obrigando-se a fazer com ElRey a jurar os mesmos contratos, presentes as pessoas que o Governador a isso mandasse. O que tudo se fez com a maior solemnidade que podia ser, desparando-se toda a artilheria, assim da Armada, como da fortaleza, em final de festa, e alegria. Estas pazes, e contratos se apregoáram logo pela Cidade ao som de muitas charamelas, e trombetas.

O Governador mandou logo fazer prestes o Secretario pera ir em companhia do Embaixador á Cidade de Novanager a ver jurar os contratos ao Mir Mahamede; e ao outro dia o despedio, indo o Embaixador muito satisfeito das honras, e mercês que lhe

lhe o Governador fez, levando o Secretario por lingua Marcos Fernandes, e perto de vinte pessoas de cavallo pera seu acompanhamento, levando peças, e brincos curiosos pera dar ao novo Rey. O Mir Mahamede Zaman teve aviso da sua ida, e o foi esperar á quinta do Melique, mandando-o buscar ao caminho pelas pessoas principaes de sua casa, por quem foi levado ao novo Rey, que o recebeo muito bem. E depois de saber da saude do Governador, o mandou agazalhar, e banquetear mui bem. Ao outro dia jurou as pazes publicamente em seu moçafo nas mãos de Cadiçahat, justiça da Cidade de Dio, que o Governador pera isso mandou, o que se fez com grandes solemnidades, e festas ao seu modo, mandando-as logo apregoar por todo o exercito, e na Cidade de Novanager. Disto tudo se passáram instrumentos em lingua Persa, assinados por Mir Mahamede, e pelo Cadi, lingua, e mais pessoas principaes.

Acabado este negocio, em que se gastáram sinco dias, despedio-se o Secretario d'El-Rey, que lhe deo muitas peças, assim pera o Governador, como pera elle, e o mandou acompanhar até á Villa dos Rumes. Dalli se passou á outra banda, e deo conta ao Governador do que ficava feito, o que elle estimou muito; porque se aquelle homem

se

ſe ſoubeſſe conſervar naquelle Reyno, ficava o Eſtado da India muito proſpero, e poderoſo em terras, e rendas. O Governador foi dando preſſa ás couſas de Dio, porque ſe hia gaſtando o verão, mandando reformar a fortaleza, e prover os paſſos da Ilha, pera que não pudeſſem entrar nella, deixando no rio muitos navios, dando regimentos ás Alfandegas.

E porque a Capitanía daquella fortaleza vagára por morte de Manoel de Souſa, a deo a Antonio da Silveira ſeu cunhado, que era irmão do Conde de Sortelha Dom Luiz da Silveira, Guarda mór d'ElRey Dom João, a quem deo oitocentos homens pera com elle ficarem, ordenando-lhe Capitães pera lhes darem mezas, deixando-lhe dinheiro pera pagas, e muitos mantimentos, e munições. Na Villa dos Rumes poz João de Mendoça com ſincoenta ſoldados. Eſta Villa ſeu proprio nome he Gogalá; mas depois que a Armada de Mirocen, que o Viſo-Rey D. Franciſco de Almeida desbaratou naquelle porto, foi ter áquella Ilha, porque a gente della, que era a mór parte Rumes, ſe agazalhou da outra banda, ſe ficou chamando do ſeu nome a Villa dos Rumes: e porque não he razão que paſſemos por huma monſtruoſidade de natureza, a contaremos brevemente.

An-

Andando o Governador já pera ſe embarcar, lhe trouxeram da outra banda hum homem, que ſe affirmava ſer de trezentos trinta e ſinco annos, que era de meã eſtatura, as pernas muito arcadas, bem aſſombrado, de caſta Bengalá, Gentio de nação, mas ſeguia a ſeita de Mafamede: tinha naquella idade huma ſimplicidade eſpantoſa, e com ella dava razão de muitas antiguidades, e alcançou ainda aquelle Reyno em poder de Gentios, pela conta que dava dos Reys Mouros, que todos nomeava com os annos que cada hum reinou. Tinha dous filhos, hum de noventa annos, e outro de doze; e teria outros muitos que lhe morreriam. Affirmava, que ſinco vezes mudára os dentes velhos, e lhe naſcêram novos; e que outras tantas lhe encanecêra a barba, e ſe lhe tornára a fazer preta. Eſta renovação da natureza não lemos em eſcritura alguma, que ella fizeſſe em algum outro homem; porque Adão, que viveo novecentos e trinta annos, e ſeu filho Seth novecentos e doze; Cão novecentos e dez; Noé, e outros Patriarcas ſetecentos, ſeiscentos, mais, e menos, como temos na Eſcritura Divina, não achamos que viveſſem ſenão via ordinaria da natureza, ſem aquella renovação, e reformação.

O Governador folgou muito de ver aquelle homem, e lhe perguntou por muitas

cou-

cousas, de que lhe elle deo razão; e antre ellas lhe disse, que todos os Reys antigos que alcançára lhe davam cada mez hum cruzado e meio de tença: que lhe pedia, que pois aquella Ilha viera a seu poder, onde elle tinha quebrada a pobre comedía, lhe fizesse mercè de lha conceder, porque sua idade já não era pera buscar o necessario pera a vida. O Governador lho outorgou de muito boa vontade, mandando-lhe assentar aquelle cruzado e meio por mez por ordinaria no Regimento daquella fortaleza, com o que o velho ficou muito contente; porque naquelle tempo pela barateza das cousas, montava aquelle cruzado e meio mais de oito de hoje; porque o arroz valia a medida a dous bazarucos e meio, e a tres quando caro: o arratel de vaca a quatro: o pão de quatro bazarucos era muito maior que o de dez de hoje; e assim todas as mais cousas. Viveo este homem até o anno de quarenta e sete, porque ainda em tempo do Governador D. João de Castro, depois do cerco de Dio, de seu tempo o víram naquella Ilha, e não soubemos de sua morte, nem pudémos achar pessoas que nos dissessem della. O Governador Nuno da Cunha despachou as cousas de Dio com muita pressa, e em Março se embarcou, e foi tomar Baçaim, aonde deixou Garcia de Sá por Capitão, que o

aca-

acabára de ſer de Malaca por vir della muito pobre. E provendo Baçaim, e Chaul de munições, e mantimentos, deo á véla pera Goa, aonde depois que chegou deſpedio os provimentos ordinarios pera Malaca, e Maluco: e com iſto ſe cerrou o inverno.

CAPITULO XIII.

Que dá conta de quem era o Mir Mahamede Zaman, que ſe appellidava Rey de Cambaya, e de quem ſam os Usbeques: e de como ſe fizeram ſenhores do Eſtado de Camarcant: e dos nomes que eſta Provincia teve.

QUando tratámos da origem, e principio dos Magores, démos larga conta daquelle grande Chinguiſcan, que conquiſtou as Provincias Sogdiana, Bactriana, Parthea, Perſia, e outras, que repartio com ſeus filhos, dando a de Camarcant a hum chamado Chacatá, e parte da Provincia Turcheſtan a outro chamado Usbeque, com quem continuaremos. Eſte Principe teve alguns filhos, com quem por ſua morte repartio ſeus Eſtados; e os ſucceſſores pelo tempo em diante os dividíram ainda mais, partindo com filhos, e netos; e de hum ſó Reyno que era, conſtituíram muitos, como o de Hircan, Badaxan, Taxcan, Condux, e outros, prezando-

do-ſe todos os deſcendentes até hoje deſte appellido Usbeque. Eſtes Eſtados conquiſtou depois o Grão Tamorlão, e por ſua morte os herdeiros dos Reys, a quem os tomou, lançáram mão do que cada hum lhe pertencia, ficando tudo o mais que poſſuia repartido com dous filhos, e hum neto, por eſta maneira. O Imperio de Camarcant com tudo o que ha dentro dos famoſos rios Oxo, e Jazartes, ficou a ſeu filho mais velho, chamado Mir Mirúxa. A Provincia Coraçone ao filho ſegundo chamado Miraxaroc, que ſeu irmão mais velho depois prendeo, e o ſoltou, dando-lhe o meſmo Eſtado. O Reyno de Balc, e Bochará ficou a ſeu neto, filho de Janguir ſeu filho mais velho chamado Pirmahomad, como muito bem o declara Ruy Gonçalves de Clavijo no ſeu Itinerario. Agora continuemos com eſtes tres ſucceſſores do Tamorlão.

Na Provincia Coraçone ſuccedeo hum filho de Mirunxá, por cuja morte em defeito de filhos, ſuccedeo naquelle Eſtado Badur Paxá, por parente mais chegado, que era pai de Hamau Paxá, de quem agora tratamos, que contendeo com Cambaya. Eſte reinou alli poucos annos, porque levantando-ſe-lhe os Patanes com os Eſtados, que tinha derredor do Indo, e Hidaſpes, que ſeus avôs tinham ganhado, como temos dito,

to, acudindo lá, deixou em Camarcant hum parente ſeu, que era ſeu Veador da Fazenda, e Can Cahaná de ſeus Reynos (que he hum titulo ſupremo, como Condeſtabre) que ſe lhe alevantou com aquelle Eſtado, que nunca mais o Badur Paxá pode cobrar. E por morte do alevantado ſuccedeo hum filho ſeu chamado Babu Soltan; e por morte deſte herdou aquelle Reyno hum filho que tinha, chamado por ſobrenome Boſá Corná, que quer dizer *Bebedor de cerveja*, (porque parece que era amigo de vinho,) em cujo poder ſe acabou eſte Eſtado, como logo diremos, porque he neceſſario continuar com os outros principados. Por morte de Pirmahomad, neto de Tamur Langar, ſuccedeo no Reyno de Balc, Xaroc ſeu tio; e não ſabemos ſe em defeito de filhos, ſe por lho tomar. E por morte de Xaroc ficou o Eſtado do Coraçone a ſeu filho mais velho chamado Soltan Hocé; e no de Balc, hum filho ſegundo por nome Xabeq Can, a quem os Eſcritores erradamente chamam Xabaſcan. Eſte foi tão valoroſo, e esforçado Cavalleiro, que determinou de conquiſtar todos os Eſtados, que foram do Tamur Langar ſeu biſavô, e ajuntando hum grande exercito, entrou pela Provincia Coraçone, em que reinava já Bedeat Hocen, filho de Soltão Hocen, de que aſſima fallámos; e como eſ-

te

te Bedeat não era menos valoroſo que o Xabeq, ſabendo que lhe entrava por ſeu Reyno, o foi eſperar, e lhe apreſentou batalha, em que o Bedeat foi morto com tres irmãos ſeus, e o Xabeq ſe apoderou do Reyno. Foi eſte perto dos annos do Senhor de 1510, e a mulher do Rey morto fugio com hum filho, e huma filha, (que ambos eram meninos,) e ſe paſſou a Camarcant, onde ainda reinava Badur Paxá, que tambem era neto de Tamur Langar, que o recebeo mui bem, e creou os filhos como ſe foram ſeus, e a filha, como teve idade, a caſou com ſeu filho Hamau Paxá, e o moço, que era eſte Mir Mahamede Zaman, foi-ſe fazendo homem, e de muito grandes penſamentos, e bom cavalleiro.

Morrendo o Badur, ſuccedeo nos Reynos do pai ſeu filho Hamau, que não fez conta do cunhado; e vendo-ſe elle desfavorecido delle, paſſou-ſe a Cambaya a Soltão Badur, onde lhe ſuccedeo o que temos contado. Daqui começou Hamau a ter odio a Soltão Badur, porque lhe recolheo o cunhado, e lho não mandou, mandando-lho elle pedir. E tornando ao Xebeq. Depois que ſe vio ſenhor do Coraçone, ſabendo que na Perſia era novamente alevantado Xá Iſmael, lhe enviou Embaixadores a pedir-lhe, que lhe largaſſe aquelle Reyno, que fora de ſeus avôs.

avôs. Xá Iſmael como andava favorecido da fortuna, mandou-lhe dizer, que elle lhe levaria a reſpoſta. E ajuntando logo hum poderoſo exercito, foi buſquar o Xabeq, aſſim por lhe quebrar ſua ſoberba, como por vingar a morte d'ElRey Bedeat, pelas obrigações que tinha a ſeu pai Soltão Hocen, que ſempre o amou como filho, e lhe deo muito grande ajuda pera ſubir á Monarquia da Perſia. O Xabeq ſabendo de ſua ida o foi eſperar, e encontrando-ſe nos campos de Maron, vindo a batalha, que foi aſperiſſima, por fim della ficou o Xabeq morto, e o ſeu exercito desbarado; e o Xá Iſmael (ſegundo alguns Eſcritores) mandou fazer do caſco da cabeça de Xabeq hum vaſo guarnecido de ouro, por onde bebia, como já os Boios fizeram da cabeça do Conſul Poſthumio, quando o desbaratáram em Triana de França. Deſta vez ficou o Xá Iſmael ſenhor da Provincia Coraçone, que de então pera cá ſe ajuntou á da Perſia.

Foi eſta batalha, ſegundo a conta de João Maria Angelo (que naquelle tempo vivia, e eſcreveo as couſas da Perſia) junto dos annos do Senhor de 1511; mas pela do noſſo João de Barros, na de 1513. Micer Catherino Zeno, que concorreo no meſmo tempo, e eſcreveo eſta batalha, diz, que o Xabeq não morreo, mas que ſe recolhêra pe-

ra

ra ſeus Reynos. As Chronicas Perſias todas affirmam que morreo ; mas ou foſſe agora, ou depois, por ſua morte ſuccedeo naquelle Eſtado Eſcander Can, que as eſcrituras não declarão ſe era filho, ſe tio, ſe irmão. Eſte homem foi muito valoroſo, e ganhou os Eſtados de Hiarcan, Badaxan, Taxcan, Condux, e outros pera a parte do Turcheſtan, e começou a conquiſtar o de Camarcant, onde reinava Boſá Corná : e andando neſta empreza, faleceo na entrada deſte anno de 1537, em que andamos. Succedeo-lhe ſeu filho, chamado Abdula Can, que acabou aquella empreza, e ſe ſenhoreou de todo o Eſtado de Camarcant, e de outros muitos, que ha derredor do Oxo, e Jaſartes, com o que ficou hum dos mores Senhores do Mundo.

E como era ambicioſo de honra, e fama, mudou o nome áquella Provincia (que até então ſe chamava Zagatai) em Usbequia, e mandou que todos os ſeus naturaes ſe chamaſſem Usbeques : por eſte nome ſam hoje tão conhecidos, e temidos em todo o Oriente, que até os Magores, que ſam os mais ſoberbos homens delle, lhe reconhecem ſuperioridade. Com iſto fica bem conhecida a Provincia Usbequia, e confundido o erro dos que fizeram o Xabeq Tartaro, ſendo na verdade Chaquatai.

Esta Provincia Coraçone, de que fallámos, affirma-se que foi a antiga Parthia, e seus naturaes os famosos Parthos, tão nomeados de Plutarco, Apiano Alexandrino, e de todos os Escritores Romanos. Estes foram os que desbaratáram o grande exercito de Marco Crasso, matando a elle, e a dez mil Romanos, e cativando-lhe outros tantos, cuja morte exclama aquelle grande Poeta Mena, dizendo:

E vimos a Crasso sangrienta la espada,
De las batallas que hizo en Oriente,
Aquel de quien vido la Romana gente,
Su muerte plañida, mas nunca vengada.

Tomou esta Provincia o nome de Horacanja, que he o seu verdadeiro, (e não Coraçone, como vulgarmente se chama) de Horacan Soltão, neto de Mafamede, que os Persas affirmam estar enterrado na Cidade de Maxet, principal daquelle Reyno.

São os Usbeques homens robustos, espaduados, rostos largos barbaçudos, olhos fogosos, encarniçados, e tão déstros archeiros, que indo correndo a cavallo, assim pera trás, como pera diante, vam derribando as aves nos ares: quando caminham não levam mais que suas armas, e cevadeiras com farinha de trigo, e onde chegam matam vacas, bufaras, e outras alimarias, que comem

tão

tão mal aſſadas, que o ſangue lhes corre pelas ilhargas das bocas, e das farinhas fazem ſeus bolos. E ſe não acham gado, ſangrão os cavallos, e o ſangue miſturado com a farinha, fazem humas papas cozidas com que ſe ſuſtentam, e com que engordão. Pelo que parece ſerem eſtes os antigos Maſagettas, de quem Lucano no terceiro da Pharſalia diz: (Os Maſagettas, que de ſua longa abſtinencia na guerra matam a fome com o ſangue de ſeus cavallos.) E porque eſtes homens não uſam outro mantimento, póde aquelle Rey, cada vez que quer, caminhar com cem mil cavallos, porque eſtes ſe ſuſtentam das hervas dos campos, e das aguas dos rios, com que andam gordos; e ſam tão aturadores do trabalho, que antre dia, e noite andam vinte, e mais leguas. Seguem eſtes homens os Arabios em ſua ſeita, ſobre o que tem com os Perſas grandes contendas, e ſam inimigos mortaes por haverem huns aos outros por hereges, e tem tomado diviſas de ſuas opiniões: os Perſas turbantes vermelhos, a que os Turcos chamam Quizilbax, que quer dizer *os das cabeças vermelhas*: e os Usbeques toucas verdes, a que chamam Iſilbax, a quem o douto Varão Paulo Jovio chama *Cuſelbas*, e *Caſelbas*, porque lhe não ſouberam dizer a verdadeira etymologia deſtes nomes, ou appel-

pellidos , que he o em que consiste o verdadeiro entendimento das cousas , e no saber inquirillas vai tudo.

DE-

DECADA QUINTA.

LIVRO II.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De como os Grandes de Cambaya alevantáram por Rey Soltão Mamud, e do exercito, que mandou contra Mir Mahamede Zaman, que ſe appellidava Rey de Cambaya: e do recontro que tiveram com os Magores, em que ficáram desbaratados.

SABIDAS as novas da morte de Soltão Badur por todo o Reyno, e depois da morte do Mirão ſeu ſobrinho, que logo lhe ſuccedeo no Reyno, em que não viveo hum anno; e que o Mir Mahamede Zaman ſe appellidava Rey, e eſtava em Novanager com hum exercito de Magores, a que em Cambaya tinham odio mortaliſſimo, ajuntando-ſe todos os Grandes a conſelho aſſentáram, que era neceſſario atalhar-ſe aquelle

le negocio logo em fresco, primeiro que o novo Rey alevantado viesse a cobrar maior poder, porque não viessem todos a ficar debaixo de jugo alheio. E passando-se á Cidade de Amadabá, onde estava Soltão Mamude, sobrinho de Soltão Badur, filho de hum seu irmão, que era moço de quinze annos, e pondo-o na cadeira Real, o juráram por Rey com grande solemnidade. Feito isto, elegêram logo tres Tutores pera lhe ajudarem a governar o Reyno: estes foram Madre Maluco, genro de Coge Çofar, Driarcan, e Alucan, todos homens estrangeiros, Turcos, e Rumes, que então eram as maiores pessoas do Reyno. A primeira cousa que estes fizeram, foi, quietarem alguns tumultos que havia, e castigarem alguns alevantados, que não quizeram acudir ao seu Rey, deixando as cousas de Mir Mahamede pera depois que o Governador Nuno da Cunha se partisse de Dio, (porque isto foi pouco depois da morte de Soltão Badur,) porque souberam elles os contratos, que elle tinha feito com o Governador; que se não podia deter muito, por causa do inverno que se vinha chegando. Estas novas teve logo o Mir Mahamede Zaman, que as enviou ao Governador, mandando-lhe pedir conselho sobre o que faria naquelle negocio. O Governador Nuno da Cunha lhe mandou dizer,
que

que lhe convinha com essa pouca gente que tinha acudir logo á Cidade de Amadabá, e saltear o novo Rey, primeiro que lhe acudisse o poder; porque elle sabia de certo, que havia divisões, e muitos descontentes da eleição dos Turcos, que começavam a castigar alguns, que haviam por culpados; que estava certo acudirem-lhe, e ajuntarem-se com elle; e que sempre nos Reynos havia homens amigos de novidades, que haviam de folgar de o servirem, com quem lhe era necessario mostrar-se no principio liberal, porque nisto estava virem-se todos pera elle; e que se não descuidassem naquelle negocio, porque depois que os Tutores ajuntassem poder, não lhe sentia remedio.

Este conselho pareceo mui bem ao Mir Mahamede Zaman; e sem dúvida que se o tomára ficára Rey de Cambaya, porque a gente que tinha bastava pera saltear o novo Rey, e apoderar-se da Cidade de Amadabá; mas elle descuidou-se, e deixou-se estar em Novanager em passatempos, como outro Anibal em Capua, pelo que deixou de ser Senhor de Roma, como este do Imperio do Guzarate. Os Tutores, e Governadores do Reyno, depois que deram ordem a muitas cousas delle, e de saberem ser o Governador partido pera Goa, e que não havia de tornar por então a ajudar com gen-

te

te Portugueza a Mir Mahamede Zaman, com quem se tinha concertado, quando se alevantou por Rey de Cambaya, ajuntando dez mil cavallos, e quinze mil de pé, os dous Regedores Madre Maluco, e Alucan, se partíram com elles mui apressadamente em busca do Mir Mahamede Zaman, e em poucos dias chegáram aos campos de Novanager, de que logo teve aviso o Magor, e houve-se por perdido, conhecendo então o grande erro que tinha feito em não seguir o conselho que lhe dera o Governador Nuno da Cunha. E preparando sua gente, assentou de esperar os Capitães em campo, porque na Cidade facilmente se podia perder, por ser toda aberta, e não ter commodo pera se defender nella. E querendo sahir-se, acharam-se alli já cercados dos inimigos. Mir Mahamede Zaman, que era homem muito animoso, disse aos seus, que não havia já que fazer, senão commetterem os inimigos, e trabalharem por daquelle primeiro encontro os romper, e que os que escapassem se fossem recolhendo pera a banda do Cinde pera aquelle Rey, que tambem era Magor, e muito seu parente, e que dalli fariam o que a fortuna lhes ordenasse.

Com esta resolução se puzeram a cavallo, e de dous mil que eram, fez Mir Mahamede Zaman duas batalhas, huma que elle to-

tomou, que era de mil e duzentos, e a outra de oitocentos deo a outro Capitão. E sahindo ao campo, levando Mir Mahamede Zaman a dianteira, remetteo com os inimigos como hum leão bravo, e pondo-lhes as lanças com grandes gritas, e alaridos, foi rompendo por elles, partindo-os pelo meio, derribando-lhes daquelle encontro mais de duzentos, sahindo-se ao campo largo com perda de só tres homens; e assim como foram varando, foram caminhando adiante. O segundo esquadrão vendo Mir Mahamede Zaman misturado com os inimigos, que assim como se abríram, se tornáram logo a fechar, havendo-os a todos por perdidos, porque os não víram arrebentar fóra ao campo, e tomando outro conselho, voltáram, e foram fugindo pera a banda de Dio. Os inimigos os foram seguindo, matando, e derribando nelles sem piedade, accrescentando-lhes o esforço o medo que viam levar a homens, a que todos os de Cambaya tiveram tamanho medo. O Mir Mahamede Zaman, tanto que se vio em salvo, e alongado dos inimigos, parou por esperar pelo segundo esquadrão, o que fez muitas horas sem chegar, pelo que o houve por perdido, e de mágoa parecia querer arrebentar, e ajuntando os seus, assim lhes disse:

» Não me consente o animo, e amor, que
» a

» a todos os meus naturaes tenho , valoro-
» ſos , e esforçados companheiros meus , que
» os veja a elles em perigo , ficando eu fó-
» ra delle , antes deſejo ſer o primeiro em
» todos os trabalhos , e riſcos : pelo que he
» neceſſario que tornemos a voltar em buſca
» do outro eſquadrão , que pois tarda , deve de
» eſtar em perigo. Vamos , e corramos com
» elles a meſma fortuna , e não vos aſſombre
» a multidão dos inimigos , que eſtes ſam os
» meſmos , que muitas vezes fugíram ſó de
» nos ouvir nomear , e ninguem os póde hoje
» fazer esforçados , ſenão noſſa covardia : e
» eu confio que em nos vendo outra vez com
» elles , percão o furor , ſe o tiverem , por-
» que bem hão de entender de noſſa volta ,
» que he pera livrarmos os noſſos á cuſta de
» noſſas vidas , que a elles hão de ſer bem
» caras ; e não os tenho por taes , que quei-
» ram eſperar eſta determinação. » A nenhum
dos ſeus pareceo bem aquillo , dando-lhe ra-
zões taes , e tão frias , que entendeo de ſeu
temor , que não fariam couſa alguma , e aſ-
ſim triſte , e malenconizado foi ſeguindo ſeu
caminho pera o Cinde , lembrando-lhe no-
vamente pera mór mágoa ſua , que deixára
de ſer ſenhor de hum tamanho Imperio por
ſeu proprio deſcuido , e negligencia. E eſ-
tes deixallos-hemos , porque não ſabemos
mais que irem ao Cinde.

Os

Os do outro eſquadrão, que hiam pera Dio, foram ſempre fugindo ſem fazerem volta, perdendo-ſe na jornada perto de quatrocentos. Os outros que eſcapáram, chegáram á Villa dos Rumes, onde eſtava por Capitão João de Mendoça, que acudio com muita preſſa ás portas da Villa; e vendo aquella revolta, e os Magores ao longo dos muros pedindo-lhe favor, e ajuda, (porque já vinha entrando com elles a gente de Cambaya, que começava a encher os campos,) mandou deſperar nelles algumas peças de artilheria com que os deteve. Os Magores eſtavam recolhidos ao longo dos muros, e ferrados ás portas, pedindo que os recolheſſem, o que os porteiros fizeram a alguns por hum muito pequeno poſtigo, porque lhes enchêram as mãos de dinheiro.

Aqui aconteceo hum raro exemplo de amor, que por tal o contaremos, e foi, que trazendo hum deſtes Magores ſua mulher nas ancas do cavallo, moça, e formoſa, vendo que por dinheiro recolhiam alguns dentro na fortaleza, chegou-ſe ao porteiro, e lhe diſſe, que tudo o que trazia comſigo lhe dava, e que lhe recolheſſe dentro ſua mulher, porque como a viſſe livre, não lhe daria couſa alguma do perigo que elle correſſe: o que diſſe com moſtras de tanto amor, que venceo aos da porta a querella recolher;

e

e entregando-lha elle , e apartando-se della com palavras de muitas saudades, sentio ella isto tanto , que indo já entrando tornou a voltar pera fóra, dizendo:

» Nunca Deos queira que te deixe de a» companhar na morte, assim como o fiz sem» pre na vida; o mesmo risco que tu corre» res, quero eu correr , porque em quanto » te vir, todos haverei por pequenos, e sem » ti não quero vida, nem liberdade; » e assim se deixou ficar de fóra sem se querer recolher, por muito que lho elle rogou.

João de Mendoça tinha mandado recado a Antonio da Silveira Capitão da fortaleza, sobre aquelle negocio : elle lhe mandou dizer, que recolhesse na Villa todos os Magores, e que não deixasse chegar ao campo a gente de Cambaya. Elle o fez assim, abrindo as portas a todos. E na entrada houve tamanha revolta com o medo que levavam , que huns por sima dos outros se arremessavam tão desatinadamente , como se os inimigos fossem alcançando-os , estando elles bem apartados, porque a nossa artilheria os fez affugentar; mas o medo da morte lhes fazia parecer que lhes hiam elles dando nas costas. João de Mendoça os recolheo, e agazalhou com muita humanidade, mandando curar a muitos que hiam feridos.

Elles mandáram pedir a Antonio da Silvei-

veira embarcações pera ſe paſſarem a Dabul, que lhes elle logo deo, e foram-ſe muito ſatisfeitos do gazalhado, e favor que acháram em os Portuguezes. Madre Maluco, e Alucan vendo os Magores recolhidos, contentando-ſe com os damnos que lhes tinham feito, tornaram-ſe pera Amadabá, onde ElRey eſtava, e com elle andáram todo eſte inverno viſitando ſeus Reynos, amoſtrando-ſe a ſeus vaſſallos, que todos lhe acudíram.

Antonio da Silveira vendo o negocio baralhado, lançou mão da Alfandega de Dio, e de todas as rendas da Ilha, que começou a arrecadar pera ElRey, ſem achar inconveniente algum, porque ElRey Soltão Mamude andava occupado em outras couſas, que lhe mais importavam, que era quietar ſeus Reynos, caſtigar, e reduzir á obediencia alguns vaſſallos rebeldes, que nas guerras dos Magores não acudíram a ElRey Soltão Badur ſeu tio. Antonio da Silveira aviſou logo ao Governador do que paſſava, o que já não pode fazer ſenão por terra, por ſer o inverno de todo entrado; pelo que deixaremos agora eſtas couſas por continuarmos com as de Maluco, por guardarmos em tudo a ordem da hiſtoria.

CA-

CAPITULO II.

Das cousas, que este anno acontecêram em Maluco: e da chegada de Antonio Galvão áquella fortaleza: e de como foi buscar os Reys da Liga á Ilha de Tidore, onde lhes deo batalha, em que os desbaratou.

ESTando as cousas da fortaleza de Ternate no peior estado que se podiam imaginar, pelo grande aperto em que os Reys conjurados tinham posto os nossos, defendendo-se-lhes por todas as partes os provimentos, de que totalmente estavam muito faltos, e sem dúvida se perdêram, se Deos naquelle derradeiro estremo não trouxera Antonio Galvão, que sempre teve muito boa viagem, até lançar ferro diante daquella fortaleza, que pera todos os que nella estavam foi hum novo resuscitar, porque realmente se haviam por acabados. Antonio Galvão tomou posse da fortaleza, onde foi recebido com Cruz alçada; e tomando informação do miseravel estado em que aquellas cousas estavam, e de como todos os Reys da Liga estavam na Ilha de Tidore com tão grande poder, que se affirmava terem perto de vinte mil homens, e que estavam conjurados pera commetterem, e escalarem a forta-

taleza, pera o que tinham já preſtes muitas embarcações pera paſſarem a Ternate com muito alvoroço de todos, que dos bens dos noſſos tinham já feito grandes repartições. Informado Antonio Galvão de tudo, como era Fidalgo virtuoſo, e em extremo devoto de Noſſa Senhora, encommendou-lhe muito todas aquellas couſas com mui devoto coração. E tomando conſelho ſobre o que faria, foram todos de parecer, que tentaſſem os inimigos com pazes, commettendolhes algum modo de ſatisfação; e que quando elles a não quizeſſem acceitar, era neceſſario arriſcar-ſe tudo, porque com guerra lenta não ſe podiam desfazer aquelles inimigos; e que quando elles não ouſaſſem a vir cercar a fortaleza, por ſer chegado ſoccorro da India, com ſó ſe eſpalharem por antre aquellas Ilhas, e lhes impedirem os mantimentos, era a maior guerra que ſe podia recear. Antonio Galvão deſpedio logo hum Embaixador a ElRey de Tidore, que o ouvio diante de todos os Reys da Liga, e elle lhe diſſe: Que Antonio Galvão era chegado áquella fortaleza por mandado d'El-Rey de Portugal, e que deſejava muito de correr com todos os Senhores daquelle Archipelago em paz, e amizade, porque aſſim o trazia muito encommendado por regimento do ſeu Rey: Que lhe pedia por mer-

cê, que deixados os aggravos á parte, (que elle eſtava preſtes pera ſatisfazer, e emendar,) tornaſſem á antiga paz, e amizade, porque ſe não perdeſſe aquelle tão antigo commercio, de que a todos tinham reſultado tão grandes proveitos. Os inimigos como eſtavam ſoberbos, e confiados no grande poder que tinham, reſpondêram deſpropoſitos, zombando, eſcarnecendo, e dizendo grandes opprobrios, e affrontas contra o nome Portuguez tão avorrecido a todos. O Embaixador ſe recolheo ſem conclusão alguma, e quaſi que eſteve arriſcado.

Sabido por Antonio Galvão o que paſſava, reſolveo-ſe em pôr todo o remedio nas armas, encommendando aquellas couſas a Deos com verdadeiro coração, ordenando logo todas as couſas, que pera iſſo lhe eram neceſſarias; porque aſſentou de ir buſcar os inimigos, e dar-lhes batalha. E as primeiras achegas que ajuntou foram prociſsões, orações, eſmolas, e outras obras pias, tudo á cuſta de ſua fazenda, (que eſtas eram as mercadorias, que eſte Fidalgo foi fazer á ſua fortaleza, de que os de hoje bem ſe rirãõ.) E pondo toda a Armada no mar, embarcando as munições que havia, ultimamente ſe embarcou, entregando a fortaleza a Triſtão de Taíde, e fez-ſe á véla. A Armada que levava eram quatro galeões, que eſtavam

vam no porto, e algumas corocoras: nestas vazilhas hiam embarcados cento e setenta Portuguezes, e duzentos e trinta da terra, em que entravam alguns escravos dos casados. Com toda esta frota foi surgir defronte da Cidade de Tidore, salvando-a com sua artilheria, que não deixou de pôr espanto nos inimigos, cuja multidão acudio á praia a dar vista aos nossos com tamanhos alaridos, que puderam pôr medo a qualquer outro Capitão, que não fora tão confiado no favor Divino. Surta a Armada, metteo-se Antonio Galvão em huma corocora ligeira, e foi-se chegando á terra pera reconhecer a Cidade, que estava estendida de longo da praia, cercada por detrás de muros, e com huma cava á roda. Na face da praia tinha alguns baluartes muito fortes, e mui bem guarnecidos de gente, e artilheria. Da banda do sertão, hum pouco affastado da Cidade, tinha hum monte, que lhe ficava como padrasto, em sima de quem estava hum Castello roqueiro arrezoado. Antonio Galvão foi notando a Cidade muito devagar, e rodeando a Ilha por toda aquella parte por ver onde acharia melhor disposição pera desembarcar com menos risco, e notou hum lugar commodo pera isso, hum pouco affastado da Cidade. E tomando parecer com os que levava comsigo

ſobre o modo de como ſe commetteria a Cidade, aſſentou-ſe, que ſe deſembarcaſſe naquella parte de madrugada, e que foſſem por detrás ganhar o Caſtello, e que depois ſe commetteſſe a Cidade, porque já então eſtariam os inimigos amedrontados com a perda do Caſtello.

Aſſentado iſto, preparou-ſe Antonio Galvão pera o outro dia, que era do Apoſtolo S. Thomé, Padroeiro da India, em cujo dia por ſeus merecimentos fez Deos noſſo Senhor muitas mercês aos Portuguezes, (como pelo decurſo da hiſtoria apontaremos.) Tanto que o quarto dante alva ſe rendeo, embarcou-ſe Antonio Galvão nas corocoras, com cento e vinte Portuguezes, e cento e oitenta Chriſtãos da terra, deixando a mais gente na Armada pera guarda della, que ficou encarregada a huma peſſoa de confiança, com ordem do que havia de fazer; e elle em muito ſilencio foi deſembarcar no lugar determinado, levando muito boas guias pera o encaminharem ao Caſtello. Ao meſmo tempo ſe levou toda a Armada, e com os traquetes ſe foi chegando á Cidade, fazendo moſtras de quererem deſembarcar em os batéis, diſparando toda ſua artilheria. Os inimigos tanto que aquillo víram, acudíram todos á praia pera defenderem a deſembarcação, deſcuidando-ſe de todas as mais partes,

tes,

tes, de feição, que teve Antonio Galvão tempo de chegar aſſima ao Caſtello ſem ſerem ſentidos. Era iſto já a tempo, que a manhã começava a deſcubrir.

Os noſſos tanto que chegáram aſſima, commettêram o Caſtello com muito animo, trabalhando pelo entrar; os de dentro em ſentindo que eram Portuguezes, fizeram ſinal pera que na Cidade ſe ſoubeſſe, e elles ſe puzeram á defensão mui determinadamente. ElRey Ayalo de Ternate, que lá andava fugido, ouvindo o ſinal, ajuntou hum corpo de gente, e acudio aſſima a ver o que era, porque não ſabiam do que era paſſado; e chegando ao monte, deo de roſto com os noſſos, que eſtavam mui accezos na briga, e alguns tratavam de quebrar as portas, com quem remetteo Ayalo com grande furor; mas Antonio Galvão acudio alli, pondo-ſe diante dos ſeus, e como hum leão pelejava por huma parte, e como prudente Capitão trazia os olhos nos ſeus, animando-os, e esforçando-os, porque não tiveſſem tempo alguns de ſe eſcoarem, porque a todos via, e notava. ElRey Ayalo andava diante dos ſeus armado em huma ſaia de malha, e hum capacete, e com huma eſpada de ambas as mãos pelejava valoroſamente. Antonio Galvão em o vendo, remetteo a elle com huma eſpada, e rodella, começando-o a ferir de-

no-

nodadamente. Os de Ayalo acudíram alli pera o ajudarem. Os Portuguezes tambem o fizeram ao feu Capitão , travando-fe antre todos huma muito afpera batalha , e muito arrifcada da parte de Antonio Galvão , porque os inimigos eram muitos ; mas quiz Deos que deffem huma efpingardada em ElRey , de que cahio , eftando já ferido das mãos de Antonio Galvão , e com a raiva da morte fe tornou a levantar logo ; mas como a ferida era mortal , tornou a cahir , bradando pelos feus , que o recolheffem primeiro , que os cães (que affim chamava aos Portuguezes) efpedaçaffem feu corpo como defejavam. Os feus vendo-o daquella maneira , o tomáram nos braços , em que lhes logo morreo , e recolheram-fe. Os feus em o fabendo fe começáram a desbaratar , e largando as armas foram fugindo pera a Cidade , aonde já fe fentia o reboliço , e vinha outro corpo de gente em feu foccorro ; e encontrando-fe com elles , que hiam desbaratados , e os Portuguezes matando , e ferindo nelles , voltáram todos , fem verem quão poucos os noffos eram. Antonio Galvão vendo a vitoria por fi , a foi feguindo com grande eftrago dos inimigos ; e alguns delles , que não pudéram fugir pera baixo , foram-fe recolhendo pera o Caftello , indo apertados de alguns dos noffos. Os de dentro acudíram ao

re-

recolher, abrindo-lhes as portas; mas foi tamanho o medo, e embaraço, que entráram os Portuguezes de envolta com elles, matando, e derribando muitos. Os inimigos largando as portas, e vendo-ſe perdidos, lançáram-ſe dos muros abaixo, eſpedaçando-ſe huns, e outros cahindo nas maõs dos noſſos, que não paſſavam melhor, porque lhes abriam as entranhas de feição, que poucos eſcapáram. Antonio Galvão acudio áquella parte, e vendo tamanha mercê de Deos, tomou logo huma muito prudente reſolução, que foi mandar dar fogo ao Caſtello, porque os ſeus não tiveſſem eſperança de ſe ſalvar nelle. E ajuntando todos, lhes diſſe:

» Ora ſus, meus cavalleiros de Chriſto, » pois nos elle fez tantas mercês, não arre- » feçamos, ſaibamo-nos aproveitar do tem- » po, e vamos commetter em freſco a Ci- » dade, porque os inimigos eſtam com o me- » do nas entranhas; e agora vendo eſte in- » cendio hão de acabar de deſcoraçoar, e » não hão de eſperar noſſa furia, por iſſo ſe- » gui-me, que Deos he comnoſco. » E tomando a bandeira de Chriſto a par de ſi, arremeçou-ſe pelo monte abaixo como hum trovão, e foi demandar a Cidade ao ſom de muitas caixas, e trombetas, com grandes gritas de todos os noſſos, que com hum novo animo hiam ſeguindo ſeu Capitão. E en-

entrando por huma parte, foi tamanho o medo dos inimigos, que largáram a Cidade, recolhendo-se pera o sertão, ficando ella com todo o seu recheio em mãos dos nossos. Antonio Galvão como teve aviso, que tudo era despejado, receando-se de algumas desordens dos seus soldados, mandou-lhe secretamente dar fogo, e como toda era de madeira, e palha, começou a arder com grande estrondo, queimando-se dentro nas casas muitas mulheres, e meninos, que não pudéram fugir. E porque foi avisado de huns armazens de mantimentos, e munições, mandou ter nelles grande resguardo, pela necessidade que de tudo isto tinha.

Os batéis, e bantins acudíram logo á praia, onde o Capitão mandou recolher tudo, o que se fez com muita pressa, por haver muitos marinheiros, e servidores. Recolhido tudo, e a Cidade feita em cinza, se começou a embarcar, não deixando de haver antre os soldados alguns desmandos, porque muitos se espalháram pela Cidade a roubar, cativando muitas pessoas, que pelas casas estavam escondidas. Embarcado Antonio Galvão, mandou pôr o fogo a algumas corocoras, que estavam varadas, e a outras embarcações, e a hum junco que estava na Bahia, mandando recolher algumas: o que tudo fez muito á sua vontade, sem ter sobre-

breſalto dos inimigos. Aſſim ſe recolheo com huma tão grande vitoria, qual nunca lemos, nem ouvimos, desbaratando com cento e vinte Portuguezes quatro Reys com vinte mil homens, e em ſua propria terra; por onde podemos dizer, que Deos foi o que pelejou em favor deſte Capitão, que por ſua virtude mereceo alcançar delle tamanha mercê. Chegou Antonio Galvão a Ternate, onde foi recebido com procifsão ſolemne. Os Reys inimigos ficáram tão desbaratados, perdidos, e amedrontados, que em nenhuma parte ſe tinham por ſeguros; tratando os da Liga de ſe irem para ſeus Reynos, o que não pudéram fazer, porque Antonio Galvão mandou logo huma Armada de corocoras, que rodeáram aquella Ilha, por ſe elles não ſahirem della, porque determinava de conſumir a todos dentro, mandando ter grande reſguardo, e vigia nos mantimentos pera que lhes não foſſem; e aſſim os poz em tanta neceſſidade, que mettidos nos matos comião todas as hervas, e cevandilhas da terra. Mas todavia como a neceſſidade era grande, lá tiveram maneira com que ſe arriſcáram aquelles Reys a embarcarem em embarcações pequenas, porque os noſſos não pudéram ter tanto reſguardo, que ſe lhes não ſahiſſem da Ilha muitos, ficando ElRey de Tidore ſó, e aſſombrado, deſejando occa-

casião pera commetter pazes por se não acabar de perder de todo. Neste estado ficam as cousas de Maluco até tornarmos a ellas.

CAPITULO III.

Da Armada que este anno de 1537 partio do Reyno, de que era Capitão mór Jorge de Lima: e de como Martim Affonso de Sousa foi ao Malavar, e o Governador Nuno da Cunha partio pera Dio.

PElos correios (que na India chamam Patamares) que Antonio da Silveira mandou ao Governador, soube elle o successo das cousas daquella fortaleza de Dio, e de como Soltão Mamude estava pacificamente obedecido por Rey em Cambaya. E entendendo bem, que não havia de querer perder huma tamanha cousa, tão rica, e tão importante, como era a Ilha de Dio, e que estava muito certo querer-se senhorear della, houve que lhe era necessario acudir lá, e prover em muitas cousas de que tinha necessidade, porque por descuido não viesse a acontecer algum desastre; pelo que mandou dar logo pressa a toda a Armada, pera tanto que as náos do Reyno chegassem, se embarcar. Estas não tardáram muito, que na entrada de Setembro não surgissem na barra de Goa tres, de sinco que de Portugal tinham

nham partido, de que era Capitão mór Jorge de Lima, e os outros eram D. Fernando de Lima, e Lopo Vaz Vogado. Das outras duas, que eram a Rainha, era Capitão D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante, e da Gallega, Martim de Freitas, que ambos partíram de Portugal com regimento, que fossem demandar a Ilha de Dio, e lançassem gente, e munições naquella fortaleza; porque tanto que ElRey soube, assim por Diogo Botelho, (que foi na fusta, como já dissemos no segundo Capitulo do primeiro Livro,) como pelas cartas que Isaac do Cairo levou, que ficava já alli feita, a mandou prover mui bem de gente, artilheria, munições, e armas, de que nestas duas náos mandou huma grande quantidade; e ambas quasi em hum mesmo tempo foram tomar aquella fortaleza, e deitando nella tudo o que levavam, se fizeram na volta de Goa, aonde chegou D. Pedro da Silva da Gama por fim de Setembro.

Depois de Martim de Freitas dar á véla em Dio, foi demandar a costa de Damão, a cuja vista surgio, e se embarcou no batél com huma somma de veludos, e demascos que levava, pera os ir vender a Surrate, por ser huma muito grande escala. Este homem desappareceo neste caminho, sem se saber delle cousa alguma. Muitas pessoas quizeram di-

dizer, que em Surrate o matáram pelo roubar; mas se assim fora, forçado se houvera de saber. Os da náo esperáram todo o mez de Setembro; e vendo que não vinha, nem recado seu, elegêram Bernaldim de Sousa, irmão de Diogo Lopes de Sousa, o Diabo, que alli hia embarcado por passageiro. E dando á véla, chegáram á barra de Goa, estando já o Governador Nuno da Cunha prestes pera se embarcar. Estas náos tiveram muito boa viagem, e chegáram com toda sua gente sã, o que o Governador estimou muito, porque a havia mister. E porque estava já ordenado ir Martim Affonso de Sousa a Cochim a favorecer aquelle Rey, porque lhe fazia a Çamorim guerra, e pera fazer correr a pimenta pera a carga das náos, o despedio logo com quatro galés, e vinte navios; e não achámos de toda esta Armada os nomes, mais que dos Capitães das galés, que a fóra Martim Affonso, eram Manoel de Sousa de Sepulveda, Fernão de Sousa de Tavora, e Martim Correa da Silva.

Esta Armada se fez á véla de vinte de Outubro por diante. No mesmo tempo despachou tambem o Governador as náos do Reyno pera irem tomar a carga a Cochim. E porque a Gallega, de que era Capitão Martim de Freitas, estava vaga, deo o Governador a Capitanía della a Ruy Dias Pe-

rei-

reira, que aquelles dous invernos paſſados tinha andado por Capitão nos rios de Goa, fazendo guerra ao Accedecan. Neſtas náos mandou ElRey huns apontamentos ao Governador, em que lhe mandava, que nellas lhe enviaſſe Garcia de Sá prezo em ferros, e lhe ſocreſtaſſe ſua fazenda, porque ſendo Capitão de Malaca, batêra moeda ſua ſem licença, em prejuizo do povo, couſa tanto contra ſeu ſerviço: e ainda diziam, que em Portugal o mandára riſcar dos ſeus livros. O Governador vendo a aſpereza dos apontamentos, entendendo que foram más informações, que mandáram a ElRey, e como era grande amigo daquelle Fidalgo, quiz remediallo, porque ſe não perdeſſe, por eſtar pobre, e com filhas, e era velho, e de muitos merecimentos. E porque ElRey lhe mandava tirar nova devaſſa ſobre o caſo, a encommendou ao Doutor Pero Fernandes, Ouvidor Geral da India, que a tirou por homens que em Goa havia de Malaca, do ſeu tempo, em que todos teſtemunháram, que ſendo Garcia de Sá Capitão de Malaca, não mandára bater mais que huma moeda miuda, pera o meneio da praça, a requerimento do meſmo povo, porque não havia naquella Cidade ſenão cruzados, com que ſe não podiam remediar nas couſas miudas, pelo que viviam com oppreſsão.

Eſ-

Esta devassa folgou muito de ver o Governador, e despedio o Ouvidor Geral diante, pera que fosse a Baçaim suspender Garcia de Sá da fortaleza, e escrever-lhe a fazenda como ElRey mandava, e depositalla em mãos de pessoas abonadas, e que a elle o emprazasse pera Goa. Despedido o Ouvidor Geral, logo o Governador se desembaraçou de todos os negocios, e se embarcou pera acudir ás cousas de Dio, levando oitenta navios antre grandes, e pequenos, e não se deteve em cousa alguma, atravessando logo a Dio, porque daquella fortaleza determinava escrever a ElRey, e despedir as vias pera Cochim. Chegado o Governador a Dio, começou a entender nas cousas, que cumpriam á defensão daquella fortaleza; e a primeira, e principal foi, mandar fazer huma formosa cisterna pera recolher agua, porque nenhuma havia dentro na fortaleza. Esta cisterna se começou a fazer de tres naves de esteios formosissimos, a maior, e mais formosa que hoje se sabe no Mundo: he de vinte e sinco palmos de alto, e cada palmo recolhe mil pipas de agua.

Poucos dias depois do Governador, chegou a Dio o Doutor Pero Fernandes com a diligencia de Garcia de Sá feita; porque logo em chegando a Baçaim o suspendeo da fortaleza, e o mandou prezo pera Goa, fazen-

zendo inventario de ſua fazenda, e nenhuma outra couſa ſe lhe achou, ſenão huma ſomma de caldeirões, tachos, gamellas, facas, garfos, eſcudelas, toalhas, e em fim toda a couſa deſta ſorte do meneio dos galeões, em que ſempre andára no ſerviço d'El-Rey, e das mezas em que em terra dava de comer aos ſoldados: e com iſto lhe achou mais ſuas armas, e cama, e quatro eſcravos de ſeu ſerviço, ſem outra fazenda de que ſe pudeſſe lançar mão: do que confuſo o Ouvidor Geral, lhe tornou a entregar tudo.

O Governador vendo o inventario, ficou embaraçado, e attonito da pobreza daquelle Fidalgo; e mandando-o trasladar por tres vias, e aſſim meſmo a devaſſa, que ſe delle tirou, enviou tudo a ElRey, eſcrevendo-lhe muito particularmente ſobre eſte negocio, moſtrando-lhe como fora mal informado das couſas de Garcia de Sá, e que pelo inventario veria ſeu cabedal, que não era outro mais que petrechos de cozinha, e do ſerviço de muitos ſoldados, a que ſempre dava de comer: e que o ſuſpendêra da fortaleza por S. A. o mandar, mas que o deixára ficar na India, porque entendia que cumpria aſſim a ſeu ſerviço; porque aquelle Fidalgo era velho, de grandes merecimentos, e conſelho; e que era neceſſario andar ſempre junto dos Governadores da India

dia

dia pera acertarem no governo della: e que entendia, que não só não era digno de culpa, mas de muita mercê. Esta carta, e os traslados que mandou, foram dados a ElRey, que estimou muito o que o Governador fizera naquelle negocio, escrevendo-lhe em resposta disso, que se houvera por muito bem servido delle, e lhe agradecia o que tinha feito naquelle particular: e a Garcia de Sá escreveo cartas honradas, e teve dalli por diante tanto mais conta com elle, que o metteo logo na terceira successão da Governança da India, como adiante se verá.

E certo, que escrevendo nós estas cousas, e vendo a mudança que o tempo depois fez nos Fidalgos, e Capitães, pasmamos, e nos parece que está o Mundo em artigo de morte, pelo recolher da roupa que todos fazem, porque não vemos soldados agazalhados senão pelos alpendres dos Mosteiros, comendo da pobre ração dos Frades, que quasi o não tem pera si. E as casas dos Capitães, que eram suas antigas moradas, e enfermarias, e em que costumava a haver os petrechos de seu serviço, (como se acháram a este Fidalgo,) sam já agora tornadas casas de contratações, onde tudo sam fardos, caixas, comprar, vender, e tyrannizar em suas fortalezas aos pobres dos Portuguezes casados nellas, como se o Mundo se fizera só

pe-

pera elles ; pois em alguns Governadores, e Viso-Reys não acháram os pobres soldados depois melhor amparo, como se não foram naturaes, e proximos, e não custáram a ElRey muito de sua fazenda em os pôr na India, onde os mais delles acabam á mingoa, pedindo esmolas pelas portas. Desejo de bradar nesta materia, e de gritar aos pés do Rey, que ou remedee isto, ou não mande seus vassallos, que lhe tanto custam a morrerem á mingoa, á vista dos Mouros, e Gentios, que já se compadecem delles mais que nós. Aqui nos cabe muito a proposito (vendo o estado em que hoje a India está) aquella exclamação de Lucano no primeiro da Pharsalia, onde diz: » Mas a causa de » estarem em nosso tempo pelas Cidades de » Italia as casas meio derribadas, e vasias, e » as pedras dos muros cahidas, e espalha- » das, e muitas casas sem moradores, mui- » tas, e mui populosas Cidades quasi deser- » tas, Italia toda montuosa, e tantos annos » por lavrar, dando vozes os campos sem » haver quem os cultive, não es tu, Pirro fe- » roz? nem es Africano Anibal, authòres de » tantas perdas, e damnos, que nenhum de » vós-outros teve poder pera suas armas ata- » lharem a tanto: antes a mão Cidadã he a » que vos deo tão penetrante ferida, e a que » foi a causa de tantos males. »

Aſſim o eſtado a que hoje a India tem chegado, não foi cauſa delle poder de algum inimigo, porque até hoje nenhum permanceeo contra elle. Cubiça, e tyrannia foram as que lhe deram tão penetrantes feridas; porque tambem iſto foi o que deſtruio o Imperio Romano, (como diz o meſmo Lucano,) que depois que conquiſtou o Mundo todo, começando a goſtar das riquezas, e adquirillas, logo as boas fortunas deixáram ſeu lugar ás proſperidades. E já ſe não conheciam aquellas herdades, que foram lavradas com a rexa do forte Camillo, e que foram abertas com os arados daquelles antigos Curios. Aſſim tudo iſto he já eſquecido na India, e aquellas artes com que ſe ella deſcubrio, e ganhou, que foram verdade, e liberalidade, tudo he já mudado ao contrario: tanto, que até as náos, que naquelle tempo vinham á India carregadas de ſoldados, e armas, agora vem cheias de mercadores, e reſpondentes, que trouxeram a ella delicias, logros, uſuras, de que toda a terra eſtá mais cheia que de armas. Deixemos eſta materia que magôa, e tornemos a noſſo fio.

O Governador foi continuando com as obras da fortaleza com muita preſſa, mandando fazer da outra banda da Villa dos Rumes hum formoſo baluarte á borda da agua

pe-

pera recolhimento dos Officiaes daquella Alfandega, e huma caſa mui grande, e formoſa, que enteſtava no baluarte, pera o deſpacho das fazendas, correndo Coge Çofar com tudo mui pontualmente. E porque he neceſſario continuarmos com outras couſas, deixaremos eſtas por hum pouco.

CAPITULO IV.

Das guerras, que em Ceilão houve antre aquelles dous Reys irmãos: e do ſoccorro que o Çamorim mandou ao Madune: e de como Martim Affonſo de Souſa desbaratou a Armada do Çamorim em Beadalá.

ERa tamanha a ambição do Madune Pandar Rey de Ceitavaca, e aſſim lhe era máo de ſoffrer ver ſeu irmão, ainda que mais velho, igual com elle em Eſtado, que não ſe quietava em cuidar, e tratar modos de como lhe daria a morte, e lhe tomaria o Reyno, pera ficar com a Monarquia de toda aquella Ilha. E aſſim tratou por muitas vezes dar-lhe peçonha, que não veio a effeito, porque tomáram com ella alguns, que pera iſſo peitou grandemente, que no tormento confeſſáram a verdade; pelo que dalli por diante trouxe ElRey da Cotta grande reſguardo em ſi, não comendo ſenão cou-

ſas

ſas guizadas por ſua mão. Vendo o Madune que eram deſcubertas ſuas traças, determinou de lhe tomar o Reyno por guerra, e valer-ſe outra vez do Çamorim, deſpedindo em Agoſto paſſado Embaixadores com huma ſomma de dinheiro, e muitas joias de preſente pera o Çamorim, mandando-lhe pedir huma groſſa Armada; pera o que mandava as deſpezas pera o ajudar naquella empreza, offerecendo-lhe alguns portos de mar naquella Ilha. O Çamorim recebeo bem eſtes Embaixadores, e mandou logo por todos os portos do ſeu Reyno negociar todos os navios que houveſſe; e elegeo pera eſta jornada tres Mouros principaes, chamados Paichimarca, a que alguns chamam erradamente Patemarca, e ſeu irmão Cunhale marcá, ambos naturaes de Cochim, naſcidos, e creados antre os Portuguezes; e o outro era Aly Abrahem. O Çamorim mandou pagar gente pelo Reyno, e fez oito mil homens pera irem neſta jornada, dando ordem que todos os navios ſe foſſem ajuntar em Panane, onde vivia o Paichimarca. A Armada foi-ſe fazendo preſtes pelos rios, e aſſim como os navios eſtavam pera partir, ſe hiam pera Penane. O Aly Abrahem, que vivia no rio de Pudepatão, ſahio delle com dez navios na entrada de Novembro, e ſendo tante avante como Panane, houve viſta da náo

Gal-

Gallega, que hia pera Cochim; e querendo provar a mão, a foi demandar muito creſpo, e com todos os navios poſtos em armas, rodeando-a por todas as partes, começando-a a bater rijamente. Ruy Dias Pereira, que era Capitão, negoceou a ſua náo mui bem, defendendo-ſe delles com muito valor, e aſſim os eſcandalizáram com ſua artilheria, que os fizeram affaſtar com alguns deſaparelhados; o que não foi ſem damno, porque de huma pelourada que deram pelo peſcoço a Ruy Dias Pereira o matáram, (ainda que alguns dizem, que huma racha de huma taboa, que o pelouro levou, lhe deo pelas guellas que o degollou.) Affaſtados os parós, a náo foi ſeu caminho pera Cochim, levando alguns feridos. A Capitanía deſta náo deo o Governador a Jurdão de Freitas. Recolhido o Aly Abrahem em Panane, ficáram eſperando pelos mais navios que ſe hiam ajuntando.

Poucos dias depois deſte negocio da náo, indo outros nove parós de hum deſſes rios pera Panane, deram com huma fuſta, que hia de Cananor pera Cochim, e commettendo-a a abordárão, e axorárão, matando quantos nella hiam; ſómente hum moço de idade de dez annos, (que nella hia com ſeu pai,) chamado Marcos ficou cativo. Junta toda a Armada em Panane, tanto que paſſou a Lua

de

de Novembro (em que elles fazem ſuas grandes feſtas) ſahíram daquelle rio. Eram os navios por todos ſincoenta e hum, em que entravam ſinco galeotas latinas de coxia, que jogavam por próa meias eſperas. Hia toda eſta Armada cheia de muita gente, eſpingardas, arcos, lanças, e com mais de quatrocentas peças de artilheria, e a mór parte della de bronze. E além da gente de armas, que eram oito mil, todos os remeiros levavam arcos, e fréchas debaixo dos bancos em que hiam, pera pelejarem quando foſſe neceſſario.

Eſta Armada toda foi paſſando de longo das náos do Reyno, que eſtavam na barra de Cochim á carga, e foi viſta da Cidade, que ſe metteo em alvoroço, cuidando que quizeſſe pelejar com ellas, mas foi paſſando adiante. E chegando á barra de Coulão, achåram nella huma náo á carga, que tinha ſahido de Cochim, onde ſe fez aquelle anno pera ir pera o Reyno, e chamavaſe S. Pedro, que foi a mais bem eſcanſada náo, que houve na carreira da India, e durou vinte e dous annos nella; porque no de ſincoenta e nove, que nós partimos do Reyno, tinha ella ido á India, e ficava no rio de Lisboa ſervindo de cabrea pera emmaſtear as outras. Paichimarca vendo a náo ſó, a foi commetter, havendo que nella tinha

pou-

pouco que fazer, e rodeando-a a começou a bater. Nicoláo Juzarte, que era Capitão della, se poz á defensão, tendo a náo mui bem negociada, defendendo-se com muito valor; e de tal maneira tratou os inimigos, (por ter muita, e grossa artilheria,) que lhes desaparelhou muitos dos navios, matando-lhes dentro muita gente. Vendo Paichimarca o damno que recebia, e que a náo era muito forte, affastou-se della, dando-lhe a derradeira salva: e quiz a fortuna, que huma racha de hum páo, que levou hum pelouro, tomasse o Capitão pela sola de hum pé, (que tinha alevantado, e posto no pé do carneiro, na tolda onde estava assentado em huma cadeira mal disposto, donde mandava, e governava tudo,) e abrindo-lho todo, o derribou mortal.

Apartada a Armada, foi Nicoláo Juzarte a Cochim, levado dos seus pera o curarem, mas durou poucos dias. O Doutor Pero Vaz do Amaral, Capitão, e Veador da Fazenda de Cochim, tanto que a Armada passou pelas náos, despedio logo recado a Martim Affonso de Sousa, que sabia que era partido de Goa, pera que se apressasse. Este recado o tomou em Chalé, e dando-se pressa chegou a Cochim, onde desembarcou pera negociar algumas cousas pera passar a Ceilão em busca dos inimigos, que já tinha

avi-

aviſo da derrota que levava. E indo pela rua direita em huma faca, lhe ſahio de huma caſa huma mulher viuva Portugueza carregada de dó, (que era mãi daquelle moço Marcos, que pouco atrás diſſemos, que os Malavares levavam cativo, que o tinha ella ſabido por alguns marinheiros, que ſe ſalváram daquelle navio a nado.) E chegando-ſe a Martim Affonſo, lhe lançou as mãos ás redeias do quartão, tão deſconſolada, e com tão vivas, e accezas lagrimas, e ſuſpiros, que parecia que tinha perdido o ſizo, e clamando alto, lhe diſſe: » Senhor, valei-» me, que me matáram os Malavares meu » marido, e me levam meu filho Marcos ca-» tivo: e pois ides apôs os inimigos, peço-» vos pelas Chagas do Filho de Deos, que » mo livreis, e tragais. » Martim Affonſo a conſolou, dizendo-lhe, que rogaſſe ella a noſſo Senhor, que lhe déſſe vitoria delles. Ella lhe reſpondeo: » A vitoria, Senhor, » Deos vo-la dará; mas vós me haveis de » prometter de me trazer meu filho, porque » vos não hei de largar até me dardes diſſo » voſſa palavra, pera eu ficar alguma couſa » conſolada.

Vendo Martim Affonſo a confiança que aquella mulher tinha de lhe elle trazer ſeu filho, houve-o por muito bom prognoſtico, e diſſe-lhe, que ſe conſolaſſe, que elle lhe pro-

promettia de trabalhar todo o poſſivel por lhe trazer ſeu filho: que rogaſſe ella a Deos, que o encaminhaſſe, e lhe deſſe vitoria dos inimigos. Ella então o largou com grandes benções, e com muitas lagrimas. Martim Affonſo ſe embarcou logo, e foi apôs a Armada do Çamorim, e chegando a Coulão, achou a náo S. Pedro deſaparelhada de algumas couſas da batalha paſſada, e dos da náo ſoube o que lhe tinha acontecido, e apreſſando-ſe chegou ao Cabo do Comori, onde teve falla de algumas embarcações que achou, e ſoube que os inimigos faziam ſeu caminho por dentro pera paſſarem os baixos de Manar. Martim Affonſo de Souſa, porque levava galés, e navios muito pejados, que eram perigoſos pera os baixos, com conſelho de todos tornou a voltar pera Cochim, pera ſe negociar em navios pequenos: e eſta volta lhe deo a vitoria, porque como Paichimarca tinha já aviſo da Armada Portugueza, e trazia eſpias ſobre ella, chegando a Beadalá, foi aviſado que ſe tornára do Cabo do Comori; e parecendo-lhe que fora com receio delle, deſembarcou alli, e varou os navios pera os concertar, e alimpar, deixando-ſe eſtar devagar.

Martim Affonſo de Souſa chegou a Cochim, e deixando alli as galés, tomou alguns navios de remo que achou, e com os que le-

levava perfez vinte e dous, pera onde ſe mudáram os Capitães das galés, e toda a gente da Armada, que por toda ſeriam quatrocentos e ſincoenta homens. Os Capitães que o acompanháram (aos que achámos os nomes) ſam os ſeguintes:

Fernão de Souſa de Tavora, Manoel de Souſa de Sepulveda, Martim Correa da Silva, D. Diogo de Almeida Freire, irmão de D. João de Sande, (a quem na India chamavam o Malavar, por ſaber muito bem aquella coſta, e fallar a lingua,) Miguel de Ayala, João de Souſa Rates, Franciſco de Mello Pereira, Franciſco Fernandes o Moricale, e o Siqueira, ambos Malavares, naturaes de Cochim, grandes coſſairos, e valentes homens, e outros.

Partido Martim Affonſo de Souſa com eſta Armada ligeira, paſſou o Cabo do Comori, e foi tomando falla dos inimigos, que ſoube eſtarem em Beadalá com os parós varados, e tendas poſtas em terra; pelo que ſe apreſſou, e foi huma tarde apparecer ſobre a barra de Beadalá, onde ſurgio. Os Capitães Mouros vendo a Armada, e notando a pouquidade della, mandáram lançar ao mar trinta navios pera a irem commetter, deixando os outros varados, começando-ſe a embarcar a gente; e como iſto era tarde, anoiteceo logo. Martim Affonſo de Souſa teve aquel-

aquella noite conſelho com os Capitães, e aſſentáram, que commetteſſem os inimigos por mar, e por terra, porque aſſim alcançariam delles mais depreſſa vitoria, pelo deſcuido com que haviam de eſtar em terra. E aſſim ordenou Martim Affonſo de Souſa ficarem na Armada cento e ſincoenta homens com hum daquelles Fidalgos, (e ſegundo nos parece foi Fernão de Souſa de Tavora,) a quem deo por regimento, que tanto que ouviſſe deſparar huma camara de falcão, que pera iſſo levava, commetteſſe a barra, e pelejaſſe com os navios que eſtavam no mar; e elle foi deſembarcar em huma ponta abaixo de Beadalá pera os baixos, eſpaço de meia legua, onde ſe poz em terra com trezentos homens no quarto d'alva, começando logo a marchar pera a povoação em muito boa ordem. A Armada tanto que o lançou em terra, tornou-ſe a pôr ſobre a barra, aonde ſe deixou eſtar eſperando pelo ſinal; e entolhando-ſe que lho fizeram, mandou o Capitão mór della levar ancora: e poſtos em armas commettéram a barra ao ſom de muitos inſtrumentos, e bombardadas. E endireitando com os parós, que eſtavam no mar com alguma gente, os inveſtíram, lançandolhes dentro muitas panellas de polvora com que os abrazáram. Os Capitães Mouros, que eſtavam em terra, ouvindo a revolta acudíram

ram á praia a mandar gente aos navios pera elles os ſoccorrerem.

Eſtando aſſim neſta preſſa, chegou Martim Affonſo de Souſa ao lugar, e com grandes eſtrondos, gritas, e alaridos commetteo os inimigos, dando-lhes a primeira ſurriada de arcabuzaria, com que lhes derribáram muitos, enveſtindo logo com elles ás cutiladas, ficando todos baralhados, e como os tomáram de ſupito, fizeram nelles grande deſtruição. Os Capitães Mouros vendo aquillo, cuidando que era outro poder, e outra Armada, começáram a deſamparar tudo. O Siqueira pedio licença a Martim Affonſo de Souſa pera ir pôr fogo aos parós, que eſtavam varados, (porque em quanto não ardeſſem, os Mouros os não haviam de deſamparar, e haviam de trabalhar pelos defender.) E dando-lha Martim Affonſo de Souſa, lhes foi pôr fogo por algumas partes, que começou a atear nelles com grande braveza. Neſte tempo andava a batalha, aſſim no mar, como na terra, mui acceza; e vendo os Mouros arder os navios, logo deſacoroçoáram, e ſe começáram a retirar.

Eſtava na tenda de Paichimarca, (que elle mandou armar em hum palmar affaſtado da praia) o moço Marcos, e ouvindo a revolta, e entendendo que eram Portuguezes, poz-ſe na porta a eſperar o fim da conten-

tenda, porque ainda era eſcuro, e não ſe ouſava de ſahir, e ir pera os Portuguezes, porque receava que o mataſſem, cuidando que era Mouro; porque tudo quanto via, e ouvia era fogo, eſpingardadas, e gritas muito pera recear hum homem muito animoſo, quanto mais hum menino.

Os Mouros começáram-ſe a desbaratar, e a fugir, e alguns chegáram á tenda, onde o moço eſtava, e perguntáram por Paichimarca, e ſabendo não eſtar alli foram paſſando. Alguns Mouros moços, que ſerviam o Paichimarca, que eſtavam na tenda, vendo o desbarato ferráram do moço Marcos pera o levarem comſigo, porque já ſe queriam tambem pôr em ſalvo; mas elle lhes eſcapulio das mãos, e por ſe temer que alguns Mouros o quizeſſem levar, determinou-ſe a ſe arriſcar a huma eſpingardada, deitando a correr pera onde os Portuguezes andavam, porque já começava a eſclarecer, e foi gritando que era Portuguez; e aſſim foi dar com huns poucos de ſoldados, que encaráram pera o matarem; mas como elle hia bradando *Portuguez, Portuguez*, quiz Deos, movido das orações das triſte mãi, que o ouviſſe hum, que foi á mão aos demais, dizendo-lhes, que aquelle era o moço, que o Capitão mór encommendára a todos; porque teve elle tanta lembrança das lagrimas

da

da mãi, que antes de entrar a povoação, disse a todos, que lhes encommendava muito o filho da viuva de Cochim. E lembrando-lhes a estes soldados, o tomáram nos braços, e o leváram a Martim Affonso de Sousa, que em o vendo foi sua alegria tamanha, que houve que por elle lhe dera Deos aquella vitoria, que se acabou de arrematar manhã clara, assim no mar, como na terra, ficando todos os navios em poder dos nossos.

Paichimarca, e seu irmão, e Aly Abrahem vendo tudo perdido, se recolhêram a dous navios ligeiros, em que se acolhêram. Os nossos andavam em terra seguindo a vitoria; e depois dos da Armada renderem a dos inimigos, desembarcáram, e todos em hum corpo já depois da manhã clara deram na Cidade, pondo-lhe o fogo por muitas partes, em que se consumio toda, fazendo todo o mais damno que pudéram pelo favor, e ajuda que deram aos Mouros. Havida esta vitoria, que foi huma das famosas da India, mandou Martim Affonso de Sousa saquear as estancias dos inimigos, onde acháram grandes despojos, principalmente de armas, porque tomáram trezentas espingardas, e mais de duzentas peças de artilheria, muitas munições, e outras cousas. E antre isto se tomou hum sombreiro, que o Çamorim mandava ao Madune: e de todos

dos

dos os ſincoenta e hum navios, ſó os dous ſe ſalváram, em que foram Paichimarca, e ſeu irmão; e os mais delles foram queimados, e os outros recolheo Martim Affonſo de Souſa, e os levou comſigo, ajuntando-os á ſua Armada.

CAPITULO V.

Das couſas, que mais acontecêram a Martim Affonſo de Souſa em todo o reſto do verão: e de como paſſou a Ceilão: e das pazes que aquelles Reys fizeram.

PORque temos muitas couſas que tratar, primeiro que ſe nos acabe o verão, pareceo-nos bem concluirmos com as de Martim Affonſo de Souſa polas contarmos juntas, já que eſtamos com as mãos nellas. Havida tamanha vitoria, armou alli muitos Cavalleiros, e antre elles foi hum Simão Rangel de Caſtello-branco, irmão do Doutor Fernão Rodrigues de Caſtello-branco, homem Fidalgo, cujo Alvará de Cavalleiro, (que lhe alli paſſou,) eſtá em noſſo poder o proprio, de quem nós tirámos as forças principaes deſte ſucceſſo. E parecendo a Martim Affonſo de Souſa que era obrigação aviſar ao Governador deſta vitoria, deſpedio Miguel de Ayala, Capitão de hum catur, por quem eſcreveo ao Governador,

e

e ao Capitão de Cochim, a mercê que lhe Deos fizera: e a ElRey de Cochim mandou o ſombreiro, que o Çamorim mandava ao Madune. Neſte catur mandou embarcar o moço Marcos, entregue a Miguel de Ayala, a quem encommendou muito o entregaſſe da ſua parte a ſua mãi. E neſta era de noventa e ſeis, em que eſcrevemos iſto, vive eſte homem ainda, e chama-ſe Marcos Rodrigues, e he caſado em Baçaim com huma mulher Fidalga do appellido dos Mirandas, de que tem filhas, que vivem hoje caſadas com Fidalgos muito honrados, e bem deſpachados.

Deſpedido eſte catur, logo Martim Affonſo de Souſa ſe negociou, e embarcou pera ir a Ceilão ver-ſe com aquelle Rey, levando dos navios dos inimigos os melhores, com que reformou a ſua Armada, e os mais mandou pera Cochim, e aſſim foi demandar os baixos já em fim de Fevereiro, que paſſou muito bem até Manar, e dalli de longo da coſta foi demandar Columbo. E deixallo-hemos hum pouco, porque he neceſſario continuarmos com Miguel de Ayala, que hia com o recado pera Goa.

Eſte homem chegou a Cochim, e deo ao Capitão as cartas, e a ElRey o ſombreiro, que o eſtimou muito; e aſſim levou o moço Marcos, e o entregou a ſua mãi da par-

te

te do Capitão mór, dizendo-lhes, que alli lhe mandava ſeu filho, e que ficava deſobrigado da promeſſa que lhe fizera. A triſte viuva foi o ſeu alvoroço tamanho, que não cria o que via, abraçando-ſe com o filho, tornando com elle a renovar a dor da morte do pai.

As novas de tamanha vitoria ſe feſtejáram em Cochim o melhor que pode ſer, que logo ſe eſpalháram por todo o Malavar, onde houve hum geral pranto, porque morrêram na batalha mais de tres mil Mouros dos principaes, ficando aſſim o Çamorim, como os armadores, mui quebrados, porque naquella Armada mettêram todo o cabedal. O Miguel de Ayala, tanto que deo as novas em Cochim, tomando cartas do Capitão, e d'ElRey pera o Governador, partio-ſe com muita preſſa, porque o havia de ir tomar em Dio. E ſendo tanto avante como Chalé, encontráram huma galeota de Malavares mui formoſa, e cheia de muita, e boa gente, e pondo a prôa no catur do Miguel de Ayala, o enveſtio, lançando-lhe logo gente dentro. O Miguel de Ayala não levava mais de quinze ſoldados, que hiam com animo mui alegre da vitoria de Beadalá; e vendo-ſe entrados dos Mouros, ſe puzeram com elles ás cutiladas com tanto valor, e esforço, que lhes moſtráram logo por obra, que

naquelles quinze homens estavam muitos, porque começáram a atassalhar nos Mouros bravissimamente, tendo já o catur coalhado de corpos mortos; mas como os Mouros eram mais de duzentos, huns de dentro, e outros de fóra, perseguiam os nossos com todos os tiros que podiam, de que derribáram alguns mortos. Em fim por não recitarmos golpes, a briga durou todo o dia, que houve tamanho estrago de ambas as partes, que não ficou nos navios quem os pudesse mandar, por todos estarem estirados, ou mortos, ou feridos. Os marinheiros vendo-os daquella maneira, ventando o vento bem pera Goa, deram á véla, e tomáram Cananor, onde desembarcáram ao outro dia os mortos pera lhes darem sepultura, e os vivos, que não eram mais de sinco, (em que entrava o Miguel de Ayala) pera os curarem: e quiz nosso Senhor, que não perigasse o Ayala, que não pode passar dalli, e o Capitão de Cananor despedio o catur com as cartas ao Governador, escrevendo-lhe aquelle successo. Este catur chegou a Dio, e deo as cartas ao Governador Nuno da Cunha, que mandou festejar as novas da vitoria com toda a artilheria, e o tornou a despedir com cartas pera Martim Affonso de Sousa, e pera os Fidalgos de sua companhia, de louvores daquelle negocio.

E tornando a Martim Affonſo de Souſa, que hia ſua jornada pera Ceilão, em poucos dias chegou ao porto de Columbo com toda ſua Armada, e alli deſembarcou, e com toda a gente poſta em ordem marchou pera a Cota, pera ſe ver com aquelle Rey, que o recebeo muito honradamente, achando-o já deſapreſſado, e em pazes com o irmão; porque tanto que ſoube do desbarato de Paichinarca, e da chegada da noſſa Armada a Columbo, mandou pedir pazes ao irmão, que lhas concedeo, porque naturalmente era bom homem. Pelo que ElRey da Cota deo os agradecimentos a Martim Affonſo de Souſa, eſtimando muito a conta que com elle tinham os Portuguezes, e de como acudiam a ſeus trabalhos. Martim Affonſo de Souſa, vendo que não havia alli que fazer, tratou com ElRey de ſua ida, e lhe pedio algum empreſtimo pera as deſpezas da Armada, e paga de ſoldados, (porque tinha elle mandado offerecer tudo iſto.) ElRey lho concedeo com muito goſto, mandando-lhe dar quarenta e ſinco mil cruzados, que ſe carregáram por empreſtimo ſobre o Feitor de Columbo, em cuja receita fomos ver eſte dinheiro: e aſſim eſte, como outro muito que depois empreſtou, lhe foi muito mal pago, e ainda hoje ſe lhe deve a mór parte delle, (encommen-

dando ElRey de Portugal muito a ſeus Governadores, que lhe fizeſſem muito bom pagamento.) Martim Affonſo de Souſa ſe deſpedio d'ElRey, que lhe deo peças, e brincos, aſſim a elle, como a todos os Capitães, e fazendo-ſe á véla, ſe tornou pera Cochim, aonde achou as galés, e com toda a ſua Armada formada andou o reſto do verão na coſta do Malavar, fazendo toda a guerra que pode ao Çamorim, tomando ainda outros muitos parós, com que acabou de deſtruir os armadores; e como foi tempo, ſe recolheo a invernar a Goa.

CAPITULO VI.

De como o Governador Nuno da Cunha, por culpas que teve de D. Pedro de Caſtello-branco, Capitão de Ormuz, o mandou deſapoſſar da fortaleza: e de como Dom Fernando de Lima foi com huma Armada ao Eſtreito: e das mais couſas que o Governador paſſou em Dio até ſe recolher.

PElas náos, que vieram em Novembro de Ormuz a Dio, teve o Governador Nuno da Cunha muitos capitulos de grandes culpas, e queixas contra D. Pedro de Caſtelle-branco, que eram de qualidade, que lhe pareceo neceſſario pera quietação da terra, (por não haver outro alevantamento como

mo em tempo de Diogo de Mello,) mandallo tirar da fortaleza; porque naturalmente era hum Fidalgo muito forte de condição, e tão vingativo, que não perdoava cousa alguma. E assim estava toda a terra tão escandalizada delle, que foi necessario ao Governador acudir áquelle negocio, e determinou de mandar lá o Doutor Pero Fernandes Ouvidor Geral pera o suspender do cargo de Capitão da fortaleza, e mandallo prezo á India.

E porque por então não havia nenhum provído daquella fortaleza, e o Governador estava muito affeiçoado ao aviso, arte, e primor de D. Fernando de Lima, que nas náos passadas tinha vindo do Reyno por Capitão de huma dellas, como dissemos no Capitulo III. do II. Livro, despachado com Goa, determinou de lhe dar aquella fortaleza, de que poderia tirar aquelle anno cousa com que se pudesse ir pera o Reyno. Era este Fidalgo da creação d'ElRey D. João, sendo Principe, e foi sempre tão limpo, tão grave, e tão cortezão, que era hum dos Fidalgos, em que naquelle tempo se trazia o olho. Casou-se por amores com huma Dama do Paço, que se chamava Dona Francisca de Vilhena, filha do Grande Ruy Barreto, Fronteiro mór do Algarve, e de Dona Branca de Vilhena, irmã de Francisco Barre-

reto, que foi Governador da India, que era pobre, e tinha pouco dote: e como ElRey lhe era affeiçoado, despachou-o o anno passado pera a India com a Capitanía de Goa, por ser cousa que lhe entrava logo, e com a Capitanía de huma náo. Chegou á India com grande casa, e serviço de sua pessoa, porque era muito concertado no tratamento della. Embarcou-se logo com o Governador pera Dio, e conversando-o na jornada, vendo sua arte, aviso, e mais partes, assim se lhe affeiçoou, que o governava todo. (E costumava dizer em sua ausencia nas conversações dos Fidalgos, que se não conversára D. Fernando de Lima, fora ao Inferno.)

E vendo que se abria caminho pera mostrar quão grande seu amigo era, quiz-lhe dar a vantagem desta fortaleza de Ormuz; porque ainda que não acabasse tres annos, sempre havia de tirar mais que de Goa, porque desejava de o ver tornar pera o Reyno remediado. E estando com elle em conversação, lhe disse, que viera enganado de Portugal, porque a Capitanía de Goa não era cousa pera elle, assim porque dava de si pouco, como por estar nella sempre o Governador da India, e o Capitão ficar com elle muito acanhado, que desejava de o melhorar, pera que se pudesse tornar pera o Reyno mais cedo, e com mais remedio.

Que

Que elle mandava desapossar D. Pedro de Castello-branco da fortaleza de Ormuz, e que não havia nenhum provído: que elle em nome d'ElRey lhe fazia mercê della, e que poderia ser ficasse servindo tres annos por em cheio. D. Fernando de Lima lhe teve em mercê aquella vontade, dizendo-lhe que a não acceitava, porque não lhe convinha ir desapossar de sua fortaleza hum Fidalgo tão honrado. O Governador parecendo-lhe muito bem aquelle primor, lhe disse: Que elle daria a isso hum talho muito bom, este era, que iria ao Estreito em huma Armada, porque havia novas de gales, e que entre tanto iria o Ouvidor Geral fazer aquella execução em D. Pedro, e o mandaria pera Goa; e que como fosse tempo de se elle recolher do Estreito, fosse invernar a Ormuz, aonde acharia Provisão pera tomar posse daquella fortaleza. D. Fernando lhe disse, que por aquelle modo acceitava. O Governador Nuno da Cunha mandou logo preparar dous galeões, e algumas fustas, com que D. Fernando de Lima se fez á véla entrada de Fevereiro; e de sua jornada adiante daremos razão.

O Governador ficou em Dio dando muita pressa ás obras da cisterna, e renovando muitas cousas da fortaleza, e mandou correr com as obras do baluarte da Villa dos

Ru-

Rumes , dando Coge Çofar aviamento pera tudo ; no que correo tão pontual , que disse o Governador a Antonio da Silveira , que a seu filho (que estava na fortaleza reteudo) de quando em quando lhe désse licença pera ir á Cidade visitar sua mãi com alguns homens de sua guarda. E porque entrava já o mez de Março , tempo de se recolher pera Goa , pera prover nas cousas de Malaca , e Maluco , proveo nas da fortaleza , dando a Capitanía do baluarte da Villa dos Rumes a Francisco Pacheco , com o cargo de Juiz de Alfandega , provendo todos os Officiaes della. E o baluarte do mar proveo de artilheria , e munições , cuja Capitanía deo a Antonio de Sousa Coutinho , (hum Fidalgo de Lamego ,) dando-lhe trinta soldados. E assinou pera ficarem na fortaleza grande , seiscentos homens , com Capitães pera lhes darem mezas , que foram , Lopo de Sousa Coutinho de Santarem , Gonçalo Falcão , Luiz Rodrigues de Carvalho , Gaspar de Sousa , Manoel de Vasconcellos , Rodrigo de Proença , da obrigação do Governador. E a Capitanía da Armada , que deixava no rio , deo a Francisco de Gouvea , e a Alcadaria mór da fortaleza a Paio Rodrigues de Araujo , e a Feitoria a Antonio da Veiga. Provído tudo muito bem , despedio-se o Governador de todos , e foi-se pera

ra Goa, aonde proveo nas cousas de Malaca, e Maluco, e em todas as mais; e com isto se serrou o inverno.

CAPITULO VII.

Do que aconteceo a Cafarcan, que Soltão Badur tinha mandado nos galeões a Meca: e de como foi levado com todos os thesouros que levava ao Turco: e da Armada que elle mandou negociar pera mandar á India contra os Portuguezes: e do aviso que ElRey teve della: e do soccorro que mandou.

NO Capitulo setimo do Livro nono da quarta Decada temos dado larga conta de como Soltão Badur mandou pera Meca sua mulher, e seus thesouros, entregues a Cafarcan, porque não tinha ainda de todo perdido o medo ao Magores. Agora he necessario continuarmos com Cafarcan, porque convem assim ao fio de nossa historia. Partido este Mouro com suas náos, foi seguindo sua viagem até á Cidade de Meca, onde desembarcou tudo o que levava, e o Xarife dalli os recebeo bem, dando aposentos á Rainha muito á sua vontade. Alli se deixáram ficar sem receberem aggravo, nem escandalo de pessoa alguma, esperando por recado d'ElRey Soltão Badur até este Abril

pas-

paſſado, que chegáram as náos de Surrate, por quem tiveram novas da morte de Soltão Badur, eſcrevendo Coge Çofar a Nacodá Amet, Rey de Zebit, com quem tinha muita razão de amizade, e creação, pedindo-lhe encarecidamente, que perſuadiſſe aos Baxás do Conſelho do Turco, que mandaſſe ſuas Armadas á India contra os Portuguezes, e que foſſem demandar aquella Ilha de Dio, aonde lhe ſería muito facil tomar aquella fortaleza, e onde elle eſperaria com muita gente, mantimentos, e todos os mais petrechos de guerra pera os ajudar: e que dalli ficavam a balravento de toda a India, pera onde a todo o tempo que quizeſſe poderiam partir, e fazer guerra ás mais fortalezas dos Portuguezes, que lhes não haviam de poder reſiſtir, e aſſim os lançariam fóra da India, e ficaria outra vez o commercio antigo em ſua liberdade como dantes, e a romagem da caſa de Mafamede deſimpedida aos romeiros della, cuja devoção eſtava perdida, pela potencia das Armadas Portuguezas, que tanto em offenſa de ſua religião tinham tapadas as bocas daquelle Eſtreito. Por eſtas cartas ſe eſpalhou logo a nova da morte do Badur, tão nomeado por todo o Oriente, até chegar ao Cairo, aonde eſtava por Governador Soleimão Baxá Eunuco, homem muito velho, que muitos

an-

annos ſervio ao Grão Turco Soleimão de ſua camara pera dentro. E quando deo a Governança do Cairo ao outro Soleimão Baxá, General da Armada, que matáram, que era Guarda da ſua porta da Camara, lhe deo a eſte o meſmo officio, e por morte do outro tambem o paſſou á Governança do Cairo.

Eſte Eunuco tanto que lhe chegáram as novas da morte do Badur, deſpedio logo recado ao Xarife da caſa de Meca, que lhe mandaſſe a mulher, e theſouros daquelle Rey, que eſtavam naquella Cidade, porque era aſſim ſerviço do Turco: o que tudo lhe foi levado, indo Cafarcan acompanhando a Rainha. Outros dizem, que o meſmo Cafarcan em ſabendo da morte do Senhor, tomára tudo comſigo, e ſe fora ao Cairo, e dahi á Corte do Turco. Ou foſſe de huma maneira, ou da outra, tudo foi levado ao Turco, que já era Celim, por haver pouco que ſeu pai era morto. Vendo eſte barbaro tanta pedraria, e ouro, maravilhou-ſe, e houve, que Reyno donde hum Rey ſó de ſua recamara tirára aquelles theſouros pera mandar a Meca, havia de ſer riquiſſimo daquellas couſas: com o que lhe creſceo a cubiça de o conquiſtar, accreſcentando-lha mais o Eunuco com as couſas que lhe diſſe, e com a carta de Coge Çofar que lhe moſtrou, que ElRey de Zebit mandou, dizen-

do-

do-lhe, que não só seria facil, mandando suas Armadas, fazer-se senhor de hum Imperio tão rico como aquelle, mas ainda lançar fóra da India os Portuguezes, e tornar a casa de Meca á sua antiga devoção.

E como o Eunuco tratava esta materia com tamanha cubiça como o Turco, e desejava de se achar naquella jornada, tratou aquelles negocios com a mãi do Turco, que elle em moço servio, mettendo-a por terceira pera lha dar, dizendo que não queria pera ella mais que as vasilhas, artilheria, e gente, e que todas as mais despezas elle as faria á sua custa. Isto solicitou com tanta instancia, que lhe concedeo o Turco a jornada, despachando-o logo pera ir a Suez fazer prestes a Armada que havia de levar, dando-lhe mil e quinhentos Janizaros de sua guarda, e a artilheria que lhe pareceo necessaria. O Baxá se foi ao Cairo, onde mandou ajuntar muita madeira, e cordoalha, e dalli em camellos se passou tudo a Suez. O Turco mandou com elle pera seu conselheiro o Cafarcan, por homem prático nas cousas de Cambaya. E porque eram necessarios muitos officiaes pera concerto das galés, e gente pera sua chusma, succedendo no mesmo tempo quebrarem-se as trégoas, que estavam feitas antre o Turco, e a Senhoria de Veneza, que se tinham celebrado com

Ba-

Bajazeto os annos de 1500, de que foi author André Griti, Provedor dos Venezianos. E esta quebra das pazes foi este Setembro passado, estando já o Baxá no Cairo, fazendo prestes as cousas pera a jornada; e chegando-lhe as novas a tempo, que estavam algumas galés de Veneza em Alexandria, de que era Capitão Misser Antonio Barbarigo, mandou o Baxá logo a Chiqlierqui, Baxá daquella Cidade, que lançasse mão de toda a cousa de Veneza, que alli estivesse; o que elle fez, lançando mão do Consul dos Venezianos que alli assistia, que era Misser Alinaro Barbaro, e de todas as galés, e gente dellas, e todos mandou metter na Torre das Lanças, donde poucos, e poucos mandou levar a Suez todos os que eram Officiaes, indo em sua guarda Icuf Amede, Capitão mór do mar de Alexandria, que o havia de acompanhar naquella jornada. Antre esta gente se achàram muitos carpinteiros, calafates, e comitres, que foi todo o apparelho pera aquella jornada, porque sem elles mal se pudéra negociar tamanha Armada. Hum comitre destes Venezianos fez hum roteiro de toda esta viagem, dia por dia, a quem nós em muitas cousas seguimos, porque escreveo como testemunha de vista.

Destas cousas que passáram na Corte do Turco, teve logo ElRey D. João aviso pe-

las

las muitas intelligencias que nella trazia; pelo que aſſentou em ſeu conſelho mandar em Outubro algumas náos á India, com aviſo ás fortalezas de Ormuz, e Dio, e com gente, e provimentos pera ellas. E com muita brevidade mandou negociar ſinco náos, que nos primeiros dias de Outubro fez á véla, de que eram Capitães Diogo Lopes de Souſa, o Traquinas de Santarem, que hia provído da Capitanía de Dio, e levava por regimento, que foſſe tomar Goa, e Fernão de Caſtro pera ir a Ormuz, e Fernão de Moraes pera Dio, pera todos deitarem naquellas fortalezas gente, munições, e artilheria. Das outras duas náos eram Capitães Aleixos de Souſa, e Henrique de Souſa Chichorro, filhos de Garcia de Souſa, que foi muitos annos Provedor do Hoſpital de Lisboa, e por ſua vagante ſe deo aos Padres Loios, em cujo poder andou muitos annos. Eſtes dous Capitães hiam pera Moçambique, de cuja Capitanía hia provído Aleixos de Souſa, que era mais velho, porque ſe receou ElRey que foſſem ter a ella algumas galés, e quiz ter provído a tudo. E com ſerem os Reys de Portugal pobres, provião a India com tão groſſas, e amiudadas Armadas, como ſe vê pelo decurſo de noſſa hiſtoria, porque traziam no coração (primeiro que o intereſſe) o zelo do ſerviço de

Deos,

Deos, e da propagação de ſua Santa Fé, elle lhes dava forças, poder, e cabedal pera tudo.

CAPITULO VIII.

De como o Doutor Pero Fernandes chegou a Ormuz, e deſapoſſou D. Pedro de Caſtello-branco da fortaleza: e do que aconteceo a D. Fernando de Lima na jornada do Eſtreito até ir a Ormuz: e do que aconteceo ás náos do Reyno na viagem.

PArtido o Doutor Pero Fernandes de Goa, foi ſeguindo ſua jornada até chegar a Ormuz, e deſembarcando em terra, o recebeo D. Pedro de Caſtello-branco mui bem, fazendo-lhe muitos gazalhados. O Doutor lhe diſſe: » Não me façais, Senhor, tanta feſta, porque não venho aqui a couſas de voſſo goſto. O Governador por culpas que de vós tem, vos manda deſapoſſar deſta fortaleza, como vereis por eſtas Proviſões que aqui eſtam: por cuja virtude vos notifico da parte d'ElRey noſſo Senhor, que dentro em vinte e quatro horas vos ſahais deſta fortaleza, e vos embarqueis em huma náo, que alli eſtá no porto de verga dalto pera ſe partir pera Goa. » Dom Pedro ficou ſobreſaltado com diligencia tão apreſſada; mas todavia diſſe, que eſtava preſ-

tes

tes pera obedecer ás Provisões do Governador. O Ouvidor Geral mandou fazer hum auto da notificação dellas, em que D. Pedro se assinou com elle. Feito isto, mandou D. Pedro logo tirar o seu fato, e embarcallo na náo, e elle no mesmo dia o fez tambem, ficando a fortaleza entregue ao Ouvidor Geral, que ficou devassando, e tirando sua residencia, com que como foi tempo se embarcou pera a India, deixando na fortaleza o Alcaide mór, com regimento pera a entregar a D. Fernando de Lima, com quem he necessario que continuemos.

Partido este Fidalgo pera o Estreito, pera onde o Governador Nuno da Cunha o mandou com huma Armada, foi seguindo sua derrota até haver vista de Monte de Felix na costa da Arabia, aonde se deixou andar esperando as náos de Cambaya, e Achem, mandando hum navio de remo até ás portas do Estreito a tomar falla da terra, e a saber das galés. Este navio tomou humas gelvas, em que cativou algumas pessoas, de quem souberam que em Suez se faziam prestes galés pera em Setembro passarem á India. Com estas novas despedio D. Fernando de Lima hum navio ligeiro ao Governador, que chegou a Goa já em Maio, causando com ellas grande alvoroço na terra. O Governador mandou com muita pres-

sa

ſa negociar a Armada groſſa, pera que tanto que dellas tiveſſe recado as ir buſcar. D. Fernando de Lima andou por aquella paragem até meado Abril, ſem lhe ir cahir nada nas mãos; e ſendo já tempo, ſe fez na volta de Ormuz. E paſſando por Xael, ſurgio ſobre aquella barra, e mandou tratar com aquelle Rey ſobre o reſgate de trinta Portuguezes, que alli eſtavam cativos, de huma embarcação que deo á coſta, que lhe ElRey deo a troco de roupas, e fazendas, que já pera iſſo levava. E dando dalli á véla chegou a Ormuz em fim de Maio, e tomou poſſe daquella fortaleza pelas Proviſões que achou. Quaſi no meſmo tempo chegou a náo do Reyno, de que era Capitão Fernão de Caſtro, que D. Fernando de Lima recebeo bem, deſembarcando os provimentos, munições, e artilheria que levava; e aos ſoldados ſe ordenáram mezas, e pagáram ſeus quarteis. D. Fernando de Lima ſabendo da certeza das galés, aſſim pelo recado do Reyno, como do aviſo que teve pela fuſta que mandou ao Eſtreito, mandou recolher todos os mantimentos, agua, e lenha que pode, renovando, e fortificando a fortaleza com muita preſſa, achando por todos os Portuguezes que podiam pelejar ſeiscentos, que recolheo dentro na fortaleza, deſpedindo navios ligeiros com recado aos

Xeques de Maſcate, Calayate, Curiate, e por toda aquella coſta até o cabo de Roſalgate, pera que eſtiveſſem ſobre aviſo, ſe as galés foſſem pera aquella fortaleza; dando por regimento aos Capitães dos navios, que ſe deixaſſem andar naquelle cabo até todo o mez de Agoſto, eſperando-as, pera que ſe entraſſem naquelle Eſtreito, lhe levarem diante aviſo, ficando mui alvoroçado eſperando por ellas, havendo que sería grande boa ventura a ſua, ſe em ſeu tempo foſſem ter áquella fortaleza; mas a morte invejoſa de todos os penſamentos honroſos lhe atalhou os ſeus; porque não havendo tres mezes que eſtava naquella fortaleza, veio a falecer de humas febres, com grande dor, e ſentimento de todos, pelas boas partes, e qualidades de ſua peſſoa, polo que era muito amado, e reſpeitado. Seu corpo foi enterrado antre as portas da fortaleza, e ſeus oſſos depois foram póſtos na parede antre as meſmas portas, onde hoje eſtam com humas grades de ferro. Ficáram a eſte Fidalgo hum filho, e duas filhas. O filho ſe chamou Dom Diogo Lopes de Lima Pereira, que foi Vedor d'ElRey D. Sebaſtião; e as filhas, huma ſe chamava Dona Iſabel de Vilhena, que caſou com Jorge de Lima; e a outra Dona Maria Manoel, que foi caſada com Manoel de Souſa, Apoſentador mór d'ElRey. Succe-

ce-

cedeo por ſua morte na fortaleza Fernando Alvres Sarnache , que andava por Capitão mór naquelle Eſtreito , por ter huma Proviſão do Governador Nuno da Cunha pera iſſo. Fernão de Caſtro Capitão da náo do Reyno ficou alli invernando, e em Outubro ſe partio pera Goa. As outras náos do Reyno tiveram todas muito boa viagem. Fernão de Moraes foi tomar Dio conforme a ſeu regimento em Abril ; e dando as cartas a Antonio da Silveira , e deitando a gente , e provimentos que levava em terra , voltou pera Goa , onde chegou já em Maio com Diogo Lopes de Souſa o Traquinas , que o Governador recebeo muito bem.

Neſtas náos diziam , que tivera o Governador cartas de alguns amigos do Conſelho , que ſem dúvida no Setembro ſeguinte lhe mandaria ElRey ſucceſſor , o que elle ſentio tanto , que logo ſe moſtrou triſte , e malenconizado , havendo-ſe por muito offendido , e aggravado d'ElRey , e dos do ſeu Conſelho , tendo elle ſervido quaſi dez annos , com tanta ſatisfação , e com tamanhas vitorias alcançadas ; e agora havendo certeza de galés , quererem-lhe tirar das mãos tamanha honra , e huma occaſião , que elle eſtimava ſobre todas as da vida , era-lhe couſa muito pezada , e má de ſoffrer. E todavia com ſeu deſcontentamento começou a pro-

ver os almazens de tudo mui baſtantemente, mandando fazer muitas munições, e preparar a Armada, repartindo o trabalho deſtas couſas pelos Fidalgos, e Capitães, entregando-lhes as náos, e galeões, de que haviam de ſer Capitães, pera correrem com ſeu concerto; mandando que nos almazens, ferrarias, cordoarias ſe déſſe tudo o que por ſeus aſſinados ſe pediſſe pera correr tudo com mais preſſa; viſitando elle em peſſoa todos os dias as ribeiras, e almazens; e deſpedio cartas por terra ao Capitão, e Veador da Fazenda de Cochim, pera que lá lhe negociaſſe com a mór brevidade que foſſe poſſivel toda a Armada, e náos que houveſſe, pera que até vinte de Setembro foſſem ter com elle, porque eſperava de ir buſcar os Rumes, e pelejar com elles. As outras duas náos, de que eram Capitães Aleixos de Souſa Chichorro, e Henrique de Souſa Chichorro ſeu irmão, foram tomar Moçambique, entregando Vicente Pegado aquella fortaleza a Aleixos de Souſa, por huma Proviſão d'ElRey que levava, que mandou logo reedificar a fortaleza, e recolher nella mantimentos, e lenha. E porque chegou com muitos doentes, lhes mandou fazer Hoſpitaes, que os não havia, onde os recolheo, curando-os, e provendo-os muito bem, e exercitando o officio da caridade em todos

os

os annos que naquella fortaleza eſteve : de feição, que quando ſahio della, foi em eſtado, que eſtava pera ſe recolher no Hoſpital por pobre , porque tudo gaſtou naquellas obras de caridade, e hoſpitalidades. Eſtas eram as veniagas, e mercadorias dos Fidalgos daquelle tempo , de que os deſte ſe rim bem ; mas nós não lhes vemos Morgados, nem contos de juro de tantos milhões de cruzados , como tiram de ſuas fortalezas , nem ſabemos por onde ſe lhes conſumem todos, porque elles não ſe logram, e muitos na mór cubiça, e ſede de ajuntar na ſua fazenda , vem huma dor de cabeça , e leva-os primeiro que acabem ſeu tempo. Por iſſo veja cada hum o como ſe negocea, que Deos não dorme, e os brados dos pobres, que não deixam viver em ſuas fortalezas , chegam aos Ceos. Mas deixemos eſta materia, pois he prégar no deſerto , e continuemos com as couſas de Dio.

CAPITULO IX.

Das cousas que acontecêram em Dio, depois do Governador Nuno da Cunha partido pera Goa: e de como Coge Çofar se foi secretamente da Cidade, e se passou a Cambaya, e persuadio áquelle Rey a fazer guerra aos Portuguezes.

EM quanto o Governador Nuno da Cunha esteve em Dio, com tanta prudencia, arte, e manha se houve Coge Çofar em todas as cousas que se lhe encommendáram, (de que o Governador ficou tão satisfeito,) que lhe deixou licença pera mandar huma náo sua pera Meca, pagando naquella Alfandega os direitos, e com obrigação que tornasse áquella fortaleza. Esta náo poz elle logo á carga. O filho de Coge Çofar sempre esteve na fortaleza em refens, e algumas vezes hia á Cidade visitar sua mãi, como o Governador tinha dado licença a Antonio da Silveira. Poucos dias depois delle partido pera Goa, pedio licença pera a ir ver, e lhe trouxeram de sua casa hum formosissimo cavallo, que devia de ter experimentado naquelle negocio pera que o queria, indo com elle alguns homens da guarda. E chegando ao cais da Alfandega, pondo-se á borda da agua, como que estava vendo

do as embarcações , apertou as pernas ao cavallo , dando-lhe com o chabuco , (que he hum açoute , que todos trazem na mão , com que os açoutam rijamente ,) com o que arrancou o cavallo como hum trovão , e arremessando-se ao mar , em breve espaço passou aquelle transito até Gogalá. E como se vio da outra banda , foi-se pera Novanager , e dahi se passou a Cambaya , e foi muito bem recebido d'ElRey , que lhe deo o titulo de Rumecan , que he o maior do Reyno. Antonio da Silveira foi logo avisado de sua fugida , e mandou por huma companhia de soldados levar diante de si Coge Çofar , que foi muito confiado , e lhe deo suas razões , dizendo , que se elle fora em consentimento da fugida de seu filho , não havia de ficar na Cidade com sua mulher , e fazenda , que era muita , nem havia de pór sua náo á carga com tamanha segurança : que seu filho era homem , e não lhe dava cousa alguma de o deixar a elle em trabalhos , que alli o tinha , e podia fazer delle tudo o que quizesse. Vendo Antonio da Silveira sua segurança , e parecendo-lhe pelas razões que lhe deo , que estava sem culpa , o deixou , pedindo-lhe que corresse com o serviço d'ElRey de Portugal , como tinha por obrigação. Isto fez tambem Antonio da Silveira por não causar alguma alteração na Ci-

Cidade, que eſtava quieta, porque ſe o prendêra eſtava certo tornar-ſe logo a deſpovoar. Coge Çofar era tão ſagaz, e aſſim ſe ſoube fingir, que andando negociando fugir daquella Ilha, hia todos os dias á fortaleza apreſentar-ſe ao Capitão, e hia carregando a náo de toda ſua fazenda pouco, e pouco, ſem fiar ſua determinação mais que de ſi proprio; pelo que nunca o Capitão lhe pode alcançar couſa alguma de ſeus deſenhos, por muitas intelligencias que ſobre elle trazia. Coge Çofar foi correndo com a carga da náo, e o dia em que tinha determinado ſua fugida, embarcou ſuas mulheres com tanto ſegredo, e reſguardo, que nunca ſe ſoube.

E o dia que ſe havia de fazer á véla, pedio licença ao Capitão pera ir com o Alcaide do mar deſamarralla, que lhe elle deo. De madrugada ſe embarcou no navio do Guarda, e Alcaide do mar, e entrando na náo recolheo-ſe com elle pera a camara, onde o fechou, e largando a amarra por mão diferio á véla com vento proſpero, e em pouco eſpaço ſe alongou da terra. O navio do Alcaide do mar (a que os Mouros chamam Miraba) quiz chegar a bordo, mas não o deixáram, pelo que voltou apreſſadamente pera a terra, e deo rebate ao Capitão, que em extremo ſentio aquelle negocio,

cio, e logo com muita brevidade mandou dar nas casas de Coge Çofar, aonde não acháram senão cousas que elle não quiz levar. O Capitão mandou tirar grandes devassas, pera saber se ficára na Cidade fazenda sua, mas não achou rasto de cousa alguma, de que ficou magoado; e bem entendeo que havia aquelle homem de dar ainda grande trabalho áquella fortaleza, por sua grande industria, saber, e artificio, como se vio nesta sua fugida, que vendo que se não podia sahir da Ilha, nem passar á outra banda, pelas grandes vigias que nos passos havia, ordenou de se ir por mar, pera o que poz aquella náo á carga pera Meca, pagando direitos das fazendas que nella embarcava pera maior dissimulação.

E tornando a Coge Çofar, tanto que deo á véla foi demandar Surrate, aonde desembarcou sua casa, e despedio a náo pera Meca. E como foi em terra largou o Alcaide do mar com quem teve satisfações, e lhe deo peças de ouro, e brincos, e embarcação pera se tornar pera Dio, como fez, e deo ao Capitão conta de tudo o que passava. O Capitão despedio logo hum navio ligeiro com cartas ao Governador Nuno da Cunha de tudo o que era succedido, affirmando-lhe que Coge Çofar havia de persuadir a ElRey a fazer guerra áquella fortaleza, e

que

que ſem dúvida aquelle inverno a teria. E aſſim foi, porque Coge Çofar ſe paſſou logo á Cidade de Amadabá, e lançou-ſe aos pés d'ElRey, que o recebeo bem, e o eſtimou muito. Coge Çofar depois de ſe agazalhar pedio a ElRey, que o ouviſſe hum dia perante os do ſeu Conſelho, porque tinha algumas couſas de ſeu ſerviço que lhe dizer; o que ElRey fez, tendo comſigo todos os ſeus Capitães. E Coge Çofar levantando-ſe em pé, e tomando ſuas ſalvas, fez a ElRey eſta prática.

Falla, que Coge Çofar fez a Soltão Mamude Rey de Cambaya, em que o perſuadia a que mandaſſe pôr cerco á fortaleza de Dio, ajudando-ſe de huma groſſa Armada, que lhe o Turco mandou em ſeu favor.

» ANtre as partes que o bom vaſſallo ha » de ter, muito poderoſo Senhor, a » principal ha de ſer lealdade, e fidelidade » a ſeu Rey; e como nelle houver eſta vir» tude, logo ſe ſeguem a ella, amor, zelo » de ſeu ſerviço, esforço, prudencia, ſegu» rança, e todas as mais couſas ſemelhantes » a eſtas; o que tudo falece ao que falta hu» ma virtude tão principal, porque logo tem » odio, e aborrecimento ao ſerviço do ſeu » Rey, logo fica timido, e acovardado, pou-

» co

» co ſeguro, malenconizado, e ſobre tudo
» imprudente. E como eu pelas muitas, e
» grandes mercês que tenho recebidas d'El-
» Rey voſſo tio, (cujo ſangue eſtá diante de
» Mafamede, pedindo vingança dos Portu-
» guezes, que debaixo de fé, e amizade o
» matáram,) deſejo de ſe me não enxergar
» ingratidão a ellas, e não ſer tachado de
» desleal, como pertendo moſtrar nos gran-
» des ſerviços que eſpero fazer a V. A. até
» ſacrificar eſta vida, e a de minha mulher,
» e filhos, ſendo neceſſario, com muito goſ-
» to; porque com o direito do Reyno ficaſ-
» tes herdando as meſmas obrigações, que
» lhe todos tinhamos, principalmente eu,
» que me recolheo, honrou, e fez rico. Pe-
» lo que ſe até agora me não vim apreſen-
» tar ante voſſos pés, não foi por haver em
» mim alguma dúvida em voſſo ſerviço, ſe-
» não por deſejar de me deſarreigar de todo
» dos Portuguezes, porque pelos penhores
» que na Ilha de Dio tinha, me era neceſ-
» ſario diſſimular, e fingir-me, até buſcar mo-
» do, como fiz, pera me ſahir della com mi-
» nha mulher, filhos, e fazenda, pera mais
» deſembaraçado, e com mais cabedal ſervir
» Voſſa Alteza, pera o que eſtou preſtes com
» tudo o que tenho, porque pera iſſo traba-
» lhei de o ſalvar. E pois já eſtou em voſ-
» ſo poder, pelo muito que vos devo, como

» a

» a meu Rey, e Senhor, vos lembro as ra-
» zões que tendes pera vingardes a morte
» d'ElRey vosso Tio, e de tornardes a co-
» brar a Ilha de Dio, que he a melhor pe-
» ça de vosso Reyno, e as portas, e chaves
» delle: que em quanto estiver em poder dos
» Portuguezes, vos hão de ter hum pé no
» pescoço, e haveis de perder o trato, e com-
» mercio do Estreito de Meca, com o que
» vossas rendas hão de vir tanto a menos,
» que do mais rico Rey do Oriente fiqueis
» o mais pobre, e fraco delle. E sobre tu-
» do affrontada nossa religião, e impedida
» a romagem da casa de nosso Profeta, por-
» que não tinheis em vosso Reyno outro por-
» to melhor, nem mais continuado, que a-
» quelle de Dio. E se haveis de acudir a es-
» tas cousas, não sei tempo mais accommo-
» dado, e accezonado que este, que a for-
» tuna vos offerece tamanha occasião, como
» he a pouca gente que naquella fortaleza fi-
» ca, a fraqueza della, e de seus baluartes,
» e sobre tudo nenhuma agua; porque a cis-
» terna, que o Governador Nuno da Cunha
» mandou fazer, está ainda imperfeita; e os
» Portuguezes não tem donde beber senão
» dos poços da Ilha, que tanto que lhos to-
» marem, não tem outro remedio senão en-
» tregarem-se-vos: e o inverno he entrado,
» e não podem ser soccorridos de nenhuma
» par-

» parte; e pois tudo eſtá tanto da voſſa, não
» dilateis eſte negocio, porque ſem dúvida
» vos ſerá muito facil tornardes-vos a ſenho-
» rear daquella Ilha, e lançardes della ta-
» manhos inimigos. E pera mais vos aſſegu-
» rardes neſte negocio vos affirmo, que na
» entrada de Setembro tereis em voſſo favor
» huma groſſa Armada de Turcos, porque
» tenho cartas d'ElRey de Zebit, que ſe fi-
» cão preparando em Suez com muita preſ-
» ſa. E eſpero em Mafamede, que deſta vez
» havemos de lançar eſtes homens fóra da In-
» dia, pera que a navegação della fique li-
» vre, e deſembaraçada como dantes. E por-
» que V. A. veja que lhe não aconſelho cou-
» ſa em que eu haja de ficar de fóra, me of-
» fereço pera eſta jornada com mil de caval-
» lo, e tres mil de pé, pagos á minha cuſta. E
» ſobre iſto todo o mais dinheiro que for ne-
» ceſſário, porque tenho muito, e todo have-
» rei por bem empregado no ſerviço de V.A.»

ElRey o ouvio com muita attenção, e lhe agradeceo com palavras honradas aquellas lembranças, e offerecimentos. E por parecer bem a todos os do Conſelho, aſſentou-ſe fazer-ſe logo aquella jornada, elegendo pera ella Alucan, hum dos tutores d'ElRey, e com elle Coge Çofar, com igual mando, que ElRey logo fez do ſeu Conſelho, e lhe fez mercê da Cidade de Surra-

te

te pera elle, e seus filhos, (que Soltão Badur tinha dado a Mostafá Baxá, o que se passou pera os Magores, como já dissemos no Capitulo V. do IX. Livro da quarta Decada.)

Este Mostafá Baxá chamava-se tambem Rumecan, e era General do exercito de Soltão Badur, que tinha começado nella huma muito forte fortaleza pelo rio assima mais de tres leguas, assentada sobre o rio, que defendia a passagem pera a Cidade. Esta fortaleza mandou logo Coge Çofar acabar com muita brevidade. E começou-se logo a fazer ajuntamento de Capitães, e gente, a que se deo pressa pera partirem na Luá nova de Junho. Agora os deixaremos por hum pouco, porque he necessario continuarmos com ás cousas de Ceilão.

CAPITULO X.

Das cousas que acontecêram em Ceilão: e de como o Madune por morte do irmão Reigão Pandar se apoderou de seu Reyno: e de como ElRey da Cota casou sua filha com hum Principe da casta do Sol: e que casta he esta: e porque se chama assim.

Mui magoado ficou o Madune do desbarato de Paichimarca, e da grande amizade, e favor que seu irmão ElRey da Co-

Cota tinha com os Portuguezes; o que lhe era tão máo de soffrer, que morria de puro pezar: e em nenhuma outra cousa trazia o pensamento senão em buscar modos pera matar o irmão, até peitar os de dentro da sua camara pera lhe darem peçonha, o que tentáram algumas vezes, mas foram achados, e justiçados. Estando as cousas neste estado, e o Rey da Cota assombrado do irmão, faleceo o outro irmão Reigão Pandar, sem lhe ficarem filhos; e porque aquelle Reyno vinha de direito ao Rey da Cota, acudio muito depressa o Madune, e entrou na Cidade de Reigão Corlé, que era a cabeça do Reyno, e se apoderou della, e dos thesouros do irmão, ficando com isto mais poderoso que o Rey da Cota. E como o desejo de se ver senhor de toda aquella Ilha era o que o inquietava, tentou logo de metter contra o irmão todo o cabedal, como entrasse o verão, e averiguar logo aquelle negocio, primeiro que tivesse outro soccorro dos Portuguezes. E querendo-se ainda valer do Çamorim, lhe enviou outros Embaixadores, por quem lhe mandou pedir outra Armada, mandando-lhe muito dinheiro pera suas despezas. Esta Armada lhe pedia mandasse na entrada de Setembro, porque já o acharia sobre a Cota. Disto foi logo avisado este Rey; e vendo os riscos em que andava, e que estava sem filho

lho herdeiro, determinou de casar huma filha que tinha, pera que os filhos que della procedessem fossem herdeiros daquelle Reyno; e assim elegeo pera genro hum Principe, que vivia nas sete Corlas, chamado Treava Pandár, que he ao que as historias da India corruptamente chamam Tribuli Pandár; que assim por pai, como por mãi procedia daquella Real geração da casta do Sol; porque não podiam herdar o Imperio de Ceilão, senão os que direitamente viessem desta casta, que os Cingalás tem por divina, como logo diremos: e assim não farão suas sumbaias, nem obedeceráõ a Rey de outra casta, ainda que os matem.

Donde vem os Reys da casta do Sol, e a razão por que se chamam assim.

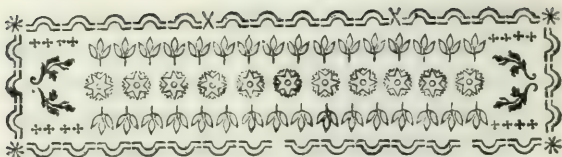
E Porque nos não fique por darmos razão desta casta do Sol, diremos o que elles disto fabulão, por darem hum honroso principio a seus Reys. Dizem suas Chronicas, (e nós o ouvimos cantar a hum Principe de Ceilão em versos a seu modo, que hum interprete nos hia declarando, porque todas suas antiguidades andam postas em verso, e se cantam em suas festas,) que vivendo os Gentios todos daquella parte do Gange pera fóra, em tudo o que hoje comprende os

Rey-

Reynos de Pegú, Tanaçarim, Sião, Camboja, e em todos os mais daquelle ſertão, ſem Rey, ſem leis, nem policia alguma, que os differençaſſe dos brutos animaes, agazalhando-ſe por lapas, e covas, comendo hervas, e raizes, ſem terem conhecimento de agricultura, nem grangearia dos campos: e que eſtando aquelles naturaes de Tanaçarim hum dia pela manhã ao naſcer do Sol, vendo ſua formoſura, e ferindo os ſeus primeiros raios na terra, de improviſo a víram abrir, e ſahir de dentro della hum formoſiſſimo homem, grave na peſſoa, de preſença veneravel, e em todas as mais feições differente de todos os homens, a quem acudíram todos os que o víram, admirados daquella maravilha, e com grande humildade lhe perguntáram, que homem era, e o que queria? Ao que reſpondeo na lingua Tanaçarim, que era filho do Sol, e da terra, e que Deos o mandava áquelles Reynos pera os reger, e governar. O que ouvido por todos, ſe lançáram pelo chão, e o adoráram, dizendo-lhe, que eſtavam preſtes pera o receberem, ſeguirem, e acceitarem ſuas leis, e coſtumes. Dalli foi levado, e poſto em hum lugar ſupremo, e lhe deram obediencia como a Rey, e elle os começou a mandar, e governar.

A primeira couſa que fez, foi tirallos

dos matos, e ajuntallos em civís conversações, ordenando-lhes povoações, dando-lhes modo, e ordem pera fabricarem casas, e lavrarem os campos; e depois a lhes darem leis suaves, e brandas, com o que se foram achando bem, e a viverem differentemente do que até então. Reinou este Rey muitos annos, e deixou muitos filhos com que repartio seus Reynos, em cujos descendentes andáram mais de dous mil annos, e a todos os herdeiros que succediam lhe chamavam Suriavas, que quer dizer, da casta do Sol. Destes vinha direitamente Vigia Raya, que foi (como já dissemos no Cap. V. do I. Livro) degradado, povoar aquella Ilha de Ceilão, em cujos herdeiros o Imperio della andou direitamente, e anda até hoje; porque ElRey D. João, que está antre nós, e he o verdadeiro herdeiro de toda a Ilha, procede desta casta, e só nesta Ilha de Ceilão se conservou por linha direita de herdeiro em herdeiro; o que não foi nos outros Reynos, onde ella começou, porque todos por tempos foram ter a mãos de tyrannos, e totalmente he extinguida, e apagada; e só em este Rey D. João se conserva hoje, e nelle se acabará, porque não tem filhos, nem netos, como na verdade se acabou. E assim se jactavam todos estes Reys de Ceilão de procederem do Oriente. E assim

ſim elles todos lhe conhecem huma certa ſuperioridade, e lhe mandam pedir ſuas filhas pera ſe caſarem com ellas. Deſta caſta vinha direitamente eſte Principe, que o Rey da Cota caſou com ſua filha, poſto que era desherdado, e pobre. Celebradas as vodas, ficou aquelle Rey tendo com o genro mais algum allivio. E ſendo aviſados da determinação do Madune, fortificáram a Cidade da Cota muito bem, recolhendo dentro mantimentos, e armas. A iſto acudio Nuno Freire, Alcaide mór de Columbo, com alguns Portuguezes que tinha a ſe lhes offerecer, animando ElRey, e favorecendo-o: certificando-lhe, que o Eſtado da India todo ſe havia de arriſcar pelo ſoccorrerem, e ajudarem, pelo que não tiveſſe receio de couſa alguma, ficando-o ſervindo na fortificação da Cidade com muita diligencia, pelo que ElRey lhe eſtava muito obrigado. E neſte eſtado ficão eſtas couſas até tornarmos a ellas.

DECADA QUINTA.

LIVRO III.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De hum maravilhoſo prodigio das grandes vitorias, que os Portuguezes houveram dos Turcos, que aconteceo em Dio: e de como os Capitães d'ElRey de Cambaya chegáram áquella Ilha com ſeus exercitos: e do deſaſtre por que ſe ateou o fogo na fortaleza.

PORQUE daqui por diante começamos com o favor Divino a entrar nas grandes guerras, que ElRey de Cambaya Soltão Mamude, ſobrinho de Soltão Badur, (que ſuccedeo ao Mirão ſobrinho do meſmo Soltão Badur, filho de huma ſua irmã, que desbaratou o Magor Mir Mahamede Zaman, que ſe tinha alevantado com o Reyno

no tyrannicamente, e appellidava Rey de Cambaya) com o favor das Armadas do Grão Turco fez á noſſa fortaleza de Dio, nos pareceo bem não paſſar por hum eſpantoſo caſo, que aconteceo antre os noſſos, que parece que foi prodigio das grandes vitorias, que os Portuguezes houveram de todas eſtas gentes, que foi deſta maneira. Huma das Oitavas da Paſcoa da Reſurreição, todos os moços Portuguezes da fortaleza, que não eram de idade pera tomarem armas, deſafiáram os moços da terra, aſſim cativos, como forros, que tambem não eram de maior idade, pera ſe darem huma batalha, (couſa muito uſada antre os moços de Portugal, os de huma eſcola, deſafiarem-ſe contra os da outra pera o campo, onde ás pedradas, ou ás pancadas ſe travam de tal feição, que ſahem muitos bem eſcalavrados.) Aſſim eſtes deſafiados pera a batalha, ordenáram huns, e outros antre ſi ſeus Capitães com ſeus guiões, e bandeiras, levando os moços Portuguezes na ſua a diviſa da Cruz de Chriſto. E juntos todos no terreiro da fortaleza, póſtos em dous eſquadrões, fazendo ſeus ſinaes, remettêram huns aos outros. E travados em batalha, aſſim ás pedradas, como ás pancadas, com tamanha furia, e odio, como ſe foram inimigos de muitos dias, eſcalavrando-ſe, e ferindo-ſe huns aos outros. Mas os moços Por-

Portuguezes (posto que muito menos que os outros) vendo-se feridos, serráram com elles, e muito mal tratados os arrancáram do campo, e os foram seguindo, bradando: *Vitoria, Vitoria.* Daqui ficou antre estes o odio tão ateado, que onde quer que se encontravam, ou fossem dous, e dous, ou menos, ou mais, travavam brigas, de que sempre havia sangue, e os da terra levavam a peior. E assim havendo-se por affrontados, tornáram a desafiar os moços Portuguezes pera hum Domingo, que no terreiro da fortaleza ordenáram suas tranqueiras mui bem feitas, em que se mettêram, pondo por ellas muitas bandeiras, e mettendo dentro páos, pedras, e algumas armas, e panellas de polvora. Os moços da terra tambem negociando algumas armas escondidamente, e algumas bombas de fogo, e com suas bandeiras arvoradas arrebentáram pelo terreiro com grandes gritas, e remettêram com as tranqueiras, cercando-as em roda, começando-se a travar a batalha de pedradas, pancadas, e com algumas panellas de polvora com tamanha braveza, e estrondo, que parecia já batalha mais que de moços. Mas como os de fóra eram muitos mais, tratáram tão mal aos da fortaleza, e assim apertáram com elles, que os tiveram entrados. Os moços Portuguezes crescendo-lhes a furia, arreben-

bentáram pelas tranqueiras fóra, e dando nos da terra, os arrancáram do campo muito mal tratados, ficando elles com a vitoria. O Capitão, que esteve vendo a batalha das suas janellas, folgou de ver a colera, paixão, e furor dos moços Portuguezes, que dalli por diante ficáram sempre sopeando os outros, onde quer que os achavam, travando-se em brigas, sem haver quem os pudesse apaziguar. Durou isto até o mez de Junho, que os Capitães d'ElRey de Cambaya chegáram áquella Ilha com seus exercitos.

Atrás os deixámos no fim do Cap. IX do 2. Livro, fazendo seus ajuntamentos de gentes, e petrechos pera virem cercar aquella fortaleza; e tendo tudo preparado, partíram de Amadabá na entrada de Junho. Alucan levava debaixo de sua bandeira sinco mil de cavallo, e dez mil de pé; e Coge Çofar mil de cavallo, e tres mil de pé, em que entravam muitos Rumes, e Turcos, gente que elle toda fez, e pagou á sua custa. Desta expedição teve logo Antonio da Silveira aviso, pelo que mandou ordenar as cousas que lhe eram necessarias pera a defensão da Ilha, encommendando ao Capitão mór da Armada a guarda do rio com navios, e manchuas, e provendo na fortificação da fortaleza, reformando os baluartes, e fortificando-os muito bem.

An-

Andando nesta occupação, succedeo hum desastre na fortaleza, que esteve a risco de se perder com todos os que nella estavam, que foi, huma noite tomar fogo a povoação com tanta braveza, que parecia que ardia o Mundo. Antonio da Silveira com os Fidalgos, e Cavalleiros que acudíram, foi logo prover nos almazens das munições, com muita gente, e muita agua pera a defensão do fogo, se lhe chegasse. E deixando tudo provído muito bem, e encarregado aquelle negocio a pessoa de muita confiança, foi-se com toda a mais gente acudir ao fogo, que cada vez crescia mais, por serem as casas ainda então cubertas de palha, e o vento ser muito grande, que foi o que deo o trabalho todo. Os Mouros da Cidade vendo aquellas chammas, cuidáram que a fortaleza toda era consumida nellas, e acudíram com grande alvoroço por fóra a ver se os nossos fugiam do fogo pera darem nelles. Antonio da Silveira com toda a soldadesca trabalháram tanto aquella noite, lançando-se em meio das chammas, em que se muitos queimáram por muitas partes, que á força de braço, depois de durar muitas horas, o apagáram de todo, e não com tão pequeno damno, que se não queimassem sessenta moradas de casas, o que causou em todos muito grande tristeza, e em seus donos dor, e mágoa da per-

perda que recebêram, porque ſe lhes conſumio todo o ſeu movel ſem ſe ſalvar couſa alguma. Antonio da Silveira como Fidalgo de bom coração, e muito liberal, ſupprio alli com ſeu dinheiro, dando-o a todos pera tornarem a reedificar, e renovar ſuas caſas.

Affirma-ſe, que começou eſte fogo em caſa de huma mulher ſolteira, eſtando em ruim acto; no que parece quiz Deos moſtrar ſua juſtiça em caſtigar aquella offenſa, que ſe lhe fazia em tempo, que elle determinava de fazer a todos os daquella fortaleza tantas mercês, e dar-lhes tantas vitorias, como lhes depois deo. Os Mouros da Cidade deſpedíram recado aos Regedores de como os Portuguezes ficavam ſem terem defensão alguma, por lhes arderem todas ſuas munições.

Eſta nova ſe deo no Exercito, que ſe recebeo com grande alvoroço, havendo que tinham pouco que fazer em tomarem a fortaleza. Antonio da Silveira não ſe deſcuidava de ſua obrigação, aſſim na da fortificação, como das eſpias, que todos os dias mandava ſaber dos inimigos, que gente traziam, e aonde eſtavam. Mas ſempre achou em todas variedade, porque como eram Mouros, nunca lhe fallavam verdade. Antre todas as couſas a que dava preſſa, na ciſterna a punha mui-

muito maior, porque lhe era neceſſario recolher agua pera o inverno. No baluarte da outra banda de Gogalá mandou dobrar os Officiaes, porque com muita brevidade ſe acabaſſe, e aſſim em poucos dias ſubio em altura de vinte palmos, e a ſala que fechava nelle, na de oito.

CAPITULO II.

De como Coge Çofar commetteo o baluarte da Villa dos Rumes, e da grande reſiſtencia que achou nos Portuguezes: e de como ſe recolheo ferido, e desbaratado: e das couſas em que Antonio da Silveira proveo.

PArtidos os Capitães d'ElRey de Cambaya de Amadabá, chegáram a Novanager duas leguas de Dio já de noite, ſem os noſſos terem nenhum aviſo delles. Coge Çofar como deſejava de ſe acreditar com ElRey, e de toda a honra daquella jornada ſer ſua, imaginando (pelas novas que lhe deram das noſſas munições ſerem queimadas) que os Portuguezes eſtariam deſcuidados, e ſem terem com que ſe defender, determinou de ir ganhar o baluarte da Villa dos Rumes, primeiro que tiveſſem aviſo: e ſem dar conta a Alucan daquella jornada, a vinte e ſeis de Junho, tanto que entrou o quarto dalva,

ca-

caminhando com ſua gente, que eram mil de cavallo, e tres mil de pé, tão apreſſado, que antes que rompeſſe a manhã chegou á Villa dos Rumes, e entrando por ella, foi logo demandar o baluarte. E poſto que os Portuguezes eſtavam deſcuidados, não deixáram de ſer ſentidos de hum que vigiava, que bradou alto: *Mouros*, *Mouros*. A eſtes brados, os Officiaes da Alfandega, e os outros Portuguezes, que por todos ſeriam vinte e quatro, que viviam fóra do baluarte, por não eſtar ainda acabado por dentro, leváram as maõs ás armas, tomando as que pudéram, e foram-ſe recolhendo pera o baluarte já baralhados com os inimigos. E como o baluarte eſtava imperfeito, e não tinha ſerventia, mais que por andaimos, por onde corriam os materiaes pera a obra, arremettêram por elles aſſima, e alguns pelos dentes das paredes do baluarte, onde a ſala havia de ir fechar, e com muito trabalho, e riſco de todos ſe puzeram em ſima, perdendo quatro companheiros, que lhe matáram ás eſpingardadas. Os mais como ſe víram em ſima puzeram-ſe em defensão, reſiſtindo aos inimigos valoroſamente, que por todas as partes trabalhavam pelos entrar, cuſtando eſta ſua determinação a vida a muitos, porque alguns dos noſſos leváram eſpingardas, que nelles fizeram grande damno.

A

A manhã começou a apparecer, e da fortaleza grande se ver claramente a revolta (posto que já tinham aviso por alguns escravos, que se lançáram a nado.) E ouvindo as espingardadas, que laboravam de parte a parte, Antonio da Silveira mandou logo preparar embarcações pera lhes soccorrer, e embarcou-se com quasi duzentos homens, deixando a fortaleza entregue a Paio Rodrigues de Araujo Alcaide mór. E porque podia ser que aquelle rebate fosse pera na Cidade se dar outro algum, que pudesse fazer mór damno, (ainda que pera passarem á Ilha em alguns passos della estivessem guardas, por serem muitos os lugares por onde se podia passar,) mandou a Lopo de Sousa Coutinho com a sua gente aos muros da Cidade daquella parte, que olha pera o campo, que se fez na dita Ilha. Coge Çofar bem via a pressa que na fortaleza hia pera irem soccorrer o baluarte, porque claramente se via embarcar a gente, pelo que determinou de averiguar aquelle negocio, primeiro que o soccorro chegasse.

E tomando os Turcos, e Rumes comsigo, commetteo a subida do baluarte mui determinadamente: os de sima, que seriam perto de vinte homens, lhes defendêram o passo com grande valor, e esforço; porque com verem que o Capitão se apressava pera

ra os vir ſoccorrer, ſe lhes dobrava o animo, e as forças, pelejando como leões, fazendo tal eſtrago nos Mouros, que os fizeram retirar. Coge Çofar vendo que fugiam, acudio aos affrontar de palavras, fazendo-os voltar, o que elles fizeram, tornando a commetter a ſubida com a furia, que lhe fazia levar o deſejo de ſe deſaffrontarem; mas nem deſta vez acháram nos de ſima menos reſiſtencia, antes recebêram delles muito maior damno; porque como os Mouros eram muitos, e eſtavam amontoados, e como brutos queriam ſubir pelos andaimos, fizeram os de ſima nelles mui grandes eſtragos, porque com vigas, pedras, e outros inſtrumentos os lançavam delles abaixo feitos pedaços. Coge Çofar, que andava por baixo, animando-os, e fazendo-os ſubir, não ficou ſem ſeu quinhão, porque hum pelouro perdido de huma eſpingardada lhe deo em huma mão, que lha cortou toda; e retrahindo-ſe quaſi mortal em braços de homens, cuidando todos os ſeus que era morto, largáram tudo, e foram pera onde elle eſtava.

A eſte tempo chegou Antonio da Silveira ao baluarte, e ſaltando em terra com toda a ſua gente, metteo-ſe no baluarte, arvorando logo em ſima a bandeira de Chriſto, que logo foi viſta de todos. E deixando o combate, ſe foram recolhendo pera Novanager,

ger, pera onde leváram Coge Çofar, ficando-lhe muitos mortos no campo, e levando muitos feridos, de que depois morreo a mór parte. Antonio da Silveira vendo affaſtados os inimigos, e o grande damno que os do baluarte lhes tinham feito, achando a todos muito animoſos, e banhados em ſeu proprio ſangue, pelas muitas feridas que tinham, os abraçou, e o meſmo fizeram todos os da ſua companhia, não ſem inveja de os verem tão gentís homens. O Capitão mandou os feridos pera a fortaleza pera ſerem curados, e deitou eſpias pera ſaber dos inimigos, que lhe diſſeram como ſe recolhêram a Novanager, e que Coge Çofar eſtava muito mal da ferida. Com iſto tratou de prover naquellas couſas com mais cuidado, porque aquella leve affronta, e ſobreſalto o eſpertou muito.

E logo mandou dar preſſa ao baluarte, e ſala, que em breves dias poz em altura de quarenta palmos; e como foi capaz de artilheria, lha poz, e proveo de munições, e mantimentos, e de muitas pipas, e jarras de agua, e confirmou a Capitanía delle ao meſmo Franciſco Pacheco, e lhe deo ſetenta homens, em que entráram todos os que com elle ſe achá ram no feito paſſado, que como ſaráram ſe foram pera elle. A eſtes deſejamos ſaber os nomes pera lhes darmos neſ-

ta

ta escritura os louvores que merecem; mas seja a culpa do pouco caso que até agora fizeram destas cousas na India, e dos poucos curiosos que nella houve.

E tornando ao Capitão, depois de ter provído em tudo o do baluarte, o fez tambem na fortaleza, mandando recolher todos os mantimentos, e lenha que pode. E por ser avisado por espias, que na Cidade trazia, que nos Mouros da Cidade havia alguma alteração, e que o dia do fogo houvera antre elles mui grande reboliço, e o mesmo quando se combateo o baluarte, receando que aquelle negocio chegasse a mais, determinou de lhes dar hum grande castigo. E sem dar a ninguem conta de cousa alguma, pelos não avisarem, sahio da fortaleza com trezentos homens, repartidos por tres bandeiras, e deo busca na Cidade a todas as casas, e as armas que por ellas achou mandou recolher, que foram muitas, e prendeo alguns por se ver serem causa de ajuntamentos, e tumultos. E como em os da Cidade poz freio, em aquelle mesmo dia proveo os lugares que o rio, que divide a Ilha da terra firme, tem fracos, e possiveis a serem vadeados, o que tudo se fez sem alteração alguma, porque tinha assentado de a sustentar por causa da agua, porque a não tinha na fortaleza, e dos poços de fóra se

sus-

ſuſtentava. E nos dous baluartes, que ficáram feitos do tempo de Soltão Badur nos paſſos mais ſuſpeitoſos, por ſerem mais ſeccos, (que elle mandou alli fazer, quando ſe recolheo áquella Ilha fugido dos Magores,) em hum delles poz Gonçalo Falcão, e no outro Luiz Rodrigues de Carvalho, Fidalgos honrados, e de muita confiança por ſeu esforço, e ſaber, a quem deo gente, artilheria, e munições, que lhe parecêram neceſſarias. E em outro paſſo, que era mais eſtreito, que ſe chamava Palerim, mas de canal alto, poz Lopo de Souſa Coutinho de Santarem, Fidalgo bem conhecido por ſeu esforço, e valor, e que neſte cerco todo dos Rumes pelejou valoroſamente, e depois fez os Commentarios delle em eſtilo excellente, e grave, e foi o melhor de todos, porque eſcreveo como teſtemunha de viſta. A eſte Fidalgo deo duas fuſtas, huma galeota, e huma barcaça. Pelos mais paſſos eſpalhou Franciſco de Gouvea, Capitão mór do mar de Dio, e Antonio da Veiga Feitor d'El-Rey.

Provídos os paſſos, poz o Capitão as mãos na obra da ciſterna pera recolher agua, em que ſe correo com tanta preſſa, que nem de dia, nem de noite largavam a obra, ſendo os Fidalgos, e todos os mais Portuguezes os acarretadores dos materiaes; e acaban-

bando-a por baixo, eſtando ainda aberta por ſima, mandou o Capitão começar a deitar-lhe agua, pela preſſa, e neceſſidade que ſe eſperava, que ſe acarretava dos poços da Ilha com todos os bois, que ſe puderam ajuntar, com ſeus odres, a que chamam Pacais, e em breves dias recolhêram dentro perto de tres mil pipas de agua. E poſto que era prejudicial á ſaude dos homens recolher-ſe por então, por eſtarem os betumes, e argamaças da ciſterna freſca, não podia ſer menos por não haver outro remedio. E ainda quiz Deos que ſuccedeſſe aquelle deſaſtre a Coge Çofar, porque o tempo que gaſtou em ſe curar, eſſe tiveram os noſſos pera ſe aperceber de tudo, que d'outra maneira eſtava certa a perdição daquella fortaleza; porque tanto que os inimigos entraſſem a Ilha, não tinham os noſſos donde ſe proverem de agua.

E poſto que por então parecia temeridade querer defender huma Ilha tão grande com tão pouca gente, depois moſtrou a experiencia, que aquella determinação foi inſpirada por Deos; porque em quanto ſe defendeo, ſe provêram da Cidade de agua, e lenha. E quanto ao baluarte da Villa dos Rumes, que alguns taxáram a Antonio da Silveira querello defender, eſſa foi a ſalvação da fortaleza; porque ſabido eſtá quebrarem os inimigos nelle a furia todos aquelles dias,

posto que depois se largasse, ou perdesse; porque se logo lho largáram, e os inimigos todo aquelle tempo batêram a fortaleza, sem dúvida se perdêra, porque com virem da Villa dos Rumes com a soberba perdida, nesses poucos dias que a batêram, esteve perdida, como se verá pelo decurso da historia.

E tornando a Coge Çofar, esteve em se curar todo o mez de Julho; e sendo já são, posto que aleijado, tratou de se satisfazer; e levantando seu campo elle, e Alucan, foram marchando pera Dio. E passando pela Villa dos Rumes, sem ousarem a commetter o nosso baluarte, pelo verem differente, e em melhor estado que da outra vez, assentáram de o deixar, e passarem á Ilha; e assim foram commetter os passos, assentando Coge Çofar o seu arraial defronte do que guardava Lopo de Sousa Coutinho, e nelle assestou tres canhões. Alucan foi adiante com quinze mil homens, e repartio sua gente em algumas partes: huma dellas poz fronteira ao passo de Gonçalo Falcão, e a outra onde Antonio da Veiga, e Francisco de Gouvea tinham os navios, e outra no de Luiz Rodrigues de Carvalho, e alguma gente poz em outros passos, em que fizeram seus valos, e trincheiras, e fortificando-se á sua vontade, como quem estava na sua terra.

CA-

CAPITULO III.

Dos combates, que os Mouros deram aos passos da Ilha: e de como Antonio da Silveira lhe pareceo bem largallos: e de como os inimigos entráram a Ilha, e tomáram os navios dos passos.

DEpois dos Mouros terem prantado suas estancias, e assentado sua artilheria, começáram a bater os passos com grande furia, e terror, fazendo grande damno em todos, principalmente no de Lopo de Sousa Coutinho, porque era mais estreito, e as suas fustas ficavam mais em barreira á sua artilheria; mas como era Cavalleiro, e animoso, não largou hum palmo de seu lugar, antes delle se poz á bateria com os inimigos, matando-lhes alguns, assim de pé, como de cavallo: e o mesmo fizeram pelos outros passos em roda, com tão grande terremoto, que só o terror, e estrondo da artilheria mettia medo, e espanto aos seus, que estavam pelas aldeias apartadas; mas nenhum nos nossos, posto que davam em meio delles aquella multidão de pelouros envoltos em fogo, e fumo, a que estavam costumados.

Esta bateria se foi continuando alguns dias, e cada vez com maior furia; e o em que os inimigos mais tiveram o tento, foi

em impedir o ſoccorro que da fortaleza hia todos os dias aos noſſos; porque Antonio da Silveira, não ſe deſcuidando de ſua obrigação, os mandava muito a miude viſitar, e prover de polvora, munições, e mantimentos por embarcações pequenas, de que algumas foram mettidas no fundo, e totalmente impedíram aquelles ſoccorros, que pera os que eſtavam nos paſſos foi de grande ſentimento, porque receavam vir-lhes a faltar tudo; e todavia por terra eram provídos o melhor que podia ſer. Os Mouros trabalháram por entulhar algum dos paſſos, pera por elle paſſarem á Ilha; pera o que mandáram trazer das aldeias vizinhas muitos ſervidores pera a obra do entulho, em que começáram a trabalhar de dia, e de noite ao ſom das bombardadas, que de ambas as partes não ceſſavam, levando diante de ſi montes de terra até á borda da agua, aonde melhoráram ſuas eſtancias. Lopo de Souſa Coutinho, Franciſco de Gouvea, e Antonio da Veiga acudíram com os ſeus navios a impedir a obra, ſobre o que ſe traváram algumas eſcaramuças com muito damno, e mortes de ambas as partes, não deixando porém os Mouros de irem melhorando, e eſtreitando os paſſos, até pôrem os noſſos em deſconfiança.

Antonio da Silveira, que cada hora tinha

nha aviſo do que lá paſſava, entendendo mui bem o riſco em que todos eſtavam, e que os inimigos não poderiam deixar de ganhar os paſſos, e que não havia mais proveito de os querer defender, que perda de homens, e munições, de que depois havia de ter neceſſidade, e que a principal couſa, por que tratára de defender a Ilha, fora por ſe prover de agua, e lenha, de que já tinha recolhido huma grande cópia; aſſentou por conſelho de todos os Fidalgos, e Capitães de largar a Ilha, e que a artilheria dos paſſos ſe paſſaſſe á Cidade, e que trabalhaſſem pela defender, porque não chegaſſem os inimigos aos incurralar na fortaleza.

Diſto ſe fez hum termo aſſignado por todos, que Antonio da Silveira guardou pera ſua ſatisfação: e logo mandou Paio Rodrigues de Araujo com alguns navios pera recolher a gente, e a artilheria, levando huma Provisão do Capitão, em que mandava a todos aquelles Capitães, que logo tanto que aquella viſſem largaſſem os paſſos, e ſe recolheſsem á Cidade: e que elle Paio Rodrigues de Araujo tomaſſe huma das fuſtas de Lopo de Souſa Coutinho, e a barcaça, e as entregaſſe a Gonçalo Falcão, e a Luiz Rodrigues de Carvalho, pera nellas recolherem toda a artilheria, e munições dos ſeus baluartes.

Com

Com este recado partio Paio Rodrigues de Araujo aos nove de Agosto, que tanto havia que os Mouros eram chegados aos passos. Paio Rodrigues de Araujo chegou a elles, e mostrou aos Capitães a Provisão, e não podendo fazer outra cousa, tratáram de se recolher. Antonio da Veiga, que andava por Capitão mór de suas galeotas, e de tres navios mais, em vendo o recado saltou em terra, e deixou os navios encommendados aos Capitães com todos os soldados, pera que se fossem pera a fortaleza, e elle por terra se foi, tendo-se-lhe a mal deixar os seus navios; mas devia de ser inadvertidamente, porque este homem em todas as cousas da guerra em que se achou deo sempre muito boa conta de si. Os Capitães dos seus navios vendo-o partido, quizeram-se logo recolher, sendo ainda de noite, e tomando o remo na mão foram com a enchente da maré entrando pera dentro. O vento era mui grande, e o rio andava mui alterado, e passando pela estancia de Coge Çofar, que estava quasi sobre o canal, que não se podia já passar senão pelas bocas das bombardas, em os sentindo descarregáram suas cargas nelles, de que lhe matáram, e feríram alguns marinheiros; os mais descoroçoados não atinando o canal, deram com as galeotas em secco. E como as bombardadas não cessavam,

vam, os ſoldados atemorizados, ſem fazerem diligencia alguma, lançáram-ſe ao mar, não os podendo os Capitães ter, por muitas couſas que lhes diſſeram, ora pondo-lhe diante a obrigação da honra Portugueza, ora ameaçando-os que haviam de ſer caſtigados como homens que fugiam da guerra; e não lhes deixando o medo ver a infamia que corriam, ſe foram a nado pera a outra banda da Ilha, que era perto, e por terra ſe recolhêram á fortaleza. Os Capitães, que ficáram ſós nos navios, não lhes podendo dar remedio, vendo que os inimigos ſe mettiam pela agua pera os irem demandar, ajuntando a lenha que puderam, pondo a polvora no meio dos navios, e a lenha por derredor, lhe deram fogo, porque não foſſem a poder dos inimigos, porque ſe não lograſſem da artilheria: e como o fogo ateou, lançáram-ſe ao mar, e paſſáram á outra banda, cumprindo até o cabo com ſua obrigação muito bem; e certo que folgaramos de lhes achar os nomes pera o terem neſta eſcritura, porque o mereciam bem. Os inimigos que hiam pela agua demandar os navios, chegáram a tempo, que o fogo andava mui bravo, e como eram muitos, os rodeáram por eſtarem já em ſecco, e lançaram-lhe ás mãos tanta agua, que o apagáram, ſendo já a mór parte dos navios queimados,

mas

mas ainda lhes tomáram os falcões, e berços.

Deſte deſaſtre ſuccedeo outro maior, e foi, que andando Gonçalo Falcão recolhendo as couſas do ſeu baluarte na barcaça, faltando-lhe por metter nella tres, ou quatro barris de polvora, os ſoldados que andavam ao trabalho, em vendo o fogo nos navios, foi tamanho o ſeu medo, que deſampanáram tudo, e tratáram de ſe recolherem por terra. Gonçalo Falcão vendo aquelle deſatino, e que ficando ſó poderia ſer cauſa de ſua perdição, deixando as couſas da barcaça, acudio a terra, e pedio a todos que o não quizeſſem deſamparar, que viſſem que aquillo que queriam commetter era huma couſa tão affrontoſa pera homens, que tinham ganhado tanta honra, aſſim naquelle negocio, como em todo o outro em que ſe acháram, que baſtaria pera ficarem affrontados pera toda a vida: que viſſem bem quanto mais honroſo ſería morrerem em companhia do ſeu Capitão, que ſalvar as vidas com tamanho vituperio. E que lhes affirmava, que paſſado aquelle termo de temor, haviam de deſejar antes de ter perdido mil vidas, que viverem com tanta vergonha.

Tantas couſas deſtas lhes diſſe, que os tirou de ſeu propoſito, e os fez embarcar; e todavia não quizeram recolher os caixões

da

da polvora por muito que Gonçalo Falcão nisso trabalhou, de que enfadado, vendo que era forçado ficarem, mandou-lhes dar fogo, e foram as labaredas tamanhas, que os Mouros da outra banda, que era perto, viram mui bem a barcaça, e que estava muito carregada, e mal aparelhada, a que deram todos grandes gritas, a fim de amedrontarem os nossos: o que lhes não sahio em vão, porque os soldados como se embarcáram amedrontados, tornou a dar nelles o temor; e como o vento não cessava, antes cada vez parecia crescer mais, quiz a desaventura, que assim com os mares, como com o medo dos remeiros, que hiam desatinados, dessem em secco, mas em parte que facilmente se pudéra tirar, se o medo nelles não fora tamanho, que em ella tocando, e em se elles lançando ao mar vergonhosamente, tudo foi hum, sem lhes dar pelas obrigações que Gonçalo Falcão lhes poz diante, deixando-o só naquelle conflicto, de que se não pode valer, porque de todas as partes se vio cercado de ameaços da morte: de huma o vento que esbravejava; da outra os mares que lhe entravam; da outra muitas, e grossas bombardadas, que sobre a barcaça choviam. E vendo que se não podia salvar aquelle navio, contra sua vontade, (por não ir contra a obrigação de Christão,) se lan-

lançou á agua, e se passou á outra banda, triste, e desconsolado, por lhe acontecer aquelle desastre pela falta, e covardia dos seus soldados. Neste navio se perdêram bem dez peças de artilheria grossa, e miuda, e armas, e outras cousas necessarias.

Ainda aqui não cessou o mal, porque parece que estava tudo conjurado neste dia contra os nossos, e foi, que a mesma desaventura aconteceo a Luiz Rodrigues de Carvalho. Este Fidalgo depois de Paio Rodrigues de Araujo lhe dar recado que se recolhesse, lhe entregou pera isso huma galeota, recolheo nella todo o fato do baluarte, e foi remando pera passar pera a fortaleza; mas foi varar em huma restinga, onde tambem o deixáram os seus soldados: e depois que trabalhou quanto foi possivel, por ver se podia remediar aquelle damno, vendo ser tudo em vão por ser só, e os inimigos virem já commettendo a fusta, havendo que era temeridade querer só defendella, lançou-se ao mar, e passou-se á outra banda.

Lopo de Sousa Coutinho tambem se foi recolhendo, e não cessando ainda o vento, e os mares, foi trabalhando até a maré lhe dar de rosto, e começar a vasar, com o que as aguas o foram encostando á outra banda das estancias dos Mouros, até o encalharem em secco, sem lhe valer a força do remo,

nem

nem do braço, em que todos trabalháram bem. E porque receava deixarem-no os soldados, teve nelles grande tento, fazendo-lhes huma honrada falla, que toda redundava em as obrigações de suas pessoas, e nação; e achou a todos mui animosos, e esforçados, e assim se deixou ficar até que amanheceo, e que foi visto dos Mouros, que como andavam contentes das prezas passadas, entráram pela agua hum grande número delles, e cercáram a galeota em roda, trabalhando pela entrarem; mas Lopo de Sousa com os companheiros lha defendêram valorosamente, fazendo nos inimigos grande estrago, ficando elles sem damno seu, nem dos seus. E vendo que não havia outro remedio mais, que o valor dos braços, trabalháram com elles como leões, sustentando aquella furia até a maré tornar a encher, que o navio começou a nadar, e por lhe o vento servir, deram alguns marinheiros espertos á véla, e foram-se sahindo do perigo, deixando feito nos Mouros hum grande estrago, que seus Capitães sentíram mais, do que foi o gosto das outras vitorias, por haverem por affronta escaparem-lhe tão poucos homens das mãos.

CA-

CAPITULO IV.

De como os Mouros entráram a Ilha, e Antonio da Silveira largou a Cidade: e de como os Capitães prantáram ſuas eſtancias ſobre a noſſa fortaleza: e de alguns recontros, que os Portuguezes tiveram com elles, de que ſempre leváram a melhor.

NA meſma noite que os ſoldados da companhia de Gonçalo Falcão, e de Luiz Rodrigues de Carvalho deſampararam os navios, e ſeus Capitães, chegáram á fortaleza, e delles ſoube Antonio da Silveira do deſaſtre acontecido, e perda dos navios, o que ſentio em eſtremo, aſſim por lhe acontecer aquillo em principio do cerco que eſperava, (porque receou amedrontarem-ſe-lhe os homens,) como pela perda da artilheria, que nos navios tomáram, que eram dez, ou doze peças, com que determinava defender a Cidade; receando tambem Lopo de Souſa Coutinho, que ſabia eſtava em trabalho, e não tinha navios com que lhe ſoccorrer: e eſtando neſta grande agonia, chegou elle, o que eſtimou muito, aſſim por não ir o damno até o cabo, como pelo preço da peſſoa daquelle Fidalgo, que havia de haver muito miſter pera os trabalhos que eſpe-

perava. E ſabendo delle ſeu ſucceſſo, e que os inimigos começáram a paſſar á Ilha, chamou em ſegredo os Fidalgos, e Capitães principaes, e lhes diſſe, que bem ſabiam como eſtava aſſentado em conſelho defender-ſe a Cidade, e que a gente, e artilheria, que eſtava nos paſſos da Ilha ſe paſſaſſe a ella, o que já agora não podia ſer pelo deſaſtre acontecido; e que pera tirar a artilheria da fortaleza pera iſſo, lhe não parecia licito, pela pouca que havia, que lhes pedia lhe aconſelhaſſem naquelle negocio o que foſſe mais ſerviço de Deos, e d'ElRey. Todos votáram, que ſe largaſſe a Cidade, pelos inconvenientes que elle meſmo apontava, e por outros muitos que havia, porque pera defenderem bem a fortaleza lhes faltava ainda muitas couſas.

Eſtando concluindo iſto tiveram rebate, que os inimigos eram chegados ao campo, porque logo paſsáram á Ilha, e Coge Çofar foi dar viſta á Cidade com tres mil de cavallo, e ſete, ou oito mil de pé. Os Mouros della, que com os deſaſtres paſſados ſe tinham alterado, tanto que víram a gente no campo, e conhecéram as inſignias de Coge Çofar, arvoráram muitas bandeiras de ſuas diviſas por ſima do muro, pera lhes darem a entender, que a Cidade eſtava deſpejada dos noſſos. Antonio da Silveira largando

do o conſelho, acudio com muita preſſa á Cidade, e mandou queimar as galés que eſtavam varadas na ribeira junto da Alfandega por alguns homens, por ſe não aproveitarem os inimigos dellas, poſto que eram ſuas, e as tinham alli por eſtado. E aſſim mandou por outros alguns homens dar fogo a huns armazens, que eſtavam cheios de enxofre, e ſalitre, que ſe não pode recolher, por não ficar aos Mouros; e como na Cidade andava já grande alvoroço, e alguns dos moradores tomavam armas, foi tamanho o medo dos que hiam áquellas couſas, que pondo-lhe o fogo ſem o deixarem atear, ſe foram recolhendo vergonhoſamente, ſem deixarem feito couſa alguma, porque o fogo foi logo apagado, e aquelles materiaes ficáram aos inimigos, que depois lhes ſervíram contra nós.

Vendo Antonio da Silveira que a Cidade andava toda levantada, eſcolheo cem homens, e elle com elles em peſſoa, e entrou por ella dentro, e todos os que encontrou com armas metteo á eſpada, e mandou enforcar pelas ruas a muitos pera eſpanto. E correndo a fama do eſtrago que os noſſos hiam fazendo pela Cidade, foram-ſe todos os moradores pera Coge Çofar, que os recebeo bem, e delles ſoube o que o Capitão andava fazendo. Antonio da Silveira

co-

como não teve em quem executar ſua furia, mandou prender quatro Gentios mercadores, dos mais ricos, e principaes da Cidade, e os levou comſigo; porque pela ventura ſuccederiam depois couſas que foſſe neceſſario aproveitar-ſe delles, por ſerem ricos, e aparentados, que foram ſempre mui bem tratados, e depois de ſe acabar o cerco foram póſtos em ſua liberdade. E porque já Coge Çofar vinha entrando a Cidade, ſe foram os noſſos recolhendo pera a fortaleza. Coge Çofar como ſe vio ſenhor da Cidade, mandou recado a Alucan, que ao outro dia entrou, e começáram logo a aſſentar ſuas eſtancias por eſta maneira.

Coge Çofar ſe alojou no Mandovim, que he hum lugar como terreiro, que ſerve de recolher os mantimentos; e em hum cais, que lança ſobre o mar, mandou prantar toda a artilheria, que ſe tomou nos noſſos navios, pera dalli baterem o baluarte do mar, e os navios que eſtavam ao cais, em que eſtava Lopo de Souſa Coutinho.

Alucan ſe alojou nas caſas da Rainha mãi d'ElRey Badur, que eſtavam no lugar mais alto da Cidade. E no meſmo dia começou Coge Çofar a bater os navios com muitas, e amiudadas bombardadas, com que logo metteo duas fuſtas no fundo, matando alguns ſoldados que nellas eſtavam, e na

ga-

galeota de Lopo de Sousa deram alguns pelouros, sem fazerem damno. Durou este combate até o meio dia, que cessou, dando os inimigos no arraial grandes gritas de alvoroço, quando mettêram as fustas no fundo. Antonio da Silveira determinou de ver se no que faltava do dia se podia satisfazer nos inimigos, porque de todo se não ficassem louvando.

E porque alguns Portuguezes, que poussavam fóra da fortaleza, se recolhêram á chegada dos inimigos com tanta pressa, que deixáram em suas casas a mór parte de suas fazendas; quiz o Capitão mandar recolher tudo, e encarregou a Gaspar de Sousa, que com sincoenta homens fosse dar favor aos donos pera irem buscar sua pobreza. Gaspar de Sousa com os companheiros foram caminhando até ás casas, em que já andavam muitos Mouros espalhados por dentro a roubar, bem descuidados de tal sobresalto, e dando os nossos nelles matáram muitos; e os donos das casas com os moços, e servidores, que pera isso levavam, carregando-se de tudo o que puderam, se foram recolhendo, porque já recresciam os inimigos. Não custou esta cavalgada mais que hum soldado, posto que tambem foram alguns feridos; nisto se passou este dia.

Ao outro tratou Antonio da Silveira de pro-

prover na defensão da fortaleza, e os baluartes de Capitães: e no de S. Thomé poz Gonçalo Falcão com ſincoenta ſoldados; e no que fica ſobre as caſas do Capitão na entrada da cava poz Gaſpar de Souſa com outros tantos; ſobre a porta poz Paio Rodrigues de Araujo, que era Alcaide mór. Os mais baluartes por ficarem ſobre o mar, e não terem neceſſidade de Capitães, deixou com alguns poucos ſoldados. A Lopo de Souſa Coutinho deo ſeſſenta ſoldados pera ir todas as manhans dar guarda a muitos eſcravos, e ſervidores, que hiam acarretar agua de huns poços, que eſtavam perto da Cidade, e a desfazer as caſas dos Portuguezes que eſtavam fóra, e recolher a lenha dellas, e pera ficar maior terreiro á fortaleza. Lopo de Souſa continuou eſta guarda alguns dias, tendo em todos elles alguns encontros com os inimigos, de que ſempre os deixou eſcalavrados. A quatorze de Agoſto, veſpera da glorioſa Aſſumpção de Noſſa Senhora, dia em que quiz dar a Lopo de Souſa huma mui honroſa vitoria: e foi deſta maneira.

Sahindo eſte Capitão eſta madrugada deſte tão ditoſo dia pera nós a dar guarda aos acarretadores, deixando quarenta ſoldados com elles, apartou-ſe com quatorze, e metteo-ſe por humas ruas, em que achou alguns

Mouros desmandados, e remettendo com elles supitamente, matou alguns, e os mais com muitas feridas os poz em desbarato. Tão cortados foram estes de medo dos nossos, que não paráram senão dentro na estancia de Coge Çofar; e sabendo delles o que passava, despedio quatrocentos homens pera irem vingar aquella affronta. Estes foram dar com os nossos, que estavam em huma rua estreita, que hia sahir a hum lugar largo, por onde os inimigos vinham com grandes estrondos, e algazarras. Lopo de Sousa quizera sahir ao largo a pelejar com elles; mas hum Simão Furtado, homem sezudo, e mui bom Cavalleiro, lho atalhou, dizendo-lhe, que aquillo era temeridade, que deixassem entrar os inimigos pela rua em que estavam, e elles se deixassem estar no cabo da mesma rua, porque estava certo apinhoarem-se de feição, que se não haviam de poder menear pela multidão delles, por ser a rua estreita, e que então esses poucos que eram se poderiam melhor ajudar contra elles, como senhores da rua, e que mais desembaraçadamente podiam menear as armas. Lopo de Sousa lhe agradeceo o conselho, e recolheo-se pera o cabo da rua, em que os inimigos começáram a entrar tão soffregos, e apinhoados, que huns sobre os outros chegáram aos nossos, cuidando levarem-nos nas unhas.

Lo-

Lopo de Sousa vendo aquella occasião, appellidando *Sant-Iago*, deo nos inimigos com tanto esforço, que foi fazendo nelles hum muito grande estrago; porque como tinham lanças compridas os nossos, e estavam senhores da rua, meneavam-se nella mui bem, e não faziam senão ensopar ás suas vontades as armas, e muitas vezes varavam de dous em dous, não fazendo mais que tirar, e embeber as lanças nelles. E assim os apertáram tão rija, e cruelmente, que os dianteiros por fugirem á morte, rompêram pera trás com tanto impeto, e força, que cahíram huns sobre os outros, fazendo os nossos nelles muito grande matança. Os que escapáram sahíram ao campo largo, e foram fugindo com tamanho medo, que não paráram senão nas estancias, como se foram apôs elles quatorze mil homens: e assim desatinados, e sem ordem, huns feridos, e outros sem armas, chegáram a Coge Çofar tão cortados de temor, que não sabiam dar razão do que víram, o que embaraçou a Coge Çofar, porque cuidou que todo o poder dos Portuguezes hia sobre elles. E depois que soube a verdade do que passára, affrontou, e injuriou a todos de palavras, e mãos. Lopo de Sousa ficou na rua, não lhe parecendo razão sahir della, e ir apôs os inimigos, de cujos corpos ella estava entulhada,

ſem dos noſſos perigar algum, ſó ficáram alguns feridos, em que entrou Lopo de Souſa pela perna eſquerda, e hum pagem ſeu com hum olho perdido, e outro homem com huma eſtocada por huma perna. Com eſta tamanha vitoria ſe recolhêram os noſſos, digna por certo de ſer muito celebrada, por tamanha deſigualdade, como a de quatorze pera quatrocentos eſcolhidos, em que entravam Rumes, Turcos, e outras nações brancas, e belicoſas.

Antonio da Silveira recebeo os noſſos á porta da fortaleza com grandes feſtas, e alegrias, dando a todos grandes, e públicos louvores. Lopo de Souſa Coutinho ficou alguns dias impedido por cauſa da ferida, em que encommendou o Capitão a guarda a Gonçalo Falcão, e Gaſpar de Souſa, pera cada hum ſeu dia continuarem nella; e aſſim mandava todos os dias buſcar agua, e lenha, que não queria bulir na da fortaleza, porque não ſabia os trabalhos que ſuccederiam. E porque o tempo já dava jazigo, deſpedio huma embarcação com cartas ao Governador, em que lhe dava conta do eſtado em que aquella fortaleza eſtava, e das couſas que até então eram acontecidas.

Os dous Capitães, a quem era encommendada a guarda dos carretadores, continuáram os ſeus dias ordinarios nellas, tendo em

em todos elles encontros com os inimigos. E hum, que era o de Gaſpar de Souſa, em huma revolta deſtas houve ás mãos hum Mouro, homem de bom entendimento, que Antonio da Silveira eſtimou muito; e delle ſoube que Alucan, e Coge Çofar tinham dezenove mil homens dentro na Ilha, e que eſperavam cada dia por huma grande Armada de Turcos, porque com eſſa confiança vieram ſobre aquella fortaleza, e que andava já no exercito huma voz ſurda, que havia tres dias que chegára a Mangalor huma náo de Meca, que dava novas ficar já em Adem. Não poz iſto eſpanto em Antonio da Silveira, que logo deſpedio recado ao Governador, e mandou negociar hum catur ligeiro, em que mandou hum Miguel Vaz bom Cavalleiro, pera que foſſe até Mangalor a tomar falla por aquella coſta das galés: e com iſto ſe deo mais preſſa a agua, e lenha, em cuja guarda tornou a continuar Lopo de Souſa por eſtar já são. Os inimigos foram batendo o baluarte do mar, e o de Gogalá, de que tambem foram mui bem hoſpedados, matando-lhes, e ferindo-lhes muita gente nas eſtancias. E poſto que os noſſos não recebêram damno, ficáram peior do partido, pela muita polvora que diſpendêram, que depois lhes veio a faltar. Os Capitáes Mouros vendo quanta gente perdiam

na

na defensão da agua, mandáram lançar nos poços, aonde a hiam buſcar, grande quantidade de peçonha, de que logo quiz Deos os noſſos foſſem aviſados primeiro que della bebeſſem.

CAPITULO V.

Da Armada, que o Grão Turco mandou pera lançar os Portuguezes fóra da India: e da derrota que levou por todo o Eſtreito: e dos portos, Ilhas, e ſurgidouros que tomou até chegar a Adem: e de como o Baxá houve aquelle Rey ás mãos, e o mandou enforcar.

SOleimão Baxá tanto que deſpedio do Cairo pera Suez os Officiaes, e couſas neceſſarias pera a Armada que havia de levar, ficou no Cairo recolhendo a gente que tinha mandado fazer pelas Provincias de Aſia, e Ethiopia, ajuntando huma grande ſomma de ouro, e moeda pera as deſpezas da jornada, tudo tyrannizado por aquelles póvos, que deixou bem eſcandalizados. E na entrada de Junho ſe poz em caminho pera Suez, mandando que ſe ajuntaſſe alli toda a gente meado Junho. Chegado áquelle porto, deo preſſa á Armada, de que já achou a mór parte no mar, e a primeira couſa que fez foi deſpedir navios ligeiros pera todos os portos

tos

tos daquelle Estreito de huma, e da outra banda a impedir com grandes penas, que nenhum navio partisse pera a India, nem sahisse das bocas do Estreito pera fóra, porque não fossem as novas da Armada ás orelhas dos Portuguezes. E assim escreveo ao Xarife de Meca, que as náos em que Cafarcan fora de Cambaya, as tivesse negociadas, e prestes perá quando elle chegasse as levar comsigo. E tambem escreveo ao Governador de Judá, que tres náos, que naquelle porto estavam de Amenzoy Mouro, grande Senhor no Cairo, as tivesse prestes, e que elle tambem o ajudasse com algumas náos suas. Com este recado mandáram todos fazer prestes as náos que lhe pedia, que se haviam de ir ajuntar com elle na Ilha de Camarão por todo Julho, ficando o Baxá dando ordem a muitas cousas: e ao tempo limitado chegou a gente que esperava, que era a seguinte.

Mil e quinhentos Janizaros da guarda do Turco; dous mil Turcos, que mandou fazer pela Tracia; tres mil homens outros dos pórtos da Natolia, de Damiata, de Alexandria, e de outros, de maneira que iriam por todos sete mil homens. E tanto que chegáram fez pagas a todos, e repartio pela Armada a gente Veneziana, que seriam quatrocentos homens, bombardeiros, comitres,

ca-

calafates, carpinteiros: e aos vinte e dous de Junho se embarcou, e se affastou do porto, e foi surgir no porto de Faraó em quatro braças de fundo, lugar apartado de Suez huma legua e meia: alli fez de novo alardo da gente, e Armada. As pessoas principaes, que nesta jornada hiam, são as seguintes.

Isuf Amede Capitão mór do mar de Alexandria, que levava o governo de toda a Armada, por ser o Baxá velho, e não poder correr com as cousas della; Chiclierchi Baxá de Alexandria; Beram Baxá; Mir Mostafá, ambos Capitães dos Janizaros; Mostafá Naxar; outro Beram Baxá Janizaro, a fóra muitos Sangiacos, e Patrões das galés, homens escolhidos antre todos os Janizaros do Turco. Hia tambem Cafarcan em huma galé pera conselheiro do Baxá, por ser muito prático nas cousas de Cambaya. Dalli se fez o Baxá á véla, e seguiremos nesta jornada o roteiro de hum Veneziano, (dos que foram tomados em Alexandria,) que hia por comitre de huma destas galés, que anda impresso em Italiano, e junto ás varias viagens, que recopilou João Baptista Ramusio, que por ser curioso, e nomear muitos portos, e lugares, que não andam nas nossas Cartas de marear, nos pareceo bem seguir-mo-lo aqui, e assim o faremos em algu-

gumas cousas do cerco, que elle conta como testemunha de vista.

Sahida a Armada da ponta de Faraó, foi surgir em hum lugar, que chamam os doze poços de Moysés, tres leguas e meia adiante. Dalli foram tomar Corondollo quatorze leguas de jornada, onde surgíram em doze braças, (neste lugar ferio Moysés com a vara, e abrio o mar pera passar á outra banda.) Daqui atravessáram a costa da Arabia, e foram surgir no lugar de Toor, aonde ha muitos Christãos dos que chamam de Cintura, huma jornada e meia do Mosteiro de Santa Catharina de Monte Sinay: este dia andáram vinte e oito leguas, e nelle estiveram sinco dias. Aos tres de Julho deram á véla, e foram até hum lugar chamado Charas, treze leguas de Toor, e alli surgíram em doze braças. Ao outro dia foram caminhando, e passáram de longo de huma Ilha chamada Soridão, que está affastada da terra firme doze leguas, e por ser por alli tudo limpo, e o vento brando, andáram toda a noite. Ao outro dia amanhecéram defronte de huma grande serra, que está da banda do Abexim chamada Marzoan, que está affastada do lugar de Charas sincoenta e sinco leguas, que tantas andáram em duas noites, e hum dia. Dalli foram navegando á vista da terra do Abexim; e este

dia,

dia, que foram ſeis do mez, andáram vinte e oito leguas, e aos ſete do mez vinte e ſinco, e aos oito vinte e oito. Eſta noite toda navegáram, e andáram outras vinte e oito leguas. Aos nove dias ſe lhe mudou o vento, e acháram huma baixia affaſtada da terra firme oito leguas, e eſte dia, e noite andáram duas, e meia. Aos dez dias foram tomar hum porto chamado Cor, muito deſerto, aonde ſurgíram em fundo de oito braças; aquelle dia andáram vinte e tres leguas. Aos onze de Julho ao meio dia, tendo andado ſete leguas, chegáram á Cidade de Ziden, mui célebre em todo aquelle Eſtreito, huma jornada e meia antes da Caſa de Meca. Tem eſta Cidade hum muito bom porto, de grande eſcala; mas não tem aguas ſenão as de chuva, que recolhem em ciſternas. Hum pouco pela terra dentro eſtá huma muito celebrada Meſquita, em que os Mouros affirmam eſtar enterrada noſſa mãi Eva. Os moradores daqui, e de toda aquella coſta ſam Ethyopios, comem peixe torrado ao Sol, e ſam todos homens magros, e fuſcos, e andam quaſi nús: aqui chegou a Armada com menos ſinco navios, que ſe perdêram por eſſes baixos. Deteve-ſe neſte porto o Baxá quatro dias em fazer agua, e refreſco. Aos dezeſeis de Julho ſe fez a Armada á véla, e andou de noite, e de dia

até

até entrar por antre humas Ilhas deſpovoadas chamadas Atfas, que eſtam cento e ſincoenta leguas de Zidem, e por antre ellas andáram tres dias, e tres noites. (Aqui vem os peſcadores da terra firme, e das outras Ilhas peſcar perolas, que acham em quatro braças.) Aos vinte e dous do mez foram tomar a Ilha de Camarão, aonde a mór parte dos navios de alto bordo eſtavam já eſperando. Aqui deſembarcou o Baxá, e mandou dar querena ás galés, e deſpedio duas fuſtas ligeiras, huma a ElRey de Zebit, e outra ao de Adem, pera que lhe tiveſſem preſtes refreſcos, e agua pera toda a Armada, e ao Rey de Zebit, que o eſperaſſe no porto, e que lhe trouxeſſe os tributos que devia, e lhe vieſſe dar a obediencia como vaſſallo do Grão Senhor. Aqui fez o Baxá alardo da Armada, e achou ſetenta e ſeis vélas, por eſta maneira:

Seis galeaças, a que os Turcos chamam Maonas, dezeſete galés baſtardas, vinte e ſete ſotijs, nove fuſtas, dous galeões, ſeis náos, e outras nove embarcações grandes carregadas de ſalitre, polvora, biſcouto, farinha, pelouros, artilheria, e todas as mais couſas neceſſarias pera tamanha Armada. Aqui em Camarão eſteve o Baxá dez dias, e aos trinta do mez ſe fez á véla, e ao derradeiro tendo andado vinte e oito leguas, che-

chegáram a huma Ilha chamada Tuicce, onde acháram a fusta, que foi com o recado a ElRey de Zebit, que mandava hum presente ao Baxá, de espadas, e punhaes lavrados de ouro, e prata, com alguns rubiis turquescos, e perolas, algumas rodellas, e cofos mui ricos, e outras peças curiosas; e lhe mandou dizer, que fosse fazer a jornada contra os Portuguezes, e que da volta o esperaria pera tudo o que lhe mandava. Disto ficou o Baxá muito enfadado, mas guardou-o pera seu tempo. A Armada foi seu caminho, e ao primeiro de Agosto foram surgir em duas braças junto da Ilha Bebelmandel, que está na garganta do Estreito, a que os Mouros chamam dos Robõis, que quer dizer dos Pilotos, porque alli os vam tomar os navios, que querem entrar pelo Estreito dentro.

A esta Ilha chegou Affonso de Alboquerque, quando entrou aquelle Estreito, e mandou nella arvorar huma Cruz mui formosa, e lhe poz nome a *Ilha da Vera Cruz*, onde com tão divino marco tomáram os Reys de Portugal ha tantos annos a posse da garganta do mar Roxo: permittirá o Senhor que o Principe D. Filippe, (depois de muitos, e largos annos da vida d'ElRey seu pai do mesmo nome,) quando vier herdar os Reynos de Portugal, mande, e ordene, que es-

este divino marco passe adiante, e que seja elle o que execute aquella tenção, que o felicissimo Imperador Carlos V. seu Avô poz ao redor de sua divisa das columnas *Plus ultra*, e que fosse aquillo profecia do que em seus dias lhe haja de acontecer, passando nelles aquella columna de nossa Redempção, até se plantar nos montes de Suez, e Sinay, e que faça levantar sumptuosissimos Templos na casa de abominação de Mafamede, pera que no lugar de tanta torpeza se offereçam ao Altissimo Deos muitos sacrificios de louvor.

E tornando á nossa ordem. Ao outro dia, que foram dous de Agosto, se fizeram á véla, e ao terceiro foram surgir em Adem, que está da boca do Estreito pera fóra quarenta leguas. ElRey tanto que a Armada surgio, mandou visitar o Baxá com muito refresco, e peças de presente. Estes Enviados recebeo o Baxá mui bem, e lhe deo cabaias de veludo alto, e baixo, e os despedio com hum salvo conduto do Turco, pera que ElRey fosse seguramente ver-se com elle. Disto se mandou elle escusar, offerecendo-lhe tudo o de que tivesse necessidade, do que o Baxá ficou muito agastado, e mandou logo destoldar as galés, e pôr toda a gente em armas, e fazer prestes os Janizaros pera desembarcarem em terra, mandando adiante o

Cha-

Chachaya a perſuadir a ElRey que foſſe ſeguramente vello. O Chachaya ſe foi ver com ElRey, e depois de muitas práticas que com elle teve, o tomou ſobre ſua fé, e palavra, com o que o ſegurou, e foi á galé acompanhado de alguns dos ſeus principaes. O Baxá o recebeo com muitas honras; e apartando-ſe com elle com grande fingimento, depois de praticarem algumas couſas, o deſpedio, dando-lhe duas cabaias mui ricas, lavradas de ouro, e a todos os ſeus cada hum ſua de veludo. E chegando á prôa da galé pera ſe embarcar, foi levado nos ares pelos Janizaros, e enforcado no penão da verga, e junto delle quatro dos ſeus os principaes. E logo mandou o Baxá hum Sangiaco com quinhentos Janizaros pera ficarem em guarda daquella Cidade.

Alguns Eſcritores contão iſto de outra maneira, e dizem, que de Zebit mandára o Baxá algumas fuſtas carregadas de Janizaros fingidos doentes, e que mandára pedir a ElRey de Adem que lhos agazalhaſſe, e mandaſſe curar, e que nas padiolas que para iſſo mandou fazer, em que os deſembarcáram, leváram ſecretamente armas; e que depois do Baxá chegado, vendo que ElRey o não queria ir viſitar, mandára deſembarcar a gente em terra, e fazer ſinal aos doentes que eſtavam dentro, que já hiam enſaiados

do

do que haviam de fazer, e que em os de fóra commettendo a Cidade, ſe levantáram elles com ſuas armas, e fizeram grande deſtruição, e que tomáram ElRey, ou ſe lhes entregára, e o leváram ao Baxá, que o mandou enforcar. O Veneziano, que eſcreveo eſta jornada, a conta da maneira que a nós temos dito, e iſſo meſmo os Mouros, que deſta Armada ficáram em Cambaya, com quem nós communicámos eſtas couſas, e dizem que não houve taes enfermos.

CAPITULO VI.

Do que o Baxá fez em Adem, e do que lhe aconteceo até chegar a Dio: e de como hum galeão ſeu foi ter deſgarrado á coſta do Malavar, e foi tomado por Antonio de Soto-maior: e de como por elle ſoube o Governador Nuno da Cunha as novas da Armada do Turco: e dos ſoccorros que de Goa partíram pera Dio.

ENforcado o Rey de Adem, mandou o Baxá a Beran Baxá com quinhentos Janizaros, que ſe foſſe metter na Cidade, o que elle fez ſem contradicção alguma; e como eſtes homens ſam crueis, e ſoberbos, logo começáram a pôr os moradores a ſacco, uſando deshumanidades eſpantoſas. Os Turcos da Armada ouvindo a revolta na Cida-

da-

dade, acudíram lá, e ajudáram a aſſolar, e roubar tudo, enchendo-ſe todos de riquezas, porque eſtava aquella Cidade recheada de muitas fazendas ricas, por ſer aquelle porto mui continuado de todos os mercadores do Oriente. Soleimão Baxá, General da Armada, como era cheio de cubiça, e com ſer de oitenta annos, e Eunuco, ſem ter ninguem pera quem o haver miſter, não havia couſa que o fartaſſe. E ſabendo das grandes riquezas da Cidade, não lhe ſoffrendo ſua ambição, que outrem as lograſſe ſenão elle, deſembarcou em terra com os da ſua guarda, e foi-ſe pôr á porta da Cidade, que ſahia pera a banda do mar; e a todos os que ſahiam por ella pera ſe recolherem ás galés com ſuas prezas, os buſcava, e todo o ouro, prata, perolas, pedraria, e dinheiro lhes tomou; e aſſim lhes foi ter ás mãos toda a riqueza da Cidade, ficando odiado com todos os da Armada. Depois de farto ſe recolheo, deixando a Cidade mui bem provída de tudo; e querendo-ſe partir, mandou tomar tres náos de Calecut, que alli eſtavam com ſuas fazendas, a quem elle tinha dado ſeguro quando logo chegou, e metteo nellas gente, e munições, mantimentos, e outras couſas, que na Cidade achou. E aos dezenove de Agoſto ſe fez á véla, e foi ſeguindo ſua derrota com tempo muito freſ-

co,

co, e com algumas trovoadas, que lhe desapparelháram alguns navios, e se apartáram seis correndo por onde cada hum pode. Huma galé quasi destroçada foi tomar a enceada de Jaquete na costa dos Sanganes, aonde surgio, e mandáram a bateira a terra a buscar alguns mantimentos, porque todos os que levavam se lançáram ao mar.

Os naturaes dalli, que sam mui grandes ladrões, tomáram a bateira, e matáram todos os que nella hiam, e em algumas cotias foram commetter a galé, rodeando-a por todas as partes, atirando-lhe muitos tiros, e pedradas, (em que sam tão déstros, como os das Ilhas de Malhorca) com que lhes matáram sessenta pessoas. E esses poucos que ficáram, vendo-se perdidos, largáram a amarra, e deram á véla, e por terem vento por si, se foram sahindo.

Das outras vélas que se apartáram, foi hum galeão correndo tormenta quasi perdido, e ferrou os Ilheos de Santa Maria na costa de Canará, antre Baçanor, e Mangalor, aonde havia dous, ou tres dias que era chegado Antonio de Soto-maior por Capitão mór de alguns navios, que tinha sahido de Cananor, aonde estava por Capitão Fernande Anes de Soto-maior seu pai. E ás oito horas de pela manhã houve vista daquella véla, que foi demandar, e reconheceo ser

de Rumes, e tomando as armas a commetteo com grande alvoroço de todos os ſeus, pera o que não houve miſter perſuadillos, porque o deſejo da honra foi o que os animou. E cercando-o á roda, o batêram fortemente, dando-lhes grandes ſurriadas de arcabuzaria, de que lhe matáram muita gente; e não lhe ſoffrendo o coração aquelle vagar, puzeram-lhe as prôas, abordando-a por todas as partes, começando-ſe huma muito aſpera, e rija batalha, mui bem pelejada de ambas as partes; e foi o negocio de feição, que aſſim afferrados lhes anoiteceo, determinando os noſſos de a não largarem até a renderem, ou morrerem; e aſſim o fizeram; porque com morte da mór parte dos Turcos entráram o galeão já muito tarde, e de alguns, que acháram ainda vivos, ſoube Antonio de Soto-maior ſerem da companhia de Soleimão Baxá, que já devia de eſtar em Dio. E informando-ſe da Armada, gente, e mais couſas, os mandou logo ao Governador em hum catur muito ligeiro pera delles ſaber a verdade de tudo. Eſte navio chegou em poucos dias a Goa, e com as novas que levou, poz toda a Cidade em revolta.

O Governador depois de informado de tudo, foi-ſe pôr na ribeira, e mandou negociar a Armada, porque logo determinou

de

de ir pelejar com os Rumes. Alguns Fidalgos, e Cavalleiros tomáram o meſmo dia, que a nova chegou, catures ligeiros, e convocando ſoldados de ſua obrigação, ſahíram pela barra fóra, e tomáram o caminho pera Dio, e eſtes foram tres: Fernão de Moraes, Simão Rangel de Caſtello-branco, e Antonio de Araujo, e Gaſpar de Araujo, ambos irmãos de Paio Rodrigues de Araujo, que hiam juntos em hum catur. Cada navio deſtes levava vinte ſoldados, e os Cavalleiros principaes que antre elles hiam, a que ſoubemos os nomes, foram: Lançarote Pereira, Rodrigo Homem, Antonio Manhoz, Triſtão da Silva, e Fernão Correa. Deſtes Capitães ſó Fernão de Moraes ſe deſpedio do Governador, que eſcreveo por elle a Antonio da Silveira, que eſtiveſſe de bom animo, porque elle ſe ficava preparando pera o ſoccorrer. E aſſim logo deſpedio recado a Martim Affonſo de Souſa, que invernou em Cochim, pera que ſe apreſſaſſe com toda ſua Armada, porque ficava eſperando por elle pera ir buſcar os Rumes. E eſcreveo á Cidade as novas que tinha, pedindo-lhe o ajudaſſem com toda a gente, e navios que pudeſſem, repreſentando-lhe a neceſſidade em que a fortaleza de Dio eſtava.

E tornando a continuar com Soleimão Baxá, foi ſeguindo ſua derrota, correndo

o mesmo tempo com bem de trabalho, e a cabo de muitos dias foi haver vista da terra na paragem de Mangalor na costa de Dio. E correndo de longo della aos tres de Setembro, foi vista a Armada de Miguel Vaz, que a andava por alli vigiando; e tanto que a vio, notou muito devagar o número, e depois de se certificar deo á véla pera Dio. Da nossa fortaleza foi visto, e logo entendêram que víra a Armada dos Rumes, que os Mouros da Cidade começáram a enxergar de sima das Mesquitas, e os nossos víram acudir pera fóra toda a gente da Cidade pera a verem. Miguel Vaz chegou á fortaleza, e deo ao Capitão as novas da Armada; e não fazendo aquillo abalo algum em seu animo, logo alli escreveo ao Governador huma breve carta, em que se reportava a Miguel Vaz, e o despedio com ella, encommendando-lhe que com a mór brevidade que pudesse, levasse aquellas novas ao Governador. Miguel Vaz se sahio logo pela barra fóra, e como era homem animoso, quiz-se segurar de novo na cópia dos navios pera fallar pontual, pois o Capitão se reportava na carta a elle. E tomando o remo na mão, foi-se pôr ao mar por descubrir a Armada, que hia de longo da terra á véla, buscando o pouso pera surgir, e esteve muito á sua vontade, notando-a, e contando as vélas. Os

Tur-

Turcos enxergáram aquelle navio ao mar delles, e sahindo-lhe doze galés ligeiras, o foram demandar. Miguel Vaz deo á véla por ser o vento bom, e foi-se engolfando: as galés mettèram o bastardo, e tomáram o remo, indo-o seguindo muito apressadamente, e entrando-o muito. Isto tudo se via mui bem da fortaleza, e houveram que o navio não poderia escapar, o que em estremo sentiam, tendo-o por perda notavel se tal fosse, e por ruim prognostico em principio do cerco que esperavam. Miguel Vaz, que era homem muito esperto, e bom Cavalleiro, foi com grande segurança animando os marinheiros, e lançando-lhes dinheiro a todos pera trabalharem com mais vontade, e elles assim o fizeram de feição, que se desfaziam.

E como Deos nosso Senhor tinha os olhos naquella fortaleza, e não a queria desamparar, permittio que depois de muitas horas que o seguiam, no tempo em que já cuidavam que o tinham nas mãos, nesse lhe encalmasse o vento, com o que o navio que era pequeno teve tempo, e mais occasião pera usar do remo muito mais desembaraçadamente, e assim se foi sahindo das galés muito á sua vontade. Os Turcos magoados de assim lhe escapar das mãos, lhe atiráram com algumas esperas, cujos pelouros deram por derredor da fusta, que se hia escoando com

com vento galerno, e com o remo muito bem. Os Turcos tornáram-se pera a Armada, que já estava surta defronte das Mesquitas grandes. Miguel Vaz vendo-se já desapressado, deo folga aos marinheiros, animando-os, e louvando-os, e dando-lhes do seu dinheiro, e assim o deixaremos ir seu caminho pera continuarmos com as cousas de Dio.

Alucan, e Coge Çofar, tanto que víram a Armada surta, embarcáram-se cada hum em seu navio, e foram por fóra da Ilha da banda do Ponente a visitar o Baxá, que os recebeo com muitas honras, e delles soube o estado em que a nossa fortaleza estava, facilitando-lhe sua tomada, pedindo-lhe artilheria, e munições, e que se deixasse estar, e descançasse, que elles lha entregariam. O Baxá festejou muito aquellas esperanças, dando-lhes os agradecimentos da vontade, e desejo que mostravam ao serviço do Grão Senhor.

CAPITULO VII.

De como os Janizaros desembarcáram em terra, e saqueáram a Cidade: e da vista que deram á nossa fortaleza: e de hum espantoso cometa que se vio no Ceo: e de como a Armada esteve perdida naquelle pouso, e se passou a Madresaval.

EM quanto os Capitães d'ElRey de Cambaya se detiveram na galé, fallando-se os Janizaros huns com os outros, tomáram as bateiras, e outras embarcações, e desembarcáram em terra por vezes setecentos delles, e foram á Cidade, e com a desordem, e braveza com que costumam fazer suas cousas, a entráram, e mettêram a sacco, roubando, e escalando o melhor della, e tomando as mulheres, e filhas aos naturaes, deshonrando-as, e tratando-as mal, não lhes escapando os aposentos do Alucan, que tambem foram estragados, levando-lhe toda sua recamara de ouro, prata, arreios, e tudo o mais de valia, que mandáram pera as galés. E porque vinham tão arrogantes, que cuidavam que elles sós bastavam pera tomar a nossa fortaleza, a foram commetter, pondo-se derredor dos muros ás espingardadas, e ás fréchadas; e commettendo as portas, cuidáram que as levassem nas mãos, mas em bre-

breve eſpaço foram deſenganados, porque os noſſos das primeiras ſurriadas lhes derribáram ſincoenta logo mortos, e lhes feríram mais de cento, do que ficáram tão eſcandalizados, e amedrontados, que com a ſoberba perdida ſe foram recolhendo, cuſtando porém eſta breve viſta as vidas de ſeis dos noſſos, e vinte feridos. O Baxá ſem ſaber o que hia na Cidade deſpedio Alucan, e Coge Çofar.

Eſtes chegáram á Cidade, que a acháram poſta em pranto, e então ſouberam o deſtroço, que os Janizaros andáram por ella fazendo até chegarem a ſuas caſas, onde acháram tudo eſcalado, e roubado. Alucan éntendendo que peior haviam elles de ficar da vinda dos Rumes, que os Portuguezes, (porque bem ſabia delles quão bem coſtumavam a defender ſuas couſas, e que por fim do negocio havia o Baxá de ſe querer ſatisfazer nelles,) não querendo aguardar alli mais, paſſou-ſe á outra banda, e tomou logo o caminho de Amadabá, levando a mór parte da ſua gente, indo tão eſcandalizado, que por toda a parte por onde paſſava hia mettendo em odio com os Turcos; e o meſmo fez com ElRey, a quem deo conta do que paſſava, affirmando-lhe, que os Portuguezes daquella feita lhe haviam de defender ſeu Reyno; porque ſe elles não eſti-

ti-

tiveram naquella Ilha, sem dúvida se haviam de fazer senhores della, e dalli pouco, e pouco de todo o Reyno do Guzarate. Mas que elle sabia mui bem, que assim haviam de ficar escandalizados das mãos dos Portuguezes, que quando bem escapassem, sería destroçados, affrontados, e com a soberba perdida.

O mesmo dia que o Baxá surgio, chegou a elle huma fusta, que ElRey de Cambaya lhe mandou cheia de refresco, porque em tendo as primeiras novas, a despedio pera o ir tomar aonde quer que o achasse; tudo isto passou este dia.

E tanto que anoiteceo, ás dez horas víram todos ir correndo pelo ar hum cometa, á maneira de trave de fogo, que foi da banda da Cidade até parar sobre a Armada dos Turcos, aonde se esteve desfazendo em labaredas. Foi isto visto de todos com geral espanto, mas com differente agouro; porque os nossos o tiveram por sinal de lhes Deos fazer muitas mercês, e os Rumes a notáram a muito ruim prodigio; e o Baxá que de sua natureza era acovardado, ficou com receios, e desconfianças. A esta sorte de cometas (segundo Plinio, e outros Authores) chamam os Gregos Docci, que quer dizer, trave, pelo parecer que com ella tem. Outro semelhante a este se vio tambem desfazer sobre

bre a Armada dos Lacedemonios , quando foram vencidos no mar , e perdêram o Imperio de Grecia.

E tornando á noſſa hiſtoria , tão eſcandalizados ficáram os Gentios da Cidade , das cruezas , e deshumanidades dos Turcos , que muitos delles ſe paſſáram á outra banda , e outros ſe recolhêram debaixo dos muros da noſſa fortaleza. Diſto foi aviſado o Baxá , e deſpedio ao outro dia hum Capitão com o ſeu Chachaya com dous mil homens pera quietarem aquella gente , porque de todo ſe não deſpejaſſe a Cidade , no que ſe fez pouco , porque ficáram todos tão amedrontados , que ſe não quizeram mais fiar dos Turcos , e poucos , e poucos ſe paſſáram á outra banda , ficando a Cidade quaſi deſerta.

Antonio da Silveira não eſtava deſcuidado na fortaleza , antes de dia , e de noite , ſem tomar repouſo , tratava de ſe fortificar , e repairar o melhor que podia , mandando prover o baluarte da outra banda de todas as munições , e couſas que lhe parecêram neceſſarias , porque receou que depois que os Turcos deſembarcaſſem , o não pudeſſe fazer ; e mandou alevantar a ponte , que ficava ſobre a cava , e tapar as portas de pedra , e cal. O meſmo mandou fazer no baluarte de Gogalá , porque tiveſſem menos couſas que guardar. E mandou reformar o baluarte do

mar ,

mar, de que era Capitão Antonio de Sousa Coutinho, a quem deo quarenta soldados; e de sorte proveo tudo, e em tudo, que quando os Turcos desembarcáram, já não havia que fazer.

O Baxá esteve surto defronte da Mesquita até os sete dias do mez, em que lhe deo huma tormenta do Sul tão brava, que esteve a Armada de todo perdida. Os nossos, que da fortaleza viam a braveza do mar, e o trabalho em que estavam, pediam a Deos com grandes orações, que crescesse a tormenta, e que os Turcos perecessem nella; e houve pessoas, que fizeram grandes votos pera isso. Os batéis dos galeões, que hiam da terra carregados de gente, foram comidos das ondas, sem escapar huma só pessoa; e em toda a Armada crescia o trabalho, porque tambem o tempo era cada vez maior. As galés desemmasteárão, e recolhêram dentro a appellação, tendo já todas as postiças quebradas, e a mór parte dellas os esporões, e estavam em estado, que não apparecia dellas mais que os cascos. Os galeões perdêram algumas ancoras, e alijárão a mór parte do que traziam: durou a tormenta vinte e quatro horas. E tanto que o vento acalmou, receando-se o Baxá de outro perigo, (porque naquelle se vio de todo perdido,) levou-se com toda a Armada, e foi-se pera

ra Madrafaval, que he pouco mais de ſinco leguas de Dio, pera dentro da enceada, pera alli eſpalmar, e concertar as galés, que ficáram de todo deſtroçadas, e á véla foi paſſando á viſta da fortaleza, mas affaſtado por ſe recear da artilheria, e a foi ſalvando por ordem. Antonio da Silveira lhes mandou reſponder, deitando-lhe dentro nas galés alguns pelouros groſſos, pera que viſſem o com que os haviam de hoſpedar. Chegados a Madrefaval, ao entrar do porto ſe lhe perdéram quatro náos de vitualhas. O Baxá deſembarcou em terra, e mandou armar tendas, e deſpejar as galés pera ſe concertarem.

Alli foi ter com elle Coge Çofar, e tratáram ambos o modo que ſe havia de ter no ſitiar da noſſa fortaleza, e aſſentáram, que, porque a Armada não podia entrar em Dio, pelo riſco que corria da artilheria da fortaleza, e baluarte do mar, que mandaſſem cercar o Caſtello de Gogalá, e que depois de tomado ſe paſſaſſe por alli toda a gente, artilheria, e petrechos neceſſarios pera o cerco. Com eſta reſolução mandou o Baxá deſembarcar a artilheria, que eſtava nas quatro Máonas, (a que nós chamamos Galeaças,) que eram tres baſaliſcos, ſeis eſperas, que encarregou a Beran Baxá Janizaro, com mil e quinhentos Turcos pera ir em

com-

companhia de Coge Çofar a cercar, e bater o Castello de Gogalá, em quanto elle mandava reformar a Armada. Este mesmo dia chegáram alli huma náo, e huma galé das que desapparecêram no caminho, e ao entrar da barra deram no banco, em que se perdeo a náo, que hia carregada de polvora, munições, e outras vitualhas, e a galé se tirou, e concertou.

CAPITULO VIII.

De como ElRey D. João tratou de mandar á India o Infante D. Luiz seu irmão, pelas novas que teve de Constantinopla, da Armada que o Turco mandava: e das revoltas que houve no Reyno, sobre ElRey querer obrigar os Morgados ao acompanharem: e de como o Infante desistio da jornada, e foi eleito D. Garcia de Noronha por Viso-Rey: e da Armada, que levou no anno de 1538: e de como ElRey houve Bullas do Papa pera fazer Bispado a Igreja de Santa Catharina de Goa, e do primeiro Bispo que se sagrou.

DEpois de ElRey D. João despedir em Outubro a Armada que dissemos, por ter novas de galés, lhe chegou recado certo da cópia da Armada, que o Turco mandava preparar em Suez, e dos grandes aperce-

cebimentos, que em Conſtantinopla ſe faziam pera aquella jornada. Iſto metteo grande alvoroço em todo o Reyno, e algum temor em ElRey, que neſte tempo eſtava em Evora, onde havia ſinco, ou ſeis annos que reſidia, por eſtar affeiçoado á terra, e ſe achar nella bem, pelo que ſe não ſabia ſahir della, de que todo o Reyno eſtava eſcandalizado pelos muitos gaſtos, que os Fidalgos faziam em ſeguirem a Corte. A's novas das galés, que corrêram por todo o Reyno, acudíram muitos Fidalgos a ſe offerecerem pera aquella jornada, a que ElRey determinava de acudir com mui groſſo poder, porque naquelle negocio eſtava perder-ſe, ou ganhar-ſe a India. E pondo eſtas couſas em conſelho, houve alguns de parecer, que mandaſſe o Infante D. Luiz ſeu irmão; porque tanto que os homens o viſſem embarcar, todos haviam de folgar de o acompanhar. Outros dizem, que o meſmo Infante ſe offereceo; como quer que foſſe, ElRey o declarou pera a India com quarenta náos, e oito mil homens. Com iſto todos os Fidalgos de ſua Caſa, que tinhão poſſe, mandáram com muita preſſa tomar náos por Villa do Conde, pelo Porto, por Aveiro, e por outros lugares, começando-ſe a fazer preſtes, com o que ſe metteo todo o Reyno em revolta. ElRey mandou chamar muitos

tos Fidalgos velhos, e ricos pera irem com o Infante ſeu Irmão, e quiz obrigar os Morgados ao acompanharem, como coſtumava a fazer aos ſoccorros de Africa. A iſto acudíram os pais aggravando-ſe d'ElRey. Dos primeiros chamados foi D. Pedro Deça, de Santos, que ſe eſcuſou com dizer, que elle não poſſuia couſa alguma da Coroa, e ſe alguma couſa tinha, que bem lha podiam tirar. ElRey eſcandalizado o mandou riſcar dos ſeus livros. Pela meſma maneira ſe eſcuſáram outros, ainda que mais ſuavemente. E todavia inſiſtindo ElRey em mandar os Morgados, aggraváram ſeus pais pera a Meza da Conſciencia, aonde allegáram de ſua juſtiça. Era Preſidente della o Biſpo de Coimbra D. Fr. João Soares, Religioſo da Ordem de Santo Agoſtinho, que fora Meſtre do Principe ſeu filho, que com os Deputados pronunciou, que ElRey não podia obrigar os Morgados a ir á India; porque como aquella terra fora deſcuberta pera commercio, e trato, não tinham os Morgados obrigação de acudir a ella; e que ſó aos lugares de Africa, por ſerem fronteiros, os poderia obrigar. Vendo ElRey aquillo, deſiſtio da ida do Infante, (poſto que diziam os praguentos, que a Rainha Dona Catharina, e o Conde da Caſtanheira foram a cauſa principal de ſua ficada,) allegando inconveni-

nientes de grandes gaſtos, e deſpezas, que o Reyno não podia ſupprir, e do titulo que ſe havia de dar ao Infante: e que aquillo era quaſi ſeparar a India da jurdição do Reyno, com outros que nós ſendo moço ouvimos na Guarda-roupa do Infante, aonde nos creámos de idade de dez annos até elle falecer.

Em fim, deſiſtindo ElRey deſte negocio, tratou em ſeu Conſelho o que faria no ſoccorro, e provimento das couſas da India, e que Armada mandaria; e aſſentou-ſe, que foſſem quatro mil homens em doze náos, e que proveſſe a India de hum Fidalgo velho com titulo de Viſo-Rey, porque folgaſſem muitos Fidalgos, que deſejavam de ſe achar no negocio das galés, de o acompanhar; o que pela ventura não quereriam fazer a nenhum Capitão mór. E que com os Turcos ouvirem, que era chegada á India huma Armada groſſa, com hum homem intitulado por Viſo-Rey, cauſaria nelles o eſpanto, que ſohia cauſar aos inimigos do povo Romano, quando ſe elegia Dictador. E que bem podia ſer, que ſó eſta fama os fizeſſe alevantar do cerco, que tiveſſem poſto em qualquer das fortalezas da India. Iſto pareceo bem a ElRey; e lançando os olhos a todos os Fidalgos do Reyno, ſatisfez-ſe muito de D. Garcia de Noronha, (aſſim pelas par-

partes, e qualidades de ſua peſſoa, e pelas moſtras que tinha dado de ſeu ſaber, e esforço em todas as couſas em que ſe na India achou em companhia de Affonſo de Alboquerque ſeu tio, como pela grande peſſoa que tinha,) porque era hum dos maiores homens do Reyno, e por ſer muito cheio de cans, que ſempre ſam muito reſpeitadas; porque naquelle tempo era homem perto de ſetenta annos, que ſó eſta era a taxa que todos lhe punhão, o que a ElRey pareceo melhor que tudo, porque ſó pertendeo buſcar homem, que ſoubeſſe mandar, e a que todos folgaſſem de obedecer, porque pera pelejar todos os Portuguezes o faziam muito bem.

Triſtão da Cunha, pai do Governador Nuno da Cunha, que ainda vivia, vendo que ElRey deſiſtia da ida do Infante, e que elegia outro homem por Viſo-Rey da India, o ſentio muito, e aggravou-ſe a ElRey de ſatisfazer a ſeu filho tão mal, tantos ſerviços como lhe tinha feito, em perto de dez annos que na India o ſervia; e que quem lhe tinha dado as fortalezas de Dio, e Baçaim, tambem lhe dera as galés dos Rumes, ſe paſſaſſem á India, porque elle confiava de ſeu filho que eſtaria já no mar com hum muito groſſo poder pera os ir buſcar; e que não parecia juſtiça, que a Armada que elle

com tanto ſuor havia de ter negociada, foſſem outrem a tomar-lha, e roubar-lhe com ella a honra, que eſperava da vitoria dos Turcos; e mais quando ſeu filho o não tinha deſervido em couſa alguma. ElRey, diziam, que deſejára bem de ſatisfazer aos aggravos de Triſtão da Cunha; mas já que não podia, conſolou-o, e quietou-o com palavras ſatisfatorias á honra de ſeu filho, como Principe muito Chriſtão, e que deſejava de não aggravar ſeus vaſſallos. E aſſim foi dando grande preſſa á Armada, com que correo o Conde de Caſtanheira, que era Veador da Fazenda.

Vendo ElRey que já tinha provído a India de novo Capitão no temporal, o quiz tambem fazer de outro no eſpiritual, pela neceſſidade que na India havia delle, pelo muito que creſciam as couſas de noſſa Religião Chriſtã, porque o Biſpo D. Fernando Vaqueiro, da Ordem de S. Franciſco, que ElRey mandára á India o anno de trinta e dous na Armada do Doutor Pero Vaz do Amaral, (como na quarta Decada fica dito no Liv. VIII. Cap. II.) falecêra o anno de trinta e quatro, eſtando em Ormuz, aonde jaz enterrado na Igreja da fortaleza, na parede da Capella mór, aonde tem huma pedra com duas vaccas, que eram ſuas armas. E porque a India eſtava em neceſſidade

de de Prelado, quiz prover niſſo, e ſupplicou já o anno paſſado ao Summo Pontifice Paulo III, que lhe concedeſſe fazer Arcebiſpado a Sé do Funchal, e Biſpados as Igrejas S. Salvador do Cabo Verde, Sant-Iago da Ilha de S. Thomé, e Santa Catharina de Goa, mandando-lhe conſentimento pera que lhes pudeſſe applicar de ſuas rendas quinhentos cruzados a cada Biſpo pera as ſuas mezas, e pera as ordinarias das Dignidades da Igreja de Goa, com que ſó continuaremos.

Cem cruzados ao Adaião, quarenta ao Arcediago, e outros tantos ao Chantre, Theſoureiro, Meſtre Eſcola, e trinta cruzados a cada Conego, que haviam de ſer doze: o que tudo lhe concedeo o Summo Pontifice per ſuas Bullas Apoſtolicas, com privilegio pera os Reys de Portugal poderem apreſentar os Arcebiſpos, Biſpos, e todas as mais Dignidades, Vigairarias, Beneficios, como Meſtre que era da Ordem da Cavalleria de noſſo Senhor Jeſus Chriſto. E que os limites da Dioceſe de Goa começaſſem, e ſe acabaſſem, e foſſem inſtituidos, e julgados deſdo Cabo de Boa Eſperança até á India incluſivè, e da India até á China com todos os lugares aſſentados, aſſim nas terras firmes, como nas Ilhas achadas, e por achar, em que os Reys de Portugal tiveſſem fortalezas, e moraſſem Portuguezes, e

 Chri-

Chriſtãos, annexando aſſim eſte Biſpado, como os de S. Thomé, Cabo Verde, ao direito da Metropolitana do Funchal, como ſe vê mais largamente nas Bullas, que andam no Tombo da Sé de Goa, aonde nós vimos iſto.

ElRey com eſtas Bullas nomeou pera Biſpo de Goa hum D. Franciſco de Mello, homem Fidalgo, que foi ſagrado em Lisboa com grandes ceremonias. E por falecer eſte verão em que andamos, ſupplicou ElRey novos Breves, por cuja virtude nomeou pera Biſpo de Goa hum Frade da Ordem do Glorioſo Padre S. Franciſco, chamado Dom João de Alboquerque, Caſtelhano, Varão Apoſtolico, e virtuoſo, da Provincia da Piedade em Portugal, a quem por virtude de outro Breve lhe deo ElRey por Coadjutor, e futuro ſucceſſor outro Religioſo da meſma Ordem, chamado Fr. Vicente, homem virtuoſo, e muito bom Letrado, a quem mandou fazer preſtes, e lhes deo deſpezas, e todas as couſas neceſſarias pera ſua embarcação.

E porque pera a cópia da gente, que ElRey queria mandar, hia faltando muita, paſſou huma Provisão, e perdão geral, em que havia por perdoados todos os caſos, (tirando o da Fé, e léſa Mageſtade,) e todos os degredos, ou por tempo limitado,

ou

ou pera ſempre, a todo o homem, com tanto que ſe embarcaſſe naquella Armada pera a India. Eſta Proviſão ſe publicou por todo o Reyno, a que acudíram muitos homens a ſe regiſtarem; e porque ainda com iſſo não enchia a cópia, mandou ElRey por todas as cadèas, e prizões do Reyno, que todos os homens, que eſtiveſſem prezos, degradados, e ainda ſentenciados á morte, ſe levaſſem ás prizões de Lisboa, pera dalli ſe embarcarem pera a India, commutando aos ſentenciados á morte em pena de degredo perpétuo pera aquellas partes; e aos de degredos perpétuos em tres annos; e aos de tres, e quatro, que lhos perdoava, embarcando-ſe pera a India.

Antre muitos que acudíram a eſte Edicto geral, foi hum Fidalgo chamado Manoel de Mendoça, que eſtava degradado por nove annos pera os lugares de Africa, por matar hum homem, de que ElRey eſtava mui eſcandalizado. Eſte acudio á Corte com dous irmãos ſeus, João de Mendoça, e Diogo de Mendoça, offerecendo-ſe a ElRey pera aquella jornada, o que elle eſtimou muito. E pedindo-lhe o Manoel de Mendoça perdão do ſeu degredo, não quiz ElRey, mas diſſe-lhe, que pois todos tres hiam á India, que ſe repartiſſe por elles o tempo do degredo, e que andando todos tres na India

dia tres annos, lhe havia por ſuppridos os nove, e que lhes faria mercês, pelo que lhes beijáram a mão, e ſe fizeram preſtes.

O Conde da Caſtanheira deo tal preſſa á Armada, que meado Março a fez á véla, e ElRey a foi lançar fóra. Era eſta Armada de onze náos, em que hiam de vantagem de quatro mil homens, muito dinheiro, armas, munições, artilheria, e todas as mais couſas neceſſarias, e muitos, e muito honrados Fidalgos contentes, e ſatisfeitos, porque a todos fez ElRey mercês de dinheiro, fortalezas, cargos, ordenados, e outros deſpachos, porque entendia bem quão neceſſario era homens contentes pera a guerra.

Os Capitães, que neſta jornada hiam nas náos, eram Bernaldim da Silveira o Drago, que hia deſpachado com a fortaleza de Dio, (com quem ſe embarcáram todos os homiziados, e degradados, e todos os mais condemnados á morte, que ſe tiráram das cadêas do Reyno,) João de Sepulveda, filho de Diogo de Sepulveda, Fidalgo Caſtelhano, que em Portugal caſou com huma mulher Fidalga, do appellido dos Souſas, da Caſa do Prado. Eſte Diogo de Sepulveda havia já ſido Capitão de Çofala, e da meſma fortaleza tambem o filho hia provído. D. João de Caſtro, filho de D. Alvaro de Caſtro, Governador da Caſa do Civel, a quem ElRey

da-

dava a fortaleza de Ormuz, que elle não quiz acceitar, dizendo-lhe, que lha não tinha merecido, que como lha merecesse, então lhe faria mercê della, o que ElRey estimou muito, e lhe fez mercê de quatrocentos mil reis de tença em cada hum anno, em quanto andasse na India; D. Francisco de Menezes, filho de D. Henrique de Menezes, irmão do Marquez de Villa-Real. Este D. Francisco era hum dos melhores, e mais bem acondicionados Fidalgos, e das melhores partes que havia em seu tempo, ou ao menos nenhum lhe precedia em cousa alguma, hia despachado com a fortaleza de Baçaim; D. Christovão da Gama, que hia provído da fortaleza de Malaca, era filho de D. Vasco da Gama, o primeiro Conde Almirante; D. Garcia de Castro, que levava a de Goa; Luiz Falcão a de Baçaim; Ruy Lourenço de Tavora a mesma fortaleza; D. João Deça a de Goa; Francisco Pereira de Barredo, que já tinha sido Capitão de Chaul.

Os Fidalgos aventureiros que se embarcáram nesta Armada, os de que pudemos saber os nomes, sam os seguintes: D Alvaro, e D. Bernardo de Noronha, filhos do Viso-Rey D. Garcia de Noronha; D. Martinho de Sousa, filho de D. Jorge de Sousa; Dom João Manoel, de alcunha o Alabastro, por ser

ſer muito gentil-homem, filho de D. Nuno Manoel, e irmão de D. Fradique Manoel. Eſte D. João tinha mais de hum conto de renda, e por hum deſgoſto que teve ſe embarcou contra vontade dos irmãos, e parentes; D. Luiz de Taíde, que depois foi Conde de Atougia; D. Antonio de Noronha Catarraz; Fernão da Silva, Commendador, e Alcaide mór de Alpalhão; D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, a que depois na India chamáram o Alfenim, por ſer muito mimoſo, e limpo de ſua peſſoa, e foi ſempre tamanho na India, e lhe tiveram todos tanto reſpeito, que em ſua auſencia o nomeavam todos os Fidalgos pelo Senhor D. Diogo; D. João Maſcarenhas; Franciſco Lopes; e Pero Lopes de Souſa, ambos irmãos; D. João Henriques; D. Duarte Deça; os tres irmãos Manoel, João, e Diogo de Mendoça; D. Jorge de Menezes, que depois ſe chamou Baroche, e outros Fidalgos, e Cavalleiros. E por Veador da Fazenda geral da India, o Doutor Fernão Rodrigues de Caſtello-branco, que lá tinha já ſido Provedor mór dos Defuntos, e Ouvidor Geral, que fez depois em Lisboa humas caſas junto de Noſſa Senhora da Graça, que agora ſam do Commendador mór D. Diniz de Alencaſtro.

CA-

CAPITULO IX.

Do que aconteceo na jornada a esta Armada até chegar a Moçambique: e de como se perdeo o galeão de Bernaldim da Silveira o Drago: e de como dalli despedio o Viso-Rey Henrique de Sousa Chichorro com cartas a ElRey: e de como o Viso-Rey chegou a Goa, e das cousas em que logo proveo.

DAda a Armada á vela, foi seguindo sua derrota, não lhe faltando a variedade, e inconstancia dos tempos, que soem haver em tão comprida viagem, em que desappareceo a náo de Bernaldim da Silveira o Drago, em que hiam todos os homiziados, que o tempo comeo, o que pareceo permissão Divina, de toda esta Armada não se perder outra senão ella, porque como levava muitos homens condemnados á morte por casos graves, e feios, parece que quiz Deos nosso Senhor fazer justiça delles, já que em Portugal se não fizera, porque não se houve por servido ainda neste negocio, que era de sua honra, (pois hiam a pelejar por sua Santa Fé contra seus inimigos,) de homens tão abominaveis, e crueis como alguns que alli hiam. Todas as mais náos chegáram a Moçambique, e o Viso-Rey foi muito festeja-

do

do de Aleixos de Soufa Chichorro, que alli eftava por Capitão, mandando agazalhar todos os doentes das náos, que eram muitos, em cafas, e ramadas, que pera iffo mandou ordenar, curando a todos, e dando-lhes todo o neceffario do feu dinheiro, como fez aos doentes de todas as náos, que em feu tempo alli foram ter, porque em todos os feus tres annos o mór emprego que fez foi neftas, e outras obras de caridade, e mifericordia, em que gaftou tudo o que aquella fortaleza lhe deo, pelo que fahio della tão pobre, como adiante fe verá. O Viso-Rey mandou dar muita preffa á aguada das náos, e a outras coufas neceffarias, porque determinava de fe partir logo.

E porque achou alli a náo, em que fora por Capitão Henrique de Soufa Chichorro, como atrás temos dito no Cap. VII. do fegundo Livro, querendo moftrar-fe agradecido ao agazalhado, que lhe feu irmão Aleixos de Soufa Chichorro fez naquella fortaleza, determinou de o mandar com novas a ElRey de fua chegada, porque como elle eftava efcandalizado do mefmo Henrique de Soufa, por certas palavras que diffe ao partir do Reyno, que depois ElRey foube, porque o mandou rifcar de feus livros, quiz o Vifo-Rey dar-lhe efta jornada pera fe reconciliar com elle, efcrevendo-lhe largamente

do

do ſucceſſo da viagem , e de como chegára a Moçambique com todas as náos , ſalvo a de Bernaldim da Silveira o Drago , de que não havia novas , e que ainda alli não achára nenhumas dos Rumes , e que a India eſtava de paz , e quieta , e que ſe partia entrada de Agoſto , dando por regimento a Henrique de Souſa , que ſe partiſſe dalli na entrada de Novembro , como fez , e chegou ao Reyno a ſalvamento. E não achámos lembrança ſe tomou ainda as náos que haviam de partir aquelle anno pera a India ; mas ſabemos que ElRey eſtimou muito as novas do Viſo-Rey , e perdoou a Henrique de Souſa , e o tornou a mandar aſſentar em ſeus livros.

O Viſo-Rey deo á véla entrada de Agoſto , e foi ſeguindo ſua derrota até á barra de Goa , onde foi ſurgir a doze de Setembro com nove náos , porque a de João de Sepulveda por má navegação foi-ſe encoſtar a Sacotorá , onde as aguas a leváram , e por cauſa dellas ſe deteve alli tanto tempo , que por não ſer já monção pera paſſar á India , foi invernar a Ormuz. As novas da chegada do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha ſoáram logo por Goa , e os Fidalgos , como he muito antigo na India , largando o Governador Nuno da Cunha , foram logo á barra a viſitallo. Nuno da Cunha ſentio muito

to o aggravo que lhe ElRey fez, e por cartas de ſeu pai Triſtão da Cunha ſoube o que com elle paſſára ſobre aquelle negocio, e aſſim ſe malenconizou, que nunca mais o víram alegre, e todavia mandou viſitar o Viſo-Rey. Os Vereadores da Cidade acudíram a dar-lhe os parabens de ſua chegada, e a ſaber quando havia de ſer ſua deſembarcação, porque lhe queriam ordenar recebimento. Elle lhes agradeceo muito aquelle deſejo, dizendo-lhes, que não era tempo de detenças, e que ao outro dia havia de deſembarcar; pelo que elles ſe foram pera terra, e fizeram com muita brevidade as couſas que convinham pera o receberem.

O Governador, como diſſemos, ficou malenconizado, e quaſi ſó, por ſe irem todos os Fidalgos ao Viſo-Rey, e alguns, que ſe davam por muito ſeus amigos, e parentes o acompanháram. E pedindo-lhe hum deſtes licença pera ir viſitar o Viſo-Rey, lhe reſpondeo: *Ide, Senhor, e fallareis com o mais aviſado doudo, que naſceo em Portugal.* Iſto diſſe o Governador aſſim, porque era verdade ſer elle muito diſcreto, e aviſado, como por aquella ſoltura, e encadarroamento de fallar que tinha, que he quaſi natural nos mais dos Noronhas, e em muitos outros que o fazem por arte. (E tanto o tinha eſte Viſo-Rey por natureza, que ſe

con-

conta delle, que andando negociando a Armada pera ir bufcar os Rumes, neftes primeiros dias que chegou, entrando hum Domingo na Sé, a tempo que os Clerigos eftavam nos Kyries da Miffa, que fe dizia de canto de orgão com grande vagar, e ouvindo lá cantar *Kyrie*, *Kyrie*, virando pera o Coro, diffe alto: *Queria eu que fofieis vós aos Rumes*, e mandou dizer a Miffa rezada, e foi-fe á ribeira.) Paffados os dous dias, entrou o Vifo-Rey em Goa, e foi recebido da Cidade mui bem, e o Governador lhe entregou a India, e toda a Armada, que tinha já de verga d'alto, que eram perto de oitenta vélas, em que entravam quarenta groffas, galeões, náos, e caravellas, e as demais galés, e fuftas; e affim lhe entregou os armazens cheios de muita artilheria, munições, e mantimentos, como quem tinha tudo feito pera fi, porque determinava de ir bufcar os Rumes, e pelejar com elles.

A primeira coufa que o Vifo-Rey fez, foi defpedir logo João de Cordova, Capitão de hum catur, com cartas a Antonio da Silveira, em que lhe fazia a faber de fua chegada, porque ainda não havia novas de ferem os Rumes em Dio, (por não fer ainda chegado o Miguel Vaz com as novas certas das galés.) E affim defpedio D. Pedro de Caftello-branco em alguns navios com

car-

cartas pera a Cidade de Cochim, em que a avisava de sua chegada, e das novas que havia dos Rumes, dando-lhe conta de como se ficava negociando pera os ir buscar, pedindo-lhe que pera as despezas da Armada o quizessem ajudar com algum dinheiro, assim do povo, como dos orfãos, emprestado, pera o pagar dos primeiros rendimentos do Estado: e assim alguns escravos pera as chusmas das galés, que se lhes tornariam como se acabasse a jornada, ou lhos pagariam se nella morressem: levando D. Pedro regimento pera ajuntar toda a Armada d'ElRey, e navios de partes, que houvesse em Cananor, e Cochim, e que por todo Outubro fosse com elle. O Viso-Rey ficou continuando com os provimentos da Armada, repartindo os navios que achou pelos Fidalgos, que foram em sua companhia, ficando os mesmos que foram nas náos, nas que hiam ordenadas pera ficarem na India, de que hiam só quatro declaradas pera a carga da pimenta, que eram as mais velhas, visitando o Viso-Rey em pessoa todos os dias a ribeira das Armadas, e os armazens a pé, porque este he o verdadeiro officio, e obrigação dos Viso-Reys.

Pouco depois chegou o catur de Miguel Vaz, de quem o Viso-Rey soube a grande Armada, que ficava sobre Dio, e o que lhe acon-

acontecêra, e informando-ſe delle muito miudamente, o tornou o outro dia a deſpedir com cartas pera Antonio da Silveira, em que lhe affirmava, que muito cedo ſería com elle. Neſte catur mandou embarcar D. Duarte de Lima pera ir ver o eſtado em que a fortaleza eſtava, e lhe tornar a dar razão do que viſſe, em quanto ſe elle negociava. Partido eſte navio, começou-ſe o Viſo-Rey a embarcar, e poz fóra do banco toda a Armada de alto bordo, e fez alardo da gente que havia de levar, e achou quaſi número de ſeis mil homens, toda gente limpa, e alvoroçada pera ſe ver com os inimigos ás guedelhas. Por fim do mez de Setembro chegou Martim Affonſo de Souſa na galé baſtarda com alguns navios; mas o Viſo-Rey deixou pera ſi o galeão S. Diniz, (que Nuno da Cunha tinha muito bem negociado pera ſua peſſoa,) dando a dianteira da Armada a Martim Affonſo de Souſa, como Capitão mór do mar, pera quem ſe paſſáram muitos Fidalgos ſeus parentes, e amigos, e affirmava-ſe que tinha na ſua galé mais de duzentos homens.

O Viſo-Rey embarcou ſua peſſoa pera eſperar o recado de Cochim, e de Dio, e deſpedio ſinco navios de remo, de que eram Capitães Gonçalo Vaz Coutinho, Gabriel Pacheco, Martim Pacheco, Franciſco Mendes

des de Vaſconcellos, e Antonio Mendes de Vaſconcellos, pera que ſe foſſem metter em Dio, mandando metter nos navios muitas munições. Com eſtes Capitães ſe embarcáram alguns Fidalgos, e Cavalleiros ſeus parentes, e amigos deſejoſos de ganharem honra. Aſſim meſmo deſpedio o Viſo-Rey Lourenço Botelho por Capitão mór de quatro navios pera ſe ir pôr na ponta de Dio, onde as náos de Ormuz coſtumavam a ir demandar, pera as aviſar, e fazer voltar pera Goa. E juntamente com elles deſpedio Luiz Coutinho por Capitão mór de ſeis navios de rêmo, pera ſe ir pôr na enceada de Cambaya a defender que da coſta de Baçaim, e Damão não paſſaſſem mantimentos pera a Armada do Turco. E com iſto deixaremos as couſas de Goa pera continuarmos com as de Dio.

CAPITULO X.

De como os Turcos assentáram suas estancias sobre o Castello da Villa dos Rumes: e da grande, e espantosa máquina que ordenáram pera o commetterem pela banda do mar: e de como Antonio da Silveira lha mandou queimar: e dos nossos navios que chegáram áquella fortaleza.

DEsembarcada a artilheria dos Turcos, como dissemos no fim do Cap. VII deste terceiro Livro, foram Beran Baxá, e Coge Çofar caminhando muito devagar por causa da artilheria, que era grossa, e do caminho que era de arêa, em que as carretas se affogavam; e porque lhes não pareceo possivel levarem os basiliscos, os deixáram, e só tres peças, (que não eram tão pequenas, que não lançassem pelouro de ferro coado de cento e sincoenta livras,) com essas foram caminhando, ficando as outras pera mais devagar. E aos dez dias do mez de Setembro chegáram á Villa dos Rumes, e plantáram suas estancias sobre aquelle Castello, fortificando-se á sua vontade.

Francisco Pacheco, Capitão do baluarte, tanto que vio os inimigos, não lhe mettendo medo sua multidão, tratou do que convinha á sua defensão, mandando logo ta-

par as portas da ſerventia da ſala (por não occupar nellas gente) reformando-ſe por dentro o melhor que pode. Ao outro dia derão os inimigos moſtra aos noſſos , a modo de aſſalto , aſſim pela banda da terra , como do mar , chegando-ſe ao Caſtello com algumas eſcadas pera o commetterem ; mas de ſima , que eſtavam já preſtes , e deſejoſos de os deſenganarem , os ſalváram com ſua artilheria , e arcabuzaria de feição , que lhes fizeram perder o orgulho com que hiam , affaſtando-ſe mais depreſſa do que chegáram , com alguns menos , que deixáram de levar por não perderem outros. Os Turcos vendo o damno que recebêram naquella primeira moſtra , bem entendêram quanto lhes havia de cuſtar aquelle negocio , ſe por aſſaltos o quizeſſem concluir , porque ſe queriam poupar pera a fortaleza grande.

E praticando os Capitães o modo que naquillo teriam , ſem lhes cuſtar muito , aſſentáram , que ſe fabricaſſe huma máquina ſobre huma grande barcaça , que eſtava na Cidade , pera que cheia de materiaes peçonhentos , com a preiamar ſe encoſtaſſe ao Caſtello , e lhe deſſem fogo , pera que com o fumo ſe affogaſſem os noſſos , e perdeſſem o tino , e que então os commetteſſem por aſſalto , e que facilmente ſeriam entrados. Coge Çofar mandou logo á Cidade dar

or-

ordem áquella fabrica , e ſobre a barcaça , que atraveſſáram com groſſas vigas , armáram no meio della hum Caſtello tão alteroſo , como o da Villa dos Rumes , que mandáram encher de ſalitre , enxofre , rama verde , boſta , e outras immundicias fedorentas ; niſto gaſtáram alguns dias : e tanto que ſe acabou , mandáram ſurgir a barcaça com quatro amarras no meio do rio pera eſperarem as aguas vivas , que vinham cedo , pera mais á ſua vontade abordarem o Caſtello.

Eſta máquina diabolica foi viſta da noſſa fortaleza tanto que ſurgio ; e entendendo Antonio da Silveira o effeito pera que ſe faria , determinou de a mandar queimar , o que encarregou a Franciſco de Gouvea por ſer homem muito determinado pera todos os negocios , e tomando duas fuſtas com os ſoldados que eſcolheo , em que entravam muitos Fidalgos , e Cavalleiros , eſteve preſtes , e de noite na entrada do quarto da modorra , ſahio ao longo da couraça com a enchente , no mór ſilencio que pode , por não ſerem ſentidos dos inimigos , que não pode ſer , pelas muitas vigias que em todas as partes tinham , e logo começáram a chover ſobre as fuſtas pelouros tão apreſſados , e com tamanho terremoto , e eſtrondo , que parecia que ſe desfazia a terra , e o mar em tro-

vões , e relampagos. Francisco de Gouvea sem se espantar de cousa alguma foi passando avante por todas aquellas carrancas até chegar á barcaça , a que mandou muito devagar pôr fogo por todas as ilhargas , estando dentro alguns Mouros , que nella ficáram pera a vigiarem , que por adormecerem não sentíram os nossos , senão quando já o fogo ateava , e deitando-se ao mar se passáram á terra. Tanto que o fogo deo naquelles fedorentos materiaes , começou a arder com tanta braveza , que parecia que o Mundo se consumia em labaredas , o que tudo se via com grande gosto , e alvoroço dos nossos , e muito maior mágoa , e pezar dos inimigos. Francisco de Gouvea como era Cavalleiro , e pontual , não se quiz recolher até de todo se não desfazer a barcaça em cinza , chovendo todo aquelle tempo sobre elle nuvens de pelouros mortalissimos ; e sendo tudo consumido , se recolhêram os nossos pera a fortaleza , aonde foram mui bem recebidos de todos.

Ao outro dia , que foram treze de Setembro , chegáram quatro navios á barra , os tres de Fernão de Moraes , Simão Rangel , e o dos Araujos , que deixámos partidos de Goa , e o quarto era de Pero Vaz Guedes , sobrinho de Simão Guedes , Capitão de Chaul , que chegando alli estes navios ,

vios, mandou em ſua companhia o ſobrinho com aquelle navio carregado de mantimentos, e munições pera ir ver o eſtado da fortaleza, e lhe tornar com novas della. Eſtes navios cauſáram grande alvoroço em todos, e Antonio da Silveira recebeo os que nelles hiam com muitas honras. E vendo a carta de Simão Guedes, em que lhe pedia lhe mandaſſe depreſſa o ſobrinho com recado do eſtado em que eſtava, logo lhe reſpondeo, e o deſpedio, mandando-lhe cartas pera o Governador, (porque ainda não ſabiam da chegada do Viſo-Rey.) Fernão de Moraes, que levava ordem do Governador Nuno da Cunha pera ver a fortaleza, e lhe tornar com recado, porque queria ſaber delle a certeza, por ſer hum homem de muita authoridade, dando conta diſto a Antonio da Silveira, lhe pedio elle quizeſſe alli ficar, porque tendo-o por companheiro, não ſentiria tanto os trabalhos, porque aquelle era o tempo, em que elle tinha neceſſidade de ſeu esforço, e conſelho; e que pera ſatisfação do Governador baſtavam cartas ſuas. Fernão de Moraes o fez aſſim, e deſpedio a fuſta, por quem ambos eſcrevêram ao Governador muito largamente, de tudo o que era ſuccedido até então. Antonio da Silveira repartio aquelles Fidalgos, que chegáram de novo pelos baluartes fronteiros ao campo, aonde Simão

mão Rangel teve todos os ſoldados que levou, dando-lhes meza á ſua cuſta, porque foi de Goa pera iſſo muito bem negociado.

Eſte meſmo dia veio á fortaleza Franciſco Pacheco, Capitão do Caſtello de Gogalá, em huma pequena almadía, a ver-ſe com o Capitão, e ordenar algumas couſas, que cumpriam á ſua alma, e conſciencia pelo riſco em que eſtava. E depois de fazer tudo, querendo-ſe tornar, o embargáram os Officiaes d'ElRey por certa quantia de dinheiro que lhe devia, apertando com elle que o pagaſſe primeiro que ſe foſſe. Franciſco Pacheco tomado daquella deſordem, lhes diſſe palavras affrontoſas perante o Capitão, e foi tamanha ſua paixão, que diſſe ao Capitão, que aquillo era caſo digno de ſe caſtigar, e que ſe o não fizeſſe, que proveſſe o baluarte de Capitão, porque elle o não queria ſer. Antonio da Silveira ſoffrendo-lhe ſua paixão, com muita brandura lhe diſſe, que viſſe o que fazia, que aquillo não convinha á ſua honra, e que não perdeſſe o credito que tinha cobrado por huma couſa em que tão pouco hia. E com iſto lhe diſſe outras palavras de amigo, que a colera lhe não deixou entender, antes virando as coſtas ſe foi. Lopo de Souſa Coutinho, que ſe achou preſente, ſe offereceo ao Capitão pera ſe ir pera o baluarte, o que lhe elle agra-

agradeceo muito ; mas não acceitou , porque desejava de Francisco Pacheco não perder de todo com elle o credito : porque aos Cavalleiros tão honrados , e que tanto se arriscam pela honra de Deos , e de seu Rey , hão os Capitães , e Governadores de soffrer muito , e tratar de temperar com brandura , e não damnar de todo com paixão , como fez Antonio da Silveira , que buscou todos os meios , pera que este homem se não deshonrasse , pedindo a Fernão de Moraes , que era seu amigo , que o temperasse , o que elle fez de feição , que cahio na conta , e foise reconciliar com o Capitão , que o despedio com palavras de muita honra pera o baluarte , encommendando-lhe algumas cousas , principalmente que como tivesse necessidade , lhe fizesse sinal pera o soccorrer como pudesse.

DE-

DECADA QUINTA.

LIVRO IV.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De como os Turcos começáram a bater o baluarte de Gogalá: e de como Lopo de Souſa Coutinho foi ſaber o eſtado em que eſtava: e da viſta que a Armada inimiga deo á noſſa fortaleza: e do deſaſtre que aconteceo nos baluartes: e da conſtancia, e grande fortaleza que teve huma pobre mulher na morte de dous filhos que lhe matáram.

TAnto que os Turcos víram desfeita, e queimada a grande máquina com que eſperavam ganhar o baluarte por aſſalto, deſenganados de o poderem fazer ſenão por bateria, lha começáram a dar tão furioſamente, que os pelouros varavam o Caſ-

Caſtello por ſima de parte a parte, fazendo as pedras que cahiam das ruinas grande damno nos noſſos, matando alguns, e ferindo aos mais. Franciſco Pacheco andava provendo tudo com muito animo, esforçando, pelejando, e repairando com muita preſteza as partes derribadas, e damnificadas. Os companheiros pelejavam todos com grande valor, ſem fazerem conta das feridas que tinham, fazendo com ſua arcabuzaria grande emprego nos inimigos, porque como davam em meio delles, nunca perdiam tiro. Antonio da Silveira, tanto que ouvio a bateria, mandou favorecer os do baluarte com ſua artilheria, e como viam da fortaleza as eſtancias dos Mouros claramente, fizeram nelles muito grande eſtrago. Os Capitães Mouros vendo o damno que tinham recebido, affaſtáram-ſe ceſſando a bateria. Franciſco Pacheco fez logo curar os feridos, e lançar os mortos ao mar com a vaſante da maré, porque não havia onde os enterrar, e toda a noite paſſáram em grande vigia. Por eſta maneira foram continuando os Mouros a bateria com dobrada furia, ſinco dias continuos, em que o baluarte ficou quaſi desfeito por ſima, e todos os que nelle eſtavam feridos de muitas feridas por roſtos, braços, pernas, cabeças, das couſas que os pelouros ao paſſar do baluarte derribavam

ſo-

ſobre elles, mas nem com tudo iſto perdiam o animo, nem deixavam os lugares, antes com muita vigilancia, e cuidado gaſtavam de dia em pelejar, e de noite em vigiar, e repairar, tão alegres todos, que parecia que tinham a vitoria nas mãos.

Paſſados os ſinco dias chegou a Dio o catur de João de Cordova com as cartas, e novas da chegada do Viſo-Rey, que encheo a todos de mui grande alvoroço. O Capitão mandou logo embandeirar a fortaleza, e ſalvar as novas com muitos tiros. No baluarte foi viſto aquelle alvoroço, e como não ſabiam o que era, ficáram em grande confusão; mas todavia bem entendêram pelo que víram, que eram boas novas, e reſpondêram de lá com outra ſalva, e com outras bandeiras. Antonio da Silveira vio as cartas do Viſo-Rey, em que lhe certificava ficar-ſe fazendo preſtes pera o ſoccorrer, e as amoſtrou a todos pera os animar. O Viſo-Rey eſcreveo a alguns Fidalgos dos que alli eſtavam, como he obrigação, pois eſtavam ſervindo, e cercados: ſó a Fernão de Moraes deixou de eſcrever, ou por eſquecimento, ou por lhe parecer ſería voltado pera Goa, do que elle ficou quaſi affrontado, e logo mandou fazer preſtes o ſeu navio pera ſe embarcar, o que lhe Antonio da Silveira quiz eſtorvar como amigo,

go, ſobre o que ſe apaixonáram, dizendo Fernão de Moraes, que pois ſe lhe tinha tão pouco reſpeito, que não queria mais ficar naquella fortaleza, nem ſervir ElRey. E depois de o Capitão ver que o não podia tirar de ſua paixão, lhe diſſe, que ſe foſſe muito embora, que ſem elle defenderia a fortaleza. Fernão de Moraes ſe embarcou, e ſe foi.

Antonio da Silveira deſejou de mandar aos do baluarte as novas do Viſo-Rey, e a ſaber o que lá era paſſado, porque até então não tinha recado algum. Lopo de Souſa Coutinho ſe lhe offereceo pera iſſo, e ſe embarcou no catur de João de Cordova com alguns parentes, e amigos, levando algumas munições pera lhe metter dentro, e as couſas neceſſarias pera os feridos; e eſperando pela maré da noite, tanto que eſteve meia cheia, ſe affaſtou do cais muito caladamente, e ſe foi pôr na veia da agua, pera que ella o foſſe levando, porque não boliſſem com os remos, por não ſerem ſentidos, e aſſim foi governando ao ſom della. Mas todavia como os Mouros tinham mui grande vigia, foram ſentidos, e por todas as eſtancias ſe levantou huma grande grita, e começáram a varejar o navio com a artilheria, derredor de quem cahiam tantos pelourou, que parecia ferver o rio, que eſtava mui-

muito brando, e ſocegado, ſem que pela bondade de Deos receberem damno algum. Lopo de Souſa Coutinho foi paſſando avante até pôr a prôa ao pé do Caſtello, e bradando alto chamou por Franciſco Pacheco, que logo acudio pela muita vigia que tinha. Lopo de Souſa por ſer a noite eſcura lhe diſſe quem era, e ao que hia, dando-lhe as novas do Viſo-Rey, e perguntando-lhe como eſtava, e o que era ſuccedido os dias paſſados. Franciſco Pacheco, e todos os companheiros ouvindo as novas do Viſo-Rey, deram grandes gritas de alvoroço, e contou Franciſco Pacheco tudo o que lhe tinha acontecido até então, e como lhe tinham mortos ſeis companheiros, e eſtava com todos os mais feridos, e que os pelouros varavam o Caſtello todo, mas que com tudo iſſo eſtava muito bem. Lopo de Souſa lhe pedio mandaſſe abrir as portas, porque lhe queria deixar algumas munições que levava pera o meſmo Caſtello, e ficar por ſeu ſoldado acompanhando-o. Franciſco Pacheco lhe deo os agradecimentos, dizendo-lhe, que não podia ſer, porque a porta eſtava tapada de pedra, e cal, e por os Mouros terem impedida a ſerventia da praia pera a ſala com grandes vallos. Que ſe recolheſſe embora, que não tinha neceſſidade de couſa alguma por então, mais que do favor de

Deos:

Deos : que pediſſe ao Capitão da ſua parte , que lhe ſoccorreſſe em algum eſtremo grande , ſe nelle ſe viſſe , porque logo lhe faria ſinal. Neſte dialogo gaſtáram mais de huma hora , porque como eſtavam longe , e a artilheria dos inimigos não ceſſava , o eſtrondo della lhes apagava muitas vezes as palavras na boca , pelo que ſe não entendiam bem , e foi-lhes neceſſario repetillas tantas vezes até que ſe entendeſſem. Lopo de Souſa Coutinho ſe deſpedio delle , e tomando o remo o foi apertando rijamenta pera a fortaleza , ſeguindo-o hum grande número de pelouros , que ſobre elle foram ſempre chovendo até entrarem pela porta da couraça. O Capitão , e todos os Fidalgos o foram receber , e o leváram nos braços com muitas palavras de louvores ; e preſentes todos , contou tudo o que paſſára com Franciſco Pacheco , e como todos os do Caſtello eſtavam tão animados , que lhes tivera inveja. Antonio da Silveira , e todos feſtejáram muito aquellas novas.

Franciſco Pacheco com as do Viſo-Rey ficou tão ufano , que em amanhecendo mandou embandeirar o Caſtello , e diſparar toda a artilheria nas eſtancias dos inimigos , tangendo , bailhando , foliando , e fazendo outros ſinaes de alegria , chamando pelos Mouros , dizendo : *Ah cães , que logo virá*

o Viſo-Rey com huma groſſa Armada, *e a todos vos ha de metter a banco das ſuas galés*. Eſte alvoroço não cauſou pequeno aballo nos Turcos, por quem logo ſe eſpalhrám as novas da chegada a Goa de hum novo Riſo-Rey, com grande poder, e que ficava embarcado com huma groſſa Armada mui poderoſa pera ir áquella fortaleza, o que em todos metteo hum geral medo, e eſpanto.

Antonio da Silveira deſpedio ao outro dia o meſmo navio com cartas ao Viſo-Rey de tudo o que era paſſado, e no navio mandou embarcar alguns doentes que eſtavam mal, pera os lançar em Chaul. Neſta embarcação determinou Manoel de Vaſconcellos mandar ſua mulher. Era eſte homem hum Fidalgo honrado, natural da Ilha da Madeira, caſado com huma Dona mui nobre, chamada Iſabel da Veiga, com quem ſe paſſou a viver áquella fortaleza, aſſim pela barateza da terra, como por humas tenças que alli tinha. E vendo os trabalhos que ao diante ſe eſperavam, pedio á mulher que ſe embarcaſſe naquelle navio pera Goa, o que nunca pode acabar com ella, dizendo-lhe: » Que » nunca Deos quizeſſe, que ficando elle em » trabalhos, e perigos, eſtiveſſe ella auſente » delles, e fóra delles, porque todos os em » que ſe viſſe em ſua companhia, haveria por » pe-

» pequenos , e por penas , e tormentos to-
» dos os defcanços fóra delle : Que houveffe
» por bem ficaffe ella alli , ao menos pera fer
» fua enfermeira , quando tiveffe diffo necef-
» fidade. E fe pelo perigo em que via aquel-
» la fortaleza a queria mandar fóra della ,
» que quando ella foffe tão mofina , que el-
» la correffe rifco , e o mataffem a elle , que
» ella então não queria mais viver. Mas por-
» que não tiveffe muitas coufas de que fe
» temeffe , que ella era contente , que elle
» mandaffe pera Goa huma filha que tinham
» de antre ambos ao avô da menina , pai da
» Ifabel da Veiga ; porque fe Deos fizeffe al-
» guma coufa daquella fortaleza , e lhe acon-
» teceffe por feus peccados alguma defaven-
» tura , que huma tenra idade a não con-
» demnaffe. » Ifto diffe com tanta força de
lagrimas , que o convenceo , e defiftio de
fua determinação , ficando efta matrona em
todo aquelle cerco fazendo coufas dignas de
ferem celebradas , como o faremos pelo de-
curfo da hiftoria adiante em feu lugar.

Os Turcos foram profeguindo na bate-
ria do Caftello tão continuo , e com tanta
furia , e força , que derribáram toda a fala
por terra , e todos os altos do Caftello , ma-
tando , e ferindo muitos dos de dentro. E
o que foi peior , que cegáram toda a arti-
lheria , que já não laborava : mas nem com
iffo

isso deixavam os nossos de empecer aos inimigos com tudo o que podiam. E assim se tinham tão satisfeitos dos damnos que delles tinham recebido, que lhes tinham mortos mais de quinhentos homens. Antonio da Silveira mandava as mais das noites huma almadía pequena com hum homem pera ir saber o estado do baluarte, mandando algumas vezes dizer a Francisco Pacheco, que se estava em perigo, largasse tudo, e de noite pela calada se sahisse do baluarte de longo do mar, e que dalli se lançasse a nado, e que em duas vogas seriam nelle, já que não tinham embarcações pera os mandar recolher, e que nisto perigasse quem perigasse, porque do mal sempre se havia de escolher o menor. A isto lhe mandou responder, que estavam tão bem, que assim estivessem elles lá na fortaleza. Este conselho se o elle então tomára, não chegára o mal ao que depois chegou, e fora-lhe muito facil recolher-se a nado, como lhe o Capitão mandava dizer.

O Baxá, que estava em Madrefaval, tanto que lhe chegáram as novas do Viso-Rey, logo se levou com toda a Armada, e foi demandar a nossa fortaleza, pera ver se podia averiguar aquelle negocio, primeiro que o Viso-Rey chegasse. E aos vinte e oito de Setembro appareceo á vista da fortaleza com

as

as galés a fio, indo diante a de Icuf Amede, todas tolda das, e formosamente embandeiradas com seus estandartes, e galhardetes de côres, que lhes arrojavam até baixo; porque este dia mostráram todas as suas carrancas, determinando de dar a primeira salva á nossa fortaleza. E assim a fio foram todas passando, salvando-a huma, e huma, e fazendo-se logo á banda. Antonio da Silveira acudio ao baluarte de Antonio de Gouvea, aonde toda a artilheria inimiga despa- rou por ficar sobre a barra, e mandou embandeirar toda a fortaleza, e salvar a Armada com sua artilheria, porque vissem os Turcos o gosto, e o banquete com que os esperava; mas permittíram os peccados dos homens, que os bombardeiros desattentadamente carregassem as bombardas com polvora de espingarda, e não podendo soffrer a força della, arrebentáram dous formosos basaliscos, hum de metal, e outro de ferro, que era fechado com muitos arcos de ferro, que espalhando-se em pedaços, fizeram em todos os que acháram á roda hum grandissimo estrago, ficando logo alli quatro homens feitos pedaços, e feridos dez com muitas feridas. E não parando aqui o mal, tambem no baluarte S. Thomé, e em outros, arrebentáram sinco pessas, ainda que menores, que tambem fizeram mui grande damno.

Os Turcos tanto que ouvíram arrebentar as peſſas, de lá da Armada deram huma grande grita, e aſſim foram paſſando devagar, e dando ſua ſalva. Mas iſto não foi tanto a ſeu ſalvo, que lhes não metteſſem huma galé no fundo, e lhes não ficaſſem outras deſapparelhadas de maſtos, e vergas, recebendo os noſſos muito maior damno da ſua propria artilheria, que da dos inimigos, porque lhe não matáram mais que hum mancebo de menos de vinte annos, que tinha ſua mãi na fortaleza, em cuja morte ſe moſtrou o grande valor, e animo da triſte, e deſconſolada mãi; e foi deſta maneira.

Havia na fortaleza huma mulher Portugueza, viuva, que ſe chamava Barbara Fernandes, que fora ama de Manoel de Noronha, natural da Ilha da Madeira; eſta tinha dous filhos, mancebos de grande valor, e mui esforçados Cavalleiros. O mais velho ſe chamava Luiz Franco, e eſtava no baluarte da Villa dos Rumes: o outro ſe chamava Chriſtovão, era de dezenove até vinte annos, eſtava com a mãi na fortaleza. Eſte eſtando hum dia no muro com ſuas armas, lhe deo hum pelouro de eſpera pola barriga, que atiráram de huma galé, que o eſpedaçou todo. Foi trazido ainda fallando, e aſſim o lançáram nos braços da mãi, que o recebeo nelles, dizendo-lhes o pobre moço: *Mãi mi-*

minha, veja eu, vos peço, primeiro a confissão, que vossas lagrimas; porque temo, que a dor que vos vir padecer, me seja impedimento á breve despedida, e partida de minha alma. A velha, e desconsolada mãi sustentando com as mãos as espedaçadas entranhas do filho, com o rosto quieto, e sereno, e os olhos enxutos, (sendo ella só a que por boa razão, entre os muitos que na casa estavam, havia de padecer a dor, e tormento, que as palavras do filho nella causavam, sem romper em gritos, e brados ao Ceo, que hum moço naquelle estado em que este estava, costuma causar na mãi,) lhe respondeo: *Filho, da necessidade que tens de Confessòr me peza, que de tua morte; a esperança que me fica do bom lugar que tua alma possuirá, ma fará soffrer bem: encommenda-te a Deos, e esforça-te em morrer conforme com sua santa vontade, que só isso bastará pera eu ficar muito consolada.* Desta maneira se animáram, e consoláram hum ao outro, dando a triste mãi animo ao filho, pera que soffresse bem a arrebatada, e apressada morte, e a si mesma pera lha poder ver receber. Confessou-se o ditoso mancebo, que este he o nome, que merecem os que acabam tão gloriosamente, com muito grandes mostras de dor, e arrependimento de seus peccados, e assim pas-

ſou deſta vida a gozar dos grandes, e infinitos bens da outra, cujo fim foi recebido da triſte mãi com tão inteiro, e igual animo, que os que a vinham conſolar, hiam alegres, e contentes de a verem tão inteira, e conforme com a vontade de Deos, em caſo que de força havia de ſentir, e cortar muito. E porque a dor do filho morto não paraſſe aqui, aconteceo que logo ao outro dia ſeguinte ſe perdeſſe o baluarte da Villa dos Rumes, onde o outro filho mais velho eſtava, pera que com a perda do outro filho ſe lhe dobraſſe a mágoa de os perder ambos; pois ambos eſtes deſaſtres, e deſaventuras, que acontecêram a eſta valoroſa matrona, ſoffreo ella com huma nova, e deſuſada, e ainda incrivel fortaleza, e igualdade de animo, ſem romper nem em palavras de dor, nem em lagrimas de compaixão, nem em exclamações mulheriz, que em outros caſos menores coſtuma a haver. Exemplo foi eſte merecedor de perpétua memoria, e de andar eſcrito no Mundo com hum muito ſubido, e alevantado eſtilo, que nos a nós falta, com que moſtraſſemos a todos os que o viſſem, que não ſó Roma, e Grecia creáram mulheres famoſas, pois tambem as houve no noſſo Portugal, mas faltou quem perpetuaſſe ſua memoria, e o valor de que uſáram; porque não he menos digna della eſ-

ta

ta mulher , que aquella Archelonyde , que os Gregos engrandecem tanto; porque dando-lhe novas , que ſeu filho Braſidas era morto na guerra , perguntára , ſem ſe turbar , ſe morrèra pelejando; e dizendo-lhe que ſim , ficára conſolada. A eſta mulher chama Plutarco Argeiona , pois eſta ainda não vio eſpirar-lhe o filho nos braços feito pedaços do cruel pelouro , como vio eſta noſſa Portugueza ; porque as chagas do filho era muito certo cauſarem-lhe bem differente mágoa , e ſentimento , que a da Grega , que não vio o filho com os olhos , porque as couſas auſentes , ainda que ſejam aſperas , ſentem-ſe menos que as preſentes. E vós , ó nobre matrona , já que o tempo , e o deſcuido Portuguez vos não ſatisfez os merecimentos de voſſos filhos , ao menos não perdereis de todo a memoria de voſſa criſtandade , e varonil conſtancia , porque já eſta vos ficará neſta minha hiſtoria , ainda que em eſtilo tão rude , e groſſeiro , mas por vós , e por outros muitos feitos ſemelhantes , eſpero venha a ſer acceito a todas. As galés depois de darem ſua ſalva , foram ſurgir no primeiro pouſo , que tomáram defronte da Meſquita grande , onde ſe deixáram eſtar.

CA-

CAPITULO II.

Do grande aſſalto, que os Turcos deram ao baluarte de Franciſco Pacheco: e do valor com que dous homens o defendêram: e de como hum ſoldado chamado Antonio Falleiro foi á fortaleza com huma carta de Franciſco Pacheco: e das ruins ſuſpeitas, que deſte homem ſe concebêram.

EM quanto durou a ſalva na Armada, não deixáram os Turcos de continuar com a bateria do Caſtello da outra banda, porque determinavam de lhe dar hum aſſalto, em que eſperavam de concluir aquelle negocio; pelo que dobráram a bateria pera fazerem caminho por onde o commetteſſem, e não deſiſtíram della até quaſi Sol poſto, em que acabáram de arrazar a ſala, e hum grande pedaço da frontaria do baluarte, ſoffrendo os de dentro aquelle dia toda aquella tempeſtade de tiros, e pelouros, com que lhe matáram perto de quinze companheiros, e feríram quaſi todos os mais, mas com muito grande damno, e eſtrago dos inimigos, porque tambem alli ficáram mais de duzentos eſtirados. Os Mouros ao outro dia vendo a noſſa artilheria de todo cega, e que lhes não podia fazer nojo, e o baluarte arruinado todo, e que por aquella parte por on-

onde a parede da ſala enteſtava nelle, lhes deixára huns dentes pelo muro aſſima, como huma eſcada muito bem feita, por onde podiam ſubir muito á ſua vontade, não quizeram perder tempo, encommendando o aſſalto aos Janizaros: deſtes ſahiram ſetecentos dos vallos, com huma bandeira vermelha mui grande deſenrolada ao ſom de ſeus inſtrumentos; e como homens, que tinham a vitoria nas mãos, e que cuidavam que os noſſos eſtariam taes, que ſe não pudeſſem defender, remettéram ao baluarte, e começáram a ſubir pelos dentes, e ruinas da parede, ſendo favorecidos dos debaixo com a arcabuzaria, e fréchas, com que jogavam em roda viva, porque os de dentro ſe não pudeſſem aſſomar á defensão daquelle lugar.

E como aquella parte, onde a parede hia reſponder aſſima, não era capaz de mais que de dous homens, por ſer hum recanto; os primeiros que ſe alli puzeram eſſes ficáram em ſua defensão, e a defendêram tão valoroſamente com duas lanças de fogo nas mãos, com que fizeram tamanho eſtrago nos inimigos, que ſe não pode imaginar de dous homens, porque as lanças de fogo derribavam os que chegavam, e eſtes levavam outros após ſi até cahirem em baixo, em ſima daquella multidão de inimigos, huns com pernas quebradas, outros com braços, e cabe-

ças,

ças, porque aquelles dous esforçados ſoldados com as mãos, com os pés, e com tudo offendiam aos inimigos; porque depois que ſe lhes gaſtáram as lanças, lançáram ſobre os debaixo huma ſomma de panellas de polvora, com que abrazáram os que eſtavam ao ſopé, e com os pés derribavam ſobre os que hiam ſubindo grandes pedras, e cantos, que eſtavam póſtos por alli pera o meſmo effeito, eſtando os mais de dentro cevando-os com panellas de polvora, e com lanças de fogo, com que não davam vagar aos Turcos pera poderem ſubir, nem deſcer, ſenão em trambulhões até o pé do muro, onde tudo eram labaredas das panellas de polvora. Os Janizaros haviam pela maior affronta, que nunca paſſáram, dous homens ſós fazerem nelles tamanho eſtrago, e damno, e defenderem a ſubida a tantos, e tão experimentados Janizaros, e tão vitorioſos em tantas guerras na Europa; e determinando de acabarem aquelle negocio, ou morrerem todos na demanda, tornáram a commetter a ſubida, como homens offerecidos á morte, onde a acháram muito certa, porque logo tornáram a voltar pelos ares ſobre os mais, porque aquelles dous esforçados Manlios ſobre o alto Capitolio defendiam valoroſamente aquella ſubida, ſem quererem tomar hum pequeno de repouſo, nem largar o lugar

gar a outros companheiros, que lhes pediam ſe recolheſſem a curar, (por eſtarem ambos feridos de muitas fréchadas, e eſpingardadas, porque todos os debaixo acertavam nelles ſeus tiros, como aquelles que eſtavam por alvo, ſem lhes dar daquelle granizo de pelouros, e fréchas, que ſobre elles cahiam, couſa alguma.) O Capitão Franciſco Pacheco chegou a elles, e lhes pedio, que quizeſſem partir com elle huma pequena daquella honra, em quanto elles ſe curaſſem, e que logo lhes tornaria o lugar; mas elles ſem darem pelos rogos do ſeu Capitão, embebidos na batalha, não faziam ſenão callar, bracejar, e derribar nos inimigos, ſendo aquillo cauſa de ſe lhes vaſar mais o ſangue, o que a furia, e a colera lhes não deixava ſentir. Da fortaleza ſe via mui bem o aſſalto, e as maravilhas que faziam aquelles dous ſoldados; e por não haver embarcações, em que os foſſem ſoccorrer, eſtavamſe todos debatendo, deſejando de ſe lançarem a nado pera ſe irem achar com ſeus companheiros naquelles tão honroſos trabalhos, e perigos.

E certo, que eſta foi a mór affronta, em que Antonio da Silveira ſe vio, e todos os mais Fidalgos, e Cavalleiros com elle em todo o decurſo do cerco, porque lhes rebentáram os corações dentro nos peitos de

pe-

pezar, de verem ſeus amigos em perigos, e não lhes poderem valer; mas de lá com as vontades, deſejos, e com os meneios os ajudavam. Antonio da Silveira os mandou favorecer com a artilheria, já que com o mais não podia, deſparando-a nas eſtancias dos inimigos, e ao pé do baluarte, matando-lhes muitos. Os Turcos eſtavam paſmados de verem o desbarato, e eſtrago, que ſós dous homens tinham feito na melhor, e mais eſcolhida gente que havia antre os Janizaros da guarda do Turco, cuja ſoberba lhes fazia parecer, antes de commetterem o aſſalto, que nem toda a gente que eſtava na fortaleza grande lhes poderia defender aquella entrada, e como attonitos, e paſmados eſtavam com os olhos póſtos nas couſas, que aquelles dous homens faziam. Durou eſta contenda até que o Sol ſe poz, que os inimigos a ſeu pezar deixáram ſua porfia, recolhendo-ſe a ſeus vallos, desbaratados, e deſtroçados de dous homens ſós.

Franciſco Pacheco como ſe vio deſapreſſado, mandou-os recolher, e curar muito bem, e foram tirados dalli nos braços de todos com grandes louvores. Muito trabalhámos por ſaber os nomes deſtes dous valoroſos, e esforçados ſoldados, ſó de hum delles o ſoubemos, que ſe chamava Antonio Pinheiro, mancebo de vinte e ſinco annos,

nos, filho de hum Cavalleiro de Faro; o nome do outro não achámos, porque o descuido, ou a inveja o tem posto em esquecimento, não sendo suas obras senão pera viverem eternizadas na memoria dos homens, com titulos tão bem merecidos, como aquelle celebrado dos Romanos Marco Manlio, a quem deram o sobrenome de Capitolino, por defender o Capitolio aos Francezes, não sendo batido, nem arrazado com canhões, e bazaliscos medonhos, nem perseguido de tantas nuvens de pelouros, e fréchas como estes. E ainda que em nós não haja o estilo, e eloquencia de Tito Livio, vós, meus valorosos soldados, e outros a quem o descuido Portuguez tem sepultados nas trévas do esquecimento, trabalharemos por vos tornar a resuscitar nesta nossa historia, porque veja o Mundo, que não faltáram antre Portuguezes, Manlios, Torquatos, Corvinos, Scevolas, Decios, nem Oracios, mas faltáram até agora favores, honras, e mercês, que sam as cousas que fazem resuscitar os engenhos, e habilidades, que antre todas as outras nações foram sempre tão favorecidas, e estimadas.

E tornando á nossa historia. Esta mesma noite, estando os do baluarte de Gaspar de Sousa na fortaleza grande vigiando, sentíram chamar debaixo; e perguntando o que era,

era, refpondeo hum homem, que era Antonio Faleiro, que hia do baluarte de Gogalá, e levava huma carta de Francifco Pacheco pera o Capitão. Efte homem andára já em Africa, e fabia bem a lingua Arabia. Deo-fe difto recado ao Capitão, que o mandou recolher por huma efcada de corda, e o efperou com todos os Capitães, e Fidalgos, e chegado a elle, lhe deo huma carta cerrada, que moftrava fer de Francifco Pacheco, e no lugar de fobrefcrito dizia, que podiam dar credito a tudo o que Antonio Faleiro de fua parte lhe diffeffe, e dentro lhe dava brevemente conta de algumas coufas fuccedidas antes do affalto, e moftrava fer feita havia tres dias. O Capitão não lhe foube bem aquelle negocio, e diffe ao Faleiro, que podia livremente dizer ao que hia alli perante todos, e fazendo-o affim, diffe defta maneira:

» Senhor, eu fou mandado da parte de » todos os do baluarte de Gogalá a te fazer » a faber, como o Capitão Francifco Pache- » co fica em artigo de morte, de huma gran- » de enfermidade, que ha dias que tem. » A ifto lhe atalhou Lopo de Soufa Coutinho, dizendo: Que, porque dizia aquillo, fe elle havia menos de quatro dias que fallára com elle, e o víra muito são, e bem difpofto? Antonio Faleiro ficou embaraçado, e ven-

do

do que corria risco sua verdade, disse: » Que
» ainda que o ouvíra fallar já estava muito
» doente, e que pera morrer hum homem,
» não havia mister mais de hum momento,
» quanto mais tres, e quatro dias. » E proseguindo
seu recado, disse: » Que nos com-
» bates passados lhe tinham já mortos vinte
» companheiros, e que todos os mais esta-
» vam feridos de muitas, e grandes feridas,
» e que todas as munições eram já gastadas,
» e o que peior era, que estavam sem agua,
» porque as pipas em que a tinham se lhe
» fora a mór parte, e que o Castello estava
» todo arrazado, e com a artilheria cega de
» todo, e sem poder laborar, por onde já não
» havia outro remedio mais, que irem todos
» morrer no exercito dos inimigos, ao que
» estavam determinados tanto que amanhe-
» cesse, porque já que haviam de morrer,
» queriam que fosse de huma morte honra-
» da, e digna de eterna memoria. E que es-
» tando com esta determinação vigiando el-
» le Antonio Faleiro o quarto da prima a
» huma bombardeira, víra passar hum Mou-
» ro, a quem fallára em lingua Arabia, e
» lhe dissera, que pera que era tanta crueldа-
» de, e tantas mortes; que se buscasse algum
» meio honesto pera se evitar tanto damno,
» porque todos os Portuguezes estavam de-
» terminados a morrerem sobre a primeira
» pe-

» pedra, ou derradeira daquelle baluarte, » que os Turcos não haviam de ganhar sem » lhes custar a mór parte de sua gente. E que » a isto lhe respondêra o Mouro, que iria » fallar com seus Capitães, e que logo tor- » naria com a resposta, com que não tardá- » ra, e lhe dissera da parte de Coge Çofar, » que lhe mandasse o Capitão hum homem » de credito pera com elle praticar sobre al- » gum modo de concerto; e que elle Anto- » nio Faleiro fora eleito pera isso, e lan- » çado logo fóra pela bombardeira, e fora » levado a Coge Çofar, e aos Capitães Tur- » cos, que lhe disseram, que se se entregas- » sem todos á mercê do Baxá, que era ma- » gnanimo, liberal, e grandioso, usaria com » elles de muita clemencia, e misericordia. » Ao que o Faleiro respondêra, que os Por- » tuguezes não costumavam a se entregar se- » não com muito grandes seguranças das vi- » das, e liberdades, ainda que cada hum » delles soubesse passar mil vezes pelos fios » da morte. E que nenhum partido, nem » esse, nem outro haviam de acceitar, sem » se dar primeiro conta ao Capitão da for- » taleza; no que elles consentíram; e o des- » pedíram, dizendo-lhe, que até o outro dia » lhes levasse a resposta, e que a isso o man- » davam os do baluarte, que agora visse el- » le o que deviam fazer.»

An-

Antonio da Silveira, e todos os mais deitáram fobre efte negocio differentes juizos, concebendo ruim opinião do Faleiro; mas como aquillo eram fufpeitas, não fe feguráram nellas. E pedindo áquelles Capitães que o aconfelhaffem naquella materia, foram todos de parecer, que pois não podiam ir ajudar, e favorecer aos do baluarte, que não era licito, que homens que eftavam fóra do perigo, obrigaffem a outros a morrerem; que pois elles eftavam no rifco, efcolheffem o melhor partido que entendeffem, conforme ao eftado em que eftavam. Difto fe fez hum termo, em que todos affignáram, que fe deo ao Faleiro pera o levar por refpofta, fem fe lhe efcrever nada mais, e o defpedíram. Efte homem, fegundo depois fe foube, teve alguns tratos fecretos com os Mouros, e affirmava-fe, que por tres vezes fora fallar com elles efcondidamente, fem nunca os do baluarte fufpeitarem coufa alguma; e não fe foube na verdade o que fe paffou, porque como todos os do Caftello foram depois falfamente mortos, não houve quem a diffeffe. E efta he a razão, por que cuidamos que o nome de hum daquelles dous valorofos foldados, e de outros finco (de que adiante fallaremos) ficáram em efquecimento, porque não houve quem os diffeffe.

CA-

CAPITULO III.

De como os do baluarte da Villa dos Rumes se entregáram a partido aos Turcos: e de como João Pires com sinco companheiros foram mortos em defensão da bandeira de Christo, e lançados no mar: e de como seus corpos milagrosamente foram aportar á fortaleza.

PArtido Antonio Faleiro com o assento que se tomou, chegando ao Castello, o mostrou a Francisco Pacheco, e aos companheiros todos, a quem Francisco Pacheco pedio, que lhe dessem seu parecer naquelle negocio. E praticando tudo antre elles, e apresentadas as difficuldades que havia pera se poderem defender, pela falta que havia de tudo, e pelo pouco remedio que da fortaleza lhe podiam dar, assentáram, que se tratasse da segurança das vidas, que era necessario pouparem pera ajudarem a defender a fortaleza grande, em que estava toda a importancia do negocio. Sobre o modo que se nisso teria debatèram, e deo cada hum seu parecer, não se conformando todos; porque huns diziam, que morressem antes alli como Cavalleiros, que entregarem-se como covardos, porque pera se defenderem não estavam tão impossibilitados, que não ti-

tiveſſem ainda alguns mantimentos, e agua; e que poſto que de todo lhes faltaſſe, que os homens podiam viver ſete dias ſem comer, e que neſſes ſoccorreria Deos, e poderia chegar o Viſo-Rey. Outros foram do parecer de Franciſco Pacheco, que era, que ſe o Baxá lhes concedeſſe as vidas, e os deixaſſe ir livremente pera a fortaleza, que lhe entregaſſem o Caſtello, que niſſo hia pouco, porque não era perder mais que paredes quebradas, que com a chegada do Viſo-Rey ſe tornariam a cobrar; e que no diſcurſo do cerco, eſtando elles na fortaleza, ſe poderiam bem ſatisfazer nos inimigos daquella quebra. Eſtes vencêram os mais, e logo deſpedíram Antonio Faleiro com o recado a Coge Çofar, que eſtava aguardando por elle, e lhe deo conta do que era paſſado, affirmando-lhe, que ſe não deixaſſem ir os Portuguezes do Caſtello pera a fortaleza, que nenhum outro partido haviam de acceitar. Neſte tempo amanhecia já, pelo que o detiveram, e deſpedíram recado ao Baxá do que ſe faria. O Baxá mandou logo a reſpoſta, e com ella hum formão, ou ſalvo-conduto, chapado, e ſellado com a chapa, e ſello do Grão Turco, em que em ſeu nome concedia as vidas aos que eſtavam no baluarte da Villa dos Rumes, e que os deixaria ir livremente pera a fortaleza, ſem da-

damno, nem defeito algum em ſuas peſſoas. Chegado o formão, o levou Antonio Faleiro a moſtrar a Franciſco Pacheco, que lhe pareceo neceſſario ir elle em peſſoa ver-ſe com Coge Çofar, como fez, e ambos aſſentáram, que lhe entregaſſe o Caſtello, e que ſe foſſe pera a fortaleza, indo todavia elle Franciſco Pacheco primeiro ver-ſe á galé com o Baxá, e dar-lhe a obediencia como rendido, e que todos os companheiros ſe poriam da outra banda da Cidade, e que de lá ſe poderiam ir pera a fortaleza livremente.

Aſſentado iſto ao primeiro dia de Outubro, havendo vinte que ſuſtentavam o cerco, ſahio-ſe Franciſco Pacheco da fortaleza com alguns companheiros, e Coge Çofar o encaminhou pera o Baxá, mandando com elle hum Sangiaco. Franciſco Pacheco, e alguns, que com elles foram, ſe embarcáram com grande dor, e mágoa de ſeus corações, por ſe verem chegados ao mais infelice eſtado, em que hum peito valoroſo ſe podia ver. Franciſco Pacheco foi mettido em hum batel pera ir ao Baxá, e com elle hum Gonçalo de Almeida ſeu parente, e o Antonio Faleiro pera lingua. Chegados á galé, foi Franciſco Pacheco levado ao Baxá, diante de quem ſe preſentou com hum roſto tão deſcontente, que bem moſtrava a dor, e mágoa que levava no coração de ſe ver che-

chegado áquelle eftado ; e humilhando-fe honeftamente, lhe aprefentou o feu falvo-conduto, pedindo-lhe que o cumpriffe como era obrigado por lei da guerra, e o deixaffe com todos feus companheiros paffar pera a fortaleza. O Baxá o recebeo com muita honra, e lhe mandou dar logo huma formofa cabaia, e lhe confirmou o falvo-conduto, com condição, que fe não iriam pera a fortaleza, em quanto duraffe o cerco, e que eftaria na Cidade em cafas, que lhe mandaria dar até ver o fim daquelle negocio. Com ifto o tornou a mandar a Coge Çofar, com ordem que os puzeffe na Cidade com grande refguardo, e vigia. Francifco Pacheco vendo que em parte lhe quebravam os partidos com que fe entregára, arrependeo-fe do que tinha feito, porque receou mais mal. A alguns homens daquelle tempo ouvimos dizer, que Francifco Pacheco fe negociára mui mal nefta entrega, porque já que fe não quizera recolher, como lhe Antonio da Silveira tinha mandado dizer, pudéra preitear-fe com os inimigos, com condição, que lhe puzeffem huma fufta ao pé do baluarte pera fe embarcarem nella, e que levantaffem o campo de fobre o Caftello em quanto o faziam, e que affim fegurava a vida de todos, porque tudo lhe haviam os Turcos de conceder, pelo que lhes impor-

tava haver aquelle Castello ás mãos, e o principal pela muita gente que sobre elle perdiam, porque pera Turcos, e Mouros, que per natureza sam falsos, e fementidos, ha mister grandes cautelas.

E tornando á nossa ordem. Em quanto Francisco Pacheco se foi apresentar ao Baxá, ficáram os Portuguezes, que com elle se sahíram no exercito, e alguns ainda ficáram na fortaleza. Os Janizaros, soffregos do sacco do Castello, não aguardando que se destapassem as portas, ajuntando-se quatrocentos delles, remettêram com as paredes, e pelos dentes dellas huns, e outros por traves, que encostáram, subíram assima com grandes estrondos, e remettêram logo com a bandeira de Christo, (que ainda estava arvorada em sima do Castello,) e a deitáram no chão, e naquelle lugar puzeram huma vermelha muito grande com as insignias do Grão Turco. Os nossos, que estavam ainda no Castello, vendo aquelle desprezo feito áquella insignia de nossa Redempção, movidos da honra da sua Religião, sahíram seis, de que era cabeça João Pires, homem de mais de sessenta annos, mui grande Cavalleiro, e como doudos remettêram com os Turcos, e levando João Pires a bandeira de Christo nas mãos, a tornou a pôr no seu lugar, e deitou pelo chão a dos Turcos,

de

de que elles tomados acudíram a isso, e começáram a ferir nos seis, e elles com grande animo nelles, ateando-se huma muito aspera, e muito desigual briga, insistindo os Portuguezes, tanto em terem a sua bandeira em seu lugar, que com lha arrancarem tres vezes, outras tantas a tornáram a arvorar, fazendo sobre isto maravilhas nas armas, não lhes deixando ver aquelle grande zelo da honra de Deos o notavel, e certo perigo a que se punhão contra tantos, e em parte, que não podiam ter soccorro humano, andando antre os Turcos como leões bravos (do que elles mesmos estavam pasmados.) Os da fortaleza grande bem viam aquelle alevantar, e abater, ora de huma, ora de outra bandeira, mas não sabiam o que seria, porque não tinham novas do que era passado, pelo que estavam em grande confusão. João Pires, e os mais andavam mui accezos na batalha contra os Turcos, de que tinham mortos alguns; mas todavia andavam já todos com muitas feridas, ferrados sempre na bandeira de Christo, pera que estivesse arvorada, do que envergonhados os Janizaros, (vendo que só seis homens lhes davam tanto que fazer,) carregáram todos sobre elles, e os apertáram tanto, que os atassalháram, o que elles antes quizeram, que verem com seus

olhos

olhos tamanha offenſa feita á Cruz de Chriſto.

Mortos eſtes ſeis animoſos, e esforçados Cavalleiros, a bandeira dos Turcos foi logo arvorada ſem ſe mais mudar, (o que ſe notou da fortaleza,) mas como não ſabiam o que lá hia, não o ſouberam determinar. Os Mouros como ficáram eſcandalizados daquelles Cavalleiros, e Martyres de Chriſto, lançáram os ſeus corpos da Torre abaixo da banda do mar, enchendo a maré; couſa maravilhoſa! que querendo logo Deos moſtrar quão acceito fora diante delle aquelle grande amor, e zelo de ſua honra, no meſmo inſtante que os corpos tocáram na agua, refreando o mar ſeu curſo, indo pera ſima com grande furia, tornou logo com outra tamanha a deſcer pera baixo, que levou aquelles corpos juntos até os pôr todos na porta da couraça; e depois de os ter juntos neſte lugar ſeguro, tornou a maré a continuar o ſeu curſo ordinario. Era iſto a hora de meio dia. Foram aquelles corpos viſtos de ſima do baluarte, e acudindo Antonio da Silveira, os mandou recolher dentro, notando todos o milagre tão evidente, ſem ſaberem o que tinha acontecido. Dalli foram levados á Igreja com grande honra, e enterrados todos juntos em huma cova defronte do Altar mór da Capella pera fóra; e de

crer

crer he , que ſuas almas ſubiriam triunfantes diante da Divina Mageſtade , aonde receberiam a glorioſa coroa de Martyres. E ſe he verdade (como os Doutores affirmam) que não ſó a pena faz o martyr , ſenão tambem a cauſa , (porque pera ſer perfeita razão de martyrio não baſta morte , mas tambem vontade ,) logo pois tudo iſto concorreo neſtes noſſos Martyres de Chriſto. Com muita razão os podemos nomear por eſſes , e mais quando tão claramente moſtráram morrer por honra de ſua Fé. E nós tambem nomeáramos a todos eſtes ſeis neſte lugar , ſe lhes acháramos ſeus nomes , ſobre o que trabalhámos bem. A eſtes deſcuidos já não ha remedio , mas trabalharemos de os emendar em noſſos tempos , com ſegurarmos , que todo o que merecer nome na hiſtoria , o não perca neſta noſſa.

E tornando a continuar com Antonio Faleiro , ficou na galé com o Baxá , muito ſeu mimoſo , e logo em ſe ſahindo Franciſco Pacheco , lhe mandou o Baxá , que eſcreveſſe huma carta em ſeu nome , que o meſmo Baxá notou , e mandou a Coge Çofar que foſſe ter com Franciſco Pacheco , e lha fizeſſe aſſinar , e fizeſſe ir a bom recado até defronte da fortaleza ao meſmo Antonio Faleiro , e que levaſſe a carta a Antonio da Silveira , e fallaſſe com elle , e o perſuadiſ-

se a lhe entregar a fortaleza, e que nas promessas não fosse avaro, mandando a Coge Çofar, que estivesse presente ás práticas pera ser testemunha dellas. Foi cousa espantosa, que logo na fortaleza se começou a dizer, (sem haver quem tal soubesse,) que Francisco Pacheco havia duas, ou tres noites que hia fallar com os ditos Capitães Turcos, e outras particularidades desta qualidade, que depois se affirmáram ser assim, como foram adivinhadas.

CAPITULO IV.

Que contém o theor de huma carta, que o Baxá escreveo a Antonio da Silveira, em nome de Francisco Pacheco: e do que passou na falla que teve com Antonio Faleiro: e da resposta que lhe deo: e de como os Turcos assentáram suas estancias, e começáram a bater a fortaleza.

EStando Antonio da Silveira muito triste, e malenconizado todo aquelle dia, sem saber o que era succedido no baluarte, mais que entender-se estarem os Turcos senhores delle, sem saber o como, ao outro dia, que foram dous do mez de Outubro ás dez horas do dia, appareceo á vista da fortaleza Antonio Faleiro em meio de quatro Janizaros, vestido em huma cabaia de escar-

carlata, com muitos alamares de fio de ouro, e na cabeça turbante a modo Turquesco; e bradando aos do baluarte de Gaſpar de Souſa, diſſe, que trazia huma carta de Franciſco Pacheco pera o Capitão, que logo mandou por hum daquelles Janizaros, que chegou ao pé do baluarte, e a atou a hum cordel, que de ſima lhe lançáram, e tornou-ſe affaſtar. Gaſpar de Souſa a mandou ao Capitão, e elle ficou á falla com o Faleiro, que lhe diſſe, que Franciſco Pacheco, e Coge Çofar eſtavam alli perto eſperando pela reſpoſta, e alli lhe contou o modo de como ſe entregáram, e de como o Baxá os recebêra com honras, engrandecendo muito ſua authoridade, prudencia, liberalidade, e outras partes, que elle não tinha, contando-lhe o grande poder que trazia, dizendo-lhe, que o bom ſería entrarem tambem em algum partido com elle, e entregar-lhe aquella fortaleza, porque não era poſſivel poder-ſe defender a tantos, e tão poderoſos canhões, e ferozes baſiliſcos; e que o Baxá eſtava apoſtado a fazer tudo o que lhe o Capitão pediſſe. Gaſpar de Souſa tanto que aquillo ouvio, logo entendeo que era velhaco, e que fora nos tratos, o que todos ſuſpeitáram delle, e com muita paixão, e colera lhe diſſe, que era hum fraco, traidor, e covarde, e que diſſeſſe ao Baxá, que onde

de víra elle hum Capitão como Antonio da Silveira, que tinha huns testiculos tamanhos como os de hum touro, entregar a fortaleza, que tinha em seu poder, a hum Eunuco, como mulher, fraco, sem fé, nem palavra; e que se mais lhe dizia sobre aquillo alguma cousa, que o mandaria espedaçar com hum camello: com isto se callou. A carta foi levada ao Capitão, que a não quiz abrir, senão presentes todos os Fidalgos, e Capitães, de que se encheo toda a casa, e mandando-a ler, sem a querer tomar na mão, víram que dizia assim:

» Senhor, forçado da necessidade me en» treguei ao Baxá Soleimão, com seguran» ça das vidas, e liberdades, de que nos pas» sou hum salvo-conduto com o sello do » Grão Turco, contentando-se com lhe lar» garmos o baluarte, e que lhe fossemos á » sua galé dar a obediencia, o que fiz, e » levei comigo Antonio Faleiro, e Gonça» lo de Almeida, e elle nos fez muitas hon» ras, e mercês, e nos tornou a confirmar » o salvo-conduto, com condição, que nos » não iriamos pera a fortaleza, em quanto » o cerco durasse; porque como determinava » de se não levantar de sobre ella sem a to» mar, não queria que a fossemos ajudar a » defender. Este homem traz muito grande » poder, e tem mandado desembarcar gran-

» de

» de ſomma de baſiliſcos, e outras peças groſ-
» ſiſſimas; e informado da pouca gente que
» eſtá neſſa fortaleza, e da falta da agua, e
» mantimentos, e munições, deſejava de não
» chegar ao cabo com a guerra, e de haver
» algum meio pera eſcuſar tanto damno: pe-
» lo que, Senhor, vos peço hajais bom con-
» ſelho, e que lhe entregueis eſſa fortaleza
» com toda a artilheria, que elle vos dará
» embarcações, em que todos vos poſſais ir
» pera Goa livremente. »

Antonio da Silveira tanto que ouvio fal-
lar na entrega da fortaleza, não deixou ir
mais por diante a carta, (porque ainda era
maior;) e perguntando aos que eſtavam pre-
ſentes, que era o que diziam áquillo? re-
ſpondêram todos a huma voz, que ſobre a
mais pequena pedra daquella fortaleza per-
deriam mil vidas, ſe tantas tiveſſem. Anto-
nio da Silveira com grande alvoroço os a-
braçou a todos, e logo na meſma carta (que
não quiz que lhe ficaſſe) mandou reſponder
o ſeguinte:

» Pera Capitão, que tanto me engrande-
» ceis, houvera de cumprir comvoſco me-
» lhor o ſalvo-conduto, que vos paſſou dos
» partidos com que vos entregaſtes; mas não
» me eſpanto de ſer falſo, e mentiroſo, quem
» tem por lei, e natureza não guardar ver-
» dade. De vós ſim, que tão livremente me
» acon-

» aconſelhais huma couſa tão longe da que
» eu tenho em meu coração, porque não ſó
» cuido de lhe defender eſta fortaleza, mas
» de o ir desbaratar dentro em ſeus exerci-
» tos. E vós não ſejais mais ouſado a me eſ-
» crever ſemelhantes couſas, porque a to-
» dos os que vierem com voſſo recado, man-
» darei eſpedaçar ás bombardadas. » E cer-
rando a carta, lha mandou lançar do baluar-
te abaixo, e foi levada a Antonio Faleiro,
que ſe foi ajuntar com Coge Çofar, e com
Franciſco Pacheco, e todos ſe foram á ga-
lé, e leváram a reſpoſta ao Baxá, que ſe
houve por muito affrontado das palavras com
que o tratavam. E aſſim com aquella ira man-
dou metter a banco das galés a Franciſco Pa-
checo, e a todos os mais que foram da Vil-
la dos Rumes, que ſeriam perto de ſeſſen-
ta peſſoas, em que entravam alguns Chri-
ſtãos da terra.

As novas deſta carta do Baxá corrêram
pela fortaleza; e não ſó na gente nobre, mas
ainda na popular, até nas mulheres cauſou
tamanha ira, e furor, que deſejavam de irem
commetter os inimigos dentro em ſuas eſtan-
cias. O Baxá mandou logo trazer toda a ar-
tilheria, que tinha deixado em Madrefaval,
que foi trazida com grande trabalho de mui-
ta gente da terra em juntas de bois, e foi
paſſada á Ilha em grandes barcaças, e o car-
go

go de Meſtre do Campo deo a Icuf, e o da artilheria a Hamede Baxá com dous mil Turcos; e a Coge Çofar com toda ſua gente, que eram treze mil homens, deo o cargo de General ſobre elles, porque elle ficava na ſua galé, aſſim porque era muito velho, como porque era muito covarde, e não ſe queria pôr a algum riſco. Icuf aos quatro de Outubro plantou ſua artilheria ſobre a fortaleza de mar a mar em ſeis lugares, por onde poz as peças todas por eſta maneira.

Na ponta da terra, que fica defronte donde hoje eſtá ſituada a Igreja de S. Domingos, (e onde ſe vê hum formoſo pyramide, que alli ſe poz depois pera memoria, que ſerá pouco mais de trezentos paſſos pela eſquadria,) puzeram huma colubrina, que lançava pelouro de ferro coado de pezo de ſeſſenta e ſinco libras, e dous pedreiros, hum de pelouro de trezentas libras, e o outro de duzentas, hum paſſavolante, e huma colubrina de pelouro de cento e ſincoenta libras, hum baſaliſco mui grande, duas aguias, dous leões, e outros canhões pequenos.

Em outro lugar, que fica naquelle alto, que eſtá ſobre o jogo da bola, a pouco mais de oitenta paſſos da fortaleza, puzeram dous baſaliſcos, hum paſſavolante, duas aguias, dous leões, e outros canhões menores, e hum temeroſiſſimo quartáo pera com elle arrui-

ruinar a cisterna, que levava pelouro como hum fardo de arroz.

Adiante pera a banda do mar, defronte do baluarte S. Thomé, assestáram dous basaliscos, duas aguias, hum sacro, hum mortarro de quatrocentas libras de pelouro, e outros canhões.

Naquella parte, em que depois se fundou a Ermida de Nossa Senhora, que era o lugar da forca, plantáram dous basaliscos, duas aguias, hum espalhafato, huma colubrina de cem libras de pelouro, e outros canhões; e assim por esta maneira corrêram com as outras duas estancias até cingirem toda a frontaria da fortaleza, de sorte, que em todas estas estancias havia cento e dez peças de artilheria, sem se bolir em alguma das galés, porque toda esta vinha de sobrecellente nos galeões. Por estas seis estancias se repartíram quatrocentos bombardeiros, Esclavonezes, Ungaros, Venezianos, e de outras nações. E depois que se fortificáram, e fizeram seus repairos, bastiães, e mantas, assentáram seus exercitos antre estas estancias, e a fortaleza, naquella parte onde está o jogo da bola, que ficava mais baixa, de sorte que por sima delles jogava toda a artilheria daquella parte, e alli se fortificáram de vallos, trincheiras, e cavas, o que tudo fizeram aquella noite com perda, e damno

de

de muitos dos ſeus, porque dos noſſos baluartes, em o ſentindo, deſparáram nelles toda a noite ſua artilheria.

Ao outro dia pela manhã ſe víram todas as eſtancias plantadas, e fortificadas com muito boa ordem, e com ellas começáram logo a dar a primeira ſalva á fortaleza com tamanho eſtrondo, e terremoto, que parecia que o Mundo ſe desfazia em coriſcos, e trovões, eclipſando-ſe o Sol com a eſcuridade, e eſpeſſura das nuvens do fumo, com que deixáram de ſe ver huns aos outros. Os pelouros faziam pelas ameias do muro tão grandes terremotos, que parecia que todos os Cycoples infernaes eſtavam nellas martellando; mas nada deſtas carrancas eſpantou os noſſos, porque deſprezando tudo, acudiam a repairar com muita preſteza algumas partes arruinadas, reſpondendo-lhes tambem com ſua artilheria, que ſe deſparou em todas as eſtancias, em que lhes matáram, e feríram muitos. Antonio da Silveira, como Capitão animoſo, corria a todas as partes, pera ver com o olho o de que tinham neceſſidade pera logo mandar prover. No baluarte de Gaſpar de Souſa (por onde os Turcos tinham determinado de dar o aſſalto, por eſtar fóra da cava) puzeram elles muita força, batendo-a de tres eſtancias, porque determinavam de o arrazar, porque eſ-

eſte de nenhum outro través podia ſer ſoccorrido, e ajudado, ſenão foſſe do baluarte do mar, de que era Capitão Antonio de Souſa. Eſte Capitão tanto que vio começar a bateria, mandou apontar todas as peças no exercito inimigo, que lhe ficava pela banda do mar hum pouco deſcuberto, começando-o a bater rijamente, fazendo-lhe muito grande damno. Os Turcos acudíram logo áquellas partes, e fizeram repairos pera não ſerem por alli tão offendidos.

A bateria foi-ſe continuando naquelle baluarte de Gaſpar de Souſa, em que ſe deſcarregou aquella tempeſtade, e multidão de baſiliſcos, ſalvagens, leões, aguias, com que lhe arrazáram (neſta primeira moſtra) todos os altos, ameias, e contra ameias, cegando-lhe as mais das peças, que era o que elles pertendiam, quebrando-lhe hum camellete em muitos pedaços, e a boca a hum formoſo leão. E não querendo deſiſtir daquelle negocio até não derribarem todo o baluarte pelo chão, mandáram revezar a bateria, alternando-a duas vezes, aſſim aquelle dia todo, como a noite ſeguinte, em que por conta dos de dentro atiráram duzentas e quarenta bombardadas. Em todo eſte tempo não houve poderem tomar os noſſos hum pequeno de repouſo, porque repartidos todos pelo trabalho, acudíram a repairar,

rar , e reformar as ruinas , que eram muitas.

Ao outro dia tornáram á bateria pela mesma ordem , em que acabáram de arrazar o baluarte até o entulho , ficando as peças da artilheria todas cegas , e elle descuberto por todas as partes , quebrando-lhe mais hum salvagem de ferro , e outras peças miudas. Entendendo Antonio da Silveira , que por aquelle baluarte pertendiam dar-lhe o assalto , deo ordem a todos os Capitães das outras estancias , que no tempo do commettimento o mandassem soccorrer com a melhor soldadesca que tivessem. E logo mandou acarretar pera o pé do baluarte muita madeira , e pedra pera o fortificar , e renovar , provendo de muitas lanças de fogo , panellas de polvora , e de outros petrechos de guerra pera sua defensão , pondo por todo elle muitas tinas cheias de agua , e ordenou pipas , e cestões cheios de terra , que se puzeram á roda do baluarte pera repairo. Os inimigos vendo que só em dous dias puzeram aquelle baluarte naquelle estado , ficou-lhes esperanças de o arrazarem de todo , e mandáram continuar a bateria , e bater a cortina do muro com oito peças juntas , o que se fez por mais finco dias continuos , em que derribáram huma grande parte do muro , que hia fechar no baluarte S. Thomé ,

que ficou de feição, que se via a fortaleza toda por dentro, e o través do baluarte foi tambem derribado por algumas partes, e cegas as peças que delle jogavam. Daquella parte do baluarte, que se derribou, cahio tanta pedra, e caliça pera fóra, que lhe ficou hum entulho que chegava até sima, por onde muito bem se podia subir. Ficava esta rotura do muro muito perto do baluarte de Gaspar de Sousa, que acudio a repairar tudo o melhor que pode, com muito grande risco, e trabalho de todos.

Esta noite chegou á fortaleza o catur de Miguel Vaz, em que vinha D. Duarte de Lima, que foi recolhido pela couraça, e recebido do Capitão com grandes honras. Delle soube como o mandava o Viso-Rey ver o estado em que aquella fortaleza estava, porque com a certeza do que lhe dissesse, se havia de abalar, porque ficava já no mar com huma muito poderosa Armada. Com isto ficáram todos muito alegres, e toda a noite passáram em festas, e folías. E a outro dia se embandeirou a fortaleza, assim pera darem a entender aos Mouros o pouco que os temiam, como porque soubessem que esperavam pelo Viso-Rey.

CA-

CAPITULO V.

Do primeiro assalto, que os Turcos deram ao baluarte de Gaspar de Sousa, e do que nelle passou.

VEndo Antonio da Silveira o baluarte de Gaspar de Sousa arrazado, acudio ao fortificar com huma grossa parede pela banda de dentro, que logo começou a fazer com muita pressa de noite. Isto foi sentido dos inimigos, que por não darem tempo aos nossos de se repairarem, batêram toda a noite o baluarte, fazendo nelle grande damno, matando, e ferindo alguns dos nossos, que andavam na fabrica da parede; porque os muitos pelouros que choviam sobre o baluarte, não davam lugar pera se correr com a obra. Mas Antonio da Silveira, que com o seu grande entendimento andava traçando modos pera contra os ardís dos Mouros, mandou, que com muito silencio se corresse alli com a obra, e que no panno se batesse com muitos picões, e se fizesse grande estrondo, pera que os inimigos acudissem ao som das pancadas, pera assim darem algum folego aos que corriam com a obra da parede; o que lhe não sahio em vão, porque como a noite era muito escura, e elles não viam aonde atiravam, asses-

tavam as peças da artilheria ao tom do trabalho dos picões, e assim ficáram correndo com muito silencio na obra da parede, que começou a crescer, indo-a fabricando pela borda do baluarte de pedra, e barro, e aquella noite a puzeram em altura de hum homem, e tão larga, que com huma escada que fizeram pera a serventia, ficava tomando a terça parte do baluarte, com o que ficou por então seguro, e defensavel.

Ao outro dia tanto que amanheceo, que os inimigos víram a obra feita, ficáram como pasmados, e sem embargo disso determináram de dar aquelle dia hum assalto pela rotura do muro, e delle encommendáram a dianteira a setecentos Janizaros debaixo das bandeiras de Beran Can, e Mamede Can, que em dous esquadrões foram remettendo com o muro. Os dianteiros, que começáram a subir pelas ruinas, foram sincoenta Janizaros armados de todas as armas. No mesmo tempo se começou a bateria em toda a fortaleza pera divertirem os nossos, e para ficar aquella parte mais fraca, e com menos esperança de soccorro. Os dianteiros com grande ousanía, e arrogancia commettêram a subida, havendo que daquella feita levariam a fortaleza nas unhas; mas Gaspar de Sousa deixando o baluarte provído, tomou alguns companheiros, que pera isso escolheo,

e

e acudio áquella parte com algumas lanças de fogo, e panellas de polvora, e chegando os Janizaros a pôr as mãos no muro, dando nelles, os fez virar de pernas aſſima, levando apôs ſi outros. Os Capitães Turcos, que eſtavam ao ſopé do muro, vendo vir aquelles, mandáram outros; e aſſim foram cevando aquelle lugar, porque como ſe vaſava dos que os de ſima derribavam, logo ſe enchia de outros, que parecia que á porfia hiam buſcar a morte, que lhes não tardava mais, que em quanto o ferro Portuguez lhes não chegava.

Os Turcos vendo a grande reſiſtencia, que nos de ſima achavam, começáram a perder o brio, e ſoberba com que alli chegáram, (porque haviam que tudo ſe lhes deſampararia em elles chegando.) Iſto lhes ſahio bem ao revés; porque os de ſima, quanto mais dos inimigos recreſcião, tanto mais ſe lhes dobrava o animo, forças, e alento. Gaſpar de Souſa deo aqui huma grande prova de ſeu muito valor, e esforço, porque em quanto durou o aſſalto, ſempre ſe apreſentou no maior perigo diante de todos os ſeus, fazendo taes obras, que obrigava a todos ao imitarem. D. Duarte de Lima (que tinha chegado aquella noite) quiz ſer teſtemunha de tudo pera informar de viſta ao Viſo-Rey; e poſto diante de todos, fez couſas

ſas

ſas bem dignas de ſerem mui particularizadas, o que a noſſa hiſtoria não ſoffre; porque ſe de todos o houveramos de fazer, ſem dúvida, que pera cada hum dos que neſte cerco ſe acháram, houvera miſter muitos Capitulos, e por iſſo não faremos mais que nomeallos; porque pelo decurſo do cerco ſe verá bem a gloria, que ſe deve a cada hum, e a todos.

Antonio da Silveira chegou áquella parte acompanhado de alguns Fidalgos, que o ſeguiam, (que elle chamava pera ſe aconſelhar nas couſas arduas,) e foi paſſando por todos pera ſe pôr no lugar da defensão, porque lhe não ſoffria o animo ver os ſeus em perigo, e elle ficar de fóra; mas os que hiam com elle o detiveram, dizendo-lhe, que não era aquella ſua obrigação, e que lhe não haviam de conſentir arriſcar-ſe a perigo algum, porque nelle eſtava o remedio daquella fortaleza; e que em quanto o viſſem vivo, pelejariam todos com as tripas em huma mão, e com a eſpada na outra; o que ſería ao contrario, ſe lhe aconteceſſe deſaſtre. Antonio da Silveira deteve-ſe então no baluarte, provendo dalli nas couſas neceſſarias. Os noſſos, que eſtavam ao encontro com os inimigos, fizeram nelles tamanho eſtrago, que de já não poderem os Turcos ver tanto, arrancáram do exercito com to-

todo o poder , e chegáram a favorecer os ſeus com tamanho eſtrepito , e ruido , que atroavam os ares , com que eſpantavam as aves do Ceo.

Aqui foi a revolta muito grande , porque os inimigos como magoados trabalhavam por entrarem a fortaleza ; e os noſſos , como quem em ſua defensão eſtava ſeu remedio , faziam maravilhas pola não deixarem entrar. Alli acudíram de refreſco Lopo de Souſa Coutinho , Manoel de Vaſconcellos , e outros Fidalgos , e Cavalleiros , e pedíram aos que eſtavam no lugar da defensão , que deſcançaſſem hum pouco , que elles ficariam alli até tornarem , o que alguns não quizeram fazer , e outros quaſi por força , por ſe irem curar de muitas feridas que tinham. Em fim os noſſos tratáram os inimigos de feição , que quantos mais ſubiam , tantos mais tornavam a voltar feitos pedaços , levando outros até baixo apôs ſi. Durou eſte aſſalto até o meio dia , que ſe retiráram os inimigos paſmados de verem tão poucos homens fazer tamanhas maravilhas , blasfemando de Mafamede , havendo que elle era o que os caſtigava por mãos de tão poucos.

Os noſſos vendo-ſe deſalivados , recolhêram os feridos , que eram muitos , cuſtando ſó as vidas a dous. O Capitão mandou repai-

pairar aquelle lugar com muita presteza, no que trabalháram o que restou do dia, e toda a noite, sem tomarem repouso. Os Mouros cheios de ira, e furor do máo successo passado, tornáram a redobrar a bateria naquelle lugar pera o acabarem de arrazar, insistindo em que por alli haviam de entrar a fortaleza; e assim o batêram, que tornáram a deitar por terra tudo o que se renovou. Aquella noite pedio Antonio da Silveira a D. Duarte de Lima, que se tornasse com o recado do que víra ao Viso-Rey, pois esperava por elle, pera que se apressasse, escrevendo-lhe huma breve carta, em que se reportava a elle. D. Duarte de Lima se embarcou contra sua vontade, porque desejou de ficar na fortaleza, e com grande vigia nas galés, sahio pela barra no quarto da modorra, e foi seguindo seu caminho.

Ao outro dia pela manhã chegou á Armada huma das náos, que eram desapparecidas, em que vinha o Armiraglio, que trazia muitas vitualhas. Com sua chegada, por lhe fazerem festa, quizeram os inimigos dar outro assalto á fortaleza, e assim sahíram de seus exercitos com suas bandeiras desenroladas, e remettêram com a quebrada do muro, por onde começáram a subir, como homens magoados, e desesperados a receberem a morte das mãos dos de sima, que os

es-

eſperáram com muito animo pera lha darem, e aſſim os eſcandalizáram eſte dia, que a pezar ſeu os fizeram affaſtar, com tanto, ou maior damno que o paſſado. E por não particularizarmos tanto, que enfaſtia, tres vezes commettêram eſte dia o aſſalto, achando de cada huma maior deſengano nos noſſos; e aſſim tornáram á ſua bateria, couſa que os de dentro mais ſentiam, que os aſſaltos, porque nelles não faziam mais que matar, e derribar nos inimigos, com tanto goſto, que elle lhes fazia parecer o perigo muito leve, mas na batetia andavam occupados no repairar, e renovar, ſem poderem tomar por ſuas mãos vingança de quem lhes dava aquelles trabalhos.

CAPITULO VI.

Do grande medo que deo no Baxá, tanto que ſoube que o Viſo-Rey ficava pera o ir buſcar: e da contagioſa enfermidade, que deo em todos os da fortaleza: e do valor, com que as mulheres acudíram aos trabalhos da fortificação.

O Baxá, que eſtava no mar, tanto que entrou D. Duarte de Lima na fortaleza, (pelo alvoroço que nella houve, e por tambem os noſſos lho dizerem de noite de ſima do muro,) ſoube logo de como o Viſo-

ſo-Rey ficava no mar pera o ir buſcar, pelo que ſe paſſou daquelle porto, (porque tambem nelle os Noroeſtes lhe davam trabalho,) e ſe foi pera a outra parte da terra firme da banda de Gogalá, porque ficava mais abrigado. E como era homem fraco, e acovardado, mandou afferrolhar logo todos os Chriſtãos, e paſſou-ſe da galeaça em que eſtava pera a galé baſtarda, por ſer muito ligeira, e mandou-lhe tirar o toldo, e véla, que era todo quarteado, diviſa pera ſer conhecido no mar, e mandou-a guarnecer de vélas brancas, porque ſe não ſoubeſſe em qual das galés eſtava, deixando a ſua bandeira, e diviſa na galeaça, e mandou guarnecer as galés todas de arrombadas, e padezes fortes, porque ſe vieſſe a Armada do Viſo-Rey, (que elle não determinava de eſperar,) eſtaria preſtes aſſim pera fugir, como pera pelejar, quando mais não pudeſſe.

E porque não ficaſſe trabalho algum, que os da fortaleza não paſſaſſem, ſobreveio em todos huma geral enfermidade da boca, e gengivas com tamanha inchação, e dores, que nem o arroz mole podiam maſtigar, e era mui grande laſtima de ver, e ouvir os gritos, e ais das dores que padeciam. Eſte mal ſe cauſou da agua, que bebiam da ciſterna, que por neceſſidade ſe recolheo nella, com o betume, e cal ainda freſca, o

que

que a corrompeo de feição, que causou este mal tamanho em todos mui grande espanto, e medo, porque se viam huns aos outros como mortaes, com as bocas abertas, estilando hum humor peçonhentissimo, como se foram mordidos de nocivas biboras, sem comerem, dormirem, nem tomarem repouso algum; mas todavia nos rebates acudiam todos com hum fervor, e animo, que lhes fazia esquecer as dores que tinham.

E como em todas as baterias matavam, e feriam aos da fortaleza, começava a faltar gente pera o trabalho da reformação das ruinas, do que movidas as mulheres todas, com hum zelo honroso Portuguez, ordenáram tomar á sua conta o trabalho manual das obras, pera que ficassem esses poucos homens, que havia desoccupados, pera a defensão da fortaleza. As authoras desta obra tão heroica foram Isabel da Veiga, e huma Anna Fernandes. A Isabel da Veiga, (que he a de quem já fallámos no Capitulo I. do IV. Livro,) que se não quiz ir pera Goa, quando seu marido Manoel de Vasconcellos a mandava, foi filha de hum Cidadão de Goa nobre, chamado Francisco Ferrão, que foi Juiz da Alfandega de Goa em vida; foi casada com este Manoel de Vasconcellos, homem Fidalgo, de antre quem ficou no Mundo grande posterida-

de,

de, e ampla geração; porque tiveram estas filhas, Dona Luiza de Vasconcellos, que foi casada duas vezes; a primeira com Diogo de Mesquita, de quem nesta quinta Decada, e na quarta fallámos muitas vezes, que foi Capitão de Çofala, de quem nascêram Manoel de Mesquita, casado na India, que faleceo sem lograr a fortaleza de Chaul, de que era provído, e Dona Isabel de Vasconcellos, que tambem foi casada duas vezes, como sua mãi, huma com Ruy Dias Cabral, filho de Fernan de Alvares Cabral, de que não houve filhos; e a outra com Manoel de Miranda, filho de Diogo de Miranda, Camareiro mór, que foi do Cardeal D. Henrique. De antre estes nascêram muitos filhos, e filhas, que sam vivos. A segunda vez foi Dona Luiza, casada com Pantaleão de Sá, filho de João Rodrigues de Sá do Porto, que foi Capitão de Çofala, de que houve huma filha, que está casada em Portugal, que se chama Dona Barbara de Menezes, com Lourenço de Mello, filho de Christovão de Mello, e de huma filha do nosso João de Barros, a que chamavam Dona Catharina. As outras duas filhas, que Isabel da Veiga teve de Manoel de Vasconcellos, foram Dona Catharina, casada com Pero de Mesquita, e Dona Joanna com Diogo Lopes de Mesquita de Guimarães, que foi Capitão de Maluco.

A

A outra Matrona Anna Fernandes, que ſe ajuntou com eſta pera governarem as outras, foi caſada com hum Fernão Lourenço, Chriſtão velho, profeſſor da Cirurgia. Eſtas appellidando todas as mais, com ſeus ceſtos nas cabeças mui alegres, e contentes, começáram a carretar a pedra, terra, madeira, e outros materiaes pera as obras, e repairos, que ſe faziam, que logo foram creſcendo muito, ſentindo-ſe já dalli por diante menos a falta dos doentes. Eſte ſerviço faziam todas com huma preſteza, e alegria, que dobrava os animos a todos. E não contente Anna Fernandes com eſte exercicio, começou a exercitar outro de muito grande caridade, que era, a todos os feridos, que ſe hiam curar a ſua caſa com ſeu marido, ella com ſuas proprias mãos lhes alimpava as feridas, e fazia os fios, concertava os unguentos, e ainda os agazalhava em ſua caſa, e lhes fazia as dietas, e dava as ſuas conſervas, e mimos, com tanto amor, como ſe todos foram ſeus proprios filhos. E não ſatisfeita ainda diſto, ſem tomar repouſo, tanto que era noite, e que os agazalhava, ſahia-ſe de caſa encoſtada a hum bordão, (porque era velha, e pejada,) e hia correr todas as eſtancias, e baluartes, animando a todos, lembrando-lhes ſuas obrigações, e fazendo-os eſtar promptos á vigia. E ainda

paſ-

paſſou mais adiante, que todas as vezes que havia aſſaltos, acudia á parte em que pelejavam, e com hum animo varonil ſe mettia em meio de todos, animando-os, e perſuadindo-os a pelejarem pela Fé de Chriſto. Algumas vezes acertou de ver pelejar alguns floxamente, e chegando-ſe a elles, os reprehendeo, e esforçou; e vendo huma vez, ou duas, que ſe hiam huns eſcoando, e ſahindo-ſe da batalha, com ira, e menencoria os tomou pelos braços, e affrontando-os com palavras mui honradas, os fez tornar a ſeus lugares. E aſſim trazia o olho neſtas couſas, que nada deixava de ver; e tamanho medo, e reſpeito lhe tinhão já todos, que em ella chegando no tempo da briga, e levantando a voz, ſe mettia em meio delles, chamando-lhes filhos, e Cavalleiros de Chriſto: aſſim trabalhavam todos por lhe parecerem bem, e de ſe arriſcarem nos lugares mais perigoſos, como ſe pelejaſſem diante do ſeu Rey, que os houveſſe de galardoar.

Tinha eſta Matrona hum filho de dezoito annos na fortaleza, chamado Franciſco Mendes, muito bom Cavalleiro, e que ſempre pelejou bem: andando ella neſte aſſalto viſitando os baluartes, o achou morto de huma eſpingardada pela cabeça, e muito inteira, e conſtante o tomou nos braços, e o recolheo; e como ſe acabou a briga,

ga , lhe fez dar ſepultura com huma ſegurança , e ſoffrimento , que eſpantou a todos , não deixando de continuar com ſeu piedoſo exercicio , encubrindo a dor , e mágoa , que em ſeu coração tinha , por não entriſtecer a todos , que a amavam como mãi. Deſta maneira ficáram eſtas Matronas continuando no trabalho de noite , e de dia , e em qualquer parte que por ellas chamavam pera alguma neceſſidade , logo acudiam com todo aquelle feminino eſquadrão , carregadas todas de materiaes , e de todas as mais couſas neceſſarias.

CAPITULO VII.

De como os Turcos melhoráram ſuas eſtancias até as pôrem á borda da cava.

ESCandalizados os Turcos dos aſſaltos paſſados , determináram de não levarem mão da bateria , até não arrazarem de todo o baluarte de Gaſpar de Souſa, pera entrarem por elle na fortaleza , no que puzeram toda ſua induſtria , e poder. E aſſim foram continuando a bateria com grande terror , e eſpanto alguns dias , em que tambem derribáram a Igreja , que eſtava no meio da fortaleza no mais alto lugar della , que era hum edificio muito arrezoado de tres naves , com huma torre ſobre a porta , tão alta , e quaſi tamanha , como a antiga de S. Vicente de

fó-

fóra em Lisboa, que se descubria toda de fóra muito bem, e tudo arrazáram, e derribáram, no que accrescentáram nos Portuguezes maior odio, e ira, desejando de vingar aquella offensa feita ao Templo dedicado ao Altissimo Deos. Daquella estancia, que os Mouros tinham sobre o jogo da bola, (de que tambem batiam todos aquelles dias o baluarte de Gaspar de Sousa,) despáram aquelle temeroso quartáo, que tinham assestado por esquadria no lugar da cisterna, que estava a cargo de Roque de Navaes, hum Cavalleiro honrado, que mandou com muita diligencia armar sobre ella alguns andaimos fortissimos, pera que os pelouros embaçassem primeiro nelles, que déssem na abobada, o que foi parte pera se não arrombar de todo, posto que alguns pelouros lhe deram, de que recebeo algum damno. O baluarte de Gaspar de Sousa foi batido de tres partes com tanta furia, que lhe arrazáram toda aquella parede, que os nossos tinhão fabricada. A isto acudio logo Antonio da Silveira, e mandou edificar outra mais forte pela banda de dentro, que tomava tanto do baluarte, que já lhe não ficava mais, que hum terço delle, em que se recolhessem.

A este serviço acudio com muito fervor aquelle feminil esquadrão carregado de pedra,

dra, barro, terra, agua, madeira, não lhes impedindo esta obra nem a grande quentura do Sol, de que ellas não resguardavam seus delicados carões, nem o sereno, e escuridão da noite, nem os grandes, e medonhos coriscos, e tempestades da artilheria, cujos pelouros lhes zonião, e assoviavão pelas orelhas, sem ellas mudarem passo, nem largarem o serviço. Antonio da Silveira receando que lhe tornassem a derribar aquella parede, e que o baluarte se perdesse, ordenou de fabricar pela banda de dentro huma torre á maneira de Cavalleiro pera defensão da fortaleza.

Nesta obra (que foi muito proveitosa) se puzeram as mãos com muita diligencia; e porque começou a faltar pedra, mandou o Capitão derribar algumas casas, o que se fez com muita presteza, acarretando as mulheres a pedra, e madeira dellas, com o que a obra foi crescendo de feição, que em poucos dias se poz na altura do baluarte, com o que elle ficou seguro. Foi esta fabrica tão necessaria, e importante, que parece que Deos moveo o coração do Capitão pera a ordenar; porque sem dúvida, ella foi a principal parte da defensão da fortaleza, e de os inimigos a não entrarem. Em quanto durou este trabalho, nunca Antonio da Silveira se apartou do baluarte, onde era sua es-

tancia, e onde eſtava ſempre de dia, e de noite ao pé delle, aſſentado em huma cadeira armado, mandando, e governando tudo, e ſempre com a bolça aberta cheia de dinheiro, que deſpendia muito liberalmente por todos; e aſſim deo tanto, que lhe veio a faltar, e ſoccorreo-ſe á prata de ſeu ſerviço, que toda cortou em pedaços, com que fazia as pagas ſem pezo, nem conta. Eſta foi huma das grandezas, que ſe notáram em Ceſar, que mandava pagar aos ſoldados ás mãos cheias de dinheiro, mandando que cada hum metteſſe a mão em huma alcofa, que eſtava cheia delle, e que tomaſſe tudo o que elle pudeſſe levar, porque dizia, que de outra maneira o enganariam na conta.

Os Turcos vendo derribada a ſegunda parede, e o baluarte tão damnificado, que já ſe podia commetter, determináram de melhorar ſuas eſtancias, até as pôrem ſobre a borda da cava, pera o que ordenárão grandes balas de algodão, e huns fardos grandes de couros crús dobrados, muito redondos, e compridos, cheios de terra. Depois de tudo iſto feito, huma noite os foram rolando, indo detrás delles os Janizaros, amparados por amor da noſſa artilheria, e arcabuzaria; porque os noſſos tinham tamanha vigia, que em ſentindo aquelle rumor, deſparáram pera aquella parte toda a muni-

ni-

nição, com que lhes matáram, e feríram muitos. Todavia elles foram por diante até chegarem a dous fornos de cal mui grandes, que os noſſos tinham feito perto da cava pera a obra da fortaleza, que por deſcuido ficáram em pé, cujas paredes ficavam ſobre a terra, altura de hum homem. E pondo aqui os fardos, entulháram os fornos com muita preſteza, e de hum ao outro fizeram logo huma groſſa parede de terra, e pedra, com o que ficava hum grande, e formoſo repairo, e por ſima delle puzeram as balas de algodão, ſobre o que armáram huns cavallos grandes de madeira, forrados de couros crús, que pera aquillo tinham feitos, com o que ficou aquella eſtancia quaſi tão alta, como aquelle baluarte, apartado delle a largura da cava. Eſtes cavallos tinham muitas ſeteiras pera jogar a ſua artilheria, e com muita arte, e induſtria fizeram algumas profundas cavas pera a ſerventia deſdo exercito até alli, por onde ſe ſerviam de huma parte pera a outra, ſem ſerem viſtos dos noſſos, e por ellas trouxeram algumas peças de artilheria, que plantáram contra o baluarte, e por fóra deſta eſtancia abríram outra muito formoſa, e larga cava.

Eſta obra ſe fez toda eſta noite, e no outro dia ſeguinte, em que recebêram aſſás de damno dos noſſos, que não eſtavam deſcui-

dados, antes huns pelejando, e outros fortificando, tambem gastáram todo aquelle tempo. Os Turcos tanto que acabáram as estancias, começáram a bater o baluarte de Gaspar de Sousa com grande furia, e continuação. Tinhão os nossos arvorada huma formosa bandeira em sima da Torre nova, que o Baxá vio da galé, e mandou dizer a todos os bombardeiros do exercito, que o que lha derribasse lhe daria liberdade, e sessenta cruzados, e hum vestido. Com este interesse lhe atiráram muitos, e hum delles, que era Esclavonez, aos tres tiros deo com ella em baixo, ao que os Turcos deram grandes gritas, e fizeram muitas festas. A bateria foi-se continuando, até derribarem toda a parede, que de novo tinham feita, e parte do mesmo baluarte, cuja terra, caliça, e pedra, que cahio pera fóra, fez hum entulho tão alto como o muro, por onde não podiam bater no vivo, e todos os tiros embaçavam. Vendo Coge Çofar aquillo, mandou trazer das aldeias vizinhas muita gente inutil, por quem mandou furtar o entulho por baixo, sem amparo algum, e por força, e ás pancadas os faziam chegar ao trabalho, em que a mór parte pereceo, porque a espingardaria de sima se empregava nelles bem á vontade, sem se perder tiro. Os Turcos, em quanto se isto fazia, não desis-

ſiſtiam da bateria dos outros baluartes, o que não fizeram a ſeu ſalvo, porque do baluarte do mar lhes fizeram ſempre muito damno, porque os varejavam por huma ilharga do exercito, e todavia o baluarte de Gonſalo Falcão ficou tão arrazado, que por ſima ficou deſcuberto todo ſem amparo algum.

CAPITULO VIII.

Do grande, e geral aſſalto, que os Turcos deram á fortaleza: e dos eſpantoſos caſos, que nella acontecêram.

POſtos os baluartes no eſtado em que diſſemos, determináram os Turcos de dar á fortaleza hum geral aſſalto. E hum dia pela manhã ſahíram de ſuas eſtancias com todas as bandeiras deſenroladas, e remettêram com o baluarte de Gaſpar de Souſa, cuidando que daquella feita ſe concluiſſe aquelle negocio. Os Janizaros, que eram os dianteiros, começáram a ſubir pelo entulho com grande determinação, e ſoberba, que ſe lhes quebrou tanto, que os de ſima lhes pudéram chegar, e alcançar com o ferro, com que os cortáram de feição, que muita parte delles tornáram de pernas aſſima feitos pedaços, e abrazados das muitas panellas de polvora, que ſobre elles lançáram. A bateria neſte tempo não ceſſava nas outras

par-

partes pera divertirem os nossos. Gonçalo Falcão andava em sima do seu baluarte, que estava todo arrazado, e descuberto, mandando-o repairar, e fortificar; e como tinha alli seu fim limitado, o tomou hum pelouro de huma bombarda pela cabeça, que logo lhe fez em pedaços. A morte deste Fidalgo foi muito sentida de todos, pelas muitas partes que tinha, de conselho, esforço, e liberalidade, que em todo o tempo pudéra fazer muita falta, quanto mais naquelle, em que tanta necessidade tinha de homens daquella qualidade, porque nelles traziam todos os mais os olhos, e elles os faziam ousados, e confiados. No baluarte de Gaspar de Sousa foi a referta grande, porque os Turcos hiam subindo com grande determinação, huns pelas quebradas das paredes, e outros pelo entulho, até chegarem a experimentar o damno, que em sima lhes estava apparelhado, porque os nossos assim os escandalizáram, como aos primeiros.

Os Capitães Turcos vendo aquelle estrago, remettêram ao baluarte com todo o poder, lançando os Janizaros armados de armas brancas diante, que envergonhados de verem tantos dos seus tornarem do mais alto feitos pedaços, desestimando a morte, a foram buscar á porfia, travando-se huma cruel batalha, em que os do baluarte se víram

ram em grande riſco, e aperto. Diſto ſe deo logo rebate a Antonio da Silveira, que eſtava no ſeu lugar governando, e provendo a tudo; e ſabendo o trabalho em que eſtavam, mandou todos os que trazia em ſua companhia, que acudiſſem lá, e o meſmo fizeram dos outros baluartes muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que com hum grande odio, e deſejo de vingança ſe puzeram ao encontro dos inimigos, começando a cortar por elles ſem piedade; mas como eram muitos, não lhes fazia falta os que lhes matavam, porque logo ſe tornavam a encher os lugares de outros folgados, renovando-ſe o furor, e ira em todos; porque huns por ſubir, e outros por lhe defender a ſubida, faziam maravilhas, não tanto a ſalvo dos noſſos, que naquelle conflicto lhe não mataſſem quatro, e feriſſem os mais delles; e antre eſtes deram a hum João da Fonſeca, muito bom Cavalleiro, huma eſpingardada pelo collo da mão direita, que lhe varou tudo o ſangradouro, ficando-lhe o braço dependurado; e como elle eſtava com aquelle animo, e furor, não fazendo caſo da ferida, nem lha entendendo os que eſtavam detrás delle, porque eſtava diante de todos, mudou com muita preſteza huma adarga, que tinha pera aquelle braço, e tomando a eſpada com a mão eſquerda, fez

com

com ella taes cousas, que se lhe não sentio o defeito do outro braço, que elle trabalhava por encubrir, acudindo de quando em quando com a mão esquerda a levantallo pera sima, porque tinha os ossos quebrados, e com o pezo da adarga lhe cahia ao longo da perna; e nunca esta falta se lhe enxergára, se se lhe não sahíra, e víra o muito sangue, que delle corria, de que estava o chão todo cheio.

E como aquelle lugar, em que pelejavam, não era capaz de mais que de doze, ou treze pessoas, tinham muitos, que estavam de fóra, o olho no que se faria pera o tirarem, e se pôrem em seu lugar. Duarte Mendes de Vasconcellos, que estava detrás delle, vendo-lhe correr tanto sangue, e entendendo quão mal ferido estava, e que só o espirito, e confiança o detinha alli, puxando por elle, lhe pedio se quizesse ir curar, porque assás tinha dado prova de seu muito grande valor, e esforço, porque sería perda muito grande acontecer-lhe algum desastre por dissimular com as feridas, que depois lhe não faltaria tempo, e lugar, em que mostrasse seu valoroso animo. João da Fonseca fez tão pouco caso d'aquillo, que sem lhe responder, nem fazer mudança alguma, foi continuando na briga com tanto furor, que fez pasmar a todos: certo, que parecia que quan-

quanto mais ſangue delle ſe vaſava , tanto mais lhe creſciam as forças , e o animo. Duarte Mendes como eſtava deſejoſo daquelle lugar , e todavia era grande mágoa ver hum tão valoroſo mancebo tão arriſcado , por ſe não querer ſahir da batalha , tornou a puxar por elle , e a lhe rogar , que não quizeſſe inſiſtir naquella porfia , ainda que tão honroſa , que ſe foſſe curar , que elle lhe guardaria o lugar até tornar. João da Fonſeca virando o roſto , lhe diſſe : *Pedis-me , Senhor , bem grande ſem-razão ; ſe eu tenho eſte braço eſquerdo ſam , e poſſo com elle menear eſta eſpada , como hei de deixar o lugar , em quanto nelle não perder a vida ?* E tornando á ſua defensão , não pelejava com furor de homem , que queria defender aquelle lugar , ſenão como quem parecia que ſe queria lançar dalli em meio dos inimigos , pera de mais perto tomar delles vingança do odio que lhes tinha , e ſatisfazer-ſe da dor da ferida. Todavia chegou áquelle tempo Lopo de Souſa Coutinho , que vendo tão honrada porfia , pedio a João da Fonſeca que ſe foſſe curar , porque elle tinha já ganhado tanta honra , que não havia couſa alguma mais que deſejar ; e que a maior que tinha havido naquelle cerco , era a muito honroſa inveja , que todos lhe ficavam tendo. João da Fonſeca vendo-

do-ſe importunado, e tendo reſpeito a Lopo de Souſa, ſahio-ſe do lugar, em que ſe metteo Duarte Mendes, que trabalhou tudo o que pode por ſe não ſentir nelle ſua falta, fazendo taes couſas elle, e todos, que tinham paſmados os inimigos, em que tinham feito tamanho eſtrago, que já os mais delles commettiam a ſubida mais froxamente.

Sentindo iſto Antonio da Silveira, (que a todos os momentos era aviſado de tudo o que ſe paſſava,) mandou a Lopo de Souſa Coutinho, que com a gente que pudeſſe ajuntar, ſe deſceſſe á cava pelo baluarte São Thomé, e que foſſe por fóra dar nos inimigos, que elle confiava em Deos, que havia de alcançar huma grande vitoria. Lopo de Souſa ajuntou logo trinta e ſinco ſoldados, e por eſcadas de cordas ſe lançáram na cava pera aquella parte, que olha pera o mar, donde não podia ſer viſto dos inimigos, e com huma reſoluta determinação, arrebentou pela boca da cava fóra, dando *Sant-Iago* nos Mouros, que eſtavam ao ſopé do muro do baluarte da porfia, bem deſcuidados de tamanha ouſadia; e com tão grande eſtrondo os commetteo, que parecia que dava ſobre elles hum grande eſquadrão; começando a ſentir em ſuas carnes o ferro dos noſſos: e ſem o medo lhes deixar ver o pequeno número delles, deſampparáram o lu-

lugar, e foram fugindo pera as eſtancias. Os que eſtavam em ſima do entulho commettendo a entrada, tanto que ouvíram em baixo o eſtrondo, e víram o deſarranjo com que os ſeus fugiam, ſem fazerem diſcurſo algum mais, que aquelle que o medo, e deſejo de ſalvarem as vidas lhes repreſentou, ſem verem o riſco a que ſe punham, ſe lançáram dalli abaixo, vindo muitos eſpetar-ſe nas lanças dos noſſos, e os mais que eſcapáram foram tão amedrontados, que dentro em ſuas eſtancias não perdêram ainda o medo que levavam, ficando o baluarte deſapreſſado. Lopo de Souſa Coutinho tornou-ſe a recolher á cava ſem damno algum, com grande gloria, e honra daquelle feito, e mandou dizer ao Capitão, que lhe parecia bem haver de continuo guarda naquella cava pera impedirem aos inimigos, que com pequenos aſſaltos não inquietaſſem os noſſos; porque poſto que então lhes foſſe neceſſario commetterem com maior poder, e iſto foſſe mór perigo, e riſco pera os noſſos, todavia reſultaria hum effeito de muita importancia, que era ficar-lhes então mais tempo pera ſe fortificarem, e que elle ſe offerecia pera ficar na cava. O Capitão pondo aquelle negocio em conſelho, aſſentou-ſe ſer muito neceſſario, e que todos os dias ficaſſe hum Capitão na cava, e que de noite ſe recolhe-

lheſſe á fortaleza, porque de dia eſtavam nella ſeguros, porque era muito alta, e os inimigos não podiam chegar á borda della pera os empecerem, que não foſſem logo desbaratados dos de ſima do muro. Com eſta reſolução mandou dizer o Capitão a Lopo de Souſa Coutinho, que lhe agradecia muito aquelle conſelho que lhe dera, e que foſſe elle o que começaſſe aquella guarda: com o que Lopo de Souſa ſe deixou ficar todo aquelle dia com agua, e biſcouto, que de ſima lhe lançáram, e como anoiteceo ſe recolheo á fortaleza. Ao outro dia teve outro Capitão a guarda, e aſſim foram continuando, pondo-ſe os noſſos na boca della, que era mais eſtreita, e poucos homens podiam defender a entrada, que os noſſos tinham ſempre occupada com as lanças enreſtadas aos quartos. E quando havia alguma couſa, lhe faziam de ſima ſinal; e daqui lhes ſahiam muitas vezes de través, e ſempre os eſcandalizavam, como adiante ſe verá, de feição, que ſe refreáram em ſeus aſſaltos, e os noſſos ficáram tendo mais algum folego, pera ſe poderem fortificar, e remediar ſuas neceſſidades.

CA-

CAPITULO IX.

De algumas cousas notaveis, que acontecêram aos que vigiavam a cava: e de alguns assaltos, que os Mouros deram á fortaleza: e de como mináram o baluarte de Gaspar de Sousa.

COntinuando-se esta ordem da guarda da cava, succedeo ser hum dia de Simão Furtado, que com oito soldados se poz nella; antre estes se metteo hum moço de dezenove annos, criado de Lopo de Sousa Coutinho, Gallego de nação, e muito pequeno de corpo, mas terrivel, e indiabrado, chamado João; este levava sua espada, e espingarda. Estando assim, deram de sima aviso, que alguns Mouros estavam favorecendo aos trabalhadores, que furtavam o entulho do baluarte; e arrebentando Simão Furtado com os seus companheiros pela cava fóra, deo nos inimigos como hum raio, derribando dos primeiros golpes alguns; os mais cortados do medo fugíram, sem verem o pequeno esquadrão, que os punha em desbarato. O moço João, depois que desparou a espingarda em hum Mouro, arrancou da espada, e remetteo com outro, que era hum façanhoso homem de corpo, com quem apertou tão rijamente, que lhe fez virar

rar as coſtas, (porque tambem ſeus companheiros já hiam fugindo.) O moço o foi ſeguindo ás cutilladas, e aſſim o perſeguio, que com o deſatino, que levava do medo, foi tomando o caminho do mar pera a banda do cais da fortaleza, que lhe ficava mais perto que o exercito, e o moço ſempre apôs elle até ſe metter pela agua, por onde o Mouro ſe metteo, e entrou tanto por ella, que lhe deo pelo peſcoço; e como o Mouro era homem grande, chegou até parte, que o moço lhe não pode chegar, e com a raiva, e deſejo que levava de o ferir, mettido na agua quaſi até o peſcoço, ſe desfazia em golpes, que cortavam pela agua. De ſima do muro foi viſto o trabalho em que eſtava; e conhecendo-o Lopo de Souſa, lhe bradou: *Eſtocadas, eſtocadas, João.* O moço conhecendo a voz do amo, encolheo o braço, e lhe atirou algumas eſtocadas, mettendo-ſe com a furia tanto pela agua, que perdeo o fundo, e indo-ſe-lhe os pés, ficou todo mergulhado, (ſem largar nunca a eſpingarda da outra mão, nem a eſpada.) O Mouro vendo-o ſubmergido, virou ſobre elle pera o affogar, havendo-o os de ſima do baluarte já por perdido; mas elle tornou a ſurdir aſſima quaſi affogado; e ſentindo o Mouro afferrar delle, (não perdendo o animo naquella hora, e trabalhoſo tranſe,) enco-

colheo o braço, e deo-lhe duas, ou tres eſtocadas pela barriga. O Mouro com a dor da morte o largou; e o moço, que já tinha tomado pé, lhe deo tantas, até que o acabou de todo. E vendo-ſe deſalivado delle, ſahio-ſe da agua banhado todo no ſangue do Mouro, e com a eſpada em huma mão, e a eſpingarda na outra, ſe foi recolhendo pera a cava, ſeus paſſos ordinarios, e muito ſeguro, chovendo ſobre elle nuvens de eſpingardadas, que os Mouros lhe atiravam, ſahindo-o a recolher Simão Furtado, que já ſe tinha apartado dos Mouros, deixando feito nelles grande eſtrago. O moço foi chamado aſſima á fortaleza, e Antonio da Silveira o levou nos braços, dizendo-lhe palavras, e gabos de muitos louvores.

Eſte feito admirou a todos, e aſſim não lemos, nem ouvimos que aconteceſſe outro ſemelhante a Gregos, nem a Romanos; porque fora delles mais celebrado, e em mais volumes, e com mais cópia de palavras amplificado, do que o nós fazemos aos noſſos naturaes, como o faz Tito Livio ao ſeu Corvino, que matou hum Francez em deſafio em terra raza, e chã, ſendo ajudado de hum corvo, que lhe perſeguia o inimigo; mas nós tratamos as couſas ſingelamente, como ſuccedêram, porque ellas meſmas ficáram ſendo o louvor de quem as obra. Eſte mo-

ço

ço ſe chamou depois João Gil, de alcunha o Pequeno, porque o era, como já diſſemos, e viveo depois muitos annos caſado em Dio, rico, e abaſtado, aonde o nós alcançámos, e communicámos alguns invernos, que invernámos naquella fortaleza, ſendo Viſo-Rey da India o Conde do Redondo: a eſte João Gil ouvimos contar eſtas couſas, e outras deſte cerco.

E tornando ao noſſo fio. Ao outro dia, depois que iſto paſſou, coube a vigia da cava a Manoel de Vaſconcellos, que com trinta homens ſe metteo nella, e de madrugada ſahio aos inimigos, que começavão a acudir á obra do entulho; mas como elles já eſtavam prevenidos, não o pudéram os noſſos fazer tão encubertamente, que não foſſem ſentidos, pelo que os achâram já preſtes, travando-ſe antre elles huma aſpera briga, de que os noſſos ſe recolhêram com maior damno, porque lhe matáram Chriſtovão de Souſa, mancebo Fidalgo de grandes penſamentos, e que promettia de ſi mui grandes eſperanças, que primeiro que o mataſſem vingou bem ſua morte, fazendo maravilhas, como até então tinha feito em todo aquelle cerco. Manoel de Vaſconcellos enfadado do ruim ſucceſſo que teve, negociou-ſe pera ſe ſatisfazer; e na mór força do dia, eſtando os inimigos deſcuidados, deo ſobre elles, vin-

gan-

gando-ſe bem da perda paſſada, e depois de fazer nelles grandes damnos, recolheo-ſe a ſeu ſalvo.

Os Turcos affrontados daquelles aſſaltos, vendo que não ſó defendião os Portuguezes a ſua fortaleza, mas que ainda lhes hiam dar em ſeu exercito, determinàram de lhe dar ao outro dia hum geral aſſalto, pera o que ſe preparáram toda a noite; e em rompendo a manhã, arrebentáram com todo ſeu poder, e cercáram a fortaleza á roda; mas os Janizaros todos commettêram o baluarte de Gaſpar de Souſa com grandes gritas, e eſtrondos, começando a ſubir pelo entulho até chegarem aonde os de ſima lhe alcançáram, achando nelles a reſiſtencia acoſtumada, e deſenganando-os bem com morte de muitos. Era eſte dia da guarda da cava de Lopo de Souſa Coutinho, que já de madrugada eſtava dentro; e ſentindo os inimigos dar o aſſalto, arrebentou pela cava fóra, e deo nos que eſtavam ao ſopé do baluarte, tão de ſupito, que o não víram, ſenão depois que ſentíram os fios de ſuas eſpadas, baralhando-ſe com os inimigos, fazendo todos os noſſos maravilhas. E andando Lopo de Souſa como hum leão, lhe deram huma bombardada do baluarte do mar, (que em todos os aſſaltos varejava de lá os Mouros,) mas quiz Deos que o tomou em ſoſ-

laio por huma eſpadoa, que a foi roçando, e o pelouro paſſou adiante, e deo em tres ſoldados dos ſeus, de que cahíram mal feridos. Os mais, vendo Lopo de Souſa ferido, e os companheiros, recolhêram-nos com muita preſſa pera a cava, e foram alados á fortaleza pera os curarem.

Os Turcos ficáram eſte dia bem eſcalavrados, e todavia houveram ſeu conſelho de proſeguirem a bateria até arrazarem o baluarte, porque os aſſaltos lhe cuſtavam muito, e aſſim a tornáram a continuar mais quatro dias, mettendo nelles todo o reſto da artilheria em todas as eſtancias, e deſta vez arrazáram todos os apoſentos do Capitão, ao que elle acudio logo, mandando fazer por dentro hum novo contra-muro. Iſto paſmava aos inimigos, porque em derribando alguma couſa, ao outro dia a viam repairada, e feita de novo, como ſe nunca recebêra damno.

A principal couſa, por que quizeram os Turcos continuar com a bateria mais aquelles quatro dias, foi, porque pertendêram minar nelles o baluarte de Gaſpar de Souſa, pera o que tinham preſtes as couſas neceſſarias; e ao outro dia de noite trouxeram humas grandes traves, com huns olhos, que as furavam de parte a parte, ao direito huns dos outros, que com muita preſteza encoſtá-

táram ao baluarte alamborados pera fóra, e logo lhe passáram pelos olhos alguns barrotes, que se fechavam nas pontas por não se affastarem as traves, e por sima dellas pregáram grossos taboões, pera lhe ficarem como mantas, e nos pés fizeram fortes repuxos, porque não corressem pera trás; e pera se segurarem dos que lhes sahiam da cava, lhes entupíram aquella mesma noite a boca com muitas balas de algodão forradas de couros crús.

Feitas as mantas, nesta noite foram logo mettidos muitos officiaes de minas debaixo, pera trabalharem seguros dos tiros de sima, e começáram a pôr as mãos á obra com muita presteza. Antonio da Silveira tanto que ao outro dia vio as mantas encostadas ao baluarte, bem entendeo que o minavam, pelo que mandou Gaspar de Sousa, que com setenta homens se mettesse na cava, e désse hum assalto nos inimigos pera os embaraçar; e com elle mandou algumas pessoas, que tinham conhecimento de minas, pera que em quanto durasse a briga, se mettessem dentro nellas, e as medissem, pera saber sua altura, e onde lhe respondiam. Gaspar de Sousa muito alvoroçado, escolheo parentes, e amigos pera aquelle feito, que era muito honroso, ainda que arriscado, e repartio por todos lanças de fogo,

go, bombas, panellas de polvora, e ſaquiteis de couro cheios dellas. E tanto que entrou o quarto d'alva, metteo-ſe na cava, repartindo pelos companheiros as couſas, que haviam de fazer, pera que ſe não embaraçaſſem. A huns deo cuidado de queimarem as ballas de algodão, que entupiam a boca da cava; a outros o reconhecerem as minas; a outros de derribarem, e desfazerem as mantas, e eſtes todos hiam afforrados, e levavam muitos eſcravos, e ſervidores pera os ajudarem; porque em quanto elle pelejava com os Mouros, tiveſſem elles tempo pera fazerem o que tinham a cargo.

CAPITULO X.

De como Gaſpar de Souſa commetteo os inimigos, e os noſſos reconhecêram a mina: e do deſaſtre, por que Gaſpar de Souſa foi morto: e de como hum ſoldado morreo de puro medo: e dos aſſaltos, que os Turcos deram á fortaleza, e de outras couſas.

ESTando os noſſos na cava preſtes pera o aſſalto, ſendo meado o quarto d'alva, tomou Gaſpar de Souſa ſincoenta eſcolhidos antre todos, deixando os mais em guarda dos que haviam de reconhecer as minas, e queimar as ballas; e arrebentando por ſima do releixo, que vai de longo do

mu-

muro, deo nos inimigos, que eſtavam nas eſtancias ſobre a cava. E tomando-os deſcuidados de tal ſobreſalto, entrou os baſtiães, matando logo as vigias, e com tanta preſſa, e furia foram paſſando avante, matando, e derribando nos Mouros, que puzeram todos em fugida, mettendo-ſe com iſto todo o exercito em revolta, porque os noſſos poucos de tal maneira fizeram nelles hum tão cruel eſtrago, que parecia que era outro poder tão grande como o ſeu. Os Portuguezes, que tinham as outras couſas a cargo, tiveram bem de tempo pera as executarem, porque huns arremettêram com as ballas, e rompendo-as por partes, lhes mettêram polvora, e deram fogo, com que começáram a arder; outros entráram nas minas, e as medíram muito á ſua vontade; e os outros desfizeram com muita preſſa as mantas, com que deram em baixo, e lhes puzeram fogo. Gaſpar de Souſa, depois que fez o aſſalto muito devagar, havendo-ſe por ſatisfeito do damno, que tinha feito nos Mouros, e tambem por vir já amanhecendo, foi-ſe recolhendo, indo já os inimigos recreſcendo ſobre elle, tendo-lhe ſempre o roſto, indo elle detrás dos ſeus por ſe não deſmandàrem.

E como o deſarranjo dos ſoldados da India he mui grande por totalmente carecerem da diſciplina militar, e da principal par-

te

te della, que he a obediencia, deixáram-ſe ficar tres delles atrás, por fazerem fortes aos inimigos. Gaſpar de Souſa tanto que o ſoube, voltou ſó pera os recolher, mandando aos ſeus, que foſſem devagar com as eſpingardas no roſto; e elle chegou a hum portal velho, que fora do antigo muro, onde os ſeus ſoldados pelejavam, e já os não achou, porque ſe tinham recolhido por detrás de hum pedaço de parede. Gaſpar de Souſa não os vendo, tornou a voltar, mas achou-ſe rodeado dos inimigos, que tinham dado a volta á parede apôs os ſoldados, que já eram recolhidos, e dando com elle, o commettéram mui determinadamente. Gaſpar de Souſa com huma eſpada, e rodela, com o roſto ſempre nos Mouros, que o perſeguíram bem, ſe foi recolhendo o melhor que pode, pelejando valoroſamente, havendo por affronta virar-lhes as coſtas, e quiz antes que o mataſſem, que verem-no fugir, podendo-o elle fazer com honra ſua. Os inimigos cada vez recreſciam mais ſobre elle, que hia fazendo maravilhas. Do muro bem viam o trabalho em que eſtava, e o favorecêram com alguns tiros. Os Mouros foram-no apertando de feição, que vendo-ſe tão perſeguido, remetteo com os de diante com tão grande furia, que os fez voltar, derribando alguns, levando-os com aquelle impe-

peto até fóra do portal , ſahindo elle com aquelle furor de envolta com elles ao largo. Aqui o rodeáram por todas as partes ; mas aſſim ſe fazia temer a todos , que não ouſando a lhe chegarem , o perſeguiam com tiros de arremeço , de que o feríram em algumas partes , e por detrás o acoſſáram tanto até lhe jarretarem as pernas , e cahir morto , depois de ter feito couſas , que ſe eſperavam de ſeu valor , e esforço. Iſto tudo foi viſto do muro com grande mágoa , e dôr de todos , por perderem nelle hum dos principaes defenſores daquella fortaleza. Os ſeus ſoldados não víram iſto , porque eſtavam já na boca da cava ás lançadas com outro tropel de Mouros , que os foram perſeguindo.

Morto Gaſpar de Souſa , logo lhe cortáram os Turcos a cabeça , os pés , e as mãos , e o tronco do corpo lhe deitáram na praia por ſe vingarem niſſo dos grandes damnos , que delle tinham recebido , porque pelas armas o conheciam já , e por triunfarem deſta vitoria , havendo-a pela maior que alli alcançáram , lhe mettêram a cabeça em huma lança , e a leváram arvorada por todo o exercito. E poſto que neſte recontro ſe perdeſſe hum varão tão aſſinalado , todavia foi hum dos maiores , que os noſſos tiveram mais em damno dos inimigos , de que morrêram mais de cento , e lhes deſmancháram as mantas ,

e

e queimáram as ballas, em que o fogo andou com muita braveza quatro dias. Antonio da Silveira ſentio em eſtremo a morte de Gaſpar de Souſa; e ſabendo dos que foram reconhecer as minas pela medida dellas, que chegavam já ao meio do baluarte, tomando a medida da altura, mandou logo com muita preſteza fazer outras contraminas com ſeus repairos, e repuxos muito fortes, e por dentro mandou desfazer a mina, e entulhar o lugar por onde hia com huma muito groſſa parede de pedra, e cal, o que tudo ſe fez logo. E mandou recolher o corpo de Gaſpar de Souſa por homens, que a iſſo ſahíram de noite pela couraça, e lhe deram muito honrada ſepultura com muitas lagrimas de todos. Não dizemos a geração deſte Fidalgo, porque a não ſoubemos: ſua morte, (e de todos os outros, que morrêram na guerra, e as enfermidades, e a falta, que ſe começava a ſentir de todas as couſas, e ſobre tudo verem quanto tardava o ſoccorro de Goa, e que das fortalezas de Baçaim, e Chaul os não ſoccorriam com couſa alguma, porque não ouſavam a tirar nada de ſi, que tambem ſe receavam dos Turcos,) e todas eſtas couſas tinham mettido tamanhos medos, e deſconfianças em alguns homens, que andavam como paſmados, principalmente em hum chamado João da Nova, havido por mui-

muito bom ſoldado, e que ſempre o víram pelejar muito bem.

Eſte havendo a fortaleza por perdida, parece que imaginando na morte, lá lhe correo hum humor frio, e malenconico pelas veias de tal feição, que ficou como homem tonto, e paſmado; e eſquecido de tudo ſem armas, como homem aſſombrado, andava pelos baluartes perſuadindo a todos, que ſe entregaſſem aos Turcos a partido, e que grangeaſſem as vidas, porque a fortaleza eſtava em eſtado, que ſe não podia defender. Diſto zombavam todos, entendendo que aquillo era malenconia, e já o não deixavam entrar nas eſtancias, do que o triſte com grande dor, e triſteza, de lugar em lugar andava ſolitario, cuidando na agonia da morte; e chegou iſto a tanto, que veio a cahir em cama, resfriando-ſe-lhe de todo o calor natural, e eſpirito vital; e em poucos dias morreo, entendendo-lhe mui bem os Medicos ſua enfermidade, applicando-lhe os remedios neceſſarios a ella, que eram esforçallo, e animallo, affirmando-lhe que já vinha o Viſo-Rey, e que os Turcos ſe embarcavam, o que nada aproveitou, porque tinha já o mal tomado tamanha poſſe do coração, que não deixou obrar alguma couſa deſtas.

Eſte caſo foi ainda mais eſpantoſo, que

o

o daquelle Ditamo ſoldado d'ElRey Antigono, que ſendo muito enfermo, aborrecendo-lhe a vida pelas dores que paſſava, todas as vezes que entrava nas batalhas, fazia tamanhas façanhas, que eſpantava a todos, pondo-ſe ſempre na dianteira nos móres riſcos, como quem não eſtimava a vida; pelo que ElRey o veio a eſtimar tanto, que o mandou curar como ſua propria peſſoa, e aſſim foi curado, que veio a ſarar de todo, e goſtando da ſaude, aſſim eſtimou por ella a vida, que quanto primeiro a arriſcava pela enfermidade, tanto depois a poupava, e reſguardava; com o que ficou tão acovardado, que publicamente fugia das batalhas, e ſe regelava de medo todas as vezes que as via romper.

Tornando á noſſa hiſtoria. Os Turcos foram continuando ſua bateria aſperrimamente, fazendo muitas ruinas por mais partes, principalmente no baluarte, que foi de Gaſpar de Souſa, que o Capitão deo a hum Cavalleiro muito honrado, chamado Rodrigo de Proença, que era da obrigação de Nuno da Cunha, que trabalhou muito por ſe não ſentir nelle a falta do Capitão paſſado. Eſte dia, que foi o derradeiro dos quatro da bateria, acabáram de arrazar eſte baluarte até o entulho, ficando todo deſabrigado, e ſem defensão; e os Portuguezes reco-

colhidos detrás da derradeira parede, que tinham feita, com o que ficavam só com hum terço do baluarte, e ainda delle derribado muita parte, ficando só da altura de hum homem até os peitos. Os Turcos vendo o baluarte naquelle estado, sahíram de suas estancias com as bandeiras estendidas, e o commettêram, entrando logo em sima, porque se lhe não pode defender, ficando daquella feita senhores das duas partes delle, e antre elles, e os nossos aquella pequena parede, que os Turcos commettêram com grande determinação: mas os nossos lha defendêram mui bem, porque como o que ficava aos Mouros não era capaz de muita gente, quasi pelejavam iguaes: mas tinham muita vantagem nos soccorros, porque em lhes matando hum Mouro, se punham logo outros, o que os nossos não podiam fazer. Aqui fizeram os Portuguezes grande destruição nos inimigos. A referta foi crescendo muito, e pela fortaleza correo a fama do baluarte estar pelos Turcos, com o que muitos descoraçoáram. Antonio da Silveira não perdendo ponto de seu animo, o mandou soccorrer com gente das outras estancias, provendo-o de armas, e cousas necessarias, animando a todos com grande segurança, e confiança. E porque isto era já de noite, e os inimigos não deixavam de porfiar sobre

a

a entrada da parede, que lhe os noſſos com grande valor defendiam, ſem lhes lembrar repouſo, nem quererem dar lugar a outros de refreſco, e a eſcuridão era grande, e o eſtrondo, e bramidos muitos, mettiam grande medo, e cauſavam eſpanto na fortaleza.

E porque alguns ſe hiam retrahindo do baluarte de medo, e ſe paſſavam pera os outros, foi Antonio da Silveira aviſado; e receando que aquillo foſſe cauſa de ſua perdição, mandou com muita preſſa tirar tres, ou quatro degráos antreſachados da eſcada, que hia pera aquelle baluarte, que era de madeira, porque os que foſſem fugindo, déſſem por elles abaixo de focinhos pera os haver ás mãos, e caſtigar pera exemplo dos outros, como fez a alguns. Iſto lhe foi mui grande remedio, porque de vergonha o deixáram de fazer. Eſta noite foi pera todos os da fortaleza de mór trabalho, e confusão, que todas as que houve em todo o decurſo do cerco, porque ſempre eſtiveram com as armas nas mãos pelejando com os Turcos, que por huma parte apertavam com os noſſos, e pela outra trabalhavam em fazer huns valos naquella parte do baluarte, que lhes ficava pera ſua defensão, cavando o entulho pera iſſo, o que ſe não fez ſem muita perda, e damno ſeu; porque os noſſos como eſtavam á lerta com a eſpingardaria, não fa-

faziam ſenão derribar nelles, e com as panellas de polvora abrazallos. Neſte trabalho, e conflito paſſáram a noite toda.

CAPITULO XI.

De hum novo, admiravel, e nunca viſto ardil de fogo, que os noſſos inventáram pera ſe defenderem: e dos aſſaltos que houve: e do ſoccorro que chegou de Goa.

AO outro dia tanto que amanheceo, mettêram os Turcos todo o reſto por entrarem as paredes; mas acháram os noſſos tão eſpertos, como ſe toda a noite repouſáram, rebatendo-os com grande valor, e esforço, matando, e ferindo muitos. Foi eſte commettimento medonho, cruel, e eſpantoſo, porque parecia que ſe desfazia o Mundo em gritos, prantos, eſtrondos. E aſſim com a barbara vozaria dos Turcos, como com os clamores, e miſericordias, que as mulheres, e meninos (que acudíram áquella parte) pediam a Deos pelas ruas. Os Turcos apertáram muito com os noſſos, e eſteve a couſa arriſcada a ſe perder, ſe Deos (que ainda não queria deſamparar aquella fortaleza) não inſpirára no coração de hum daquelles homens hum novo fervor, e conſelho, que vendo tudo tão perigoſo, bradou alto por fogo, e por lenha; e correndo eſ-

ta

ta voz pela fortaleza, em muito breve espaço acudio aquelle exercito feminino carregado de tudo isto.

E tomando os nossos a lenha, a puzeram sobre a parede que os dividia, que era muito larga, e pondo-lhe fogo, começou a atear com grande estrondo, com o que os Turcos se affastáram pera fóra por não poderem soffrer suas labaredas. Vendo os nossos quanto aquelle remedio aproveitava, mandáram levar muita lenha, com que foram cevando o fogo, e assim com este novo artificio se defendêram doze dias, o que foi unico remedio daquella fortaleza, cujo author merecia não ser esquecido no Mundo, como este foi; porque nem Lopo de Sousa Coutinho, que se achou presente, e escreveo este cerco, nem João de Barros, que tambem o fez separado, nem outros escritores, nem os homens, que se nelle acháram, (que alcançámos muitos a quem o perguntámos,) dam razão do seu nome. E se não foi voz do Ceo, (porque se em todas as cousas da India faltáram milagres, fora tudo acabado,) devia de ser algum homem apagado, e não conhecido, como se este negocio não bastára pera dalli em diante vir a ser honrado, e nomeado no Mundo, em que não faltáram sempre estas miserias, e descuidos; porque daquelles Lacedemonios tão politi-

cos

cos lemos, que dando no Senado hum homem (que devia de ser tão apagado como este) outro conselho em grande prol, e utilidade daquella Republica, lançando-o fóra, mandáram ao mais honrado daquelles Senadores, que o tornasse a recitar com as mesmas palavras, como se elle fosse o author delle, havendo por vituperio seguirem o conselho de homem de baixa sorte, como se não fora aquillo hum furto manifesto, e encubrir a virtude alheia, que he hum dissimulado vituperar, porque sempre se deve diante dos grandes do Mundo mais premio, e lugar ás virtudes, e ao valor ganhado por proprio braço, que ás herdadas dos avôs, como disse ElRey Antigono áquelle mancebo mal acostumado, que por muito nobre, diante delle queria preceder aos outros. E posto que deva muito a Deos o que nasce nobre, porque nelle resplandecem sempre mais as virtudes, quando são em igual gráo do outro não tão bem nascido, todavia nem por isso devem de deixar de ser louvadas, e engrandecidas neste, como este nosso Portuguez, que deo hum tão proveitoso conselho; e seja quem quer que for, não perderá nesta nossa historia o preço de sua virtude, todas as vezes que lhe ficáram em obrigação de restituição os homens daquelle tempo, que de proposito lho encubríram.

E

E porque nos vem aqui a pelo, não deixaremos de eſtranhar a deſconfiança (a que não ſei outro nome) dos Governadores, e Viſo-Reys da India, que por não chamarem aos conſelhos públicos homens, que não ſam Fidalgos, ſe arriſcão muitas vezes a deſacreditar; porque muitos Cavalleiros, e homens nobres ha na India, que não foram peior naſcidos, que alguns deſtes Fidalgos, que tem mais experiencia, e diſcurſos nos negocios todos, e que ſeu parecer póde aproveitar muito ao ſerviço de Deos, e d'El-Rey; porque, que razão ha pera dar o Fidalgo de quatro dias na India ſeu voto nas couſas arduas, que ſe offerecem de Malaca, Maluco, Ceilão, e dos Eſtreitos, ſe nunca víram mais que a Armada do Malavar, quando ha Cavalleiros honrados, e velhos, que as víram, e tratáram, e que de tudo podem dar muito boa, e certa informação? E poſto que alguns Viſo-Reys, como cada dia coſtumam, os mandem chamar ſós pera tomarem ſeu parecer, o meu ſería, que lho não dem, nem lhe reſpondam a propoſito, pois lhe negam o lugar em público, que lhes a idade, esforço, experiencia, e honra tem dado.

Tornando a noſſo fio. O fogo foi continuando, e o grande ardor delle fez retirar os Turcos, e largarem o baluarte, mandan-

dando das eſtancias atirar ás fogueiras, em que deram muitas bombardadas, que leváram os tições por eſſes ares, donde tornavam a cahir ſobre os Portuguezes, tratando-os mal; mas pela neceſſidade em que eſtavam, não ſentiam tanto as chagas, nem largavam o lugar, trazendo tanto tento no fogo, que aſſim como as bombardadas o desfaziam, aſſim o tornavam logo a renovar. E já ſe não contentáram de o ſuſtentar em ſima da parede, mas ainda o deitáram da banda de fóra pera a parte em que os Turcos eſtavam, cevando-o de ordinario, pera o que fizeram grandes bicheiros de ferro, com que lhes chegavam a lenha, e deſta maneira ſe foram ſuſtentando, ainda que com muito trabalho.

Antonio de Souſa, Capitão do baluarte do mar, não ſe deſcuidava de ſua obrigação, antes eſtava tanto á lerta, que todas as vezes que os inimigos ſubiam pera o baluarte, empregava nelles toda a munição, porque lhe ficavam em deſcuberto, fazendo nelles tal eſtrago, que de eſcandalizados determináram os Turcos de o commetterem por mar, e ganharem-no, porque depois lhes ſería mais facil o negocio da fortaleza. Pera eſte commettimento mandáram preparar muitas barcaças, e entre tanto viráram pera elle todos os baſiliſcos, e canhões da-

quellas eſtancias que o deſcubriam, e lhe deram todo hum dia huma eſpantoſa bateria, com que lhe derribáram a parede da couraça, e a ſerventia da porta, que ſe logo repairou com muita preſſa. E primeiro que commetteſſem o baluarte do mar, (em quanto durou a bateria, por não eſtarem aquelle dia ocioſos,) determináram de ver ſe podiam acabar de ganhar o baluarte do fogo, em que já tinham os dous quinhões, e para iſſo ſe armáram alguns de armas inteiras com çapatos de ferro, pera pôrem os pés ſeguramente por ſima do fogo, e com maſcaras de aço por cauſa das labaredas, levando outros bicheiros de ferro, que mandáram fazer, como os que os Portuguezes tinham, pera com elles eſpalharem o fogo. E aſſim com muito grande determinação commettêram a entrada, deitando muitos artificios de fogo ſobre os noſſos pera o affaſtarem da parede, e com os bicheiros começáram a affaſtar o fogo pera os armados paſſarem; mas os noſſos aſſim os eſcandalizáram, que paſſando pelo fogo, lhe deitáram em ſima muita polvora com que abrazáram muitos, começando-ſe a retrahir, e os bicheiros de parte a parte a laborar, huns eſpalhando o fogo, outros ajuntando-o, e applicando-lhe cada vez mais lenha, com o que as labaredas eram cada vez maiores.

Mui-

Muitas vezes ſe encontravam huns bicheiros com os outros, travando-ſe, e embaraçando-ſe: e por eſta razão huma vez hum homem, chamado João Rodrigues, (homem quaſi agigantado, que naquelle negocio dos bicheiros tinha trabalhado mais que todos,) eſte ganchando o ſeu bicheiro com outro dos inimigos, em que eſtavam afferrados quatro, ou ſinco, tão fortemente puxou por elle, que os trouxe a todos arraſtões, dando com elles ſobre a fogueira, de que ſahíram bem eſcaldados.

E por não particularizarmos os caſos, que aqui acontecêram, (que foram tantos, e tão grandes, que pera cada hum havia miſter hum Capitulo,) dizemos aqui em ſomma, que eſte foi o mais bem commettido, e defendido dia até então, fazendo os Portuguezes todos tamanhas couſas, que era eſpanto; porque alli acudio toda a força da fortaleza, revezando-ſe na briga, e no trabalho, por aſſim tomarem mais alento. Antonio da Silveira em pé, junto da eſcada pera o baluarte, via com ſeu olho tudo o que ſe nelle fazia, e os que ſubiam, e deſciam, trazendo homens, que não faziam mais que repartirem munições pelos que pelejavam.

As mulheres não deſcançavam de acarretar lenha, no que andavam tão preſtes, e continuas, que nem de dia, nem de noite

tomavam hum pequeno de descanço. Os Mouros, perdida de todo a confiança, recolhêram-se de já não poderem aturar, nem soffrer as muitas cousas, com que os nossos os derribavam. Neste combate morrêram quatro Portuguezes, e ficáram vinte e sinco feridos, em que entráram Francisco de Gouvea, Manoel de Vasconcellos, Duarte Mendes, e Rodrigo de Proença, que lhe deram huma fréchada pela boca, e outros a que não achámos os nomes, a quem nem cansaço, nem as muitas feridas foram parte pera se recolherem, porque alli se mandavam curar, e alli se deixavam ficar. Já neste tempo eram mortos quarenta homens, e estavam sessenta feridos, e faltavam munições, e muitas outras cousas necessarias, pelo que havia grandes desconfianças na fortaleza.

Mas como Deos nas móres necessidades soccorre a seus servos, quando mais atribulados estes seus estavam, chegáram áquella fortaleza os navios, que tinham partido de Goa, de que eram Capitães Gonçalo Vaz Coutinho, Francisco Mendes de Vasconcellos, Antonio Mendes seu primo, e Martim Pacheco, que depois que deram á véla, sem se deterem em cousa alguma, foram haver vista da outra costa aos vinte e sete de Outubro, e indo demandar Dio ao Sol posto, houveram vista da Armada Turquesca, e del-

della tambem foram viſtos; mas como já hia eſcurecendo, e os Turcos não pudéram diviſar bem quantos navios eram, e tinham por novas, que o Viſo-Rey ficava pera partir, houve o Baxá que ſeriam aquelles navios da ſua dianteira, pelo que ſe começou a preparar, e toda a noite eſteve com grande temor, e vigia.

Os Capitães dos navios tanto que anoiteceo, tomando o remo em punho, foram-ſe deſviando da Armada, e entráram em Dio muito a ſeu ſalvo. Da couraça grande foram viſtos, e perguntando que navios eram, deram-ſe a conhecer, pelo que com grande alvoroço deram recado ao Capitão, que acudio a recebellos, mandando-lhes abrir a porta da couraça pequena por onde entráram, e foram levados nos braços de todos com grandes feſtas, e alegrias. Antonio da Silveira ſem ſe apartar dalli, mandou recolher dentro todas as munições, e mantimentos que traziam, e alguma artilheria miuda, e eſcrevendo huma breve carta ao Viſo-Rey, em que lhe pedia o ſoccorreſſe em todo caſo com a mór brevidade que pudeſſe, tornou a deſpedir os navios entregues a ſeus mocadões, porque não viſſem os inimigos pela manhã o pequeno ſoccorro que lhes viera. E pera os mais embaraçar, mandou de madrugada embandeirar a fortaleza, e fa-

zer

zer muitas folías, como homens contentes, e alegres, e que tinham já o ſoccorro dentro. Os Turcos ao outro dia pela manhã vendo aquellas moſtras, entendendo que era ſoccorro que lhes viera, e não vendo no rio navios alguns, tendo de noite viſtos aquelles, ficáram embaraçados, havendo que a cópia dos navios era maior do que de noite enxergáram, e que depois de lançarem gente dentro na fortaleza, ſe tornáram a partir. Com eſta mágoa ficáram por então ſem ſaberem o que era.

CAPITULO XII.

De como D. Duarte de Lima chegou com as novas de Dio ao Viſo-Rey D. Garcia de Noronha: e das Armadas que deſpedio em ſeu ſoccorro: e do grande aſſalto que os Turcos deram ao baluarte do mar.

DOm Duarte de Lima deo-ſe tanta preſſa no caminho, que em poucos dias chegou a Goa, e deo ao Viſo-Rey as cartas de Antonio da Silveira, e o informou do que víra, e do eſtado em que a fortaleza de Dio ficava, pelo que com muita preſſa deſpedio Antonio da Silva com quarenta navios ligeiros, com regimento, que viſſe ſe ſe podia metter em Dio ſem riſco algum, e que quando não, de noite ſe puzeſſe á viſ-

ta

ta da Armada do Turco, e lhe fizesse grandes carrancas de bombardadas, e fuzís, porque cuidassem que era a sua dianteira, com o que poderia ser se recolhessem, e que de tudo o que succedesse o avisasse por hum navio muito ligeiro, e que de Chaul até Goa teria navios por paragens, pera que em poucos dias tivesse rebate. Antonio da Silva se fez á véla, e dos Capitães que o acompanháram, só de poucos achámos os nomes; mas porque de todo se não esqueçam, diremos os dos que vieram á nossa noticia. D. Luiz de Taíde, que depois foi Conde de Atouguia, D. Martinho de Sousa, Dom Duarte de Lima, o que veio de Dio, Fernão de Moraes, Antonio Fernandes de Siqueira, Mattheus Pereira, Gaspar Moniz, Francisco Martins, Jeronymo de Figueiredo, Alvaro de Siqueira, Francisco de Siqueira o Malavar, e outros. Em algumas lembranças achámos, que D. Manoel de Lima foi em alguns navios diante, mas não sabemos o que lhe succedeo.

Seguindo Antonio da Silva sua jornada, de Chaul despedio Francisco de Siqueira o Malavar, por ser muito ligeiro o seu navio, e elle grande homem do mar, pera que fosse entrar em Dio, e por elle escreveo huma carta a Antonio da Silveira de sua ida, pedindo-lhe o avisasse do modo, o como, e

e quando poderia entrar naquella fortaleza, encommendando ao Siqueira notasse muito bem a Armada. O Viso-Rey tanto que despedio esta Armada, o fez logo a outros vinte e quatro navios de remo, de que fez Capitão mór Jorge de Lima, com regimento, que se estendesse com elles desdos Ilheios queimados até Chaul, pera lhe mandar todos os dias recado da Armada dos inimigos. Nestes navios cuido eu que foi D. Manoel de Lima, e que Jorge de Lima o apartou com sete, ou oito navios pera andar de Chaul até Baçaim; e elle com os mais se estendeo de Chaul até os Ilheos queimados, tendo de dous em dous em paragens.

Partidos estes navios, despachou o Viso-Rey as náos do Reyno pera irem a Cochim tomar a carga, que eram quatro, as mais pequenas, e velhas, porque as outras de maior porte tinha mettidas na sua Armada, que eram as principaes forças della. Nuno da Cunha (segundo nos disse hum Fidalgo bem honrado) se offereceo ao Viso-Rey pera o acompanhar na jornada, de que elle o escusou, porque queria toda a honra pera si; o que visto por Nuno da Cunha, lhe pedio huma náo boa pera se embarcar, porque o tinha assim promettido a seu pai Tristão da Cunha, que lhe elle negou, dizendo, que quando lhe fizera aquelles cumprimentos,

não

não eſtava cercado de Turcos, como então ſe via. Sobre iſto tiveram algumas razões, de que Nuno da Cunha ficou deſgoſtoſo, e ſe embarcou pera Cochim, aonde ſe negociou pera o Reyno; e das náos, que eſtavam á carga, eſcolheo huma, que era de Vicente Gil, pequena, mas mui boa de manhas. E porque adiante havemos de tratar de ſua viagem, o deixamos até lhe caber ſeu lugar, porque he neceſſario tornarmos a Dio, que eſtá em aperto.

Os Turcos, depois de entrado o ſoccorro que diſſemos, não deixáram de continuar com a bateria do baluarte do mar, até lhe acabarem de arrazar a couraça. Ao outro dia ſeguinte, que foram vinte e nove do mez, em que tinham determinado de lhe dar o aſſalto, arrebentáram da Cidade com ſincoenta embarcações, em que hiam perto de mil e quinhentos Turcos, cujo Capitão era Mamede Can, e com grandes eſtrondos de tambores, trombetas, e outros inſtrumentos barbaros remettêram com o baluarte pela parte da couraça, que olha pera dentro do rio. Antonio de Souſa vendo aquillo, preparou-ſe o melhor que pode, acudindo áquella parte com trinta companheiros, que tinha mui animoſos, e todos com grandes deſejos de moſtrarem já aos inimigos a vontade que lhes tinham, repartindo-ſe pelas partes mais neceſ-

cessarias com muitas lanças de fogo, panellas de polvora, e outros instrumentos mortaes. Da fortaleza grande foi visto passar aquella frota contra o baluarte; e como lhe passava perto, e a geito, desparáram nella muitas bombardadas, que deram em meio dos navios, mettendo-lhes no fundo duas barcaças, e matando-lhes nas outras muita gente. A Armada passou avante até pôr a prôa no baluarte, que de maré vasia fazia naquella parte hum releixo, que tambem estava entulhado até sima com a caliça, e pedra da parede, que com a importuna bateria foi derribada naquella parte. Este lugar sería capaz de duzentos homens, que logo saltáram nelle, commettendo a subida do baluarte, que lhe era muito facil na opinião, mas muito difficultosa na obra dos nossos. Das barcaças atiráram muitas bombardadas pera despejarem aquelle lugar, que estava roto, e desabrigado, por onde subíram alguns em sima; mas os nossos, que ficavam com elles já amparados, arrebentáram como trovões com as lanças de fogo accezas, e aos primeiros botes deram com os Turcos em baixo bem queimados, e escalavrados, sendo Antonio de Sousa o dianteiro, que com o seu grande animo pelejava, e esforçava aos seus, que assim trabalhavam de o satisfazer, que já se não contentavam de lançar

çar

çar os inimigos fóra de ſua caſa, ſenão ainda deſejavam de ſe baldearem com elles em baixo, pera ſatisfazerem nelles ſua ira. Os Turcos affrontados do ſucceſſo, tornáram a commetter a ſubida, accendendo-ſe mais a furia da batalha, não ceſſando a bateria das barcaças, que nos noſſos fez muito damno, porque pelejavam deſcubertos, e não ſe queriam recolher pera dentro, e aſſim os Turcos tornáram a cavalgar em ſima do baluarte; mas Antonio de Souſa affrontado daquelle negocio, remetteo com os ſeus ſoldados, que andavam como leões raivoſos, e a pezar dos Mouros, com grandes eſtragos os tornáram a lançar em baixo, e apôs elles muitas panellas de polvora, de que abrazados ſe recolhêram ás embarcações mais depreſſa do que elles ſaltáram em terra; e tomando o remo em punho, ſe foram affaſtando, porque começáram a chover ſobre elles bombardadas, e eſpingardadas, aſſim do baluarte, como da fortaleza grande, com o que lhe matáram muitos.

Os Turcos, ſendo já affaſtados, e em parte que lhes não chegavam os tiros, tornáram a cuidar quão grande vergonha, e affronta era fugirem a tão poucos homens, ſendo elles tantos, e os mais eſcolhidos em todo o exercito; e voltando outra vez com a furia, que lhes fazia levar tamanha affronta

ta

ta pera a ſatisfação della, com determinação de ou morrerem todos, ou ganharem aquelle baluarte; e deſembarcando outra vez nelle, commettêram a ſubida como deſeſperados; mas os valoroſos ſoldados com as lanças de fogo de refreſco, ſe mettêram no meio delles, e de tal maneira os abrazáram, e eſcaldáram, que tornáram a dar com elles em baixo, tão eſcandalizados, e tão maltratados, que determináram de ſe tornarem antes com ſua mágoa, que experimentarem outra vez o ferro, e braço Portuguez. E aſſim ſe embarcáram mui apreſſadamente, dando-lhes da fortaleza grandes apupadas pera os envergonharem; mas o medo que levavam era tal, que não curáram de mais, que de ſalvar as vidas.

E ſendo já de fronte da Cidade, fóra de medo, tornou Mamede Can a cahir em quão affrontado ficava daquelle negocio, que lhe tanto foi encommendado, e que lhe baſtava pera o damnar com o Turco, com quem eſtava muito bem acreditado; e correndo as embarcações todas, fez a todos huma breve falla, em que lhes lembrava as obrigações, que tinham por Janizaros da guarda do Grão Senhor, e que aquella affronta ficava ſendo em vituperio de ſua nação; porque, que razão haviam elles de dar a fugirem a menos de trinta homens, ſendo elles tantos, e tão

eſ-

eſcolhidos ? que lhes pedia tornaſſem por ſua honra , porque era muito melhor morrerem , que viverem tão affrontoſamente ; e com iſto os fez voltar. Chegados outra vez ao baluarte com nova ſoberba , e furor , querendo-o commetter , quiz Deos guiar hum pelouro de hum berço pera o Mamede Can , que o tomou pelos peitos , e o derribou logo mortal. Os ſeus, que hiam mais por vergonha que por honra , tornáram a voltar com grande preſſa , não querendo experimentar terceira vez a ira dos noſſos , indo apôs elles muitos pelouros de bombardadas , que da fortaleza lhes atiráram , dando-lhes outras gritas , e apupadas ; e aſſim ſe recolhêram á Cidade com muitos mortos , e feridos.

E porque das barcaças , que ſe arrombáram com as bombardadas , andavam alguns Mouros ſobre a agua , que não pudéram tomar as embarcações por cauſa da corrente da maré , mandou Antonio da Silveira alguns homens em huma almadía , pera que lhe tomaſſem alguns vivos , pera delles ſaber alguns aviſos : eſtes ſoldados matáram todos os que acháram no mar , recolhendo ſó dous. Antonio de Souſa , tanto que os Mouros ſe recolhêram , mandou os mortos á fortaleza pera os enterrarem , e aos feridos pera os curarem ; e antre eſtes hia hum Fernão Penteado , homem nobre , e muito bom Caval-

lei-

leiro, que hia ferido na cabeça, e Antonio Manhoz com hum braço quebrado, e Fernão Correia com outras feridas, que todos pelejáram muito valorofamente.

CAPITULO XIII.

Do grande, e perigofo affalto, que os Turcos deram ao baluarte do fogo: e de hum honrofo, e efpantofo feito, que fez Fernão Penteado: e de outro muito notavel, e graciofo, que fez huma daquellas mulheres: e da morte que os moços da fortaleza deram a hum efcravo, por huma palavra que diffe em favor dos Mouros.

COm o ruim fucceffo do baluarte do mar, ficáram os Turcos mui quebrantados, e cheios de ira; e querendo-fe vingar de tantas affrontas, tanto que as embarcações fe recolhêram, fahíram de feus exercitos com todo o poder, fuas bandeiras defenroladas, e com grande eftrondo de inftrumentos, e gritas, remettêram com o baluarte do fogo, por onde fubíram com grandes terremotos, pondo-fe os que couberam nas duas partes, que eftavam por elles, e á porfia commettêram as paredes, em que os noffos já os efperavam com as forças tão inteiras, como fe nunca tiveram trabalhado, acudindo huns ás fogueiras, deitando-lhes

le-

lenha, e ſuſtentando-lha com os ſeus bicheiros; outros com ſuas armas, e eſpingardas, com que empeciam bem aos inimigos; e outros com panellas de polvora. Os inimigos pela meſma maneira, huns ſe occupavam em eſpalhar o fogo, outros em pelejarem ás eſpingardadas, e em fim todos de huma, e outra parte em trabalharem: huns por ganhar aquellas paredes; outros pelas não perderem, ſobre o que ſe baralhou a couſa de feição, que tudo o que ſe via, e ouvia eram coriſcos, e labaredas, e incendios, vozes, bramidos, e tudo o mais huma repreſentação do inferno.

Antonio da Silveira eſtava em ſeu lugar provendo tudo, mandando reforçar o baluarte com mais gente, acudindo alli aquelles Capitães, que chegáram de Goa de refreſco, tomando os lugares mais perigoſos, obrando todos couſas dignas do valor Portuguez. E tudo foi neceſſario, porque os Turcos pelejavam com deſeſperação, apoſtados todos a morrerem daquella feita, ou concluirem com aquella fortaleza; e aſſim ſe mettiam pelo fogo como barbaros, ſem ordem, nem conſideração, o que tudo era muito differente nos Portuguezes, que pelejavam com muita confiança, ſegurança, e ordem; porque com ſerem tão poucos, aſſim eſtavam repartidos por ſeus lugares, que nem

os

os que pelejavam com as eſpingardas embaraçavam aos das panellas de polvora, nem os dos bicheiros tinham quem os eſtorvaſſe; e aſſim faziam couſas tão grandes, e admiraveis, que em pouco eſpaço puzeram os inimigos em deſconfiança, porque lhes tinhàm tantos mortos, e abrazados, que os vivos lhes era neceſſario pera pelejarem por ſima dos que eſtavam eſtirados, acabando-os de matar. Aqui foi a revolta tamanha, que parecia que ſe entrava a fortaleza; e o reboliço por ella foi tal, que chegou eſta voz a caſa de Fernão Lourenço, marido daquella boa Anna Fernandes, que eſtava curando os feridos, que áquella hora chegáram do baluarte do mar; e ſendo ouvido por Fernão Penteado, (que eſtava aguardando que ſe acabaſſe de curar outro pera o elle fazer tambem,) e perguntando o que era, dizendo-lhe que ſe entrava o baluarte, não lhe ſoffrendo o coração, e animo Portuguez eſtar alli, ſahio-ſe pela porta fóra com huma alabarda nas mãos, e ſubindo ao baluarte, paſſou com grande furia por todos, até ſe pôr no lugar da batalha, em que começou a fazer maravilhas, apreſentando-ſe no maior perigo, até que lhe deram outra cutilada pela cabeça, que o obrigou a ir buſcar o remedio pera ambas. Chegando a caſa do Cirurgião, achou-o occupado na cura

ra de outros homens, porque não tinha hora vaga; e como o negocio do baluarte esteve desta vez mui arriscado, e nelle cresciam os gritos, e alaridos cada vez mais, e pelas ruas andavam correndo mulheres, e meninos, pedindo misericordia a Deos com grandes gritos, e prantos; dando isto outra vez nos ouvidos de Fernão Penteado, affirmando-se, que o baluarte era perdido, (fervendo-lhe o coração no peito, porque estava alli ocioso, havendo que o lugar da briga era o mais seguro, e descançado,) sem esperar pela cura, tornou a lançar pela porta fóra, e entrando no baluarte, passou ao lugar da briga, que estava no mais arriscado ponto em que se nunca vio, (por terem os Turcos espalhado o fogo, e já pelejavam sobre a entrada da parede,) e como senão tivera cousa alguma, começou a pelejar como hum leão por hum grande espaço, até que a fortuna invejosa do valor de seu braço, ordenou, que lhe déssem por elle huma lançada, que de todo o inhabilitou pera mover as armas; e sendo-lhe necessario recolher-se, o fez com muita tristeza, e mágoa de seu coração, por ser a ferida por parte, que não podia tomar della satisfação; e foi demandar a casa do mestre, onde se curou de tres feridas, que eram todas bem perigosas, de que sarou. Mas o

que o ferro, e o fogo não pudéram acabar, o fez a agua; porque depois deste cerco passado, morreo este valoroso soldado affogado em huma fusta, que se perdeo. E posto que não chegou a ter satisfação de seus merecimentos, dar-lha-hemos nós nesta nossa historia, com o deixarmos conhecido ao Mundo, em quanto elle durar; porque estes são os galardões, que os varões famosos mais pertendêram que todos, que os Filosofos antigos houveram pelos maiores premios, que a virtude podia ter, como sentia Bruto, escrevendo a Cicero, dizendo assim: » Que » cousa ha melhor, que a memoria dos bons » feitos, posto que os illustres animos não » vão tanto após os premios, e louvores, » quanto após a virtude; porque ainda que » muitos por sua grandeza de animo não » procurassem gloria, nem por isso deixá- » ram de a alcançar, porque depois lhes veio » com maior vontade: e bem se sabe, que » nenhuma virtude recebe tantos louvores, » como a Fortaleza. »

E tornando a nosso fio. A briga no baluarte hia crescendo cada vez mais, com grandes damnos de parte a parte; mas da dos inimigos foi o estrago tamanho, que não o podendo soffrer, se lançáram do baluarte abaixo, pasmados do que víram, deixando aquelle lugar entulhado dos corpos dos seus

mor-

mortos, levando a mór parte dos que escapáram bem grandes sinaes das mãos dos nossos, de que não morrêram mais de dous, ficando porém quarenta mal feridos. Já neste tempo não havia mais de duzentos e setenta homens sãos pera poderem pelejar, porque sincoenta eram já mortos, e havia mais de setenta feridos, e aleijados, e sobre tudo isto havia já falta de polvora, de espingarda, e de chumbo.

Passado o combate, (porque até então não houvera tempo,) mandou Antonio da Silveira levar diante de si dous Turcos, que foram tomados no mar, de quem soube tudo o que quiz; e lhe affirmáram, que no exercito havia grande medo da Armada do Viso-Rey, e que eram mortos na guerra quasi oitocentos homens, e que passavam de mil os feridos, e que o Baxá determinava de metter todo o resto por ganhar aquella fortaleza, primeiro que o Viso-Rey chegasse. O Capitão depois de informado de tudo, entregou os Turcos a certas pessoas, pera que de noite lhes fossem dar fundo no mar, e foram por entre tanto recolhidos em humas casas.

Pela fortaleza se divulgou logo tudo o que os Turcos disseram, e que o Baxá não se havia de alevantar de sobre a fortaleza sem a tomar. Isto foi sabido pelas mulheres, que

andavam ao trabalho; e paſſando huma dellas pela porta das caſas, em que eſtavam os Turcos, (e foi a tempo, que de dentro ſahia hum ſoldado,) e perguntando-lhe ella pelos Turcos, e pelo que o Capitão mandava fazer delles, lhe reſpondeo o ſoldado zombando, pela ſentir com paixão: Que os Turcos eſtavam dentro, e que o Capitão os mandava ſoltar livremente. Ella ouvindo aquillo, cheia de ira, e de paixão, entrou pela porta dentro como douda, e encontrou Franciſco de Gouvea, que eſtava todo abrazado em vivo fogo, (porque foi hum dos homens que neſte dia, e em todos ſe abalizou bem, não ſe ſahindo do baluarte, ſenão queimado dos pés, mãos, roſto, e de todo o mais corpo, ficando tal, e tão desfigurado, que o não conheciam.) E neſte eſtado, que pudéra achar piedade na mais deshumana féra, que no Mundo houvera, a não achou neſta mulher, que com a furia que levava, cuidando que era hum dos Turcos, alevantando huma gamela que trazia nas mãos, remetteo com elle pera lhe dar com ella na cabeça, dizendo: *Ah perro inimigo, e vivo has tu de tornar daqui? Sabe que ás minhas mãos has de morrer, tu, e eſſoutro perro como tu.* E querendo deſcarregar o golpe, elle ſe lhe affaſtou o melhor que pode, dizendo-lhe, que na outra caſa

de

de dentro tinha os Turcos. Ella cuidando todavia que elle era hum delles, e que a enganava, tornando a remetter a elle pera lhe dar, lhe disse: *Ah cão, queres-me enganar? Olhai como espivita o Portuguez, pois sabe que nada te ha de valer, que te hei de fender esta gamela nessa cabeça*; e sempre lhe dera com ella, segundo Francisco de Gouvea estava fraco, se áquelle tempo não acudíram alguns homens, que lho tiráram das mãos, dizendo-lhe quem era. Ella vendo aquillo, com a mesma paixão com que estava, se sahio pela porta fóra, e ajuntando muitas das companheiras, se foi ao Capitão, e com aquella furia, e colera com que estava contra os Turcos, lhe disse: *Como mandais vós, Senhor, dar vida a huns inimigos, que tanto tem trabalhado por nos beber o sangue? Se tal he verdade, eu, e estas minhas companheiras, que neste cerco temos tamanho quinhão, como todos os homens, o não havemos de consentir, antes os havemos de espedaçar com nossas mãos, por isso mandai que no-los entreguem.* O Capitão pasmado de ver aquelle animo, ira, e furor em peitos fracos, e medrosos per natureza, havendo que até a ella tinha em seu favor, muito alegre, e rizonho lhes respondeo, que se quietassem, porque elles não ficariam com vida, e que

já

já tinha mandado, que os lançassem no mar.

Que mais espantoso caso se vio, que este nestas nossas Portuguezas? Por estas com muita razão se póde dizer, o que disse aquella Lacedemonia á outra Espartana, chamando-lhe mulher; que era verdade que as Lacedemonias sós mereciam esse nome, pois ellas sós pariam homens. Quanto mais honrada paixão foi esta, que a daquellas Romanas, que foram convocadas pela mãi do moço Papyrio, que por não descubrir o segredo do Senado á mãi, que apertava com elle que lho dissesse, lhe disse, que se tratára aquelle dia se casariam os homens com duas pera a multiplicação da geração, e que ficára por determinar. Do que indignada a mãi, ajuntando as outras Matronas, entráram no Senado com grandes clamores, e brados, dizendo aos Senadores, que quando aquillo houvesse de ser, que antes ordenassem, que as Romanas tivessem dous maridos.

Outro caso semelhante ao passado de ira, e paixão, aconteceo aos moços da fortaleza, que tambem andavam acarretando cousas pera os repairos, e fortificações, não se escusando cativo, nem livre de dez annos pera sima. Quiz a má fortuna de hum daquelles escravos, que dissesse hum dia: *Se*

es-

estes Turcos foram homens, e souberam o estado, em que esta fortaleza está, já a houveram de ter tomada. Os moços Portuguezes em ouvindo isto, dando-lhes a ira, e a paixão, largando os cestos, remettêram a elle, levando-o logo nos ares pera o matar; e assim chegáram aonde estava o Capitão, a quem contaram o caso, requerendo-lhe, que logo o mandasse justiçar, pois tivera tamanho atrevimento, e pera que outro não fosse ousado a fallar, nem imaginar outra semelhante cousa. O Capitão espantado de ver naquella tenra idade hum zelo tão honroso, louvou-lho muito, e lhes disse, que se recolhessem, e lhes deixassem o moço, que elle o mandaria castigar. Os moços descontentes daquella resposta, como hiam cegos da paixão, sem fazerem discurso, nem consideração, todos a hum tempo remettêram ao escravo com páos, e pedras, e em breve espaço o desfizeram em pedaços, sem o Capitão lhe poder valer; e tomando o corpo nos ares, o leváram com grandes gritas á couraça, e o lançáram no mar. Este caso admirou a todos, mas tambem os encheo de alegria, por verem que até nos meninos crescia o animo, e furor contra os Turcos, o que lhes dava bom agouro, porque haviam que todas aquellas cousas eram movidas por Deos, que os queria

ani-

animar, esforçar, e dar confiança neſtes trabalhos.

Pouco depois chegou Franciſco de Siqueira o Malavar, que Antonio da Silva mandou com a carta ao Capitão, que ſe alegrou muito por ſaber que tinha o ſoccorro tão perto, e logo o tornou a deſpedir, eſcrevendo-lhe, que de noite commetteſſe a entrada, e que Franciſco de Siqueira o guiaria, ficando alli dez, ou doze homens que hiam no catur, que na meſma noite ſe tornou a ſahir pera fóra.

DE-

DECADA QUINTA.
LIVRO V.
Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

Do ardil de que os Turcos uſáram pera verem ſe podiam tomar os da fortaleza deſcuidados: e do grande, e geral aſſalto que lhes deram: e dos raros, e eſpantoſos caſos que nelle acontecêram.

VENDO os Turcos que por força não podiam entrar a fortaleza, e que todas as vezes que a commettiam lhes cuſtava muito, determináram de ver ſe por ardil podiam fazer alguma couſa, que lhes foſſe de mais effeito. E aſſim deitáram logo fama, que ſe embarcavam, por haver novas do Viſo-Rey; e de dia ſe começáram a recolher ás galés, pera verem ſe os noſſos ſe deſcuidavam pera tornarem a voltar, e commet-

metterem a fortaleza com maior força. Antonio da Silveira vendo a pressa com que os Turcos se embarcavam, entendeo-lhes logo seu desenho, e naquelle pouco tempo, que lhe davam de folego, mandou reformar os lugares mais perigosos, pondo mais astucia, e diligencia no do fogo, mandando accrescentar a parede, que cortava o baluarte, e pôr nella todos os petrechos necessarios pera o assalto, porque tivessem os soldados tudo á mão. E assim mandou acarretar muitas traves das casas pera as fogueiras, de que nunca leváram mão, e a artilheria do baluarte S. Thomé mandou apontar pera este, na parte por onde os Turcos haviam de subir. E a Antonio de Sousa, Capitão do baluarte do mar, mandou recado, pera que estivesse sobre aviso. Os Turcos depois de embarcados, se affastáram as galés pera fóra, como que se queriam fazer á véla; e tanto que a noite escureceo, (porque estava a Lua em conjunção de quarteirão da crescente, que dava claridade até meia noite,) tornáram-se pera a terra, onde desembarcáram, e se passáram á Ilha, mettendo-se em seus exercitos em muito silencio. Alli se preparáram pera o assalto, que havia de ser de madrugada, por esta maneira.

Tres mil Turcos repartidos em tres bandeiras. A primeira de Icuf Amed; a segunda

da de Beran Baxá; a terceira de Baxá Mamede, que haviam de commetter o baluarte do fogo; e Coge Çofar com os mais Capitães de Cambaya com a gente Gusarata, haviam de commetter as mais estancias á roda, pera divertirem os nossos.

Estando prestes nesta ordem, hum pouco antes de romper a manhã, arrebentáram de suas estancias, e com huma barbara confusão, e borborinho remettêram com o baluarte do fogo, e com as casas do Capitão, arvorando logo nellas muitas escadas, por onde começáram a subir com grande determinação.

Os Portuguezes, que estavam álerta, acudíram com muitas panellas de polvora, que lançáram sobre os inimigos, pera com as labaredas verem as partes por onde commettiam, que muito claramente víram, e notáram. A parte que foi commettida com mais instancia, e em que os Turcos arvoráram mais escadas, foi no muro que corria do baluarte do fogo pera o de S. Thomé, em que havia tres, ou quatro partes derribadas, e abertas da bateria.

E pela mesma maneira se arvoráram outras escadas no muro, que corria por baixo dos aposentos do Capitão, porque determináram de lhe entrar pelas janellas, e varandas. Antonio da Silveira, que de tudo

do foi avifado, mandou Gonfalo Vaz Coutinho, e Antonio Mendes de Vafconcellos, que acudiffem ao muro antre os baluartes; e a Francifco Mendes de Vafconcellos, e Manoel de Vafconcellos mandou, que fe foffem metter nos feus apofentos com a gente de fuas obrigações; e das outras eftancias mandou vir todos os foldados pera aquellas duas partes, que eram as mais perigofas. Os Capitães Turcos commettêram cada hum fua parte; Icuf Amede, que levava huma formofa bandeira branca, e vermelha, começou a fubir pelo baluarte do fogo, arvorando logo o feu Alferes a bandeira fobre elle, enchendo-fe aquelles dous terços do baluarte dos mais efcolhidos delles, que commettêram as paredes com grande determinação.

Rodrigo de Proença, que eftava preftes pera os receber, acompanhado da melhor gente da fortaleza acudio alli; e vendo os inimigos apinhoados, e foffregos pelas cavalgarem, deitáram em meio delles muitas panellas de polvora, que os abrazou a todos, fazendo-os affaftar. E fendo-lhes máo de foffrer aos noffos foldados, verem o eftendarte Turco arvorado no feu baluarte, como fenhor delle, crefcendo-lhes o furor, arrebentáram perto de trinta, e deram comfigo das paredes abaixo no meio dos inimigos,

gos, como leões famintos, que desejavam de os comerem aos bocados, começando a matar, e ferir nelles cruelissimamente; e chegando hum delles ao Alferes Turco, o matou, dando com a bandeira pelo chão. Os Janizaros vendo aquella affronta, afferrando della, a tornáram a arvorar; mas o mesmo soldado, que era valoroso (a que tambem não achámos o nome) tornou a endireitar com elles ás cutiladas, ferindo muitos, e trabalhou por chegar outra vez á bandeira, porque se não jactassem, que a tiveram levantada naquelle lugar sem lhes custar muito. Aqui cresceo a referta, porque todos se baralháram huns com os outros, e quasi que chegáram ás punhadas, por ser o lugar pequeno, e os inimigos muitos; e tanto apertáram os Portuguezes com elles, que com morte de muitos os lançáram do baluarte em baixo, abatendo-lhes a bandeira a seu pezar. Mas como os contrarios eram muitos, e todos os daquella primeira batalha estavam ao pé daquelle baluarte, tornáram logo a subir outros de refresco, que acháram os nossos tão encarniçados, que lhes não dava cousa alguma de subirem todos. Alli se travou huma muito cruel, e desigual batalha, em que os deixaremos, porque he necessario continuarmos com as outras estancias.

A ſegunda batalha, de que era Capitão Beran Baxá, que hia arvorar ſuas eſcadas nos apoſentos do Capitão, achou já tal defensão, e guarda, que com a eſpingardaria lhes derribáram muitos; e tanto que huns cahiam com as eſcadas, chegavam logo outros pera as levantarem, que hiam pelo meſmo caminho. E tal manha tiveram os noſſos neſte jogo, que em quanto huns deſparavam, outros carregavam, porque não ficaſſe momento vaſio aos das eſcadas pera chegarem com ellas ao muro, ſobre o que morrêram tantos, que houveram por ſeu partido largarem-nas, e deſiſtirem daquelle lugar, e aſſim voltáram pera ſe ajuntarem com os que pelejavam no baluarte do fogo. Aqui ſe accendeo mais a crueza; porque os Mouros como deſeſperados, punham todas ſuas forças em ſe ſenhorearem de todo daquelle baluarte, os Portuguezes o meſmo pelo defenderem, porque niſſo eſtava a ſalvação da fortaleza, e aſſim retiniam os golpes, accendiam as chammas, atroavam os gritos, e bramidos de tal maneira, que tudo era huma confusão.

Coge Çofar andava com treze mil homens do ſeu terço, favorecendo os que ſubiam, franqueando-lhes as eſtancias com tantas nuvens de fréchas, que eſcureciam o Sol, que já começava a naſcer.

E

E certo, que bem ſe podia dizer naquella hora pelos noſſos, o que reſpondeo Leonides aos ſeus, commettendo os Parthos: (dizendo-lhes que as fréchas eram tantas, que encubriam o Sol) Pois, filhos, que máo he, diſſe elle, que pelejemos á ſombra dellas? Os Turcos eſtavam taes, que não receavam a morte a troco de ſe ſatisfazerem das quebras paſſadas; mas cada vez ſe achavam mais embaraçados, porque parecia que de ſeu furor, e braveza naſciam aos noſſos novas forças pera lhes reſiſtirem.

O damno de ambas as partes era grande; porque ainda que da dos Portuguezes era muito menos, ſentia-ſe tanto mais conforme a quantidade, porque tanta falta lhes fazia hum, como aos Mouros cento: porque no lugar que cahia, entravam outros dobrados; e no que cahia da parte dos Portuguezes, não podia entrar mais que outro, aſſim pela eſtreiteza do lugar, como pelos poucos que já havia. E chegou a couſa aqui a tanto, que mandou o Capitão a Gonſalo Vaz Coutinho, Gabriel Pacheco, Martim Vaz Pacheco, Antonio Mendes de Vaſconcellos, Franciſco Mendes, Luiz Rodrigues de Carvalho, Antonio da Veiga, Lopo de Souſa Coutinho, Paio Rodrigues de Araujo, Simão Rangel de Caſtello-branco, e a Manoel de Vaſconcellos, que eſtavam reparti-

dos

dos pelas outras eſtancias , que acudiſſem áquelle baluarte , onde eſtava metiida toda a potencia dos inimigos. Chegados eſtes Fidalgos a elle , tomáram todo o trabalho ſobre ſi , fazendo nelle o que lhe pedia o valor de quem eram.

Rodrigo de Proença , Capitão do baluarte do fogo , deo neſte dia moſtras de hum valoroſo Cavalleiro , e prudente Capitão ; porque quando era neceſſario , pelejava como ſoldado com grande valor ; e quando cumpria , mandava , e governava como aſtuto Capitão , acudindo de tal maneira ás neceſſidades , que em gritando hum por polvora , e panellas , já as alli achava ; por lanças de fogo , ás mãos as tinham ; em fim , tudo eſtava tão bem negociado , que nada faltava a ſeu tempo. O Capitão ao pé do baluarte , onde eſtava vendo , e governando tudo , dalli cumpria tanto com ſua obrigação , e trazia tantas intelligencias , que nada ſe fazia ſem ſeu conſelho , mandando ter muito tento nos feridos , que logo mandava recolher , e curar com muito cuidado. A briga cada vez ſe accendia mais , e o damno creſcia dobrado ; mas nem com iſſo as forças enfraqueciam nos noſſos ; porque quando parecia que tudo eſtava mais arriſcado , o tornavam a ſegurar com o eſtrago que faziam nos inimigos , e com o que cada hum

via

via fazer ao que tinha a par de ſi, lhe creſcia huma tão honroſa inveja, que ſe desfaziam todos em colera, ira, e braveza.

Neſte tempo, em que a couſa eſtava em balanço, ſe leváram quatorze galés, e ſe chegáram a huma eſtacada, que eſtava perto da fortaleza, e dalli a começáram a bater com grande furia, que logo os noſſos lhe quebráram; porque Franciſco de Gouvea, Capitão do baluarte de ſobre a barra, lhes mandou tirar com algumas peças, e foram tão bem empregadas, que lhes metteo huma galé no fundo, e lhes deſapparelhou as mais das outras. Antonio de Souſa, Capitão do baluarte do mar, tambem os eſcandalizou com a ſua artilheria bem. No baluarte da briga hia cada vez o mal em maior creſcimento, porque os inimigos trabalhavam por arvorarem outra vez a ſua bandeira nelle, e os noſſos por lha derribar, e abater; ſobre o que faziam de ambas as partes grandes couſas. Neſte conflicto deram huma ferida a Martim Vaz Pacheco, de que cahio logo morto, tendo bem moſtrado ſeu esforço. Gabriel Pacheco, ſeu primo com irmão, que eſtava a par delle, imitando-o nas obras, vendo-o daquella maneira, como o amava muito, deſejando de vingar ſua morte, avorrecido já da vida, ſaltou entre os Mouros com huma eſpada, e rodela, com que a

huma , e a outra parte foi ferindo , derribando , e deſtroçando a todos os que podia alcançar , tomando bem grande ſatisfação da morte do parente. E como não fugia aos perigos , antes onde eram maiores , alli ſe arremeçava , deram-lhe duas feridas no roſto , de que lhe corria muito ſangue , do que lhe elle deo pouco , antes lhe accreſcentava a furia , e braveza , com que andava como leão , que os inimigos ſentiam bem em ſuas carnes. Hum dos noſſos , que eſtava junto delle , vendo-o tão maltratado , lhe pedio , que ſe recolheſſe a curar , porque aſſas tinha feito , e que lá lhe ficava tempo , ſe eſcapaſſe dalli , pera tomar vingança daquellas offenſas. *Não quero eu* (lhe reſpondeo elle) *poupar a vida , quando eu vejo a do homem , a que tanto quiz , perdida , que parece que me eſtá pedindo vingança de ſua morte ; e pois ſomos companheiros tantos annos na vida , razão he que o ſejamos tambem aqui na morte.* E fazendo ſeu officio, ſe metteo pelos inimigos como leão raivoſo , fazendo nelles grande deſtruição , até que lhe deram huma eſpingardada , de que cahio morto a par do parente , cumprindolhe niſto a fortuna bem ſeus deſejos , que tanto trabalhou por ficar naquelle lugar.

Dos dous baluartes S. Thomé , e do mar , que ficavam de huma parte , e da outra daquel-

quelle do fogo, em quanto o aſſalto durou, ſempre varejaram os inimigos, que eſtavam apinhoados ao pé delle, em quem fizeram mui grande, e notavel eſtrago. Neſte tempo, em que matáram eſtes dous Fidalgos parentes, ſe ſubio hum ſoldado em ſima de huma parede do apoſento do Capitão, e com ſua eſpingarda começou a derribar nos Mouros muito á ſua vontade, ſem o verem; e vendo andar hum Mouro, que na louçainha do trajo ſe differençava dos outros, e como Capitão andava governando a gente, ficando-lhe a tiro, apontou nelle, e quiz ſua ventura, que o tomou pelos peitos, derribando-o logo morto. E em cahindo, chegou hum Mouro pera o levantar, e carregando o ſoldado a eſpingarda depreſſa, tornou a apontar nelle, e acertou tambem o ſegundo tiro, que derribou o outro morto ſobre elle; e acudindo outros pera o levarem, tornou o ſoldado a deſparar outra vez, e derribou o terceiro, ficando alli todos eſtirados por ſalvarem o ſeu Capitão. O que era muito differente dos noſſos, porque cahia o parente, e o inimigo aos pés do outro, ſem haver quem tiveſſe mais tento, que nas mãos com que pelejavam, fazendo alguns o fincapé em ſeus corpos, como aconteceo a hum Fernão de Affonſo, homem de mais de ſetenta annos, muito bom Ca-

valleiro, que aſſim deſta vez, como de todas as mais, tinha pelejado como ſe fora de trinta, que cahio aqui de muitas feridas; e como os mais eſtavam occupados em ſua defensão, curando pouco do bom velho, em lugar de o levantarem, o acabáram de atropelar, porque naquelle tempo toda a caridade, que ſe quizeſſe uſar neſta parte, podia vir a ſer crueza pera todos; porque cada hum cuidava que ſó em ſeu braço eſtava a defensão daquella fortaleza, e como eſſe, pelejava ſem dar mais fé de outra couſa.

Em huma guarita do baluarte S. Thomé, que eſtava derribada, ſe metteo tambem hum ſoldado, e dalli com ſua eſpingarda matou muitos Mouros; e ao tempo que no baluarte do fogo creſcia a referta, e crueza ſobre a bandeira dos Mouros, huns pela alevantarem, e outros pela abaterem, quiz a ventura deſte ſoldado, (a que tambem lhe roubou o deſcuido Portuguez eſta gloria, com lhe eſconderem o nome,) que apontando no Alferes, o derribou logo morto, e a bandeira cahio pelo chão, a que os noſſos deram grandes gritas, e os Mouros começáram a afloxar. O que viſto pelos noſſos, apertáram tanto com elles, que os lançáram do baluarte abaixo.

CA-

CAPITULO II.

De como as outras duas batalhas commettêram o baluarte: e dos casos, que acontecêram a alguns dos nossos: e de como os inimigos se retiráram desbaratados.

DEsbaratados estes da primeira batalha, de que era Capitão Isuf Amed, com muito grande damno seu, acudio Beran Baxá, Capitão da segunda, e remetteo com o baluarte pera vingar a affronta feita aos seus; e como chegou de refresco, e com mil Turcos, e Janizaros folgados, tornou-se logo a pôr em sima, ainda que com grande perda sua, e logo arvoráram quatro bandeiras de seda em grandes asteas de lanças, e em sima humas maçans douradas muito grandes, e bem lavradas, de que pendiam muitos cordões com borlas brancas de algodão muito fino. Estas quatro bandeiras mandou o Califa de Meca ao Baxá, que foram santificadas ao seu modo na casa de Mafamede, e tocadas em sua sepultura, concedendo mui grandes, e geraes perdões a todos os que em sua defensão morressem, promettendo-lhes da parte do falso Profeta, que alcançariam vitoria naquella jornada contra os Portuguezes; e assim as estimavam, e tinham em tão grande veneração, que nunca

as

as quizeram tirar, e desenrolar, senão este dia, (que haviam que havia de ser o ultimo de seus trabalhos,) e que sem dúvida daquella feita por sua virtude ganhariam aquella fortaleza.

Arvoradas as bandeiras, remettêram os Turcos com as paredes, que os nossos defendiam, a que se tinham já recolhido, (onde ainda durava o fogo, de que se teve sempre grande cuidado,) lançando sobre os nossos huma grande somma de artificios de fogo, e outros infinitos tiros de arremeço, zarganchos, lanças, pedras, e outras cousas, com que feríram, e abrazáram alguns, que assim ardendo não faziam mais, que chegar ás tinas da agua a se refrescar, e tornar a seu lugar, onde logo eram outra vez tostados, e assados, ficando alguns taes, que se não conheciam. Os Mouros, que estavam debaixo, que não cabiam no baluarte, despediam pera dentro da fortaleza tantas nuvens de fréchas, que era cousa espantosa de ver, porque todas as lanças dos nossos estavam empenadas, e alguns com as mãos encravadas nellas, e outros pelos rostos, cabeças, braços, e em todas as mais partes de seus corpos. E certo, que foi aquelle hum espectaculo piedosissimo de ver, porque huns cahiam pedindo confissão; outros abrazados corriam ás tinas da agua; outros bradavam,

que

que lhes desencravassem as mãos; outros, que lhes tirassem as fréchas do rosto, e cabeças, porque lhes faziam impedimento pera a briga; outros gritavam por panelas de polvora, por lanças de fogo, e por outras cousas semelhantes; e com tudo isto faziam todos tamanhas maravilhas, quaes se não podiam esperar de muitos homens sãos, quanto mais de tão poucos, e tão cruelmente feridos.

Aqui esteve a cousa tanto em balanço, que todos os que de fóra a viam, houveram tudo por acabado. O Capitão sobre quem carregava tudo, governava todas as cousas sem perturbação, e com grande animo, não se affastando do pé da escada, donde despedia pera sima toda a gente que podia, tendo mui grande conta com as munições, que não faltassem, no que andavam occupadas aquellas honradas Matronas, com que he razão que continuemos em todo o tempo, pelo muito que aqui merecêram. Isabel da Veiga, e Anna Fernandes, cujos annos, e idades eram já mais pera repouso, que pera aquelles trabalhos, subi las ambas ao baluarte, mettidas no meio dos que pelejavam, alevantando as vozes esforçavam a todos.

Aqui Anna Fernandes com hum fervor christianissimo, arrancou de hum devoto Cru-

Crucifixo, e arvorando-o no ar, disse: *Ah filhos, que aqui tendes quem vos ha de dar a vitoria: ponde os olhos neste Senhor, que delle vos ha de vir todo o soccorro: pelejai, Cavalleiros de Christo, esforçados Capitães, e soldados seus, com muita confiança contra vossos, e seus inimigos, que aqui tendes comvosco aquelle, que defende, e guarda todas as Cidades, e lugares daquelles, que pelejam por sua Fé Sagrada, e Catholica.* Isabel da Veiga tambem pela sua parte fazia outro tanto, tão seguras ambas, e constantes, que nada lhes dava dos pelouros, e das fréchas, que lhes hiam zonindo pelas orelhas. E se algum dos nossos cahia ferido, ou morto, chamavam pelas companheiras, que acudiam logo, e os tiravam dalli por não estorvarem aos vivos. Os nossos, que estavam accezos na peleja, vendo a figura de Christo arvorada, e ouvindo as palavras daquellas animosas Matronas, de repente se lhes accendeo hum novo furor em seus animos, e corações, com que começáram a fazer cousas não esperadas de homens, que tanto tinham soffrido, e que estavam tão escalavrados, porque antre todos não havia já hum são.

Antonio da Silveira, posto que não tinha como elles os trabalhos dos braços, tinha os do animo, e do vigilantissimo cuida-

dado, porque o tinha repartido por muitas partes, provendo todas de tal feição, que nunca faltou cousa que se pedisse, e de que se tivesse necessidade. Neste exercicio andavam as mulheres, e alguns homens muito velhos, a quem particularmente era dado o cuidado de recolher os feridos, e de os mandar curar, provendo o Capitão logo aquelles lugares de outros sãos, se os havia; e antre estes feridos, que se tiravam, (e muitos quasi por força,) se foram tambem sahindo alguns de pequenas feridas, que foram vistos de Anna Fernandes, que com grande colera, e paixão os tomou pelos braços, e os tornou a seu lugar, dizendo-lhes que pelejassem, que as feridas não eram de perigo; e assim como aos que faziam maravilhas louvava, e engrandecia com palavras de amor, chamando-lhes filhos, e Cavalleiros de Christo, assim aos que sentia fracos, e medrosos os affrontava, e reprehendia, de maneira, que huns por honra, e outros por vergonha, e medo desta honrada velha, pelejavam até morrerem sem mudarem o pé de hum lugar; mas destes houve poucos, porque todos fizeram tão heroicas proezas, que não ha cópia de palavras com que se possam particularizar. E assim acontecêram em todo este cerco casos mui raros, e nunca ouvidos, como hum nesta mesma briga.

Es-

Eſtando hum ſoldado noſſo pelejando com ſua eſpingarda com grande fervor, tendo mortos muitos Mouros, e deſpendida toda quanta munição tinha bem á ſua vontade, e tendo lançado huma carga de polvora na eſpingarda, foi á bolça buſcar pelouro, e não no achando, como eſtava accezo naquelle furor, magoado de ſe lhe acabarem os pelouros, e não ter com que deſparar aquella carga nos inimigos, levou a mão com grande colera á boca, e pegou de hum dente, (que devia de lhe bolir,) e com tanta força puxou por elle, que o arrancou, e metteo na eſpingarda por pelouro, com que atirou aos inimigos. Caſo he eſte por certo pera ſe engrandecer, e louvar com melhor, e mais alto eſtilo que eſte noſſo, em que nos pareceo melhor (pois o tempo deixou tão valoroſo ſoldado com outros taes em eſquecimento) contar o caſo aſſim como paſſou, porque elle por ſi ſe realça, e engrandece.

Rodrigo de Proença, que neſte dia fez couſas bem dignas de ſe celebrarem, vendo o aperto em que eſtava, ſe poz diante de todos, fazendo bem o officio de ſoldado, porque o eſtado em que via aquelle negocio o fez eſquecer da obrigação de Capitão, porque entendeo que alli convinha mais pelejar, que mandar; mas a fortuna invejoſa do ſeu esforço, ordenou, que em alevan-

vantando a vizeira de hum elmo, que tinha pera resfolegar hum pouco, endireitasse huma frécha por alli dentro, que o tomou por hum olho, e outra logo pela boca, de que cahio mortal. Aqui acudio a boa Anna Fernandes, e o mandou tirar com muita pressa pera lhe darem remedio, que lhe não aproveitou, porque logo morreo. No mesmo instante deram outra fréchada a Antonio Mendes de Vasconcellos, que o tomou pela garganta, de que tambem logo cahio morto. Aqui declinou a batalha contra os nossos, porque estes homens, e outros, que já alli estavam estirados, eram os que sustentavam o pezo della.

Neste perigoso transe chegou João Rodrigues, (de quem já fallámos no Cap. XI. do quarto Livro, que travou do bicheiro dos inimigos,) que trazia aos hombros huma jarra de polvora de espingarda, que levava perto de huma arroba, e como era homem mui grande, e forçoso, foi passando por todos os que pelejavam, dizendo-lhes, que lhes dessem caminho, porque alli levava o com que aquelle negocio se havia de concluir. E passando adiante de todos, chegou ao lugar dos inimigos, e levantando a jarra com as mãos, deo com ella antre elles, recolhendo-se pera dentro. A jarra em dando no chão, fez-se logo em pedaços, e

to-

tomando o fogo de muitos morrões, que levava accezos, levantou aquellas labaredas ardentissimas, em cujo meio ficáram logo vinte Mouros abrazados, e mais de cento foram voando por esses ares; e as quatro diabolicas bandeiras foram desfeitas em cinza. A isto deram os nossos huma grande grita, e os inimigos se foram retrahindo, com o que cobrando os nossos novo animo, (quando já estavam mais desconfiados,) deram sobre os Mouros, que hiam já em desbarato, e os deitáram do baluarte abaixo, e sobre elles lançáram muitas panelas de polvora, que se foram desfazer antre os que estavam apinhoados ao pé do baluarte, em que fizeram grandes incendios, e destruição. As mais destas panelas foram lançadas por João Rodrigues, que era homem muito bracciro, e foi hum dos que neste cerco merecêram mais; e daqui lhe ficou o appellido de João Rodrigues Panelas de polvora, pelo que foi muito conhecido. Viveo depois muitos annos, casado em Goa, e ElRey lhe deo por este serviço os cargos de Guarda dos Contos de Goa, e Thesoureiro dos restes, pera elle, e pera seu filho Martim Rodrigues Panelas de polvora, que nesta era de noventa e seis, em que isto escrevemos, vive, homem honrado, que imita á verdade, e bondade de seu pai. Neste tempo, em que

se

ſe começava a declarar a vitoria pelos noſſos, quiz Deos que do baluarte do mar, e do de S. Thomé acertaſſem alguns tiros no meio daquelle cardume de inimigos, em que fizeram tamanha deſtruição, que de todo ſe houveram por desbaratados.

A terceira batalha, de que era Capitão Baxá Mamede, vendo o deſtroço que era feito na gente da companhia de Beran Baxá, foi-lhe neceſſario ſoccorrer-lhe, e commetter os noſſos, o que fizeram com menos confiança, pelo grande eſtrago, que víra fazer em tantos dos ſeus. E ſubindo ao baluarte, já os noſſos os não quizeram eſperar detrás das paredes; porque vendo a mercê que Deos lhes tinha feito, e fazia, ſahíram das paredes, e dando nos Mouros como leões bravos, ferindo, e matando nelles bem á ſua vontade, os lançáram fóra com pouco goſto delles. Na dianteira dos Mouros pelejava Caracen, (que já démos a conhecer no Cap. IX. do Liv. I. que era caſado com a filha de Coge Çofar, que foi mulher do Tigre do Mundo,) que como homem animoſo, e esforçado, ſe quiz aſſinalar, e avantajar de todos, indo acompanhado de alguns Janizaros que eſcolheo. E remettendo com os noſſos, achou logo o deſengano daquella confiança, porque a poucos golpes cahio aſſim de feridas, como de abra-

za-

zado em fogo , e em eſtado , que o recolhêram os ſeus. Depois viveo eſte Mouro até o anno de oitenta e tres , com grandes ſinaes deſte fogo nas mãos , pernas , e roſto , couſa de que elle ſe muito jactava , converſando os Portuguezes , de que depois foi muito amigo. A falta deſte homem , e o verem-no levar daquella maneira , fez grande temor , e poz em grandes deſconfianças aos que eſtavam ás mãos com os noſſos , pelo que ſe começáram a retirar com grande preſſa : o que viſto pelos noſſos , começáram a appellidar *Vitoria , vitoria* , tocando-ſe logo todos os inſtrumentos , aſſim pera animarem a todos os da fortaleza , como pera deſcoraçoarem mais os inimigos. Durou eſte combate quatro horas , ficando já os noſſos deſalivados ; porém não com tão pequeno damno , que não morreſſem quatorze , ficando mais de duzentos feridos , e queimados. Dos inimigos paſſáram os mortos de quinhentos , e de vantagem de mil os feridos.

CAPITULO III.

De como o Baxá mandou recolher os seus, e se embarcáram: e dos apercebimentos que Antonio da Silveira fez pera se defender, cuidando ser ardil, como da outra vez: e de como Francisco de Siqueira o Malavar tornou com recado de Antonio da Silva: e da desastrada morte de Antonio da Veiga.

LEvadas as novas ao Baxá daquelle successo, ficou como sem sizo, e fóra de si; e vendo quanto lhe tinha custado aquella jornada, e que cada vez lhe succedia peior, e que cada dia podia arrebentar alli a Armada do Viso-Rey, e que já não tinha poder pera a esperar, por ser a mór parte de sua gente morta naquella guerra, e consumidas todas as munições, e sobre tudo sentir já huma alteração, e mudança em Coge Çofar, com quem havia pouco tivera humas razões ruins, e palavras, o dia que chegáram á fortaleza as novas, que o Viso-Rey ficava pera partir, dizendo-lhe, que era falso, e que o enganára, porque lhe tinha elle affirmado, que o Viso-Rey não se havia de abalar de Goa, nem o havia de ir buscar: e como Coge Çofar era mui recatado, e via o ruim successo, que as cousas do Baxá

xá hiam tendo, conhecendo a sua maldade, e falsidade, receando-se que o quizesse levar ao Turco, pera descarregar sobre elle as culpas do pouco, que fizera no cerco, andava já retirado, e apartado sem ir á sua galé. Via mais o Baxá, que os naturaes andavam alterados, e não acudiam com os mantimentos como costumavam, o que era verdade; porque ou de escandalizados pelas avexações, e affrontas, que os Turcos lhes tinham feitas, ou induzidos de Coge Çofar, eram todos ausentes. Isto tudo entendido do Baxá, logo o mesmo dia, primeiro que anoitecesse, mandou a seus Capitães que se recolhessem, e que tivessem tento em si, porque a gente não os acabasse de desbaratar, e lhes tomasse a artilheria, o que elles logo começáram a fazer no que restava do dia, passando logo á outra banda toda a artilheria que pudéram, e algumas peças muito grandes deixáram entregues a Coge Çofar, pera dar conta dellas todas as vezes que lhas pedissem.

Disto foi logo Antonio da Silveira avisado; e receando que pudesse aquillo ser algum ardil, ou invenção, como da outra vez, toda aquella noite não quietou, nem repousou, mandando fazer prestes de novo as cousas, que havia pera se defenderem, se o tornassem a commetter; mas não achou nos al-

ma-

mazens polvora alguma , por ser toda gaſtada , nem havia já em toda a fortaleza mais de quarenta homens , que ſe pudeſſem repartir pelos baluartes.

Pelo que , vendo tamanha pobreza , ſoccorreo-ſe a Deos , e mandou tirar a polvora , que eſtava já carregada em quatro bombardas groſſas , de que ſe enchêram quarenta panellas de polvora , que ſe repartíram pelas eſtancias , que mandou guarnecer de muitas pedras , que arrancáram aquellas Matronas honradas. Eſtas vendo o perigo em que a fortaleza eſtava , e a pouca gente que havia pera ſua defensão , acudíram todas com hum animo , e valor ſobrenatural , repartindo-ſe pelos baluartes , pera ſupprirem a falta dos homens , armando-ſe algumas dellas em armilhas , e coſſoletes , com lanças , e alabardas nas mãos , muito alegres , e contentes , determinadas a morrerem na defensão daquella fortaleza , veſtindo-ſe todas pera iſſo dos mais ricos , e galantes trajos que tinham. O meſmo fizeram todos os homens , pondo-ſe de plumas , e louçainhas , e os que as não tinham , as pediam a outros , querendo neſte dia (que havia de ſer o derradeiro) moſtrar o goſto que tinham de morrerem pela Fé de Chriſto. Os feridos , que eſtavam em ſuas camas , ſabendo o que por fóra hia , e do apparelho que todos faziam ,

os mais ſe mandáram levar por ſeus eſcravos aos baluartes, porque aquelles lugares haviam por mais ſeguros. Antonio da Silveira muito contente, e alegre com eſte pobre apparato, que tinha feito pera eſperar os inimigos, gaſtou toda a noite em viſitar as eſtancias, animando, e esforçando a todos, e dando alguns rebates falſos, em que ſempre os achou em ſeus lugares mui apparelhados, e apercebidos pera reſiſtirem aos inimigos.

Eſta noite, que foi a derradeira do mez de Outubro, por huma parte parecia a mais medonha, que ſe podia imaginar, e por outra em certo modo muito cheia de alegria, pela muita que todos tinham na determinação com que eſtavam; e acabou de os alegrar Franciſco de Siqueira o Malavar, que na entrada do quarto d'alva entrou pela barra dentro, porque depois que ſe fez á véla com as cartas de Antonio da Silveira, (como atrás diſſemos no Cap. XII. do IV. Liv.) foi tomar Antonio da Silva na coſta de Baçaim pera atraveſſar a Dio, e dando-lhe as cartas, o deſpedio logo, mettendo-lhe dentro vinte homens, e o mandou com outra carta a Antonio da Silveira, em que lhe dizia, como hia já atraveſſando; dando-lhe por regimento, que o eſperaſſe á viſta da Armada dos Turcos, pera o avi-

ſar

ſar do modo em que eſtava. O Siqueira voltou tão depreſſa, que ao ſegundo dia entrou por aquella barra, e mettido pela couraça, deo a carta ao Capitão, e lhe affirmou, que ao outro dia ſería Antonio da Silva naquella fortaleza, o que poz grande alvoroço em todos; e mettendo-lhe a gente dentro, tornou logo a voltar, antes que amanheceſſe, e affaſtado das galés ſe deixou eſtar, donde lhes enxergava os penões, eſperando por Antonio da Silva. Vindo a manhã, que foi do dia de Todos os Santos, o mais alegre, e formoſo pera todos, que nunca víram; porque já não ouviam eſtrondos de bombardas, nem viam labaredas de polvora, nem eſcadas arvoradas pelo muro, nem aquelle terror, e eſpanto, que tantos dias havia que viam, e ouviam. Nem viam já os inimigos, porque eram embarcados, e as galés eſtarem recolhendo a artilheria com muita preſſa, e ferverem os Turcos na embarcação. Tudo iſto viam os noſſos com os olhos, e não o criam de alvoroço.

Coge Çofar, tanto que os Rumes ſe embarcáram, recolheo-ſe com a ſua gente pera os primeiros alojamentos, em que ſe deixou ficar aquelle dia, em quanto ſe recolhia a artilheria, que lhe ficava entregue, que com muita preſſa fez paſſar da outra banda. O dia paſſou-ſe todo em verem reco-

lher os inimigos ; e tanto que anoiteceo , desejou Antonio da Silveira mandar fóra alguma gente pera derribarem os bastiães , e trincheiras de junto da cava , e pera darem hum toque nas estancias de Coge Çofar , porque entendia quão medroso havia de estar , só pera o quebrantar. Esta sahida lhe pedio muito de mercê Antonio da Veiga , Feitor da fortaleza , que em todos os rebates , e perigos deste cerco foi sempre dos primeiros , e deo de comer á sua custa a muitos homens. O Capitão lha concedeo , dando-lhe vinte e sinco soldados , dos que haviam sãos , em que entravam os que levou o Siqueira. E fazendo-se prestes no quarto d'alva , se lançou na cava , e em muito silencio foi demandar as estancias dos inimigos ; e commettendo-as por huma parte com grande determinação , as entráram , fazendo nos inimigos hum grande estrago , porque os tomou bem descuidados. O arraial foi todo posto em revolta , porque cuidáram que era o poder maior , pondo-se todos em desbarato. Antonio da Veiga , depois que fez aquelle negocio muito á sua vontade , e sem lhe custar cousa alguma , foi-se recolhendo pera a boca da cava , onde achou muitos servidores , que o Capitão pera aquillo deitou fóra , e dando nas estancias de sobre a cava , em breve tempo as desmanchou , e poz por terra.

Em

Em quanto ſe iſto fazia, hum dos ſeus ſoldados tomou o caminho da cava pera a banda do mar, e ſubindo aſſima, foi demandar hum baſtião, que os Turcos tinham naquella parte, que achou deſpejado, com ſua bandeira ainda arvorada, que com a preſſa deixáram alli os Mouros; e achou mais hum formoſiſſimo leão de metal poſto em ſeu repairo; e tomando a bandeira, tornou-ſe pera Antonio da Veiga, a quem deo conta de tudo o que vio; e como já tinha feito tudo ao que fora, recolheo-ſe pera a fortaleza, e deo conta ao Capitão do que deixava feito, e da bombarda, que o ſoldado achára no baſtião, pedindo-lhe licença pera a ir recolher. O Capitão ſe eſcuſou, com lhe dizer, que pois os Turcos alli a deixáram, devia de ſer arrebentada, e que ella alli eſtava ſempre, e que a todo tempo ſe recolheria; que ſe era pera moſtrar valor, e esforço, aſſás tinha já dado de ſi baſtantes provas; que não houveſſe por honra ir ganhar o que não era defendido de alguem. Antonio da Veiga não ſatisfeito daquellas razões, o tornou a importunar de feição, que lhe concedeo a jornada.

Depois de todos jantarem com grande regozijo, eſcolheo Antonio da Veiga vinte companheiros, e veſtindo-ſe muito galante de plumas, e medalha, ſahio pela cava, e foi

foi demandar o lugar, em que o leão eſtava, e chegando a elle, vio que era arrebentado; e ſem embargo diſſo determinou de o recolher, fazendo-o arraſtar pelos ſervidores até á borda da cava, pera dar com elle em baixo. Mas como não ha fugir á morte, e ella o eſperava naquelle lugar, pera onde ſe elle fez tão gentil-homem, quiz Deos (que he o que tudo move) que chegaſſe áquelle tempo hum Mouro a hum alto, que eſtava dalli a mais de trezentos paſſos, pera ver o que os noſſos faziam; e vendo-os eſtar no trabalho do leão, deſparou huma eſpingardada a montão, ſem lhe parecer que podia lá chegar, e endireitando o pelouro com Antonio da Veiga, que eſtava no meio de todos os ſeus ſoldados, e ſendo mais pequeno de corpo, que todos elles, e tomando-o pela cabeça, o derribou logo morto. Os ſeus ſoldados vendo tamanho deſaſtre, o tomáram em os braços, e o recolhéram pera a fortaleza, onde foi enterrado honradamente com grande mágoa, e dor de todos. Eſte caſo ſentio muito o Capitão, aſſim pela perda daquelle homem, como porque foi áquelle negocio contra ſua vontade, e goſto. Deſtes caſos acontecêram alguns na fortaleza pelo decurſo do cerco, que ſe notáram bem. Hum ſoldado mancebo muito luſtroſo, e gentil-homem, eſtando hum dia de

hum

hum aſſalto naquelle baluarte do fogo, pelejando muito bem, acaſo ſe ſahio dalli, e ſe foi pera o pé da eſcada, onde eſtava o Capitão, (devia de ſer a lhe levar algum aviſo,) e eſtando bem ao pé do baluarte, foi hum pelouro perdido apôs elle, e lá em baixo lhe deo pela cabeça, de que logo cahio morto, eſcapando elle, em quanto eſteve em ſima, no meio daquellas eſpeſſas nuvens de pelouros, e fréchas, que ſobre o baluarte cahiam; e tornando aos Turcos, foram recolhendo ſuas couſas, e provendo-ſe de agua, e mantimentos. E aqui os deixaremos por continuarmos com Antonio da Silva.

CAPITULO IV.

De como Antonio da Silva chegou á viſta da Armada do Turco: e de como o Baxá cuidando ſer a Armada do Viſo-Rey, lhe foi fugindo: e de como a noſſa Armada entrou em Dio: e do que aconteceo ao Baxá na jornada.

TAnto que Antonio da Silva deſpedio o Siqueira Malavar, (como diſſemos no Cap. III. do Liv. V.,) foi logo atraveſſando o Golfo, e aos ſinco dias do mez de Novembro houve viſta da terra, e juntamente do Siqueira, que eſtava á viſta das galés, e delle ſoube o eſtado da fortaleza, e de co-

como o Baxá eſtava recolhido, e com a Armada affaſtada pera de todo ſe ir; e por ſer iſto ſobre a tarde, foi-ſe detendo pera de noite commetter a barra. Alguns navios da ſua companhia, que ſe adiantáram, foram haver viſta da Armada, e tomando as vélas, tornáram-ſe ao Capitão mór, o que não quizeram fazer D. Martinho de Souſa, e Dom Luiz de Taíde, que hiam com elles, antes deſviando-ſe da Armada, tomando o remo em punho, foram demandar a barra de Dio, por onde entráram á boca da noite. E ſurgindo á couraça, deram rebate aos da vigia, que logo deram recado ao Capitão, que acudio, e os recolheo por ella, fazendo-lhes grandes feſtas. Delles ſoube como Antonio da Silva ficava á viſta dos inimigos, com o que todos os da fortaleza parecia que reſuſcitáram, e aſſim paſſáram toda aquella noite em feſtas, folías, e outros paſſatempos de alegria, ſem quererem repouſar. Antonio da Silva deixou-ſe eſtar ſobre o remo, e tanto que o Sol ſe poz, ſe foi chegando á viſta da Armada, de que logo foi viſto. E como o dia ſe hia eſcurecendo, não diviſáram os Turcos mais que huma quantidade de navios, ſem ſe determinarem em o número, nem no porte. Antonio da Silva, tanto que de todo eſcureceo, mandou deſparar toda a artilheria da Armada muitas vezes, aſſim pe-

pera animar aos da fortaleza, como pera metter terror, e eſpanto nos Turcos. Depois de os noſſos darem ſuas ſalvas, ficáram ſobre o remo, mandando fazer toda a noite muitos fuzís, e accender pela Armada muitos faroes. E como a noite era eſcura, parecia que o mar ſe desfazia em fogo; e ainda pera mór eſpanto, ſuccedeo na meſma conjunção hum Eclipſe da Lua, que fez parecer aquellas carrancas mais medonhas. E como o Baxá de ſeu natural era fraco, e medroſo, ouvindo aquelle terror da artilheria, vendo a multidão dos fuzís, e ſobre tudo o Eclipſe, que tomou, e notou por muito ruim agouro, tendo por certo, que aquella sería a Armada do Viſo-Rey, fez ſinal a toda a Armada, que ſe levaſſe; o que fez com tanta preſſa, que deixáram em terra todos os doentes, e feridos, que ſeriam perto de quatrocentos, de que vivêram muitos, que ficáram a ſoldo d'ElRey de Cambaya, que tanto que ſoube aquella deshumanidade do Baxá, os mandou buſcar a todos, e os curou com muito grande cuidado.

E porque não fique hum louvor, que hum deſtes diſſe dos Portuguezes, o contaremos, por ſer dito de boca eſtranha, e de inimigo, o que contava muitas vezes Caracen. Eſtando ElRey de Cambaya hum dia praticando com eſtes Turcos, e perguntando-

do-lhes pelos ſucceſſos da guerra, e ſe os Portuguezes eram tão esforçados como ſe dizia, reſpondeo hum delles: *Sabei, Senhor, que elles ſó são dignos de trazerem barbas no roſto.*

E tornando ao Baxá, affaſtado da terra, deo á véla, tirando cada galé tres bombardadas, e com o terrenho foram paſſando a ponta de Dio, e coſteando a coſta da outra banda. E parece que aquellas ſalvas, que o Baxá mandou dar com a artilheria, devia de ſer por entreter o Viſo-Rey, que cuidava que eſtava alli, pera com iſſo lhe moſtrar o alvoroço com que o eſperava, pera ter tempo de ſe fazer á véla, e foi ſeguindo ſua derrota, com que logo continuaremos.

Antonio da Silva deixou-ſe eſtar até o quarto d'alva, mandando vigiar as galés pelo Siqueira Malavar, que as vio fazer á véla. Coge Çofar tanto que ouvio as bombardadas no mar, e vio os fogos, folías, e feſtas, que ſe faziam por toda a fortaleza, parecendo-lhe que era a Armada do Viſo-Rey chegada, logo deo fogo a todo o arraial, e paſſou-ſe á outra banda com muita preſſa. Antonio da Silva, tanto que começou a eſclarecer a manhã, tomando o remo, entrou em Dio com toda a ſua Armada formoſamente embandeirada, ſalvando a

for-

fortaleza com toda a artilheria, e com muitos inſtrumentos, aſſim de guerra, como de paz, e alegria. Antonio da Silveira mandou embandeirar os baluartes, e deſparar algumas peças de artilheria; e para receber Antonio da Silva com maior apparato, mandou abrir a porta da fortaleza, que eſtava tapada de pedra, e cal, e nella o eſperou com todos os que haviam sãos.

Antonio da Silva pojou no cais com toda a ſua Armada, e logo deſembarcou com os Capitães, Fidalgos, e toda a mais gente da Armada, poſtos em armas, mui galantes, e cuſtoſos. No cais o eſperou o Capitão, onde ſe abraçáram todos com grandes moſtras de alegria, levando o Capitão Antonio da Silva, e aos mais dos Fidalgos pera ſua caſa, e aos outros mandou apoſentar pela fortaleza. Aquelle proprio dia eſcrevêram ambos os Capitães ao Viſo-Rey tudo o que paſſava, deſpedindo logo o Siqueira Malavar, como teſtemunha de viſta, pera o informar do que víra.

Partido o Siqueira, ao outro dia foram os Capitães ver as eſtancias dos inimigos, mandando recolher logo dentro toda a pedra, madeira, e cal, que acháram, e aos moradores da Cidade mandáram recado, que ſe não boliſſem, e eſtiveſſem ſeguros em ſuas caſas, porque nenhum mal receberiam. Ficá-

cáram estes Capitães ambos correndo em amizade alguns dias, mas logo se perturbáram, começando a ter differenças sobre pontos bem pouco substanciaes; porque Antonio da Silva dizia, que os Turcos tanto que víram a sua Armada, logo se embarcáram, e se foram fugindo. Antonio da Silveira, que não havia tal, porque havia sinco dias que estavam embarcados pera se irem, desbaratados de suas mãos, o que atissavam homens amigos de desavenças.

E deixando estas cousas, que não paráram mais que em arrufos, primeiro que tratemos da jornada do Viso-Rey, nos pareceo bem darmos razão da do Baxá, que hia seguindo sua derrota. Depois de costear a costa de Pór, e Mangalor, atravessou da ponta de Jaquete, e aos vinte e sete do mez de Novembro foi tomar Acer, hum lugar d'El-Rey de Dofar na costa de Arabia em dezeseis gráos e meio do Norte, pouco mais de cem leguas antes de Adem. He este lugar secco, e esteril; são os moradores daqui Ethiophagis, e mantem-se de peixe secco ao Sol. O Rey de Dofar, tanto que soube estar alli a Armada surta, mandou prender quarenta Portuguezes, que alli estavam fazendo suas mercadorias, e os mandou de presente ao Baxá, com outros refrescos da terra, por se sanear com elle, ao menos por-

porque lhe não fizesse mal. O Baxá os estimou muito, e os mandou afferrolhar pelas galés. Aqui se deteve tres dias, em que lançou fama, que deixava a India tomada, e os Portuguezes todos mortos; e depois de tomar agua, e lenha, se fez á véla, e aos dezeseis de Dezembro foi surgir no porto de Adem, onde se deixou estar de vagar, provendo em muitas cousas, pondo alli por Baxá a Mir Mostafá, torto de hum olho, com quinhentos Turcos, guarnecendo a fortaleza de cem peças de artilheria, e de muitas munições, e mantimentos.

Aqui mandou o Baxá cortar a cabeça a Cafarcan, porque não dissesse ao Grão Turco suas covardias, e velhacarias. E quem ler esta jornada no roteiro daquelle Italiano, que já dissemos no Cap. VII. do Liv. II., (que anda impresso, e junto ás varias viagens, que recopilou Misser Baptista Ramusio) achará que diz, que mandára neste porto de Adem o Baxá chamar hum Turco, que já fora Christão, arrenegado, homem de grande conta, e Patrão de huma galé, e lhe mandára cortar a cabeça, do que se murmurára em toda a Armada, por se recear de elle o mexiricar com o Grão Turco. E diz mais, que este arrenegado estivera já a soldo d'ElRey de Adem, e depois se achára em Dio no tempo, em que ElRey de Cambaya

baya foi morto pelos Portuguezes; e que a Rainha mulher do Rey morto persuadida delle, se embarcára pera Meca com grande quantidade de ouro, e que por força a levára ao Cairo, e dalli a Constantinopla, e que o Turco pelo ver prático nas cousas de Dio, o mandára por Patrão de huma galé nesta jornada pera conselheiro do Baxá. E como o Veneziano, que fez aquelle roteiro, lhe não hia cousa alguma em averiguar aquellas cousas, não fazia mais, que escrever o seu roteiro, dia por dia, e as cousas que via, e ouvia. E pelo que temos contado da jornada de Cafarcan, e da Rainha, e de como o Turco o tornou a mandar com o Baxá, fica bem claro ser elle o que mandou aqui matar.

Oito dias esteve a Armada em Adem, e deixando alli cinco fustas pera serviço da fortaleza, deo o Baxá á véla, e embocando as portas do Estreito, foi correndo a terra firme; e entrando por antre ella, e a Ilha de Camarão, surgio da outra banda della, em hum lugar chamado Cubit Sarif. Aqui mandou o Baxá desembarcar algumas peças de artilheria de campo, e dous mil homens, e foi em pessoa contra Coja Amede, Rey de Zebit, porque da outra vez não fora a seu chamado. E sendo a meio caminho, tendo aviso os de Zebit de sua ida, desampará-

ram

ram o ſeu Rey, e a ſua Cidade, e os mais delles ſe paſsáram ao Baxá. ElRey vendo-ſe deſamparado dos ſeus, tomou por melhor remedio (que lhe foi bem ruim) ir-ſe apreſentar ao Baxá, cuidando que achaſſe nelle o que não tinha, que era alguma piedade. E aſſim o foi eſperar ao caminho, com huma touca atada ao peſcoço, em ſinal de culpado, e eſcravo, e lançado a ſeus pés lhe pedio perdão, e miſericordia; mas como elle não tinha alguma, lhe mandou logo alli cortar a cabeça. E chegando a Zebit, achou a Cidade deſpejada, e mandou logo pregoar pelas aldeias, ſeguro geral a todos, e que foſſem receber ſoldo, que lho pagaria. A iſto acudíram duzentos Abexins, que eram da guarda do Rey morto; e chegados ao Baxá, logo alli os mandou fazer em pedaços pelos Janizaros. E deixando alli Moſtafá Naxar por Baxá, com quinhentos homens, ſe tornou pera a Armada. Chegado á praia de Cobit Sarif, mandou tirar nella todos os Chriſtãos Portuguezes, e da terra, que eram mais de cem peſſoas, e a todos mandou cortar as cabeças, narizes, e orelhas, o que tudo fez ſalgar, e mandou de preſente ao Grão Turco diante pelo Cacaya, porque cuidaſſem que deixava feitas grandes cruezas nos Portuguezes. Eſta Cidade de Zebit he arrezoada, e todos ſeus Termos á roda são

fer-

fertilissimos, e fresquissimos, de muitos, e bons jardins, e hortas, por causa das muitas fontes de agua excellentissima, que por alli ha. E em toda esta parte de Arabia Felix não ha cousa mais fresca, que esta Cidade, e a de Sanáa, trinta leguas ao sertão, de quem em outro lugar fallaremos, em que ha todas as frutas da Europa. O que mais passou a Armada do Turco não nos convem, e por isso a deixaremos.

CAPITULO V.

Do que fez o Viso-Rey, tanto que lhe deram novas da fugida dos Turcos: e de como Martim Affonso de Sousa se embarcou pera o Reyno: e do que succedeo na jornada a Nuno da Cunha, e faleceo no caminho: e de como ElRey o mandava levar das Ilhas prezo em ferros.

PArtido Francisco de Siqueira o Malavar pera Goa, que levava as novas ao Viso-Rey D. Garcia de Noronha, de como as galés eram recolhidas, em poucos dias chegou á barra de Goa, onde já o achou com toda a Armada prestes, esperando recado certo de Antonio da Silva. E indo demandar o galeão, em que o Viso-Rey estava, lhe deo as cartas que levava, e as novas do que passava na fortaleza de Dio; era isto

no

no quarto d'alva. O Viso-Rey com aquelle alvoroço mandou, que se désse rebate por toda a Armada, e logo da gavia do seu galeão se tocou hum clarão, que claramente dizia ponte de prata. E correndo logo as novas pela Armada, ficáram todos mui malenconizados, e tristes, porque desejavam de provar a mão com os Rumes, pera o que estavam tão alvoroçados, que se desfaziam, e não sabiam qual havia de ser a hora, em que o Viso-Rey os havia de ir buscar. E sabendo agora que eram idos, começou a haver grandes pragas, e murmurações por toda a Armada contra o Viso-Rey, porque os andava entretendo, e enganando, com lhes dizer cada dia que logo hia, e que elle os metteria em meio dos inimigos; e que se elle não viera do Reyno, que Nuno da Cunha os houvera de ir buscar, e que nenhuma galé houvera de tornar a Suez, com outras cousas, que a soltura dos soldados da India lhes fazia dizer. Mas o bom velho, qual outro Quinto Fabio Maximo, com suas dilações, e artes fez alevantar o inimigo.

Martim Affonso de Sousa se foi logo ao Viso-Rey, e lhe pedio licença pera ir com algumas galés, e navios de remo após os inimigos, que como hiam fugindo, estava certo irem desordenados, e que esperava em Deos ser de muito effeito, e fazer

nelles huma grande preza. O Viso-Rey lha não concedeo, dizendo-lhe, que era escusado, porque quando elle chegasse a Dio, já os Rumes haviam de ser na costa da Arabia, e que não faria mais que perder tempo. Vendo Martim Affonso de Sousa o que o Viso-Rey lhe negava, lhe pedio licença pera se ir pera o Reyno, que lhe elle logo deo, por ficar aquelle lugar de Capitão mór do mar vasio, pera o dar a seu filho D. Alvaro; e despedido do Viso-Rey, se embarcou pera Cochim em alguns navios ligeiros, e chegou em poucos dias, achando as náos de viagem de verga d'alto, e se embarcou em huma dellas em companhia de Nuno da Cunha, com quem continuaremos agora.

Partido de Cochim, foi seguindo sua derrota com bom tempo, e depois de ter dobrado o Cabo de Boa Esperança, adoeceo de humas febres, e camaras, de que veio a falecer. Foi sua morte muito sentida de todos; e abrindo-se seu testamento pera verem o que mandava fazer de si, achou-se nelle huma verba, em que mandava, que morrendo no mar, fosse seu corpo lançado a elle com algumas camaras de falcão, que mandava se pagassem a ElRey, porque pela hora em que estava, que de nenhuma outra cousa lhe era em encargo, nem satisfação, em todo o tempo que governou a India, dei-

deixando declarado por ſeu teſtamenteiro, no mar a João de Paiva ſeu Veador, que era Capitão da ſua náo, Cavalleiro honrado, e de grande ſua obrigação; e hum Vicente Paes (de que já fallámos no Cap. VIII. do I. Liv., que hia na meſma náo, e era pagem de Nuno da Cunha) nos diſſe, que ſe achára á cabeceira da ſua cama, quando faleceo, e que eſtando em paſſamento, fizera hum termo, que todos cuidáram ſer o derradeiro; e tornando a abrir os olhos, repetíra hum pouco entoado aquellas palavras do Romano: *Ingrata patria, oſſa mea non poſſidebis*, que tão eſcandalizado hia do ruim galardão, que lhe deram de dez annos de ſerviço de Governador da India, e de fazer nella tres fortalezas, Chalé, Baçaim, e Dio, e iſto ſem elle ainda ſaber; que tinha chegado a couſa a tanto, (e pela ventura, que foſſe a cauſa a inveja,) que o mandavam eſperar nas Ilhas Terceiras, com hum grilhão muito grande, pera com elle o deſembarcarem pera o Caſtello de Lisboa, e dalli o paſſarem pera a porta de Manſos em Santarem, que ElRey tinha mandado preparar pera elle, que aquelles eram os triunfos, com que eſperavam de o receber por tantas vitorias, quantas alcançou em todo o Oriente. E aſſim foi; porque chegando a ſua náo ás Ilhas Terceiras, achou alli Antonio Cor-

rea de Barem, que andava por Capitão mór de huma Armada, esperando por elle, e entrando na náo pera o prender, sabendo ser morto, lançou os grilhões, que pera elle levava, no seu João de Paiva, e a todos os mais criados tambem prendeo, e repartio pelas náos. E chegando a Portugal, foram desembarcados, e levados ao limoeiro de Lisboa, onde estiveram alguns mezes. A isto acudíram os filhos, e parentes de Nuno da Cunha, e foram fazer suas queixas a El-Rey, levando-lhe a mostrar o testamento, em que vio a clausula delle, em que declarava, que lhe pagassem as camaras de falcão com que o lançáram ao mar, porque de outra cousa lhe não era em obrigação. E como era Rey muito Christão, e temente a Deos, e que aquellas cousas tinha mandado fazer por algumas muito ruins informações, que alguns lhe deram delle, (e pela ventura por lhe tomarem o lugar,) mandou que se soltassem todos os seus. Este he o officio da inveja, fazer da virtude peccado, e fingir vicios, onde os não ha, buscando sempre o peior pera reprehender, e vituperar, escondendo o bem com huma dissimulação Farisaica, só por se fingirem melhores aos Reys, fundados em suas puras pertenções. E assim ficão estes sendo como Cratero, hum daquelles dous amigos de Alexandre, que

o

o não amava ſenão como a Rey, ſó pelas mercês que delle eſperava; mas o outro, que era Epheſtion, não o amava ſenão como Alexandre, porque he muito differente o amor da peſſoa ao do officio; e aſſim eſte lhe fallava verdades ſem intereſſe, como amigo, e não o liſongeava por Rey como Cratero. E pela ventura, que por faltarem Epheſtiões aos Reys, vem a faltar os galardões aos homens, como a eſte Governador, cujos feitos não luzíram em ſeus filhos, porque he muito antigo, pagarem-ſe grandes merecimentos com grandes ingratidões. Foi Nuno da Cunha caſado duas vezes: a primeira com a filha de Fernão Nunes da Silveira, ſenhor de Terena, que era neto de Diogo de Azambuja, de que houve huma filha, que foi Condeça de Portalegre: a ſegunda vez caſou com huma irmã do Conde de Sortelha D. Luiz da Silveira, Guarda mór d'El-Rey, e irmão deſte Antonio da Silveira, que era Capitão da fortaleza de Dio, quando houve eſte primeiro cerco, de quem houve todos os mais filhos legitimos que teve.

CAPITULO VI.

Das cousas, que neste tempo succedêram em Ceilão: e de como o Madune tornou a fazer guerra a seu irmão Rey da Cota: e da Armada que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha lhe mandou de soccorro, e elle partio pera Dio.

HE necessario pera infiarmos bem a historia, tocarmos hum pouco Ceilão de passagem. Andava o Madune traçando em sua fantasia novos modos pera destruir o irmão de todo, o que quiz fazer por guerra pera o acabar de consumir. E assim, tanto que Martim Affonso de Sousa se foi daquella Ilha, tornou a solicitar o Çamorim pera outra Armada, que lhe elle negociou, encarregando outra vez aquella jornada a Pachi Marcá. ElRey da Cota foi logo avisado daquelles apercebimentos, e despedio logo recado ao Governador Nuno da Cunha, pedindo-lhe o ajudasse, e favorecesse, pois era vassallo d'ElRey de Portugal, porque estava muito arriscado a perder aquelle Reyno. Este recado deram ao Governador Nuno da Cunha em Junho passado, pelo que logo despedio Patamares (que são correios) por terra a S. Thomé, aonde vivia Miguel Ferreira, Cavalleiro muito honrado, e que

sa-

ſabía das couſas de Ceilão melhor, que todos os que então havia na India; pedindolhe por cartas, que ajuntaſſe toda a gente, e navios que pudeſſe, e que foſſe ſoccorrer aquelle Rey, por ficar de lá mais á mão; e que todas as deſpezas que fizeſſe, elle as pagaria muito bem. E que quando lá não houveſſe gente, e navios pera aquella jornada, que tanto que o verão entraſſe, ſe foſſe pera Goa, que elle o aviaria.

Eſtas cartas foram dadas a Miguel Ferreira, que armando alguns navios, tanto que o verão entrou, partio pera Goa, porque em S. Thomé não havia cabedal pera aquella jornada. E dando-ſe preſſa, chegou á Cidade de Goa o dia que o Viſo-Rey teve as novas da fugida das galés; porque poſto que hia com tenção de em Cochim fazer mais navios, e gente, em chegando áquella Cidade, que achou novas da Armada do Turco eſtar ſobre Dio, lhe pareceo mais neceſſario acudir lá com aquelles navios que levava, que não ir a Ceilão, porque a todo tempo ſe podia fazer aquelle negocio.

O Viſo-Rey recebeo muito bem Miguel Ferreira, porque já delle tinha informação; e vendo que era neceſſario acudir a Dio, e que era forçado ſoccorrer tambem a Ceilão, e eſtava pera ſe partir ao outro dia, poz aquellas couſas em conſelho, e aſſentou-ſe, que

que era muito justo, e necessario soccorrer áquelle Rey, porque se não viesse a perder o commercio daquella Ilha; e que se dessem a Miguel Ferreira quatrocentos homens, e vasilhas pera elles. Concluido isto, porque Miguel Ferreira não podia partir pera Ceilão, senão em fim de Janeiro, o deixou em Goa negociando, passando-lhe todas as Provisões que lhe pedio.

Feito este negocio, se fez o Viso-Rey á véla com toda a Armada, que era de vinte e dous navios grossos, nove galés, dez galeotas latinas, e outros muitos navios de remo, a fóra sincoenta, que tinha mandado diante. Os Capitães que foram nesta jornada, são os seguintes.

O Viso-Rey no galeão S. Diniz, Dom Francisco de Lima no galeão S. João, Dom João Deça em S. Bartholomeu, Balthazar da Silva no Camorim pequeno, D. João Lobo em S. Bernardo, D. Jorge Tello em Sant-Iago, Pero de Taíde Inferno em S. Boaventura, Antonio de Lemos nos Reys Magos, Vasco da Cunha em outro galeão, Francisco Pereira de Berredo na náo Cisne, Gaspar Pereira em outra náo, Ruy Lourenço de Tavora na náo Santa Clara, Luiz Falcão na Garça, D. Garcia de Castro na náo Fieis de Deos, D. Christovão da Gama na náo Santo Antonio, D. Paio de Noronha

no

no galeão Bufara, D. Manoel de Menezes na náo S. Bartholomeu, Chriſtovão de Mello, Franciſco de Bairros, Manoel de Mello, Diogo de Souſa em caravellas, D. Alvaro filho do Viſo-Rey, João de Mendoça, D. João de Caſtro, Diogo Lopes de Souſa, Manoel de Souſa, Fernão de Lima, Pero de Lemos, D. João Manoel Alabaſtro, e João de Souſa em galés. Os Capitães das galeotas latinas eram Bernaldim de Souſa o Diabo, D. João Maſcarenhas, Franciſco Pereira, D. Triſtão de Soto-Maior, D. Franciſco de Menezes, Martim Correa da Silva, D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, (a que cá na India puzeram o ſobre alcunha de Alfenim, por ſer muito affidalgado, e muito brando,) Franciſco de Sá de Menezes o dos Ocolos, Fernão de Souſa de Tavora, e D. Antonio de Noronha o Catarraz. Os Capitães de fuſtas, e bargantis, Franciſco de Noronha, D. Diogo de Vaſconcellos, Alvaro de Mendoça, Triſtão de Taide, Martim Vaz Pacheco, Duarte Pereira, Fernão Rodrigues, Gaſpar de Souſa, Fernão de Caſtro, João Zuzarte Tição, Luiz Xira Lobo, D. Pedro de Menezes, Franciſco Freire, Jorge de Mello Soares, Jorge de Vaſconcellos, João de Sepulveda, Manoel Rodrigues Coutinho, Leonel de Lima, Franciſco de Ilher, Gaſpar

Vaz,

Vaz, Triſtão Fogaça, Gaſpar Rodrigues, Simão da Coſta, Baſtião de Faria, Miguel Vaz, Franciſco Alvares, Filippe Rodrigues, Jacome Triſtão, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, a que não achámos os nomes. Dada á véla com toda eſta Armada, foi correndo a coſta com terrenhos, e virações, e tanto avante como Dabul lhe deo huma tormenta muito grande, a que chamam a Vara de Choromandel, com que toda a Armada eſteve perdida, correndo os navios pequenos por onde melhor pudéram, acolhendo-ſe ás enceadas, e rios que pudéram alcançar. Os navios groſſos, por não poderem correr, foi-lhes forçado ſurgirem. D. Alvaro de Noronha na galé baſtarda, que era velha, abrio-ſe-lhe toda, e com muito trabalho foi demandar a barra de Dabul, e entrando por ella, achando os mares mui ſoberbos, encapelláram ſobre ella, e a encoſtáram ſobre a coroa de arêa do banco, onde encalhou, ficando D. Alvaro, e os mais pegados ás poſtiças; e ſempre ſe perdêram todos, ſe D. Chriſtovão da Gama, Capitão da náo Santo Antonio, que eſtava ſurto na boca da barra, lhe não mandára acudir com o ſeu batél, contra vontade dos Officiaes, e por força, que os trouxe todos pera a ſua náo. E ao meſmo tempo, indo João de Souſa Rates, Capitão da galé eſpinheiro, já

ala-

alagado de todo, em prepaſſando pelo meſmo D. Chriſtovão, vendo elle o perigo em que a galé hia, mandou-lhe com muita preſſa lançar alguns viradores groſſos, que permittio Deos que os da galé afferraſſem, e dando-lhes volta ao maſto, atrepáram-ſe por elles á náo, onde ſe baldeou toda a gente, ainda que com a preſſa ſe perdêram alguns homens, que cahíram ao mar. D. Chriſtovão correo neſte negocio como Fidalgo muito pontual, grande Chriſtão, e muito animoſo, porque eſtando tambem em trabalho, acudio com tanta diligencia aos alheios, que por ſua induſtria ſalvou a gente deſtas duas galés; e a eſta de João de Souſa, porque ſe não perdeſſe a artilheria, a teve ſempre atracada á náo com muitos viradores, até que a tormenta ceſſou, ſuſtentando-a com muito riſco, e trabalho ſeu; e aſſim atracada a levou até Chaul, aonde ſe concertou. A mais Armada eſteve perdida. D. Franciſco de Lima no galeão S. João, perdeo o batél. O Viſo-Rey alijou todas as couſas de ſima ao mar, e o meſmo fizeram todos os mais galeões, e náos.

Paſſada a tormenta, que durou vinte e quatro horas, foram-ſe todos ajuntar com o Viſo-Rey a Chaul, aonde tanto que chegou, mandou logo tirar a artilheria da galé de D. Alvaro, que toda ſe ſalvou. O Viſo-

ſo-Rey deteve-ſe pouco, e paſſou a Baçaim, onde deixou Ruy Lourenço de Tavora por Capitão, e a ſua náo deo a D. Alvaro de Noronha. Dalli atraveſſou a Dio, onde foi muito bem recebido de Antonio da Silveira, a quem elle fez muitas honras, e a todos os mais que com elle ſe achàram no cerco. Todos ficáram admirados do eſtado, em que aquella fortaleza eſtava, que parecia náo deſtroçada em tormenta, ſem caſtellos, nem obras mortas. E certo, que foi eſpectaculo muito pera eſpantar, ver aquella deſtruição, e a pouca, e maltratada gente, que defendeo aquellas ruinas a tamanhos, e tão poderoſos exercitos, e tantas, e tão medonhas bombardas arruinadoras de tudo.

Por onde ſe vê bem, quão grande abusão he cuidarem alguns, que eſta conquiſta do Oriente foi com negros deſpidos, e nús, com páos toſtados, e arcos fracos, e leves, como os das Indias Occidentaes, ſem ordem de milicia alguma, ou com gentes brutas, e ſem governo; porque cá não contendêram os Portuguezes, ſenão com Imperadores potentiſſimos, como foram os Soltões do Egypto, e com Turcos ferozes, que nunca foram domados dos Imperadores da Europa, que não ſe podem jactar, que ſuas Armadas alcançaſſem nunca neſtas partes vitorias dos noſſos, como tem alcançadas neſſas de

lá

lá de potentiſſimas Armadas dos Reys, e Senhores Chriſtãos. Não contendem os Portuguezes com gentes deſpidas, fracas, e ſem ordem, mas com fortiſſimas Nações, e mui exercitadas na milicia, politicas no viver, como são, Perſas, Coraçones, Mogores, Decanis, e Abexins, não deſpidos, mas armados de armas brancas, e em formoſos cavallos cubertados; não com páos toſtados, nem com arcos fracos, mas com Baſiliſcos, Canhões, Leões horrendos, Quartáos, e Aguias reaes, arcubuzaria melhor, e mais bem guarnecida de toda a da Europa. Em fim, contendem os Portuguezes com tão feras, e indomitas Nações, que Trajano, Semiramis, e Alexandre não acabáram de ſujeitar tanto, como elles hoje o tem feito, fazendo paſſar por baixo do jugo Portuguez tantos Reys, e Senhores, quantos nunca os Romanos pudéram domar, de que não damos mais teſtemunhas, que eſta noſſa hiſtoria, onde ſimplesmente, e ſem ornamento, nem artificio de palavras, contamos as grandes, e raras vitorias, que neſtas partes alcançáram; como ſe verá neſta de huma tão potente, e tão ſoberba Armada de Rumes, e Janizaros, dos mais eſcolhidos do Imperio do Grão Turco.

CAPITULO VII.

Das cousas, em que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha proveo em Dio: e de como se tratáram pazes antre elle, e ElRey de Cambaya: e dos Capitulos, com que se concluíram.

DEsembarcado o Viso-Rey D. Garcia de Noronha em Dio, a primeira cousa em que proveo foi na fortificação da fortaleza, mandando com muita pressa renovalla mui bem, e acabar a cisterna, fazer-lhe seus terrados pera recolherem as aguas do inverno. E porque a mór parte dos mercadores, e moradores da Cidade estavam da outra banda, mandou lançar pregões, e passar seguros Reaes, pera que todos livremente se tornassem pera suas casas, e reformassem, e povoassem sua Cidade, concedendo-lhes grandes liberdades, e privilegios, com o que todos se tornáram. O Viso-Rey desejando de saber os desenhos, e pertenções d'ElRey de Cambaya, despedio hum Estrangeiro, chamado Bastião de Borgonha, e com elle hum Gentio por nome Ralú, pera irem visitar de sua parte a Alucan, e a Coge Çofar, por quem lhes mandou dizer, que lhes pezava muito de os não achar naquella Ilha pera os ver de mais perto, e que em estremo sen-

tia

tia a ida do Baxá, que elle vinha buſcar pera o hoſpedar como merecia, inſtruindo a eſtes dous de muitas couſas, que haviam de ſaber, e fazer, pera verem ſe eſtava ElRey em bordo de pedir pazes. Eſtes homens ſe foram a Madabá, e viſitáram aquelles Capitães, que os recebêram bem, communicando a Çofar muitas couſas com o Borgonha, porque era muito ſeu amigo. E antre as práticas que teve com aquelles Capitães, lhes falláram por figuras em pazes, ao que elle ſe fez de novas; mas a modo de conſelho lhes diſſe, que o bom ſería mandar ElRey viſitar o Viſo-Rey, por ſer chegado de novo á India, ſe eſtava já enfadado da guerra, e que neſta viſitação poderia ſer que ſe abriſſe caminho de fallar em pazes.

Eſtes Capitães deram a ElRey conta daquelle negocio, e pareceo-lhe que aquillo ſería bom meio pera ſe ſaber a vontade do Viſo-Rey. Com iſto deſpedio logo a Xacoez por Embaixador (por ter muito conhecimento do coſtume dos Portuguezes) a dar os parabens da vinda ao Viſo-Rey, e com muitas ſatisfações, e deſculpas da guerra paſſada: dando-lhe inſtrucção, pera que ſe o Viſo-Rey lhe déſſe algumas moſtras de fazer pazes, as acceitaſſe, e que os apontamentos dellas concluiriam Rumecan, e Caiſcan, que logo tambem deſpedio pera Nova-

na-

nager, por eſtarem mais perto de Dio, a quem deo poderes pera tudo o que fizeſſem. Xacoez foi a Dio, e da outra banda da Villa dos Rumes ſe deixou eſtar até o Viſo-Rey o mandar buſcar, e o recebeo com grande mageſtade; e depois de o ouvir, lhe mandou, que ſe apoſentaſſe na Cidade, e ſe tiveſſe negocios os trataſſe com o Secretario, e com Gaſpar Pires de Matos ſeu Eſcrivão, de quem o Xacoez era muito amigo. E ajuntando-ſe todos, veio o Embaixador a fallar em pazes por remoques tantas vezes, ſem lhos quererem entender, até que ſe declarou. E dando-lhe o Secretario orelhas, perguntando-lhe o modo que niſſo ElRey mandava ter, lhe reſpondeo, que elle não tinha poderes pera couſa alguma, mas que devia o Viſo-Rey mandar alguma peſſoa de confiança a tratar aquelle negocio com os Regedores do Reyno, que eſtavam em Novanager. O Viſo-Rey aviſado diſto reſpondeo, que elle não commettia pazes, que quem as quizeſſe as trataſſe, que alli eſtava preſtes pera lhe reſponder. De tudo iſto foram aviſados os Regedores, e logo deſpedíram ſeus Enviados a viſitarem o Viſo-Rey de ſua parte, mandando-lhe dizer, que elles eram alli vindos pera o ſervirem, e que não tinham licença d'ElRey pera paſſarem a Dio; que lhe pediam lhes mandaſſe hum homem

de

de confiança, pera com elle tratarem coufas de muita importancia. E tomando parecer fobre iſto, aſſentou-ſe, que ſe lhe mandaſſe, que niſſo não entrava opinião. Pelo que deſpedio logo Franciſco Mendes de Vaſconcellos, e Manoel de Vaſconcellos, e com elles o Secretario, e Gaſpar Pires de Matos, e pera lingua Coge Percorli. Chegados todos a Novanager, praticáram com os Regedores ſobre o negocio de pazes, dando-ſe huns aos outros apontamentos do que pertendiam, que ſe mandáram aſſim a ElRey, como ao Viſo-Rey; e viſtos pelos Capitães do Conſelho de ambos, concluíram as pazes pela maneira ſeguinte.

» Que ElRey de Cambaya mandaria fa» zer huma parede antre a Cidade, e a for» taleza, que cortaſſe de mar a mar, de do» ze palmos de largura, e que as portas que » tiveſſe, eſtariam todo o dia abertas pera os » Portuguezes poderem ir, e vir á Cidade, e » que de noite ſe fechariam, e os Portugue» zes ſe recolheriam todos á fortaleza. E que » nas portas eſtariam continuamente guardas, » aſſim Portuguezes, como Mouros; mas » que as chaves dellas eſtariam nas mãos dos » Porteiros d'ElRey de Cambaya.

» Que todos os rendimentos, que ren» deſſem as Alfandegas, e todas as mais ren» das da Ilha, ſe lançariam em hum cofre,

» de que no cabo do anno, tiradas as despe-
» zas, e ordinarias dos Officiaes, haveria
» ElRey de Portugal a terça parte; e que
» na Alfandega poria outros tantos Officiaes
» Portuguezes, quantos ElRey de Cambaya
» tivesse; e que teria cada hum sua chave
» do cofre. E que na Cidade poderia o Vi-
» so-Rey pôr hum Ouvidor, Meirinho, e
» Tanadar, como ElRey de Cambaya tinha,
» pera administrarem justiça aos seus, ficán-
» do porém o senhorio da Cidade izento a
» ElRey de Cambaya. E que havendo dif-
» ferenças antre os Portuguezes, Mouros, e
» Gentios, assim Civel, como Crime, o Ca-
» tual d'El-Rey seria obrigado a levar os
» Portuguezes ao Ouvidor pera delles fazer
» justiça; e que elle tambem mandaria os na-
» turaes ao Cadí d'ElRey de Cambaya pe-
» ra a fazer delles.

» Que os cavallos, que viessem da costa
» de Arabia, de Caxem, e dos portos do
» Estreito de Meca, seriam forros de direitos,
» e que lhes dariam cartazes a suas náos pe-
» ra poderem navegar, mostrando Certidões
» de como despacháram primeiro as fazen-
» das nas Alfandegas. »

Concluidos estes apontamentos, tiráram-se delles dous instrumentos, hum em Parseo pera ElRey de Cambaya, e outro em Portuguez pera o Viso-Rey, que lhe foram

man-

mandados pera jurarem as pazes, indo o Xacoez a vellas jurar pelo Viso-Rey, o que elle fez com grande solemnidade; e logo as mandou apregoar pela Cidade com muitos instrumentos de alegria. O mesmo fez El-Rey em Amadabá, presente o Secretario João da Costa, Gaspar Pires de Matos, e Coge Percorli, que a isso foram, apregoando-se tambem por todo o Reyno com grande alvoroço de todos, por estarem já quebrados, e avorrecidos da guerra.

Estas pazes foram murmuradas de alguns, porque haviam que foram feitas em grande descredito do Estado, principalmente na parede que se lhes consentio, com que os nossos ficáram encurralados na fortaleza, que depois foi occasião do segundo cerco, que se lhe poz em tempo do Governador D. João de Castro, de que trataremos na sexta Decada. Os naturaes acudíram de todas as partes a povoar outra vez a Cidade de Dio, que se começou a engrandecer; e antre estes tambem foram alguns dos que alli deixou o Baxá doentes, e feridos, em que entravam hum Janizaro Grego, Capitão de hum galeão; e hum Albanez, Capitão de outro; e hum Jacome de Messina; e outro Jacome Grego, grande fundidor de artilheria. Estes se foram ao Viso-Rey, e se lhe lançáram aos pés, dizendo-lhe, que eram

de caſta de Chriſtãos, e que foram feitos Mouros, e tomados ás mãos nos berços; que lhe pediam os mandaſſe fazer Chriſtãos, porque queriam ficar no ſerviço d'ElRey de Portugal. O Viſo-Rey os agazalhou bem, e lhes fez honras, mandando-os catechizar, e dar-lhes todo o neceſſario. E em hum dia aprazado pera iſſo os fez Chriſtãos a todos com grandes ſolemnidades, e feſtas, ſendo o Viſo-Rey Padrinho do Grego, a que poz nome Garcia de Noronha, que depois foi grande ſervidor d'ElRey de Portugal, como em outros lugares diremos. Dos outros foram padrinhos Antonio da Silveira, D. Alvaro de Noronha, e outros Fidalgos, que os veſtíram mui bem, e lhes deram depois dinheiro, e ficáram ſempre ſeus chegados muito contentes, e ſatisfeitos dos gazalhados, que acháram em os Portuguezes.

O Viſo-Rey tanto que jurou as pazes, deſpedio Manoel Rodrigues Coutinho com tres navios ligeiros pera ir ás portas do Eſtreito a tomar falla das galés, e tornar com o recado antes do inverno, porque ſe receou que foſſem demandar Ormuz, mandando outro navio ligeiro a eſta fortaleza com cartas a Martim Affonſo de Mello Zuzarte, pera que eſtiveſſe ſobre aviſo; e deſtas jornadas adiante daremos razão, porque que-

re-

remos concluir aqui com as cousas do Viso-Rey. Foi-se dando grande pressa ás obras da fortaleza, e da cisterna, em que se fez muito, e o Viso-Rey proveo os Officios da Cidade, e da Alfandega, conforme aos Capitulos das pazes, e poz outras cousas em ordem.

E porque D. Pedro de Castello-branco fora por mandado do Governador Nuno da Cunha desapossado da fortaleza de Ormuz, como dissemos no Cap. VIII. do II. Liv., quiz o Viso-Rey entrar em seus negocios pera dalli o despedir pera lá, mandando trazer suas culpas, que foram vistas pelo Ouvidor Geral, e Provedor mór, (que então não havia mais Letrados, por não ser ainda a malicia tanta,) e foi por elles senteceado, que fosse acabar de servir o tempo, que lhe faltava de sua fortaleza. O Viso-Rey o despachou logo, dando-lhe huma Armada; e andando-se negociando, chegáram náos de Ormuz, por quem teve o Viso-Rey novas da náo de João de Sepulveda, que faltava de sua conserva, de como ficava em Ormuz, o que elle festejou muito, porque a tinha por perdida. Assim tambem vieram novas como Xeque Hamed, Guazil de Ormuz, era morto, que sendo convidado de Martim Affonso de Mello pera hum banquete, que dava em Torumbaque a João de Sepul-

ve-

veda, indo pera lá no caminho lhe atiráram á bésta, e o matáram, e sempre se suspeitou que o mandára fazer o mesmo D. Pedro de Castello-branco, porque tinha pera si, que elle mandára delle capitulos a Nuno da Cunha, porque o suspendêram da sua fortaleza. E como este Fidalgo era forte de condição, (e tão mal soffrido, que dizem, que poucas vezes perdoou cousa que lhe fizessem, de que se não vingasse por todos os meios que pudesse,) tiveram todos pera si, que a morte do Guazil procedêra delle. E porque eram chegados Procuradores de Xeque Rabeá, filho do morto, e de Rexnocorradim, Guazil de Julfar, a requererem aquelle cargo, teve este tantas intelligencias, e soube-se tão bem negociar pelo modo com que se negocea, e acaba tudo, que levou o cargo, tendo o Xeque Rabeá bem differentes merecimentos; porque em todo o tempo, e em todo o estado, onde se encontráram interesse, e merecimento, sempre este valeo menos. Despachado D. Pedro de Castello-branco pera Ormuz já em Março, ou entrada de Abril, deo á véla, e foi seguindo sua viagem.

E porque era tempo do Viso-Rey se recolher, metteo de posse da fortaleza de Dio Diogo Lopes de Sousa, que della era provído por ElRey. Feito isto, e outros negocios,

cios, embarcou-ſe pera Goa, onde logo proveo nas couſas de Malaca, e Maluco, mandando muitos provimentos pera aquellas fortalezas. E aſſim deſpachou Fernão de Moraes pera Pegú, dando-lhe hum galeão muito formoſo com mercadorias, e fazendas d'ElRey; porque neſte tempo com haver menos rendimentos, tinha ElRey dinheiro pera as deſpezas de tamanhas Armadas, e pera ſeus tratos, e commercios, de que depois ſe levam mão, não ſei porque reſpeitos.

CAPITULO VIII.

Do que aconteceo a Miguel Ferreira na jornada de Ceilão: e de como tomou toda a Armada do Çamorim: e dos tratos que teve com o Madune até matar Pachi Marcá: e do que aconteceo a Manoel de Vaſconcellos na viagem do Eſtreito.

MIguel Ferreira, que ſe ficou em Goa negociando pera o ſoccorro de Ceilão, como diſſemos no Cap. VI. do V. Livro, deo tanta preſſa á Armada que havia de levar, que na entrada de Fevereiro ſe fez á véla, e foi ſeguindo ſua jornada com bom tempo até paſſar o Cabo de Çamorim, e foi correndo aquella coſta até os baixos, que paſſou á outra banda. Em Manar ſoube que eſtava Pachi Marcá com toda ſua Armada

no rio de Putulão, e os Mouros della com tranqueiras feitas em terra; e que o Pachi Marcá era ido com parte de sua gente pera Ceilão em favor do Madune contra o irmão. Miguel Ferreira teve isto por boa ventura, e assentou com seus Capitães de dar nos parós, que eram dezeseis; e indo demandar aquelle rio, chegáram a elle no quarto d'alva, e postos em armas, o entráram, e acháram os parós todos encadeados com as poppas em terra, e tranqueiras feitas ao longo do mar com a artilheria posta nellas. Miguel Ferreira remetteo com os navios, e os entrou logo sem achar resistencia, e saltando em terra todos os nossos com grandes estrondos, commettêram as tranqueiras, em que estavam perto de dous mil homens. E como os tomáram de sobresalto, quando quizeram acudir ás armas, já eram entrados dos nossos com grandes damnos, e mortes de muitos; e todavia os que logo não foram cortados, acudindo á defensão, tiveram com os nossos huma travada batalha, e no fim della com perda de muitos, largáram as tranqueiras, que ficáram com toda a artilheria em poder dos nossos, de que tambem ficáram alguns mortos, e feridos, ainda que poucos. Miguel Ferreira mandou embarcar a artilheria, e tomando os parós á toa, foi demandar Columbo, onde desembar-

bar-

barcou com toda ſua gente poſta em armas, e aſſim ſe foi marchando pera a Cidade da Cota. ElRey o ſahio a receber, porque era grande ſeu amigo, e lhe deo os parabens da vitoria, recolhendo-o pera a Cidade, onde o apoſentou bem, e lhe deo conta de tudo o que era paſſado com o irmão, dizendo-lhe, como até então o tivera de cerco, e que tanto que tivera novas do desbarato da Armada de Pachi Marcá, ſe recolhêra com elle pera Ceitavaca. Miguel Ferreira aſſentou com ElRey de irem buſcar o Madune a Ceitavaca, e não ſe ſahir de ſobre aquella Cidade ſem a tomarem, e deſtruirem de todo ao Madune, porque lhe não déſſe mais trabalho a elle, nem oppreſsão ao Eſtado da India, em tantos ſoccorros como lhe tinha mandados.

E ajuntando ElRey toda a gente que pode, começou a marchar pera Ceitavaca, indo Miguel Ferreira na dianteira com quinhentos Portuguezes, repartidos em ſinco bandeiras, e entrando pelas terras do Madune, começáram a fazer grandes damnos, e cruezas. Miguel Ferreira deſpedio hum Modeliar com recado ao Madune, fazendo-lhe a ſaber de ſua chegada, e que lhe affirmava, que ſe não havia de ſahir daquella Ilha, ſem de todo o deixar deſtruido, e ſeguro, e quieto ElRey da Cota; que lhe

pe-

pedia lhe mandaſſe logo Pachi Marcá, e todos os Malavares que com elle eſtavam, ſenão que jurava pela Nazareth, (juramento, que elle ſempre fazia,) que lhe havia de tomar todo o Reyno, e perſeguillo até o haver ás mãos, e levar ſua cabeça ao ViſoRey da India. Eſte recado foi dado ao Madune, que eſtava aſſombrado do poder com que o irmão hia contra elle, e dos damnos que hiam fazendo por ſeus Reynos; e reſpondeo com muita humildade, que bem ſabia elle que não era licito aos Reys entregarem os homens, que eſtavam em ſeu poder, que toda a outra couſa eſtava preſtes pera fazer; e que todas as amizades que ſeu irmão quizeſſe, partidos, e concertos, que todos lhe concederia. Com eſte homem deſpedio outro ſeu, por quem mandou pedir a ElRey ſeu irmão, que ceſſaſſem os damnos que hia fazendo, e caſtigos que hia dando por ſuas terras; que todas as ſatisfações que quizeſſe, elle eſtava preſtes pera lhas dar. ElRey da Cota como era bom homem, e tinha boas entranhas, compadecendo-ſe da humildade do irmão, quizera logo retraher-ſe, mas Miguel Ferreira lho não conſentio, antes mandou dizer ao Madune outra vez, que ſe determinaſſe, porque ſe lhe não entregava Pachi Marcá com os Malavares todos, que ſoubeſſe que havia de ir

até

até dentro de Ceitavaca em buſca delle. Vendo o Madune tamanho deſengano, paſmado da determinação de Miguel Ferreira, mandou-lhe dizer, que ſe não boliſſe donde eſtava, que elle o ſatisfaria de maneira, que não ficaſſe correndo infamia. E chamando Pachi Marcá, e Cunhalé Marcá ſeu irmão, lhes diſſe, como Miguel Ferreira apertava com elle, que lhos entregaſſe, que lhe parecia bem fazerem-ſe huma noite fugidos, pera elle ter razão de ſe deſculpar. E aſſim lhes aconſelhou, que ſe paſſaſſem pera huma aldeia do ſertão, aonde eſtariam eſcondidos até Miguel Ferreira ſe tornar, o que elles fizeram logo, levando comſigo perto de ſetenta Mouros de mais de ſua obrigação.

E caminhando aquella noite por antre os matos, onde por ordem do Madune eſtavam embrenhados muitos Pachás, (que são huma caſta de Chingalás crueliſſimos, que tanto que derribam hum inimigo, logo lhe cortam narizes, e beiços,) e ao paſſar, deram ſobre elles ás fréchadas, e hum, e hum os derribáram a todos, e cortando-lhes as cabeças, as leváram a Miguel Ferreira, com que elle ſe quietou. ElRey da Cota fez com o irmão pazes, e recolhidos á Cidade da Cota, mandou ElRey fazer huma paga aos ſoldados da Armada, e a Miguel Ferreira,

e

e a todos os Capitães deo peças, e brincos de ouro, e pedraria, e emprestou trinta mil cruzados pera as despezas daquella Armada. Miguel Ferreira vendo tudo acabado, despedio a Armada toda com os navios dos Malavares pera Goa, escrevendo huma breve carta ao Viso-Rey, cuja substancia era:

» Que elle fizera naquella jornada tudo » o que lhe mandára, que deixava Ceilão » todo de paz, e que Pachi Marcá com to» da sua geração era acabado, como lá sa» beria dos Capitães da Armada; e que alli » lhe mandava todos os seus navios de pre» sente. »

Esta Armada chegou a Goa em fim de Abril, e o Viso-Rey fez muitas festas áquella vitoria, e muitas honras, e mercês aos Capitães. E assim foi este hum dos grandes feitos desta qualidade, que se na India fizeram, com que o Malavar ficou tão quebrantado, que mandou logo o Çamorim pedir pazes ao Viso-Rey, que lhas concedeo, como adiante diremos.

Miguel Ferreira, depois de despedir a Armada pera Goa, elle se fez á véla pera se ir pera S. Thomé, aonde tinha sua casa, levando alguns navios daquella costa em companhia, e voltou por fóra da Ilha, por não ser já tempo pera ir por dentro; e como era tarde, e o inverno vinha ameaçando, descar-

carregáram as primeiras trovoadas, (que he hum tempo, que alli chamam o burro, que venta do Sudueste,) com que todos estiveram perdidos, e espalhando-se, e correndo por onde cada hum pode, foram tomar differentes portos, huns Pegú, outros Tanaçarim, e por aquella costa. Como Miguel Ferreira levava bom Piloto, e bom navio, passando grandes riscos, e trabalhos, foi tomar a Cidade de S. Thomé. Era este homem neste tempo de mais de setenta annos, grande de corpo, secco, enxuto, bem assombrado, grande Cavalleiro, e ardiloso na guerra. Nunca foi casado, teve alguns filhos naturaes; aposentou-se naquella Cidade, onde sempre foi rico, e honrado, e onde morreo. Dalli acudia com muita presteza ao serviço d'ElRey, e era chamado dos Governadores pera grandes necessidades.

E pera concluirmos com as cousas deste verão, o faremos com a jornada de Manoel Rodrigues Coutinho, que, como dissemos no VII. Cap. do V. Liv., tinha já partido de Dio a espiar as galés. Seguindo sua derrota, foi haver vista da costa de Arabia, por onde foi tomando falla, e achou por novas serem passadas pera dentro do Estreito, e na boca delle tomou huma gelva, onde soube serem todas as galés recolhidas a Suez. E voltando pera Goa, chegou a ella em

fim

fim de Abril, e deo conta ao Viſo-Rey do que paſſára, com o que ficou deſalivado.

CAPITULO IX.

Do que aconteceo a Fernão de Moraes em Pegú: e de como o Bramá entrou conquiſtando aquelle Reyno: e de como Fernão de Moraes por favorecer aquelle Rey foi morto em huma batalha: e do principio, e origem deſtes Reys de Pegú: e deſcripção daquellas Provincias.

PArtido Fernão de Moraes de Goa, como atrás diſſemos no fim do Cap. VII. do Liv. V., ſeguindo ſua derrota pera Pegú, foi já em Maio tomar aquelle porto, aonde achou Diogo Alvares Telles com outro galeão, com que eſtava já alli do verão paſſado, fazendo reſgate muito devagar por não acudirem fazendas por cauſa das guerras, que o Rey do Bramá andava fazendo por todo aquelle Reyno, por quem tinha entrado com groſſos exercitos pera o conquiſtar. O Rey de Pegú, que não eſtava poderoſo, como já fora, quiz-ſe valer dos Portuguezes, e mandou pedir a Diogo Alvares Telles o quizeſſe ajudar naquellas guerras, do que ſe elle eſcuſou, porque tinha aquelle galeão d'ElRey a ſeu cargo, e não tinha licença do Viſo-Rey da India. Agora

ſa-

ſabendo ſer chegado Fernão de Moraes, o mandou viſitar com grandes offerecimentos, e a pedir-lhe, que ſe viſſe com elle, o que elle fez contra o parecer de Diogo Alvares Telles. E indo-o viſitar muito bem acompanhado, lhe pedio o quizeſſe ajudar naquellas guerras, fazendo-lhe tantas promeſſas, que o rendeo. E aſſim aſſentáram, que elle ficaſſe nos rios com toda a Armada, que era muita, porque tambem o Bramá tinha mettido no mar a maior força, e pelos rios abaixo tinha deſcido com hum grande número de embarcações, a que chamam Chalavegões, e ſe remão com duas ordens de remos, e são mui grandes, e capazes de muita gente. Fernão de Moraes armou huma galeota, em que ſe embarcou com ſincoenta homens, e começou a andar pelos rios com toda a Armada de Pegú, encontrando-ſe algumas vezes com embarcações do Bramá, que deſtruio, e aſſolou. O Bramá tinha partido de ſeus Reynos por terra com grandes exercitos, com que hia marchando devagar, pelo que as ſuas Armadas chegáram primeiro, que eram tantas, que entulhavam os rios, que eram tão grandes como o Ganges. ElRey foi deſcendo como hum arrebatado torrente, alagando, aſſolando, queimando, e deſtruindo todos os Reynos de Pegú até chegar aos confins deſ-

desta Cidade, em cujos campos ElRey estava com seus exercitos. E vendo o poder com que o Bramá hia, não ousando ao esperar, se foi recolhendo pera a banda de Negraes, aonde andava Fernão de Moraes com toda a Armada. O Bramá chegou á Cidade de Pegú, e a tomou, e foi logo seguindo o inimigo por terra, e por mar com suas Armadas. E chegando ellas a huma ponta, que se chama Gina marrecá, que Fernão de Moraes tinha tomado com sua Armada, por ser muito estreito; e encontrando-se aqui ambas as Armadas, travá-ram huma batalha temerosissima, em que os Portuguezes mostráram bem o valor de suas pessoas; porque sendo desamparados da Armada de Pegú, sustentou Fernão de Moraes com só a sua galeota todo o pezo da batalha, sendo abordado por todas as partes daquelles Chalavagões; mas como o número era tão desigual, foram entrados os Portuguezes, e mortos todos, tendo primeiro feito nos inimigos tamanha destruição, que era cousa espantosa de ver, deixando Fernão de Moraes tamanha memoria de si, que ainda hoje dura, e durará antre os Bramás naquelle lugar de Gina marrecá, por cuja morte he antre elles mais celebrado, que por seu proprio nome.

Será este lugar perto de tres leguas pe-
lo

lo rio de Pegú assima. He hum passo muito estreito, como já dissemos, e da banda do Ponente tem huma serra, que pende sobre a agua, asperissima, e talhada ao pição toda á roda, em que se se fizer huma fortaleza, póde defender a entrada do rio facilissimamente a todo o poder do Mundo; porque toda a embarcação que sóbe pera sima, chegando áquelle passo não vê o rio diante, porque faz volta, e leva o rosto sempre naquella serra, por cujo pé ha de passar. Tanto que esta Armada se desbaratou, logo se perdeo todo o Reyno de Pegú, de que o Bramá ficou senhor, e conquistou outros Reys vizinhos, que ajudavam ao Rey de Pegú, que elle houve ás mãos, e lhes cortou as cabeças. Com isto ficou o mór Senhor Gentio, que havia em todo o Oriente. E porque nos não lembra que lessemos em alguma escritura o principio, e origem deste Reyno de Pegú, e de seus Reys, ao menos como o elles tem em suas escrituras, nos pareceo bem darmos aqui razão disto, o que não deve de ser desaprazivel aos curiosos, e affeiçoados a antiguidades.

Pelo que se ha de saber, que o Reyno de Pegú o seu verdadeiro nome he Pachou, por se chamar assim a sua principal Cidade, cujo nome quer dizer Engano, por

hum de que hum Principe alli usou em hum desafio, como logo diremos. Dizem suas escrituras, que reinando em todas aquellas partes de Pegú, Tanaçarim, Rey, Martabão, e em outros Reynos ao Norte, hum Rey da casta do Sol, (de que já démos razão no Cap. X. do II. Liv.,) fora ter áquelle porto de Pegú huma muito grossa Armada, em que hia hum Rey, que desejando de conquistar aquelle Reyno, sahíra em terra com hum grosso exercito, e entrando por aquellas terras, as foi conquistando, e destruindo, tendo algumas batalhas com aquelle Rey, em que houve grandes damnos de ambas as partes. Cansados de tantas mortes, mandou o Rey Estrangeiro desafiar o de Pegú, de pessoa a pessoa, confiado em ser hum homem agigantado, e de monstruosas forças. A este desafio lhe sahio hum filho do Rey de Pegú, mancebo de vinte annos, muito valente homem, e mui exercitado nas armas, e creado no monte, onde tinha mortos á espada muitos tigres, e leões. Entrados ambos em campo, (naquelle lugar, em que hoje he a Cidade de Pegú, que então era tudo campina,) e andando em batalha, já depois de feridos ambos, e de muito grande espaço, no maior fervor, e braveza della, bradou o Principe alto, dizendo: *Ah falso, que trazes*

gen-

gente comtigo pera te favorecer : o outro virando o rosto , cuidando que vinha alguem , o Principe como era muito ligeiro , entrou com elle , e lhe deo huma estocada pela barriga , de que o virou morto , ficando o mancebo vitorioso ; e porque por alli se acabou aquella guerra , e o Reyno ficou livre por industria , e esforço do Principe , mandou ElRey em memoria daquella batalha fundar naquelle propio lugar em que ella foi , huma muito formosa Cidade , a que poz nome Pachou , que em sua lingua quer dizer Engano , pelo que o Principe usou no desafio.

E porque , como já dissemos , sempre misturam fabulas em todas suas cousas pera darem honrosos principios a seus Reys , e Reynos , fingíram , segundo contão suas escrituras , que mais de mil annos antes disto estava já profetizada a fundação desta Cidade ; porque dizem , que andando por aquellas partes aquelle Santo seu , a que chamam Budão , (de que em outras partes já fallámos) trazendo grandes companhias de discipulos , que o seguiam , andando naquelle Reyno de Pegú ensinando a salvação aos homens , estando naquelles campos de Pegú sobre hum tezo , pondo os olhos naquella parte , em que se esta Cidade fundou , (que então era huma grande alagôa , em cujo

meio ſe fazia hum Ilheo, em que eſtavam dous paſſaros grandes como patos, com criſtas como gallos, de que ha muitos em Pegú,) e virando pera os diſcipulos, lhes diſſe: *Ainda em aquelle lugar ſe ha de vir a fundar huma grande Cidade, em que eu hei de ſer venerado, e honrado*; e aſſim o he, porque nella tem hoje formoſiſſimos templos, e varellas. E os patos que eſtavam no Ilheo, tomáram os Reys, que depois foram, por armas, como hoje os trazem os Reys de Pegú. Eſtende-ſe eſte Reyno deſde Tanaçarim (que são os limites ſeus, e do Reyno de Sião) até á boca do rio de Pegú, que são cem leguas por coſta, e dalli virando ao Sudueſte até á ponta de Negraes, e voltando ao Norte fenece em Negramale, (que são ſeus termos, e os do Reyno de Arracão,) em que haverá outras cem leguas por coſta. Pera o Norte, e Nordeſte ſe eſtende até mais de quarenta gráos de altura, e parte com o Reyno do Cathayo, cujos eſtremos he a Provincia dos Turcos, que o Pegú lhes tomou. Pela banda do Norte, e Noroeſte parte com o Reyno de Avá, pelo Naſcente com Yão, pelo Sul com o mar Oceano, e pelo Ponente com o Reyno de Arracão. Tem eſte Reyno de Pegú duzentas e ſete Cidades, a fóra innumeraveis Villas, cuja cabeça de todas he a de Pachou;

chou; e as mais principaes são Clomo; Chrepó, Sanchi, Chaltil, Sataug, Sobunabú, em que naſcem diamantes, eſmeraldas, ouro, prata, robiz, e em algumas, que eſtam ſobre o mar, ſe peſcão aljofres. He Reyno muito abaſtado de mantimentos, gado, manteigas, legumes, aves, caſſa. Daqui vai o lacar pera todo o Oriente, e hum fiado de cores, vermelho, preto, azul muito fino, com que ſe fazem muitas roupas finas: e tem outras muitas couſas, que deixamos, por fugir prolixidade.

Fim do Liv. V. da Decada V.